UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Simone Saltareli

**O manejo da dor do existir por meio da religião: uma das
possibilidades de encontro consigo mesmo**

Ribeirão Preto

2014

SIMONE SALTARELI

**O manejo da dor do existir por meio da religião: uma das
possibilidades de encontro consigo mesmo**

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto para obtenção do Título de Doutor
em Ciências.

Área de Concentração: Enfermagem Fundamental.

Linha de Pesquisa: Ciência e Tecnologia em
Enfermagem.

Orientador(a): Profa. Dra. Fátima Aparecida
Emm Faleiros Sousa.

Ribeirão Preto

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Saltareli, Simone

O manejo da dor do existir por meio da religião: uma das possibilidades de encontro consigo mesmo.

286 p.: Il.; 30cm

Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Ciência e Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Aparecida Emm Faleiros Sousa

1. Dor, 2. Morte, 3. Religião, 4. Avaliação, 5. Mensuração

FOLHA DE APROVAÇÃO

Simone Saltareli

O manejo da dor do existir por meio da religião: uma das possibilidades de encontro consigo mesmo

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
para obtenção do Título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Ciência e Tecnologia em
Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, por crer em seu direcionamento em minha vida, o que não seria diferente no desenvolvimento deste trabalho, no qual pude compreender melhor a forma como o ser humano o percebe e o expressa em sua relação com a religião.

Aos meus pais, José e Maria, por desde criança e ao longo do meu desenvolvimento terem deixado clara a importância do estudo e do conhecimento. Foi isso que plantou em mim a semente que floresceu com o desejo de contribuir para o desenvolvimento da ciência.

A todos os participantes do estudo que me receberam com a disponibilidade necessária para o desenvolvimento desse trabalho e ofereceram de maneira tão alusiva suas compreensões acerca da dor do existir em relação às suas respectivas religiões.

À Professora Fátima Faleiros Sousa pela intensa experiência proporcionada no desenvolvimento desse trabalho e no meu desenvolvimento como estudante e como pessoa.

Agradecimento Especial

Dedicar o trabalho desenvolvido à grande mentora e responsável por ele seria muito pouco para expressar a experiência que é a produção científica e o relacionamento com a Profa. Fátima Faleiros Sousa.

Quando penso no ideal do que um professor pode proporcionar para o desenvolvimento de um aluno, identifico esse ideal com toda clareza nela, basicamente por dois motivos: pela seriedade com que conduz o trabalho desenvolvido no Laboratório de Psicofísica Clínica e pela importância a que se refere a cada um de seus alunos.

No que se refere ao Laboratório, o trabalho é sempre desenvolvido com muito respeito à interdisciplinaridade, ao contato com os participantes de cada estudo, à ciência e aos aspectos éticos condizentes com ela. É ela quem sempre está disponível a ensinar todos os aspectos que envolvem o desenvolvimento científico, suas possibilidades de contribuição e as diversas formas como a ciência pode acontecer em prol do ser humano e suas experiências, sempre levando em conta a seriedade e a responsabilidade que essa tarefa inclui.

Mas a professora ainda vai além do trabalho do Laboratório na produção de conhecimentos. Ela claramente preocupa-se com o nosso desenvolvimento enquanto pessoas, enquanto cidadãos. Ajuda-nos no que diz respeito ao nosso relacionamento interpessoal, ao nosso papel perante a sociedade e a reconhecer as nossas possibilidades. Tem uma condição única de perceber, aceitar e nos ajudar diante dos obstáculos que a vida nos apresenta.

Ah, se não fossem seus direcionamentos, momentos de apoio, de indicações, de aceitação, de reflexões profundas...

Por isso deixo essas palavras, que com certeza são ínfimas para expressar minha gratidão e minha admiração: você é uma professora da ciência e da vida!! Muito, muito obrigada!!

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram direta e indiretamente para o desenvolvimento desse trabalho. Em primeiro lugar é claro, meus sinceros agradecimentos e admiração à Profa. Fátima Faleiros Sousa por todo o ensinamento que me foi proporcionado nesse percurso. Há pouco tempo comentei com ela sobre como percebo a influência desse processo na minha compreensão dos fatos que me foi possível perceber até mesmo numa leitura, resultado de tudo o que me foi ensinado. Admiração, respeito e carinho são pouco para expressar o quanto gostaria de agradecer!

Aos companheiros de trabalho e de estudo do Laboratório de Psicofísica Clínica, pela oportunidade que me ofereceram de nos tornarmos compartilha-dores de nossas experiências, campo aberto a nós pela Profa. Fátima: Ana Carolina, Andressa, Débora, Elis, Hilze, Márcia, Orlando, Priscilla, Rodrigo e Talita. Obrigada pelos nossos momentos de ontem, de hoje e espero que de sempre!

Ao Departamento de Enfermagem Fundamental desta Escola, especialmente às funcionárias Edilaine, Flávia e Kethleen, pelas informações e esclarecimentos sempre oferecidos com a prontidão necessária.

Aos demais funcionários da Escola de Enfermagem que contribuem cotidianamente com os recursos necessários ao desenvolvimento de nosso trabalho.

À Profa. Denise de Andrade, Coordenadora do Programa de Pós-graduação, no qual eu e Profa. Fátima somos inseridas, pelo apoio dedicado em diversas situações, sempre com muita disponibilidade e paciência.

Aos funcionários da Escola de Educação Especial “Professor Fausto Nogueira” e à Secretária de Educação da Prefeitura de São Simão, pela compreensão da importância do desenvolvimento desse trabalho e apoio na realização do mesmo, em todos os momentos em houve a necessidade de dedicar-me a ele.

À minha família, que sempre foi fonte de equilíbrio e garra, pelo amor que existe entre nós e do qual tenho a honra perceber e experienciar todos os dias da minha vida: meus pais José e Maria, meus irmãos, Sandro, Sandra, Silvio e Sara, meus cunhados Clodoaldo e Claudinei, minhas cunhadas, Viviane e Giovanna e meus sobrinhos Francini, Mateus, Laís, Livia, Helena e Marcos. Às minhas tias Maria e Gracinda, pela ajuda e pelo apoio de vocês!

À minha segunda família, a de amigos, com os quais escolhi dividir minha vida: Aline, Luciana, Juliana, Joyce, Eliana, Francisco, Camila, Sandra, Luiz Carlos,

Adriana, Anne, Daniela, Roberta, Kelly, Laís, Ana, Elizene. Especialmente à Eline que esteve tão próxima a mim nesse caminho, sempre com o apoio e confiança necessários a cada etapa, oferecidos tanto por você, quanto pela sua família: Nair, Antônio, Elaine, Verônica e Paulo.

A Deus por ter me permitido estar próxima de pessoas tão importantes em minha vida, com contribuições diversas e por permitir que fosse possível o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

RESUMO

SALTARELI, Simone. O manejo da dor do existir por meio da religião: uma das possibilidades de encontro consigo mesmo. 2014. 286f. Tese (Doutorado)– Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. 2014.

A literatura aponta o crescente interesse acerca da dor e da religião. Concernente com o conceito de dor total e com o referencial da psicofísica, o presente estudo teve como objetivo elaborar o Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR). Participaram do estudo 240 sujeitos, divididos em seis grupos de acordo com a denominação religiosa (católicos, evangélicos e espíritas) e de acordo com a prática que exercem (afiliados e líderes). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada que abarcou os aspectos sociodemográficos e percepções gerais acerca das específicas religiões e por meio de instrumento elaborado com base nas escalas disponíveis da literatura e na nossa experiência. Nas entrevistas foram levantados aspectos referentes à idade, ao sexo, à profissão, à religião anterior e à escolaridade. Foram levantadas as categorias de análise: Tempo de afiliação, Início da prática religiosa e mudanças de afiliação, Responsabilidade pelos atos e relação com a morte, Descrição de Deus, Consciência da existência de experiências profundas, Possibilidade de recompensa, Aumento da fé na proximidade com a morte, Religião como tentativa de explicar as limitações humanas, Relação entre religião e ciência e A religião do passado e do presente em relação à ciência. Em relação à escala do IACOR, os cinco itens de maior atribuição entre todos os grupos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” ($9,94 \pm 0,28$), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” ($9,81 \pm 0,64$), “Minha vida é um processo de transformação” ($9,59 \pm 1,11$), “Fazer a vida valer a pena” ($9,51 \pm 1,21$) e “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” ($9,47 \pm 1,22$). Os itens se referem às dimensões: relação com o meio – criação, no primeiro e no segundo itens e ideias gerais sobre a vida, no terceiro, no quarto e no quinto itens. Os cinco itens de menor atribuição foram: “Não existe vida após a morte” ($0,82 \pm 2,41$), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” ($1,75 \pm 2,68$), “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa” ($2,06 \pm 3,25$), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas” ($2,09 \pm 2,74$) e “Não consigo compreender o propósito da morte” ($2,12 \pm 3,29$). Tais itens se referem às dimensões respectivamente: pós-morte sem continuidade, relação negativa com Deus, ausência de prática espiritual e relação negativa com a morte nos dois últimos itens. Decorrente da análise da entrevista e da escala do IACOR, foi possível perceber as associações existentes entre a opinião dos participantes e os constructos religiosos da denominação da qual fazem parte e evidencia a necessidade de se conhecer e abordar o fenômeno religioso como parte integrante do ser humano, bem como um potencial recurso do manejo e da modulação da dor do existir, expresso pela dor do mesmo diante das questões associadas à morte, à finitude e à desesperança.

Palavras-chave: Dor do existir, religião, avaliação, análise de conteúdo.

ABSTRACT

SALTARELI, Simone. Management of pain of existence through religion: one possibility of meeting with yourself. 2014. 286p. Thesis (Ph.D.) - School of Nursing of Ribeirão Preto, University of São Paulo. 2014.

The literature indicates the growing interest about pain and religion. Concerning the concept of total pain and the framework of psychophysics, the present study aimed to develop the Assessment Instrument of Religious Items (IACOR). The study included 240 subjects divided into six groups according to religious denomination (catholic, evangelical and spiritualists) and according to the practice performing (members and leaders). Data collection was conducted through semi-structured interview that encompassed sociodemographic characteristics and general perceptions about specific religions and by an instrument drawn up on the basis of scales available in the literature and our experience. In interviews aspects regarding age, gender, profession, the former religion and education were raised. Categories of analysis were raised: time affiliation, initiation of religious practice and changes in affiliation, liability for the acts and relationship with death, description of God, awareness of the existence of profound experiences, chance of reward, increased faith in proximity to death, religion in an attempt to explain human limitations, relationship between religion and science and the religion of the past and present in relation to science. Regarding IACOR scale, the five items with higher scores among all groups were : " I believe that nature should be respected " (9.94 ± 0.28), " I believe that all living beings deserve respect " (9.81 ± 0.64) , " My life is a process of transformation " (9.59 ± 1.11) , " Making a life worth living " (9.51 ± 1.21) and " I feel that my life has purpose and meaning " (9.47 ± 1.22). The items refer to the dimensions: relationship with the environment - creation, in the first and second items and general ideas about life, in the third, fourth and fifth items. The five items were lower attribution : "There is no life after death " (0.82 ± 2.41), " I tried to handle it on my own without the help of God " (1.75 ± 2.68) , " A person can be complete without seeking an active spiritual life " (2.06 ± 3.25) , " I do not know how to begin to solve my problems and understand death as one of those problems " (2.09 ± 2.74) and " I cannot understand the purpose of death " (2.12 ± 3.29). These items refer to dimensions respectively: postmortem without continuity, negative relationship with God, no spiritual practice and negative relationship with death in the last two items. From the analysis of the interview and scale of IACOR, we could perceive the existing associations between participants' perceptions and constructs of religious denomination of which are part and highlights the need to understand and address the religious phenomenon as an integral part of being human as well as a potential resource management and the modulation of pain exists, expressed by pain in the face of issues related to death, finitude and hopelessness.

Keywords: Pain of existence, religion, evaluation, content analysis.

RESUMEN

SALTARELI, Simone. El manejo del dolor del existir por medio de la religión: una de las posibilidades de encuentro consigo mismo. 2014. 286f. Tesis (Doctorado)– Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. 2014.

La literatura apunta el creciente interés acerca del dolor y de la religión. Concerniendo con el concepto del dolor total y con el referencial de la psicofísica, el presente estudio tuvo como objetivo elaborar el Instrumento de Evaluación de Contenidos Religiosos (IACOR). Participaron del estudio 240 sujetos, divididos en seis grupos de acuerdo con la denominación religiosa (católicos, evangélicos y espiritistas) y de acuerdo con la práctica que ejercen (afiliados y líderes). La colecta de datos fue realizada por medio de entrevista media estructurada que abarcó los aspectos socio y demográfico y percepciones generales acerca de las específicas religiones y por medio de instrumento elaborado con base en las escalas disponibles de la literatura y en nuestra experiencia. En las entrevistas fueron levantados aspectos referentes a la edad, al sexo, a la profesión, a la religión anterior y a la escolaridad. Fueron levantadas las categorías de análisis: Tiempo de afiliación, Inicio de la práctica religiosa y cambios de afiliación, Responsabilidad por los actos y relación con la muerte, Descripción de Dios, Conciencia de la existencia de experiencias profundas, Posibilidad de recompensa, Aumento de la fe en la proximidad con la muerte, Religión como tentativa de explicar las limitaciones humanas, Relación entre religión y ciencia y La religión del pasado y del presente en relación a la ciencia. En relación a la escala del IACOR, los cinco ítems de mayor atribución entre todos los grupos fueron: “Yo creo que la naturaleza debería ser respetada” ($9,94 \pm 0,28$), “Yo creo que todos los seres vivos merecen respeto” ($9,81 \pm 0,64$), “Mi vida es un proceso de transformación” ($9,59 \pm 1,11$), “Hacer la vida valer la pena” ($9,51 \pm 1,21$) y “Yo siento que mi vida tiene propósito y significado” ($9,47 \pm 1,22$). Los ítems se refieren a las dimensiones: relación con el medio – creación, en el primero y en el segundo ítems e ideas generales sobre la vida, en el tercero, en el cuarto y en el quinto ítems. Los cinco ítems de menor atribución fueron: “No existe vida después de la muerte” ($0,82 \pm 2,41$), “Intenté lidiar con la situación de mi modo, sin la ayuda de Dios” ($1,75 \pm 2,68$), “Una persona puede ser completa sin buscar una vida espiritual activa” ($2,06 \pm 3,25$), “Yo no sé como empezar a resolver mis problemas y entiendo la muerte como uno de esos problemas” ($2,09 \pm 2,74$) y “No consigo comprender el propósito de la muerte” ($2,12 \pm 3,29$). Tales ítems se refieren a las dimensiones respectivamente: posterior a la muerte sin continuidad, relación negativa con Dios, ausencia de práctica espiritual y relación negativa con la muerte en los dos últimos ítems. Decurrente del análisis de la entrevista y de la escala del IACOR, fue posible percibir las asociaciones existentes entre la opinión de los participantes y los constructos religiosos de la denominación de la cual hacen parte y evidencia la necesidad de conocerse y abordar el fenómeno religioso como parte integrante del ser humano, bien como un potencial recurso del manejo y de la modulación del dolor del existir, expreso por el dolor del mismo delante de las cuestiones asociadas a la muerte, a la finitud y a la desesperanza.

Palabras claves: Dolor del existir, religión, evaluación, análisis de contenido.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição da população segundo a religião ou crença, no Brasil em 2010.....	38
Tabela 2 - Dados sociodemográficos referentes aos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD com respectivas frequências.....	69
Tabela 3 - Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos católicos investigados.....	81
Tabela 4 - Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos evangélicos investigados.....	107
Tabela 5 – Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos espíritas investigados.....	128
Tabela 6 – Descrição das frequências dos principais conteúdos referidos pelos participantes dos grupos de afiliados e de líderes.....	143
Tabela 7 – Descrição das frequências dos principais conteúdos referidos pelos participantes de todos os seis (06) grupos (n=240).....	150
Tabela 8 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo CAT-AF.....	159
Tabela 9 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo CAT-LD.....	162
Tabela 10 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF e CAT-LD.....	165
Tabela 11 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo EV-AF.....	173
Tabela 12 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo EV- LD.....	176

Tabela 13 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos EV-AF e EV- LD.....	180
Tabela 14 - Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo ES-AF.....	188
Tabela 15 - Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo ES-LD.....	191
Tabela 16 - Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos ES-AF e ES-LD.....	194
Tabela 17 - Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD.....	201
Tabela 18 - Grupos e respectivas dimensões dos dez itens de maior atribuição obtidas com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD.....	208

LISTA DE SIGLAS

CAT-AF	Grupo Católicos Afiliados
CAT-LD	Grupo Católicos Líderes
DP	Desvio Padrão
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ES-AF	Grupo Espíritas Afiliados
ES-LD	Grupo Espíritas Líderes
EV-AF	Grupo Evangélicos Afiliados
EV-LD	Grupo Evangélicos Líderes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MA	Média Aritmética

SUMÁRIO

	Página
1. Apresentação	17
2. Introdução.....	20
2.1. Problema e Justificativa.....	21
2.2. A Dor e a Religião.....	23
2.3. A morte em história: um retrospecto de como a sociedade lida com a morte (KOVÁCS,2012).....	27
2.4. Tanatologia e Religião.....	30
2.5. As Religiões no Brasil.....	36
2.6. Expressão da dor e da religião.....	42
2.7. Psicofísica.....	45
2.8. Escalas de categorias.....	47
2.9. Paradigma da Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1979).....	50
3. Objetivos	56
3.1. Objetivo geral.....	57
3.2. Objetivos específicos.....	57
4. Métodos e Sujeitos.....	58
4.1. Participantes.....	59
4.2. Materiais	59
4.3. Aspectos Éticos	59
4.4. Procedimento.....	59
4.4.1. Elaboração do Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR).....	60
4.4.1.1. Identificação dos Atributos.....	60
4.4.1.2. Tradução e retrotradução.....	60
4.4.1.3. Validação aparente e de conteúdo.....	60
4.4.2. Teste Piloto.....	61

4.4.3. Aplicação do instrumento.....	61
4.4.3.1. Locais.....	61
4.4.3.2. Procedimento.....	61
5. Resultados.....	63
5.1. Elaboração do Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR)	64
5.1.1. Identificação dos atributos.....	64
5.1.2. Tradução e retrotradução.....	64
5.1.3. Validação aparente e de conteúdo.....	64
5.2. Teste Piloto.....	67
5.3. Aplicação do instrumento.....	68
5.4. Caracterização da amostra.....	68
5.5. Resultados obtidos nas entrevistas.....	72
5.5.1. Entrevistas dos grupos católicos (CAT-AF n=40 e CAT-LD n=40).....	73
5.5.2. Entrevistas dos grupos evangélicos (EV-AF n=40 e EV-LD n=40).....	99
5.5.3. Entrevistas dos grupos espíritas (ES-AF n=40 e ES-LD n=40).....	122
5.6. Dados obtidos na aplicação da escala do IACOR.....	158
6. Considerações finais.....	219
7. Referências	223
Apêndices.....	242
Apêndice I.....	243
Apêndice II.....	244
Apêndice III.....	263
Apêndice IV.....	265
Apêndice V.....	269
Apêndice VI.....	270
Apêndice VII.....	281
Anexos.....	283
Anexo I.....	284

1. Apresentação

1. APRESENTAÇÃO

Foi possível que eu reconhecesse a importância do estudo ainda na infância, pelo constante esforço dos meus pais nesse sentido. Mesmo nascendo em uma cidade pequena, com menos oportunidades se comparada aos grandes centros universitários, a oportunidade da formação acadêmica sempre foi incentivada por eles.

Dessa forma, cursei a graduação em Psicologia na Universidade Paulista de Ribeirão Preto, viajando todas as noites de São Simão a Ribeirão Preto para realizar a minha formação. No último ano do curso, encontrei um panfleto em que estava descrito o processo seletivo para o Programa de Aprimoramento Profissional do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Estudei para a prova, na qual passei e assim participei do programa por dois anos. Nestes, durante um ano e meio, sob a orientação da psicóloga contratada, estruturamos e seguimos um grupo de apoio para pacientes com fibromialgia.

No último semestre, conheci a Profa. Fátima Faleiros Sousa, que me recebeu em seu laboratório de pesquisa, abrindo para mim um novo universo de possibilidades. Durante o período de aproximadamente um ano, acompanhei o desenvolvimento dos estudos do laboratório, aprendendo mais sobre o método científico e consequentemente sobre a importância da produção de conhecimentos e da interdisciplinaridade.

No ano seguinte, iniciei a pós-graduação sob a orientação da Profa. Fátima, produzindo estudo de avaliação de dor em pacientes fibromiálgicas.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho veio com a finalização da Dissertação de Mestrado, em que o grupo de participantes com fibromialgia, mesmo não tendo sido questionadas sobre aspectos religiosos os referiram durante a coleta de dados, o que gerou uma categoria de análise sobre o tema. O interesse preexistente acerca da religião e de como o ser humano a expressa, atrelado aos resultados do estudo, fizeram com que pensássemos nessa temática. Aos poucos, a Profa. Fátima, como grande mentora que é, lapidou o tema, o interesse e o foco do estudo, gerando a Tese, estruturada da seguinte forma: 1) Descrição do percurso da aluna; 2) Introdução, apresentando os principais aspectos referentes à dor do existir, sua caracterização, possibilidades de manejo, bem como os aspectos relacionados à religião como integrante dos aspectos humanos; 3) Objetivos gerais e específicos, explicitando a proposta do estudo; 4) Métodos e sujeitos, tendo sido descrito todo o caminho

percorrido no desenvolvimento do estudo, assim como as ferramentas utilizadas para tal; 5) Resultados e discussões, revelando como os participantes compreendem e comunicam a relação que percebem entre a dor do existir e as religiões; 6) Considerações finais, retomando-se os objetivos propostos e contribuições percebidas com o estudo.

Esperamos que o conteúdo do estudo possa contribuir para a ciência e para a comunidade geral, evidenciando as relações entre a dor do existir, as religiões enquanto possibilidade de manejo da mesma e o papel da ciência nesse processo, servindo como base e motivação para outros estudos.

2. Introdução

2. INTRODUÇÃO

2.1. Problema e Justificativa

O conceito de Dor Total introduzido por Saunders (1991) deixa clara a necessidade de se ampliar a visão de ser humano como ser bio-psico-social-espiritual para que seja possível compreender a complexidade do fenômeno doloroso.

A dor do existir, que representa a dor do ser humano diante da ideia de morte, em consonância com o conceito de Dor Total, apresenta-se assim como um desafio nesse sentido, pois é necessário que o gerador de conhecimentos desenvolva recursos para que a dor possa ser comunicada e com isso adequadamente manejada. Um dos recursos para o manejo da dor do existir que vem ganhando espaço no meio científico é a religião (LUCHETTI et al., 2010; NOGUEIRA; TEIXEIRA, 2012).

O termo religião é definido por Koenig, King e Carson (2012) como um conjunto de crenças, rituais, símbolos e práticas, das quais o indivíduo se utiliza na busca pela aproximação com o sagrado e o transcendente. Esse conjunto é estruturado, com a participação de uma comunidade, e embasado em práticas que são estabelecidas de acordo com uma tradição cultural. Etimologicamente, religião vem de “re-ligare”, o que significa religar, no sentido de reencontro do indivíduo com o divino. Os autores apontam que esta forma de conceituar o termo tem sido a mais aceita entre os pesquisadores da área.

Avaliar, para melhor manejar a percepção da dor e sua multidimensionalidade representa um imenso desafio, pois não basta conhecer apenas a etiologia da dor, antes é preciso estar atento ao sofrimento humano a partir da percepção e expressão de quem vivencia a experiência dolorosa, independente de que forma essa dor se apresenta ao ser humano (FALEIROS SOUSA et al., 2010).

No referencial da psicofísica o mecanismo do sistema perceptual é reconhecido pela sua capacidade de gerar resultados como experiências, julgamentos e respostas oferecidas pelo sujeito, que podem ser analisados. Tal fato é resultante da relação de dependência entre o corpo e a mente, entre os domínios do mundo físico e psicológico, externo e interno. Dessa forma, os métodos psicofísicos possibilitam perceber os

estímulos dolorosos em dois sentidos, um restrito e um amplo. O restrito ou quantitativo analisa as relações entre estímulo, resposta e sua razão; enquanto o amplo entende as variáveis qualitativas, dando lugar à organização interna da experiência perceptiva. Nessa integração entre eles, ambos são avaliados/mensurados com base na resposta do sistema perceptivo, tanto os estímulos métricos (têm unidades físicas definidas) quanto os não métricos (sem unidades físicas) (DA SILVA; RIBEIRO-FILHO, 2011; FALEIROS SOUSA et al., 2010).

Ao contemplar o entrelaçamento dos atributos objetivos e subjetivos, a psicofísica atua em vários ramos das ciências sociais, humanas e biológicas, tais como a Sociologia, Psicologia, Enfermagem, Biologia, Economia e Medicina. Desse modo, os atributos sociais e clínicos podem ser mensurados, entre estes, a dor e seus componentes associados (DA SILVA; RIBEIRO-FILHO, 2011).

Contudo, não foram encontradas nas bases de dados disponíveis escalas ou avaliações psicofísicas citando a dor do existir, enquanto pertencente ao conceito de Dor Total e de religião. No entanto há escalas psicofísicas avaliando diferentes tipos de dor, mas não correlacionadas com a religião, ou ainda uma escala específica que pudesse capturar em cada segmento religioso, o como pode ser percebida e ser expressada a dor do existir e a busca do alívio desta na especificidade de cada religião. Fica clara a necessidade de desenvolvimento de estudos que possam capturar como a religião e a dor do existir estão associadas como uma forma de expressão dessa busca de alívio, de conforto e de respostas ao enfrentamento da aproximação com ideias de finitude, após a construção de toda uma existência.

Evidencia-se a importância do tema dor do existir, associado com a religiosidade, em consonância com o conceito de Dor Total, de maneira que o ser humano possa ser entendido em toda sua complexidade e amplitude bio-psico-social-espiritual e até mesmo concebido como um homem inteiramente homem inserido num contexto infinitamente complexo.

Decorrente do exposto, o presente estudo propõe a elaboração de tal instrumento, com métodos oriundos da psicofísica, visto que na literatura, ainda não foi desenvolvido esse tipo de estratégia para a utilização do profissional da saúde e/ou áreas afins frente à religiosidade como um dos recursos correlacionados especificamente ao manejo do fenômeno doloroso, com enfoque na percepção e expressão dos atributos

relacionados à dor do existir, de acordo com o conceito de Dor Total, nas religiões católica, evangélica e espírita, predominantes na cultura brasileira.

2.2. A Dor e a Religião

A literatura traz a dor como um sintoma de significativa importância, que necessita ser compreendida como um conjunto multidimensional que abarca aspectos físicos, psíquicos, sociais, espirituais, morais, éticos, dentre outros. Os estudos relacionados à dor têm sido mais publicados em periódicos de alto impacto científico e cada vez mais são considerados os diversos aspectos relacionados à percepção da dor nessas investigações (PERES et al., 2007; WACHHOLTZ; PEARCE, 2009; SALVETTI et al., 2012; KEEFE et al., 2013).

Com tais estudos percebe-se que a contextualização e o entendimento no que diz respeito tanto ao sintoma doloroso, quanto a sua percepção e a sua expressão vêm ganhando aspectos intervenientes reconhecidos e com isso aproximando-se da complexidade percebida nesse fenômeno, do ponto de vista de sua avaliação.

Saunders (1991) elaborou um conceito mais amplo e completo da dor e de suas diversas maneiras de se apresentar ao ser humano. Reconhecido como Dor Total, tal conceito inclui o sofrimento físico (advindo de lesão orgânica), o psíquico (que pode ser proveniente de diversos sentimentos como insegurança, medo, perdas, etc.), o social (relacionado à forma como o sujeito percebe suas relações, como dependência, isolamento, alteração nos papéis sociais, etc.), o espiritual (com questionamentos relativos à morte, sentido da vida, preocupações com o pós-morte, etc.), o financeiro (adicionado posteriormente à lista e referente às dificuldades financeiras de várias ordens), o familiar (relacionado à forma como as pessoas significativas da família lidam com a dor), o provocado na equipe de saúde (especialmente em casos de cuidados paliativos) e acrescentamos o moral.

De acordo com Ferreira (2009), moral é o “conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada.” O conceito é definido também segundo o Dicionário de Psicologia da American Psychological Association (VANDERBOS,

2010, p.623) como “valores ou princípios éticos que as pessoas usam para orientar seu comportamento”. Pode ser considerado também relativo à distinção do que é considerado certo ou errado, de acordo com um código moral compartilhado no grupo. Assim quando essas questões são desrespeitadas, a dor moral é gerada para o ser humano.

A compreensão do conceito de Dor Total oferece um vasto leque de opções no qual esta possa ser percebida, compreendida e acima de tudo comunicada, de maneira que possibilite uma abordagem adequada, que vá ao encontro com o que o indivíduo busca para o alívio de seu sofrimento, seja ele de qualquer ordem.

Com base nisso, faz-se necessário para o profissional de saúde compreender a interface dos aspectos relacionados à dor e suas expressões, em toda a diversidade em que essa possa ser comunicada, escutada e respeitadas as especificidades dos constructos religiosos, de tal maneira a minimizar possibilidades de preconceitos, discriminações, não aceitação das diferenças, importantes expressões de dor.

Decorrente disso diversos autores discutem o interesse que vem sendo percebido na relação entre a dor e a religiosidade, coerente com o conceito de Dor Total (CORRÊA, 2006; JOHNSTONE et al., 2008; CARQUEJA, 2009). Lago-Rizzardi, Teixeira e Siqueira (2010) abordam que a busca pelo equilíbrio biopsicossocial e espiritual nunca foi tão percebido, havendo estudos que apontam inclusive mudanças fisiológicas secundárias à espiritualidade e à religiosidade, independente da denominação religiosa.

Um estudo conduzido por Delgado-Guay et al. (2011) cujo objetivo foi avaliar a prevalência e a intensidade da espiritualidade, da religiosidade e da dor espiritual em pacientes com câncer em estágio avançado. Participaram 100 pacientes de um hospital no Texas, por meio da Escala de Avaliação de Sintomas de Edmonton, Escala de Ansiedade e Depressão para Hospitais, escalas de enfrentamento Brief COPE e R Brief COPE e Avaliação Funcional de Doença Crônica e Bem-Estar Espiritual- Expandida (FACIT-Sp-Ex). Os resultados foram 53 anos a média de idade, sendo que 88% dos participantes eram cristãos. Quase todos se consideravam espiritualizados e religiosos (98%). A dor espiritual foi relatada em 44% da amostra, com média de pontuação 03, sendo que esta estava significativamente associada a menores escores atribuídos à auto-avaliação da religiosidade e da qualidade de vida espiritual. Os participantes com dor espiritual informaram que os sintomas contribuíram negativamente para seu

desenvolvimento físico e emocional. Houve ainda tendência de aumento da depressão, ansiedade, anorexia e sonolência associadas a estes participantes.

A ampliação da visão de ser humano biopsicossocial para também espiritual vem ganhando espaço desde o final do século XX, com estudos que além de relacionarem a dor ao aspecto religioso e/ou espiritual, percebem a importância de se considerar esse aspecto nos atendimentos, como também considerar a possibilidade de inserção de disciplinas em cursos de graduação na área da saúde (ELIAS, 2001; SOUZA; PEGORARO, 2009; VOLTMER et al., 2013).

Essa concepção compactua ainda, com a visão proposta por Sófocles (496 a.C. - 405 a.C.) desde a Grécia antiga. Segundo Souza (2007), Sófocles era considerado o educador de homens tais como deveriam ser. Considerava de forma completa e complexa do que os demais autores da época, as características que os faziam ao mesmo tempo homens reais e ideais, pela conduta condizente com os aspectos totais do ser humano.

A ideia de totalidade aqui diz respeito à forma como os principais autores entendiam a relação do homem com a realidade em que vivia: Ésquilo desenvolvia suas obras de uma maneira mais voltada para a interpretação dos acontecimentos numa perspectiva mais pessimista. Já Eurípedes, assumia uma postura mais moralista em suas produções. Sófocles conseguia fazer uma transição entre ambas, fazendo com que suas produções refletissem uma visão mais abrangente do ser humano em sua relação com a realidade que o cercava (VAZ, 2004; SANTANA, 2012).

Ainda segundo Vaz (2004), o pensamento filosófico continuou seu desenvolvimento no período pré-socrático, passando pelos sofistas até a metade do século V a.C., quando Sócrates expõe suas ideias que segundo o autor “orientam o pensamento antropológico até hoje” (p.28). Sócrates traz a preocupação do que é próprio do humano e em última instância associa essa ideia à concepção de “alma” (psyché) que está presente nos homens e dá a dimensão do que é um princípio interior. A “alma” em Sócrates é a sede de excelência e virtude “que permite medir o homem segundo a dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana” (p.28).

Nessa perspectiva, ao ser levado em conta o fato destes aspectos fazerem parte das reflexões dos homens desde essa época, surge como questão de que maneira a religiosidade se integra para esse ser humano múltiplo e complexo e quais funções exerce na vida do indivíduo contemporâneo.

Rogers (2009) traz claramente essa questão relacionada ao homem contemporâneo, com discussões acerca das possibilidades do ser humano ao longo de seu desenvolvimento. O autor questiona e direciona o trabalho dos profissionais de saúde no sentido de buscar a existência plena de possibilidades no contato com o cliente. Trata-se de considerar essas possibilidades em todas as etapas do ciclo vital do ser humano, até o momento de sua morte. A base da reflexão sobre as possibilidades do ser, durante sua existência, é justamente relacionada à ideia da morte, lugar no qual as possibilidades se findam.

Outro trabalho que discute a questão é o de Irvin Yalom (2008), intitulado *De frente para o sol*. Nele, a morte é abordada como tema central do que é considerada a dor do existir, pois toma o lugar de única certeza absoluta na existência humana e da qual tentamos cotidianamente desvencilharmo-nos. Propõe que, ao contrário, a dor diante dessa certeza deve ser superada para que seja alcançada uma existência mais próxima da vivência de suas possibilidades totais. E para que essa superação ocorra ela deve ser reconhecida pelo sujeito. Percebe-se então, que a dor do existir é entendida como um fenômeno gerado pela angústia do ser humano diante da certeza de sua finitude.

Um estudo que teve como objetivo identificar as relações entre morte e o nível de ansiedade perante a morte em 400 estudantes universitários dos cursos de Psicologia (N = 115), Enfermagem (N = 129) e Medicina (N = 156), com idade entre 18 e 49 anos e média de 22,1, sendo em sua maioria do sexo feminino (67%) e de religião católica (64%). Foram utilizados na coleta de dados o Pil-Test (Teste Propósito de Vida), o Questionário sobre Diversas Perspectivas de Morte, a Escala Templer de Ansiedade Perante a Morte e um questionário sócio-demográfico. Para análise estatística foi utilizado o programa SPSS® na versão 16. Os resultados indicam correlações positivas entre o fator vazio existencial e as concepções negativas da morte quais sejam, dor e solidão ($r = 0,25$; $p < 0,001$), abandono ($r = 0,19$; $p < 0,001$) e fracasso ($r = 0,26$, $p < 0,001$). Porém quando da morte por fim natural ($r = -0,20$; $p < 0,001$) o vazio existencial se correlacionou negativamente. Já o nível de ansiedade diante da morte se correlacionou com solidão e dor ($r = 0,21$; $p < 0,001$), morte desconhecida ($r = 0,32$; $p < 0,001$) e fracasso ($r = 0,16$; $p < 0,001$). O estudo revela a associação entre as perspectivas de morte, a ansiedade diante desta e o sentido da vida. A morte como

“desconhecida” foi o resultado de maior expressão para a ansiedade relacionada à morte (AQUINO et al, 2010).

Belatto e Carvalho (2005) discutem as diversas formas como a morte foi entendida desde as sociedades primitivas, com o propósito de vislumbrar a necessidade que existe por parte dos profissionais de saúde de compreender a forma como o indivíduo lida com o processo de morte e de morrer, o que possibilita a compreensão necessária para o atendimento de suas necessidades.

A ideia e a significação da morte, exclusiva dos seres humanos pela capacidade de pensamento, é um tema abordado pelas sociedades ocidentais com certas reservas (ARIÈS, 1977). Existe a dificuldade para abordar o tema, pois ao fazê-lo, o sujeito necessariamente entra em contato com a própria finitude. O autor refere ainda que a forma como a sociedade lida com seus mortos, reflete muito a maneira como esta lida com a morte em si e que houve mudanças intensas e significativas desse processo através dos séculos. Faz-se necessário um retrospecto para compreensão de como essas alterações e adaptações foram sendo construídas e como a sociedade e a significação da morte relacionam-se.

2.3. A morte em história: um retrospecto de como a sociedade lida com a morte (KOVÁCS, 2012)

A autora faz um retrospecto de como a sociedade construiu a significação da morte através dos tempos baseada na obra de Phillipe Ariès. Em seu livro *Educação para a morte: temas e reflexões* além desse processo histórico aborda as bases do desenvolvimento da tanatologia no mundo e no Brasil, o que justifica a escolha da obra como um guia para a compreensão desse fenômeno.

Ainda destaca Ariès como referência de grande importância devido aos seus estudos sobre a morte em uma perspectiva ocidental, tendo compilado e analisado documentos de diversas fontes. Afirma que por um grande período histórico, as características básicas da significação da morte eram de que: a morte faz parte da vida; esta era anunciada por meio de um ritual; havia a crença de que os mortos estavam entre os vivos e eram percebidos por aqueles que iriam morrer brevemente e que a morte

repentina em que não havia tempo para preparação e despedidas, era considerada vergonhosa, pois significava a cólera divina em relação ao sujeito. Define aqui o conceito de morte domada, situação desejável na época, em que o sujeito, em momento próximo à morte reúne entes queridos fazendo suas recomendações finais, suas reflexões sobre a própria vida e de que maneira pensa em deixar os assuntos terrenos.

Percebe-se que nesse processo acontece algo como uma reorganização da vida do sujeito próximo à morte, de maneira que ele possa encará-la sem que existam pendências, preocupações e assuntos mal resolvidos com as pessoas que ama. É possível compreender também, o porquê da morte repentina ser vista como alvo da cólera divina, pois nesse caso o sujeito era privado desse momento de resolução de seus assuntos pessoais.

Outro aspecto importante nesse período histórico foi a maneira como o ritual da morte era conduzido. A princípio, a proteção dos santos era vista como essencial e assim, os cristãos eram enterrados nas igrejas. Da mesma forma que as diferenças de classes sociais refletiam em outros ditames da sociedade e isso também era observável, determinando que as pessoas mais abastadas fossem sepultadas mais próximas de onde ficavam as imagens dos santos de devoção. Aos demais, esse lugar não era reservado. Os mortos considerados malditos, renegados pela sociedade (suicidas, por exemplo) não eram sepultados em igrejas, mas em campos afastados.

Em 563, o Concílio de Braga interditou o enterro nas igrejas, porém um século depois o Concílio de Rouen concedeu o enterro em igrejas novamente para três categorias: os religiosos, os que receberam honras da igreja e os que se distinguiam pelo serviço a Deus ou causa públicas. Os demais continuavam sendo sepultados nos campos, ou seja, nos cemitérios. Na Idade Média, devido ao grande número de mortos principalmente por epidemias, os cemitérios passaram a ser cada vez mais amplos.

Segundo a autora, nessa época havia fortemente e em várias religiões a ideia de vida após a morte, como também a ideia do julgamento final. Por isso, as mortes súbitas ainda eram temidas, pois nesse caso não era possível rever os erros cometidos. A morte domada, portanto, continua sendo vista como ideal.

A autora traz também que nos séculos XVII e XVIII, ocorre na arte um movimento de produção do que ficou conhecido como temas macabros, em que a morte era representada por imagens de decomposição do corpo e de esqueletos. Isso muda um pouco a ideia da morte, exposta como em decomposição, em separações dolorosas e na

impossibilidade da realização do que fora planejado. As orações passam a ser feitas em diferentes momentos para garantir o perdão dos pecados, entre outros rituais.

A ampliação desse processo ritualístico faz com que cada vez mais pessoas sejam envolvidas para a realização dos mesmos. Assim, surgem os donativos como generosidade para com essas pessoas, que se ocupando da morte de outros que não são familiares, mudam a perspectiva dos cuidados com os mortos. Esses passam a fazer uso dos caixões, máscaras mortuárias e outros objetos. A família não necessariamente precisa ter contato direto com o ente falecido, sendo possível deixar que outras pessoas tomem as providências necessárias por ela.

O desenvolvimento da indústria torna a sociedade mais tecnicista, afastando a ideia de morte domada e dando espaço para a morte selvagem. São esperadas atitudes menos dramáticas e a dor gerada pela morte não está relacionada mais ao sofrimento da pessoa amada, mas sim com a separação. A influência da medicina também muda a perspectiva da morte, devido ao aumento de recursos e estudos, sendo que os últimos eram realizados principalmente com uso de cadáveres. Com o aumento desses recursos, aumenta também o medo da morte, devido às novas possibilidades de manutenção da vida.

Esse processo vai desenvolvendo-se até que, já no século XX, o movimento de tentar afastar a morte a torna cada vez mais interdita na sociedade. O desenvolvimento científico e tecnológico leva cada vez mais as pessoas enfermas aos hospitais, onde o contágio da morte deve ser evitado a todo custo. A proximidade com a morte passa a ser escondida e a cena pública do quarto com as pessoas queridas é substituído pelo isolamento nas enfermarias. Os familiares aos poucos, evitam cada vez mais que jovens e crianças participem desse processo, reforçando a ideia da morte interdita.

Felizmente, a partir da década de 60, começaram a haver mudanças nesse sentido, como o surgimento da preocupação de oferecer cuidados aos envolvidos nesse processo. Percebe-se o quanto a interdição da morte pode gerar efeitos negativos, resultando em enfermidades tanto físicas quanto psicológicas. Nesse sentido, destacam-se duas pessoas como centrais na busca do resgate da humanização, relacionado à morte e ao morrer, que foram Cicely Saunders (1991) e Elisabeth Kübler-Ross (2008).

Ambas realizaram estudos de extrema importância na busca da reumanização da morte, na educação voltada para esta, contribuindo inclusive com a formação de inúmeros profissionais com essa perspectiva de cuidados oferecidos a pessoas próximas

da morte, como também seus familiares e equipe de saúde. Fundaram centros de estudo e assistência, sendo referências mundiais nessa proposta de trabalho. É interessante notar ainda, que ambas falaram, no desenvolvimento do seu trabalho, da importância de considerar os múltiplos aspectos do ser humano, incluindo-se aqui os religiosos e/ou espirituais, tão importantes no passado, mas que passaram a ser menos considerados na modernidade.

É possível observar que a significação da morte passou por vários momentos: partindo da morte domada, como possibilidade de proximidade com as pessoas amadas e possibilidade de resolução de pendências; passando pela morte selvagem em que o sofrimento pela separação é mais evidente; desenvolvendo-se posteriormente para a morte interdita, com o afastamento total da ideia de morte em uma sociedade tecnicista onde não há espaço para o fracasso da morte; finalmente observando-se a necessidade de resgate do contato, da reumanização da morte, de resolução afetiva desta e do luto e do quanto esse processo é importante para a família, para os profissionais que estão em contato oferecendo os cuidados e também para o próprio sujeito, como potencialmente exposto à morte. Potencialidade essa, reservada a todos.

Ao se pensar na dor diante da morte e da finitude (dor do existir), considerando-se as mudanças ocorridas, percebe-se que na morte domada, a dor está centralizada na angústia de morrer subitamente, sem que seja possível findar assuntos e preocupações, ou seja, a dor está diretamente relacionada ao próprio sujeito. Na morte selvagem, a preocupação passa a ser a dor da separação e aqui se encontra então a dor relacionada tanto à pessoa que morre, como também à que continua viva, sendo uma dor centrada na perda da relação. Já na morte interdita, a dor é negada, relegada a um espaço onde não pode ser discutida, nem se conviver tão diretamente com ela. E finalmente, no processo de reumanização com relação à morte, há a busca pela reintegração da dor diante desse fenômeno, para que haja a ideia da morte como parte da vida do ser humano e este possa, assim, resolver suas angústias diante dela de maneira integrada com todos os outros seres humanos que participam desse processo.

2.4. Tanatologia e Religião

No Brasil, a autora considerada pioneira nos estudos sobre a morte (Tanatologia) foi Wilma da Costa Torres, que na década de 70 produziu as primeiras publicações sobre o tema nos Arquivos Brasileiros de Psicologia. O foco de seus estudos era o desenvolvimento do conceito de morte em crianças. Desde então, foram estruturados grupos de pesquisadores em diversas universidades e desenvolvidos estudos em outras áreas relacionadas à tanatologia, como por exemplo, na psicologia hospitalar, na psico-oncologia, etc. (KOVÁCS, 2004).

A palavra tanatologia remete ao deus grego Tânato (ou Tânatos), considerado a personificação da morte. Segundo Bulfinch (2006) existem relatos mais amplos de Hades (deus grego da morte) do que de Tânato na mitologia grega. Porém, na psicologia, o termo associado aos estudos sobre a morte foi tanatologia.

O contraponto de Tânato nos mitos gregos é Eros, o deus do amor, da vida e da alegria. Não existe unanimidade quanto ao surgimento de Eros. Alguns autores o caracterizam como um deus primordial, considerada como a geração de deuses anteriores aos deuses olímpicos. Nessa concepção, Eros seria filho do Caos e da Noite. Possuía uma tocha e flechas que espalhavam vida e alegria. Uma segunda concepção considera Eros filho de Afrodite (deusa do amor) e de Hefesto (deus da tecnologia). Essa é a versão mais aceita do mito, com histórias de Eros também chamado de Cupido, em que o amor, por vezes romântico, outras vezes não, enfrenta diversos desafios.

Uma das histórias mais famosas é a de Eros e Psique (alma), na qual se percebe claramente a ideia de que existe a associação entre o amor e a imortalidade. No mito, após ser testada de diversas formas, Psique ganha o direito de ser imortal como presente dos demais deuses. Assim, pode viver eternamente com seu amor (BULFINCH, 2006). Essa alusão remete a ideia da busca do amor (nem sempre romântico) como forma de continuidade, de longevidade, em última instância busca de se evitar a morte, colocando-se numa condição onde apesar dela, há uma continuidade do ser. No amor romântico a ideia é buscar na relação uma forma de deixar uma marca para que o outro, mantendo viva a lembrança do compartilhado, possa garantir sua continuidade, mesmo que subjetiva.

No amor não romântico, pode se observar esse movimento na expectativa desenvolvida acerca do desenvolvimento dos filhos; o desejo associado às características que eles possam ter e a forma como conduzirão suas vidas, pode ser encarada como a necessidade de se pensar em maneiras de dar continuidade à vida, pela

transmissão daquilo que foi planejado, mesmo após a morte, assim como também envolver-se numa causa social, ou até mesmo na construção e desenvolvimento de uma empresa, da própria carreira, como um projeto que possa ser continuado após a morte (YALOM, 2008).

Pensar em questões relacionadas à morte tem sido a preocupação de diversos autores em áreas específicas, porém com um propósito comum subjacente: a morte remete ao sentido da vida, a busca pelo significado da existência e possibilidades de escolha durante o período em que se está apto a assumir as responsabilidades pelas mesmas (FRANKL, 1973). Esse processo causa a dor do existir, ou seja, a dor que é gerada pela percepção da finitude, da morte.

Yalom (2008) traz relatos de sua experiência como terapeuta em que percebeu que a angústia de morrer ocorre em várias fases do ciclo da vida, apresentando-se de várias formas ao indivíduo ao longo desse ciclo. De acordo com seus estudos e atuação clínica, constatou que de uma forma mais intensa a partir do início da fase adulta, há a tentativa de superar a dor do existir, relacionada à aproximação da morte, por meio de um tipo de fusão, que pode acontecer com a sensação de ligação a um ser amado, uma causa, um ser divino, entre outros. Assim, entende-se que nas fases em que, naturalmente, mais se aproxima a morte, mais existe o interesse de resolver as angústias que estão na base da dor existencial, atreladas ao conceito de Dor Total, por meio da religiosidade, do encontro com o divino, o inexplicável.

Segundo Kovács (2007) uma forma de tentar lidar com a angústia causada pela proximidade e visualização da finitude é a religião, enquanto um sistema de crenças, com tradições que envolvem rituais, símbolos, enfim, uma construção de significados para a morte.

Portal (2004) discute que esta é uma busca que nos permite encontrar também significado para a vida, ou seja, ao pensar na morte enquanto certeza ocupamo-nos com ideias que dizem respeito a não apenas sobreviver, mas também pensar no modo como vivemos, o que buscamos e como nos relacionamos com o mundo no qual estamos inseridos. Assim fica evidente o quanto a relação entre a dor do existir e a religião se apresenta como tema importante na compreensão que os indivíduos fazem de seu processo vital e no manejo desta dor.

Cumpre destacar, que existem diferenças ao se considerar a religiosidade e a espiritualidade. A espiritualidade pode ser entendida como a tentativa do homem de se

sentir uno, completo, algo que ele percebe que vai além das dimensões do corporal, psicológico e social. A religiosidade por sua vez, tem como característica a busca pelo encontro com o transcendente, algo superior ao humano, que o ultrapassa e merece sua veneração. Essa condição em última instância é vista como alvo de amor, de veneração, mas justamente pela ideia do poder que exerce, pode também ser vista como alvo de temor, dependendo da maneira como é definida pelo indivíduo que nela crê (GIOVANETTI, 2004; PINTO, 2009).

A questão da religiosidade/espiritualidade relaciona-se a outros posicionamentos de maneira intrincada, podendo levar a alguns conflitos conceituais referentes a alguns termos. Segundo o Dicionário Escolar de Filosofia *on line* a palavra agnosticismo remete à ideia de que não existe possibilidade racional e científica da comprovação da existência de Deus. Os demais termos relacionados ao agnosticismo surgem como posicionamentos filosóficos dos seres humanos diante dessa questão. Assim, existe o panteísmo (crença de que Deus e o universo são uma coisa só, não existindo um Deus como um ente separado do universo), o deísmo (acredita em Deus pela ordem do universo, mas não que ele seja onipresente e não nega as leis da natureza ou da ciência), o teísmo (acredita da onipresença de um ou mais deuses) e o ateísmo (não acredita na existência de Deus ou outros seres sobrenaturais).

Ficam nítidas as diferenças entre posicionamentos filosóficos do agnosticismo, que admitem diversas possibilidades de crença em um ente sobrenatural (Deus), e a forma como este se relaciona com os seres humanos, como também o ateísmo que nega essa existência. Para o agnóstico, não existe a possibilidade de comprovação da existência de Deus; para o ateu, este ente não existe.

O profissional da saúde deve estar apto a compreender e a intervir nas questões relacionadas ao aspecto religioso, de modo que possa agregar essa condição do ser humano na compreensão que tem de si mesmo e de sua busca do sagrado como auxiliar no enfrentamento das adversidades, seja no contexto de um processo de adoecimento, tratamento, seja numa questão existencial que se apresenta. O encontro entre o profissional e o cliente que necessita desse tipo de atenção, pode ocorrer tanto em uma situação de crise, ou seja, num momento em que o indivíduo se encontra frente a frente com um problema grave, relacionado ou não à saúde, como também se apresentar como uma busca pessoal, na construção de seu ser. É necessário que o profissional esteja

preparado para entender de que forma esta construção é feita e qual o posicionamento que o indivíduo toma para isso.

Uma das situações em que essa relação se estabelece com frequência é no contato entre o profissional de saúde e o cliente que busca recursos para lidar com as questões provenientes de um processo de adoecimento. Nesse contexto percebe-se que, a religião é um fator importante na composição necessária ao manejo das condições que podem gerar dor de qualquer ordem, em consonância com o conceito de Dor Total.

Mesquita et al. (2013) desenvolveram um estudo com o propósito de investigar de que forma os pacientes com câncer em tratamento quimioterápico fazem uso do enfrentamento religioso/espiritual. Foi desenvolvido com 101 pacientes do ambulatório de oncologia de um hospital público de Minas Gerais e utilizou-se para coleta de dados uma entrevista para caracterização da amostra e a Escala de Coping Religioso/Espiritual Abreviada. Os resultados demonstraram que os sujeitos jovens, sem religião ou que desconsideravam a importância do apoio espiritual, utilizavam o enfrentamento religioso/espiritual de maneira negativa. Já os indivíduos engajados num processo de apoio religioso/espiritual utilizaram essa forma de enfrentamento de maneira positiva. Porém, ambos os grupos utilizaram-se de alguma forma esses recursos. Assim, compreende-se que o enfrentamento religioso/espiritual é um elemento importante na estratégia de manejo das condições relacionadas ao câncer e demonstra-se uma ferramenta útil para o cuidado acerca da dimensão espiritual do indivíduo.

Baetz e Bowen (2008) desenvolveram um estudo no Canadá para avaliar se a influência da espiritualidade/religiosidade interfere na experiência de dor crônica e fadiga. Foram avaliadas 37 mil pessoas, com idade a partir de 15 anos, com quatro condições diferenciadas: fibromialgia, dor nas costas, enxaqueca e síndrome de fadiga crônica. Os resultados indicaram que as pessoas religiosas que expressavam regularmente sua fé religiosa foram menos propensas a apresentar sintomas relacionados à dor crônica e à fadiga, quando comparados com aqueles que apesar de serem religiosos não buscavam regularmente o apoio espiritual/religioso. Os frequentadores apresentavam ainda condições de enfrentamento e melhor bem-estar psicológico.

Büssing, Balzat e Heusser (2010) conduziram um estudo para validação do Questionário de Necessidades Espirituais. Os autores apontam que muitos estudos são desenvolvidos levando-se em conta pacientes terminais, mas o objetivo deste estudo

está relacionado a pacientes com doenças crônicas. Participaram do estudo 210 pacientes, com dor crônica (67%), câncer (28%) e outras condições crônicas (5%). Os participantes foram selecionados no Community Hospital Herdecke, no Instituto de Medicina Complementar (Universidade de Berna) e em uma conferência de um grupo de apoio ao câncer. O estudo demonstra que os fatores de maior relevância obtidos foram: necessidades religiosas, necessidades de paz interior, necessidades existencialistas (reflexão/significado) e doar-se ativamente. Tais resultados indicam as necessidades dos pacientes para o bem-estar espiritual, extrapolando a satisfação com a própria vida, bem como a necessidade dos profissionais de saúde se utilizarem de métodos e técnicas para atender às necessidades espirituais dos pacientes. Os autores apontam ainda, a necessidade de continuidade na exploração dessa temática visando abarcar mais recursos para que os profissionais de saúde possam atender a essa demanda.

Após analisarem 30 estudos relacionando religião e saúde, Saad, Masiero e Battistella (2001), afirmaram que o contato do profissional da saúde com as questões religiosas trazidas por seus clientes é de suma importância em todos os estudos analisados. Colocam que a expectativa é que a formação dos profissionais possam atender a essa demanda, mas que esta formação ainda está por ser definida.

Arcuri e Ancona-Lopez (2007), colocam a importância da abrangência de espaços onde a relação entre a religião e a ciência possa ser facilitada, não pelo intuito de se admitir verdades ou mentiras, mas pela apropriação que o sujeito faz dela.

Para Aletti (2007, p.20) “a psicologia da religião não estuda propriamente a religião, mas as pessoas no seu relacionar-se com a religião que encontra no ambiente, ao longo do seu percurso, nunca consumado, de construir a própria identidade.”

Pensando-se no proposto pelos autores citados, percebe-se que o essencial no que diz respeito ao profissional de saúde e a religião é entender a forma com que o indivíduo se relaciona com o constructo religioso, de que maneira vivencia, compreende e constrói sua relação com aquilo que crê.

De acordo com essa temática, encontram-se outros estudos que se propuseram a acessar conteúdos religiosos de maneira sistemática, resultando em escalas de avaliação específicas como a Spiritual Involvement and Beliefs Scale (HATCH et al., 1998) (Escala de Crenças e Envolvimento Espiritual), a Spiritual Well-Being Scale (SIEBER et al., 2000) (Escala de Bem-Estar Espiritual), a DUREL (Duke University religion

index) (STORCH et al., 2004), entre outras. Porém, nenhuma dessas escalas considera especificamente as concepções da morte ao longo do desenvolvimento de acordo com as especificidades de cada constructo religioso.

As questões a que se chega nesse contexto seriam referentes a que tipo de possibilidades pode-se criar para a comunicação de uma linguagem religiosa atrelada ao científico. Como se pode entender a questão da religiosidade como um recurso terapêutico, já que este tema se relaciona tão intimamente com o humano? Como se pode reconhecer suas especificidades, seus significados e, decorrente disso, ter condição terapêutica facilitadora, que possibilite o crescimento, e com ele melhor condição para o enfrentamento das adversidades? Como pode ser identificada a resposta do indivíduo frente à constante influência destes aspectos na formação de sua subjetividade?

Para responder a tais questões, faz-se necessário que, se adentre o universo das possibilidades de expressão do ser humano, de acordo com a percepção que este tem da relação entre a dor do existir e a religião.

2.5. As religiões no Brasil

Diniz, Lionço e Carrião (2010) conduziram um estudo intitulado *Laicidade e ensino religioso no Brasil*. Nele, as autoras traçam um histórico da secularização e da laicidade no país, oferecendo características que ao longo deste processo, marcaram e ainda marcam a expressão das diversas religiões na atualidade brasileira.

A laicidade é trazida pelas autoras como a determinação de um país em que não existe uma religião oficial e onde são garantidas as liberdades de consciência e de crença, tanto para religiosos quanto para agnósticos (DINIZ; LIONÇO, 2010). O Brasil é um país laico, pois de acordo com sua constituição o Estado não pode estabelecer vínculos com grupos religiosos, mantendo assim a neutralidade necessária à igualdade e a não discriminação (BRASIL, 1988).

Já no que diz respeito à secularização, de acordo com Silva (2005), esta aconteceu no Brasil por volta de 1890. A liberdade secular garante a igualdade de direitos em diversas situações, como por exemplo, o sepultamento, em que não deve haver diferenças relacionadas à expressão religiosa do sujeito. Segundo a autora,

anteriormente a essa época os enterros eram realizados dentro das igrejas, ou em terrenos pertencentes a ela. Dessa forma, quem era e quem não era adepto do catolicismo tinha seu sepultamento comandado pela igreja católica, inclusive com a participação nos ritos dessa religião.

Diniz e Lionço (2010) pontuam que existem dois tipos de relacionamento entre as instituições básicas de um Estado e as religiões. No primeiro, existe a neutralidade confessional, ou seja, não existe uma confissão (denominação) religiosa representada em espaços públicos, assim como não existe privilégio a nenhum grupo religioso. No segundo, existe a pluriconfessionalidade, em que diversas formas de expressões religiosas são observadas em espaços públicos, como acontece no Brasil: crucifixos em tribunais, menções ao divino em cédulas de dinheiro, etc. Assim, percebe-se que apesar do processo de secularização e da laicidade garantida pelo Estado brasileiro, são observados símbolos de caráter religioso nas instituições públicas.

Em seu estudo sobre a relação entre a globalização e a religião, Ortiz (2006) traz discussões acerca do que resultou do processo de secularização e da laicidade de alguns Estados. Segundo o autor, os efeitos sociais esperados não dizem respeito ao fim da religião, que foi tema de debates no final do século XIX. Ao contrário disso, o fim do monopólio da religião em suas relações com o estado possibilitou a abertura para a pluralidade religiosa. Em consonância a sociedade moderna é vista como multirreligiosa.

Independente da religião e da nomenclatura que cada uma utiliza (padre, pastor, guia, etc.) existe a possibilidade de relação com esta tanto como líder religioso, como também sendo afiliado de uma denominação religiosa. De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), líder é definido como o indivíduo que chefia, conduz ou coordena um grupo em uma ação, uma corrente de opinião ou uma linha de ideias. Já o termo afiliado, é definido pelo mesmo dicionário como uma variação do verbo “filiar” que significa fazer parte de algo, ou indicar algo de onde tem origem ou fonte. Assim, os dois posicionamentos caracterizam a relação que os indivíduos estabelecem com uma religião estruturada.

De acordo com Bobsin (2003), as religiões brasileiras expressam-se de maneira bastante complexa, com influências claras da pluralidade étnica do país. Sendo assim, é comum evidenciar-se pessoas que declaram ser de uma determinada religião, participando esporadicamente de práticas de outras religiões. Esse pluralismo de

práticas, segundo a autora, é tipicamente brasileiro. Levando-se em conta essa característica da experiência religiosa no Brasil, os afiliados serão considerados de acordo com a forma como se declaram, independente de no passado ou no presente frequentarem outras instituições ou práticas religiosas. A intenção é avaliar o sujeito da forma como ele entende a própria afiliação religiosa. Além disso, a pluralidade característica da religião brasileira também aponta para a necessidade de desenvolvimento de estudos construídos neste contexto.

Para Yalom (2008) é justamente em momentos de aproximação das ideias relacionadas à morte que os recursos embasados nas explicações religiosas mais se fortalecem. Entendendo-se a vida adulta como um momento de proximidade maior e mais clara com a ideia da morte, justifica-se a amostra concentrada acima de 18 anos, pois apesar de não existir unanimidade entre o que define o final da adolescência e o início da vida adulta, o Estatuto da Criança e do Adolescente considera que a adolescência termina aos 18 anos e que, portanto, a partir desse período o cidadão é considerado adulto (BRASIL, 1990).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam, no censo realizado em 2010, que a distribuição de crenças ou religiões gira em torno de 50 denominações em todo o país, num total de 190.755.799 pessoas que referem ter alguma crença ou religião. Devido à grande quantidade de denominações religiosas, foi optado nesse estudo por abordar apenas as três religiões de maior representatividade. A Tabela 1 apresenta os dados coletados pelo IBGE acerca da distribuição das crenças ou das religiões trabalhadas nesse estudo.

Tabela 1- Distribuição da população segundo a religião ou crença no Brasil em 2010.

CRENÇA OU RELIGIÃO	PORCENTAGEM	CONTINGENTE
CATÓLICA	64,6	123.280.172
EVANGÉLICA	22,2	42.275.440
ESPÍRITA	2,0	3.848.876

Fonte: IBGE, 2010.

Em comparação com dados do Censo do IBGE de 2000, a população de católicos caiu de 73,6% para os 64,6% encontrados no Censo de 2010. Em

contrapartida, as populações evangélica e espírita aumentaram: a primeira saltou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010; na espírita o índice subiu de 1,33% para 2% em 2010.

A religião católica:

A religião católica foi a primeira oficial no Brasil, tendo até a Proclamação da República um acordo com o Papa e a Coroa Portuguesa com o objetivo de catequizar a população. Após esse período, o Brasil conquistou sua independência com relação à igreja católica e foi declarado um país laico, isento de vínculos religiosos. Um dos pontos pioneiros do Brasil com relação ao catolicismo foi a criação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, em 1952, no intuito de coordenar as ações da igreja em todo o país.

Ao analisar o processo histórico das religiões, Prothero (2010), discute o surgimento do cristianismo e com ele, da religião católica. Segundo o autor, após a morte de Jesus Cristo, seus discípulos foram perseguidos e muitos deles assassinados pela nova proposta religiosa que pregavam. Porém três séculos após, o cristianismo tornou-se a religião do Império Romano. A partir daí, houve o desenvolvimento e a edificação da igreja católica como representante inicial do cristianismo e de onde também foram estruturados os níveis hierárquicos relacionados a essa organização, como forma de buscar a proximidade com Deus (Pai, Filho e Espírito Santo): mandamentos, sacramentos, obediência ao papa e demais membros representantes como bispos e clérigos.

Na igreja católica assim como nas demais religiões cristãs a morte é vista de acordo com a concepção de Páscoa, sendo esta o modelo para a compreensão tanto da morte em si como dos ritos de passagem instituídos e praticados. Nessa visão, a morte humana não significa o fim da vida, mas sim uma passagem para uma existência infinitamente mais ampla num contato direto com Deus (BLANK, 2007).

Segundo o autor, a concepção do catolicismo acerca da morte, evoluiu de ideias de condenação ao inferno, representadas por orações de pedido de perdão e a morte servindo-se a esse propósito como o castigo do pecado. Após a reforma litúrgica do Concílio do Vaticano II (publicado em 1969 em Roma e em 1971 no Brasil), os elementos de ameaça foram removidos, dando lugar a uma visão de que após a morte, Deus propõe a ressurreição desde que o ser humano concorde em buscar a evolução de acordo com os critérios propostos pelo próprio Deus. Este por sua vez dá ao homem a

consciência plena na morte de tudo o que conseguiu construir durante sua vida vivida, que é única, não havendo possibilidade de reencarnação. Assim, a consciência plena é dada no momento após a morte, para que o homem possa diante desta, observar os pontos em que não evoluiu durante sua vida, num encontro pessoal com Deus. Ainda segundo esta concepção existe a chamada vontade salvífica universal de Deus, que reflete o desejo dele que todos os homens salvem-se, o que significa concordar com a proposta de vida eterna ao lado de Deus. A ressurreição assim é concedida, não numa forma de fazer com que o cadáver volte à vida, mas propiciando a transformação do ser humano de maneira inteira e global, abarcando todas as novas dimensões do ser.

Para essa religião, a vida eterna é o destino e finalidade última de todo ser humano.

A religião evangélica:

Foi trazida ao Brasil nos séculos XIX e XX, pelos imigrantes europeus e dividem-se em uma série de denominações, contudo atreladas basicamente a dois movimentos: a reforma protestante (Martinho Lutero) e o movimento pentecostal. Apresenta-se pelos dados do censo (IBGE, 2010) com vinte e uma subcategorias.

Prothero (2010) coloca que a religião evangélica surgiu como resultado do movimento conhecido como Reforma Protestante. O protesto em questão apoiava-se basicamente em aspectos discordantes dos protestantes em relação à religião católica. Teve início no século XVI, com Martinho Lutero, apresentando seus protestos contra diversas decisões e práticas da igreja católica. A partir disso, outros líderes, de diversos países passaram a protestar, apoiados pelo movimento humanista e contra a riqueza do alto clero católico e seu nacionalismo, concentrando todas as decisões no centro do catolicismo em Roma. O intuito divulgado era a proposta de um retorno ao estudo das escrituras sagradas e a liberdade religiosa, sem o controle direto do papa.

De acordo com Campos (2009) os termos protestantes e evangélicos são usados como sinônimos, sendo que estes não abandonaram a totalidade da herança cristã, mas apoiaram-se nela para desenvolver um arcabouço religioso próprio, com decisões características de cada denominação religiosa, inclusive a respeito da morte.

A forma como os evangélicos encaram a morte e consequentemente lidam com seus mortos, variaram ao longo de seus cinco séculos de história, mas centram-se, como em outras questões, no apego a Jesus Cristo ao invés de práticas ritualísticas como, por exemplo, a unção dos enfermos. Apesar das diferenças entre as diversas denominações

evangélicas, o fato de que Jesus Cristo leva à ressurreição e que a morte é consequência da desobediência dos primeiros pais, são pontos comuns (CAMPOS, 2009).

Ao invés da preparação para a morte proposta pelos católicos, com rituais para encaminhar as almas a Deus, para os evangélicos o discurso é voltado para a salvação da alma, por meio do arrependimento pelos pecados cometidos e esse processo não pode ser facilitado pela intercessão dos vivos, mas sim pela relação do indivíduo com Deus (CAMPOS, 2009).

A religião espírita:

Baseada nos preceitos de Allan Kardec e embora tenha influência de algumas doutrinas e orações da igreja católica, o espiritismo não possui rituais, restrições, sacerdotes, dentre outras. Tem como preceito apresentar aos praticantes um conjunto de princípios de desenvolvimento espiritual e o contato com espíritos desencarnados com vistas à ajuda espiritual, na comunicação por meio de práticas mediúnicas. Em 1876, foi fundada no Rio de Janeiro a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade.

Allan Kardec é considerado o pai do espiritismo. Em sua primeira grande obra espírita, “O Livro dos Espíritos” teve a primeira publicação em 1857, dois anos após o termo Espiritismo ter sido introduzido por ele, diferenciando-se dos termos espiritualista ou espiritualismo, que segundo o autor é utilizado para contrapor-se ao materialismo. Espiritualista é aquele que acredita existir em si algo além do material e o espírita é aquele que acredita na existência de espíritos e na possibilidade de comunicação destes com o mundo visível (KARDEC, 2009).

Entre os preceitos assumidos pelo Espiritismo estão a busca pela evolução espiritual com a ajuda de espíritos que estão em um nível superior nessa evolução e por isso podem auxiliar os que ainda estão no plano material, a crença em um Deus eterno, soberanamente justo e bom e a busca pela conduta essencialmente boa, desde as menores ações, levando-se em conta ao que Kardec chama de a moral dos espíritos, que assim como a de Cristo, direciona que as pessoas devem agir com as outras da mesma maneira que gostariam que agissem consigo (KARDEC, 2009).

De acordo com Incontri (2007), Kardec foi um grande cientista que se utilizou de métodos experimentais para comprovar suas teorias de continuidade da vida após a morte e da possibilidade de comunicação dos vivos com os espíritos desencarnados, que apesar de receberem diversas críticas, nunca foram refutados. A

morte para o espiritismo é vista simplesmente como uma passagem, onde o ser humano, despido do corpo, entra em contato com toda sua experiência das diversas encarnações, ou seja, dos diversos momentos em que esteve vivo fisicamente. Assim, as condições de suas encarnações determinam as condições espirituais em que se encontra após a morte.

Além disso, segundo a autora, o espiritismo critica as organizações religiosas em que imperam a hierarquia e os dogmas que são usados para o controle do comportamento. Isso determina que para o espírita não existem ritos de passagem instituídos e realizados por pessoas previamente designadas pelo nível hierárquico que ocupa, mas sim por meio de preces que visam interceder para que a passagem para o mundo espiritual seja a mais consciente e adequada possível para a pessoa que faleceu.

2.6. Expressão da dor e da religião

A Dor Total pode encontrar sua via de expressão de diversas formas, dentre elas relatos verbais, até expressões faciais, corporais e nas artes de maneira geral (literatura, música, esculturas, pinturas, no cinema, etc.)

Artistas consagrados ou não, dão sua contribuição nesse sentido. Percebe-se esse fato simplesmente ao acessar sites na internet que contenham produções artísticas como músicas, vídeos, trailers de filmes e demais produções sobre o tema. Por exemplo, em um site bastante acessado pelo público geral, o youtube, ao se procurar a palavra “dor” nos vídeos postados, tem-se uma resposta de mais de 1.300.000 vídeos que incluem homenagens às perdas amorosas e aos entes queridos, relativas à solidão, a tributos, a acidentes, a lesões noticiadas em diversas modalidades de esporte, a propagandas de centros de tratamento, ou a quaisquer outros tipos de expressão de sentimentos relativos à percepção da dor. Isso remete à questão do significativo interesse do público geral, ou seja, não especificamente acadêmico ou relacionado à área da saúde sobre esse tema. Quando são relacionadas as palavras “dor” e “religião”, encontram-se disponíveis mais de 9.500 vídeos, reforçando a ideia do interesse na temática. Finalmente aos relacionar os termos “dor de existir” e “religião”, encontram-se mais de 6.000 vídeos sobre o tema.

Nas produções literárias, existe uma infinidade de livros de diversos autores que tratam da associação entre a dor e a religião. Por exemplo, diversas formas de sofrimento, dor, relatados em diversas edições da Bíblia Sagrada, tanto no Novo, quanto no Antigo Testamento. Além disso, encontram-se diversos trabalhos que tratam dessa questão como livros desenvolvidos para orientar a leitura da bíblia, produções explicativas sobre os segmentos de diversas religiões como a católica, espírita, evangélica, etc. Outras produções ainda com relatos romancados, especialmente espíritas, narrando histórias psicografadas sobre a vida após a morte, um dos temas centrais da doutrina espírita.

Na música, os temas também são bem variados em se tratando da relação entre religião e dor. Na religião evangélica e na católica, por exemplo, existem corais formados por afiliados que durante os cultos expressam a salvação para todas as dores em seu sentido compatível com o conceito de Dor Total, por meio da religiosidade, do encontro com o sagrado e da fidelidade à crença. Observa-se cada vez mais artistas serem lançados no mercado com álbuns de conteúdo estritamente religioso. Encontram-se ainda, artistas não direta ou exclusivamente relacionados à religião, como por exemplo, Roberto Carlos, que produziu a música “Jesus Cristo”, a dupla sertaneja Duduca e Dalvan, que gravaram a música “Rastros na Areia” e também Marisa Monte com a música “Magamalabares”. Nos três últimos exemplos, as músicas falam diretamente de figuras religiosas como Deus e Jesus Cristo. Mais recentemente, já em 2013, o grupo O Rappa lançou uma música chamada “Anjo” e subtitulada “Pra quem tem fé” em que expressa a fé como forma de enfrentamento de várias situações cotidianas. Estes são apenas alguns exemplos da música popular brasileira e sua representatividade na religiosidade.

No cinema, muitos títulos consagrados pelo público e pela crítica também são encontrados. Alguns deles contam a história de guerras travadas em nome da religião, como, por exemplo, “Cruzadas” (“Kingdon of Heaven” – produção: Ridley Scott). Outros se propõem a revelar segredos e mistérios como o aclamado “Código Da Vinci”, inspirado no livro homônimo de Dan Brown (The Da Vinci Code – produção: John Calley e Brian Grazer). Na linha de revelações de mistérios existem também filmes como “Stigmata” (Stigmata – produção: Rupert Wainwright) e “Fim dos Tempos” (End of Days – produção: Peter Hyams). Outros tantos contam histórias bíblicas, em diversas versões, como histórias de diversos apóstolos descritos nos evangelhos. Mais

relacionado ao espiritismo, uma recente produção ilustra com clareza alguns temas referentes a essa doutrina: “Evocando Espíritos” (The Haunting in Connecticut – produção: Peter Cornwell). Uma produção brasileira também mostra a vida de Bezerra de Menezes, um importante espírita brasileiro (Bezerra de Menezes: o Diário de um Espírito – produção: Luciano Klein).

Na escultura se encontram obras consagradas, como a “Pietà” de Michelangelo, mostrando a dor de Nossa Senhora com o filho Jesus Cristo, morto em seus braços. Outro exemplo é o “Cristo Redentor”, no Rio de Janeiro, uma grandiosa obra desenvolvida e projetada como cartão postal do Brasil.

Na pintura existem também inúmeras produções, como o teto da Capela Cistina na Itália, feita por Michelangelo, a “Santa Ceia”, de Leonardo Da Vinci, que marca o último encontro de Jesus com todos os seus apóstolos antes de sua morte. Outro exemplo é o quadro “Ciência e Caridade” de Pablo Picasso, no qual a ciência está incorporada na figura do clínico geral e a caridade é representada pela serventia religiosa à doente, além de uma série de reproduções da mesma cena por outros artistas, e ainda com outros temas, como a crucificação de Jesus e a morte dos apóstolos.

Com relação aos relatos verbais existem produções científicas com objetivos diversificados como testagem de intervenções de muitas especialidades tanto médicas quanto não médicas. Com isso é nítido o interesse despertado por essa temática na área acadêmica.

Batista e Vasconcelos (2011) conduziram um estudo com o objetivo de avaliar a intensidade e a qualidade da dor de pacientes em tratamento na Clínica Escola de Fisioterapia de uma universidade de Minas Gerais. Foram avaliados 102 pacientes pelo Mini Exame do Estado Mental, Escala Visual Numérica, Breve Inventário de Dor, Questionário de Dor de McGill, Inventário de Depressão de Beck e a Escala abreviada de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde. A dor foi expressa por 65,5% dos pacientes, sendo descrita como: em pontada (58,8%), cansativa (57,4%) e aborrecida (42,6%), sendo que 23% dos pacientes referiram dor nos membros inferiores. Não foram observados sinais de depressão nos pacientes, apesar da interferência da dor nas atividades de vida diária. Além disso, foi relatada maior intensidade de dor por pacientes que referiram não acreditar em Deus. O estudo observou o impacto da dor nas atividades diárias, nas condições emocionais e sociais, bem como na capacidade de aproveitar a vida.

2.7. Psicofísica

De acordo com Pereira e Faleiros Sousa (2007), os métodos psicofísicos são considerados mais modernos e precisos para a mensuração e avaliação de estímulos físicos e não físicos. A questão central trabalhada nesse contexto é a resposta oferecida pelo sujeito acerca da percepção que tem de um dado estímulo.

Hastorf (1970) em seu trabalho intitulado “Percepção de pessoa” afirma que

“Devemos ver o organismo como ativo processador de estímulos que o atingem e que classifica os acontecimentos estimulantes e os liga a acontecimentos passados e presentes. Uma propriedade do organismo como processador de informação é que possui um sistema de codificação lingüística dotado de um conjunto de relações de inferência. Os estímulos recebidos dão o material bruto; o organismo com o auxílio da linguagem, dá o sentido.” (HASTORF, 1970, p.9)

O autor considera ainda os elementos que compõem o processamento da informação pelo cérebro no momento da percepção, elencando as aquisições providas da experiência, a linguagem, a motivação atual, bem como os objetivos futuros.

Goodwin (2005) define Psicofísica como o estudo da relação entre a percepção de um estímulo e as dimensões físicas do estímulo percebido. Ainda segundo o autor a psicofísica teve sua origem na pesquisa sensória de Ernest Weber e foi definida claramente por Gustav Fechner.

Ferreira (2003) enfatiza que o trabalho de Fechner foi desenvolvido basicamente com a reunião de uma doutrina, uma metodologia experimental e um conjunto de leis matemáticas, com maior destaque a lei Weber-Fechner.

O que começou como uma linha da psicologia experimental, progressivamente foi encontrando outras opções de uso científico. Segundo Faleiros Sousa e Da Silva (1996), os procedimentos desenvolvidos e popularizados pela Psicofísica Sensorial, foram adaptados para o uso na Psicofísica Social e Clínica, com variáveis métricas e não métricas. Assim, a psicofísica propõe o desenvolvimento de métodos que possam investigar a percepção sensorial, como também a percepção social ou clínica de determinados contextos, mostrando-se um recurso importante para estudos que envolvam mensurações e avaliações de variáveis métricas (que têm unidades físicas

definidas) e não métricas (sem unidades físicas). São encontrados na literatura, exemplos de construção de escalas para avaliação e/ou mensuração em muitos estudos (EVANGELISTA; FALEIROS SOUSA; HORTENSE, 2005; SANT'ANA et al., 2004; GUALTIERI, 2009).

No que diz respeito à interação da psicofísica com a avaliação de dor, Da Silva e Ribeiro-Filho (2011), pontuam que os métodos psicofísicos oferecem uma complexidade de recursos que podem atender ao que é necessário para avaliar um fenômeno multidimensional como a dor. De acordo com os autores a psicofísica entende o sistema perceptual como um instrumento de mensuração que gera resultados passíveis de sistematização e de análise.

Isso ocorre de maneira a integrar o interno e o externo, o físico e o mental, a mente e o corpo, pelo fato da psicofísica estabelecer relações entre a forma como o humano capta um determinado fenômeno, a maneira como irá perceber esse fenômeno, com base em suas reações fisiológicas, cognitivas, emocionais e motivacionais, como também que tipo de resposta poderá oferecer com base nessa interpretação (FALEIROS SOUSA e DA SILVA, 1996; DA SILVA e RIBEIRO-FILHO, 2011).

Realizou-se um estudo duplo cego, experimental randomizado no estado no Paraná - Brasil, com 60 clientes com dor lombar crônica, cujo objetivo foi avaliar e mensurar tal fenômeno, utilizando métodos psicofísicos, os quais estimam de categoria e estimam de magnitude. Os participantes foram divididos em dois grupos para receberem medicamento de bloqueio da dor, em que o grupo I recebeu metilprednisolona 80 mg + solução salina a 9% e o grupo II recebeu metilprednisolona 80 mg + levobupivacaína sem epinefrina + solução salina 0,9%. A dor foi avaliada antes do bloqueio e 30 minutos, 6, 12 e 24 horas após o mesmo. Após 30 minutos, constatou-se que o grupo II que recebeu metilprednisolona 80 mg + levobupivacaína + solução salina 0,9% obteve redução da dor mais significativa do que o grupo I que recebeu metilprednisolona 80 mg + solução salina a 9%. O limiar da dor lombar foi determinado, revelando alta variabilidade da percepção da dor nos participantes e percebeu-se que a avaliação da dor após o bloqueio foi mais efetiva, utilizando escala de estimam de magnitude, o que levou a considerar a importância do uso de métodos psicofísicos para melhor compreensão do fenômeno doloroso, bem como encorajar outros pesquisadores a usá-los (COLHADO et al., 2013).

Com objetivo de avaliar a qualidade de vida de clientes que manifestaram dor crônica isquêmica, foi realizado no Brasil um estudo descritivo com 100 participantes, que estavam em tratamento em uma instituição hospitalar no interior de São Paulo. Utilizou-se como instrumentos, uma escala de 11 pontos e o questionário World Health Organization Quality of Life-abreviado (WHO-QOL) para avaliar a dor e a qualidade de vida, respectivamente. Utilizou-se o método psicofísico de estimação de categoria. Obteve-se como resultados que a média aritmética para a dor crônica foi de $5,59 \pm 3,16$ e as médias para a qualidade de vida foram: no domínio físico, $44,75 \pm 16,98$; no global, $50,0 \pm 22,40$; no ambiental, $55,06 \pm 13,51$; no psicológico, $56,21 \pm 17,19$ e, no social, $68,33 \pm 21,84$, mostrando o maior impacto no domínio físico. Os pesquisadores consideraram que a investigação contribui para o melhor manejo da dor crônica isquêmica e da qualidade de vida (PEDROSA et al., 2011).

A vantagem do uso desse tipo de escala é a precisão que esta pode oferecer, por se tratar de um método de mensuração em nível de razão, o que significa que os atributos que são utilizados podem ser não só diferenciados (o que é obtido com escalas ordinais e nominais), mas também quantitativamente escalonados (FALEIROS SOUSA e DA SILVA, 1996).

2.8. Escalas de categorias

Pereira (2004, p.29) afirma que “Tudo na natureza é passível de mensuração, basta identificar qual “*numerus*” é indicado a essa tarefa”. O autor coloca que “*numerus*” em latim, tem um significado mais amplo do que a palavra número em português, podendo significar ritmo, música, métrica ou estratégia de medida, de descrição. Assim, com a afirmação descrita, o autor propõe a existência de variados níveis de mensuração, cada um relacionado ao que se quer mensurar.

De acordo com a Teoria Moderna da Medida de Stevens (1975), mensurar é estabelecer relações entre números e eventos, de forma que nestes possam ser percebidas as correspondências entre as propriedades dos números e as propriedades dos elementos.

No conjunto teórico proposto por Stevens encontra-se ainda a descrição dos níveis de medida que podem ser identificados em quatro níveis.

No nível nominal o objetivo da mensuração proposta é reconhecer números ou símbolos que possam diferenciar os objetos em questão. Pereira (2004) faz uma referência à obra de Ítalo Calvino que propõe uma descrição inicial do uso das escalas nominais, atribuindo seu surgimento à necessidade de organização dos fenômenos percebidos pelo ser humano, dando-lhe nomes. Assim, surgem as escalas nominais, da necessidade de nomear.

No nível ordinal, além da atribuição de nomes ou símbolos para nomear os objetos é possível também que se faça a ordenação dos mesmos. Apesar de ser possível aqui estabelecer a relação entre “mais que”, “menos que”, ou ainda “maior que”, “menor que”, não se consegue determinar o quão, quantitativamente, essa diferença representa.

No nível intervalar, algumas propriedades matemáticas são acrescentadas como a possibilidade de se determinar a distância entre os pontos adjacentes da reta. Diz respeito a uma escala mais completa, com estrutura aritmética, unidade de medida constante, mas, contudo, essa unidade de medida é arbitrária, assim como o zero da escala.

No nível de razão, as escalas permitem a realização de todas as operações matemáticas, pois apresentam um zero absoluto. Com essa característica, as escalas de razão permitem, pela sua amplitude matemática, que sejam minimizadas as perdas de informação.

Pereira (2004) pontua que além do nível de medida, é importante determinar se o objeto (ou fenômeno) é reconhecido como uni ou multidimensional para que se faça adequação do método ao que se pretende investigar. No caso de investigação de um fenômeno multidimensional como é o caso tanto da dor, como da religião, o estudo deve abranger recursos que investiguem as várias dimensões do fenômeno.

Na construção das escalas, é necessária a realização de validações dos atributos elencados. São realizadas as validações aparente e de conteúdo que, segundo Anastasi (1977), devem ser realizadas por juízes ou peritos, que verificarão a clareza dos itens, bem como acréscimos ou modificações nos atributos, com o propósito fundamental de verificar se o instrumento mede o constructo que pretende.

Segundo Pasquali (2011) validação de conteúdo tem como objetivo realizar análise com especialistas na área da dimensão ou constructo pesquisado. Tais especialistas atuam como juízes, verificando a adequação da representação que os itens oferecem.

A validação aparente acompanha a validação de conteúdo. Nessa etapa é realizada a verificação dos itens com vistas à compreensão dos mesmos pelos sujeitos. O objetivo é garantir que a forma como os itens foram construídos permitam a melhor compreensão possível destes pelos sujeitos solicitados para a realização da tarefa. Isso evita que, por falta de compreensão, o sujeito responda de maneira que não represente sua percepção do fenômeno (PASQUALI, 2011).

Para a realização deste estudo foram elencados cinco juízes que realizaram a validação aparente e de conteúdo dos itens do instrumento. Para utilização de um item houve a concordância de 50% dos juízes acerca do mesmo, seguindo o proposto por Da Silva e Ribeiro-Filho (2006).

Em um estudo conduzido na Universidade de Aveiro, Ferreira e Figueiredo (2010), trabalharam com duas escalas de avaliação para investigar a associação entre a percepção da qualidade de vida e a espiritualidade na dor crônica em pacientes com 75 anos ou mais. A amostra foi constituída de 33 pacientes de uma unidade de tratamento de dor, com idade média de 79,12 anos, sendo 54% desta do sexo feminino. Os principais resultados apresentados revelaram que, apesar da funcionalidade mantida na maioria dos casos, os domínios mais problemáticos dizem respeito à saúde mental e ao bem-estar. Além disso, foram encontradas correlações significativas entre a qualidade de vida e a dimensão espiritual com relação à esperança e ao otimismo, segundo as quais as pessoas que referiram pior qualidade de vida apresentaram índices de menor esperança no futuro. As autoras destacam a importância dos profissionais de saúde conhecerem as práticas religiosas de seus pacientes, para que o manejo da dor possa ser mais adequado, reforçando mecanismos de adaptação dos mesmos.

Dezutter et al. (2010) também conduziram um estudo com pacientes com dor crônica associando imagens de Deus (positivas e negativas) e a sensação de felicidade. Um questionário foi construído para mensurar a condição atual da dor, a interpretação da doença, a felicidade e que imagens de Deus eram consideradas positivas ou negativas. O questionário foi aplicado em 136 pacientes com dor crônica. As análises correlacionais indicaram associação significativa entre as imagens positivas de Deus, a

interpretação da doença e da felicidade. Além disso, mostraram que a escolha de imagens representando a ira de Deus desapareciam após o controle da intensidade da dor. Os autores concluíram que a experiência emocional da imagem Deus tem influência sobre a felicidade de pacientes com dor crônica, direta ou indiretamente, por meio da interpretação que tais pacientes elaboram da doença.

Em outro estudo conduzido por Elias, Giglio e Pimenta (2008) usou associação de técnicas quantitativas e qualitativas para avaliar uma intervenção terapêutica denominada Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade (RIME). A intervenção utiliza a associação entre relaxamento mental e visualização de imagens mentais com elementos relacionados à espiritualidade, no intuito de ressignificar a dor espiritual de crianças, adolescentes e adultos. O estudo foi realizado com 11 pacientes com câncer em estado terminal, de três diferentes cidades, avaliados por seis profissionais da área da saúde (uma enfermeira, três psicólogos, uma médica e uma terapeuta alternativa voluntária), treinados para aplicação da intervenção. O método quantitativo escolhido foi aplicação da Escala Visual Analógica (EVA) e o qualitativo foi composto por 21 entrevistas semiestruturadas e onze questionários estruturados. Na análise quantitativa foi observada diferença estatisticamente significativa com o uso do Teste Wilcoxon ($p < 0,0001$) com melhora no nível de bem-estar relatado pelos participantes da intervenção. Na análise qualitativa, foram encontradas 06 categorias e 11 subcategorias de análise, incluindo medo da morte, apego ao mundo concreto e material, dúvidas sobre o amor divino, entre outras. Os autores observaram que a intervenção favoreceu a ressignificação da dor espiritual de forma individualizada, levando em conta a manifestação de cada participante. Sugerem a continuidade de estudos na área, pois foi possível perceber que apesar da amostra ser pequena, os resultados encontrados foram significativos.

Com base nos estudos citados percebe-se as possibilidades de aplicação das escalas na mensuração de atributos referentes à dor do existir e os conteúdos religiosos. Percebe-se, ainda, as possibilidades de associação de métodos de investigação nessa temática.

2.9. Paradigma da Análise de conteúdo, proposto por Bardin (1979).

O método de análise de conteúdo foi proposto por Bardin (1979), sendo definido pela autora como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, a obtenção de indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de recepção/produção das mensagens” (p.42)

Campos (2004) fez uma reflexão histórica sobre o tema, identificando o surgimento e desenvolvimento da técnica. Refere que as primeiras experiências puderam ser encontradas especialmente nas análises de textos bíblicos, na tentativa de maior entendimento das parábolas e metáforas características destes textos. Contudo, foi apenas no século XX que uma sistematização mais eficaz foi associada à técnica, como uma importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos. A partir disso, foi se desenvolvendo a ponto de estar de acordo com o rigor necessário para ser aplicada em pesquisas científicas, sendo hoje um método muito utilizado na análise de dados qualitativos.

Desta forma, Campos (2004) pontua que devido ao fato da análise de conteúdo constituir-se num método de análise das comunicações, adentra-se aí num campo relacionado à semântica para a construção da técnica. Pode-se dizer que o método de análise de conteúdo é balizado por duas fronteiras, a da linguística tradicional e do território da interpretação do sentido das palavras (hermenêutica), cujos intermediários são os métodos lógicos estéticos e formais, os métodos lógicos semânticos, os métodos semânticos e semânticos estruturais.

Quando voltado para o domínio da linguística tradicional, a análise de conteúdo abrange os métodos lógicos estéticos, onde se busca os aspectos formais típicos do autor ou texto. Nesse campo, o estudo dos efeitos do sentido, da retórica, estilo formal, da língua e da palavra, invariavelmente evolui, na linguística moderna, para a “análise de discurso”. Já sob a fronteira da hermenêutica, os métodos são puramente semânticos, subdividindo-se em métodos psicológico-semânticos, que pesquisam as conotações que formam o campo semântico de uma imagem ou de um enunciado, e em métodos semânticos estruturais, que se aplicam a universos psico-semânticos ou sóciosemânticos mais ampliados. No centro, está localizado o grupo de métodos lógico-semânticos, porque se o alcance da análise de conteúdo é de um classificador, então, a classificação é lógica, segue parâmetros mais ou menos definidos e o analista se vale de definições, que são problemas da lógica (CAMPOS, 2004).

Campos e Turato (2009) descrevem as etapas necessárias do desenvolvimento desse tipo de análise, iniciando-se pela leitura flutuante, posteriormente a identificação do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, as inferências associadas ao conteúdo, a categorização por relevância, e a análise em si.

Na fase da leitura flutuante, o objetivo é realizar uma primeira leitura de todo o material que foi coletado. No caso de análise de relatos verbais, todo conteúdo deve ser transcrito, o que normalmente gera muitas páginas de cada sujeito a quem foi solicitada uma determinada tarefa. Por isso há a necessidade um primeiro contato com o material, no qual é possível conhecê-lo, embora ainda sem muita profundidade.

Na identificação do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, objetiva-se uma leitura mais atenta, evidenciando-se os aspectos centrais dos relatos. Aqui já é possível observar conteúdos que são claramente verbalizados (conteúdo manifesto), como também construções de significados particulares de cada sujeito, o que se consegue identificar pelo conjunto do relato (conteúdo latente).

As inferências sobre o conteúdo são construídas a partir da observação dos conteúdos manifestos e latentes, no intuito de aproximar a fala do sujeito ao seu próprio ponto de vista sobre um determinado fenômeno e não da cosmovisão do pesquisador. Para isso, leva-se em conta o paradigma acadêmico da análise, e o contexto histórico e social do sujeito.

Posteriormente a essa fase, é realizada a categorização do conteúdo, com base na relevância do mesmo, bem como sua organização, de maneira que estes podem ser apresentados de maneira didático-científica, evitando, nas palavras dos autores, a comunicação de uma “massa caótica”. As categorias são vistas como enunciados, que organizam as demais comunicações realizadas (CAMPOS E TURATO, 2009).

A partir dessa organização por categorias, segue-se à análise do conteúdo que pode seguir diversas linhas, que busca a relação do material com as produções científicas vigentes. Ocorre aqui também a validação externa, feita por meio da leitura da organização e da discussão realizada por juízes e/ou pelo orientador do estudo, existindo diversas possibilidades de construções teóricas, sendo importante o cuidado com a identificação e a remoção de possíveis vieses no estudo.

Uma das possibilidades de construção teórica da análise de conteúdo é a modalidade denominada análise de conteúdo temática, que segundo Minayo (2008) consiste na construção de categorias de acordo com a temática que essas representam.

Segundo a autora, é uma utilização que permite a construção das categorias tanto com a análise de cada uma em si, bem como de que maneira essas categorias se relacionam. Operacionalmente, a análise temática consiste de três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação. Na pré-análise realiza-se a leitura do material coletado determinando-se as unidades de registro (palavra chave ou frase), a unidade de contexto, os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientaram a análise. Na fase de Exploração do Material ocorre a operação de codificação.

No primeiro momento trabalha-se com recortes do texto em unidades de registro, no caso, palavras, frases, um tema, entre outros; após realiza-se a agregação dos dados, indicando categorias teóricas que comandam a especificação dos temas. Já na fase de Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação, trabalha-se com os significados em uma perspectiva de interpretar os temas como unidades de falas dos sujeitos. A partir disto, analisam-se os dados, propondo-se inferências e realizando-se interpretações com base nos materiais teóricos utilizados na literatura (MINAYO, 2008).

De acordo com Gomes (2010), a inferência é parte importante do processo de interpretação, pois requer um conhecimento prévio sobre o contexto de onde o material foi obtido e também da literatura referente a ele. É com base nesse quesito, que torna-se possível realizar a interpretação adequada dos dados e as sínteses referentes a eles.

Um exemplo de estudo em que se utilizou a análise de conteúdo temática relacionada à compreensão da relação entre dor e religião foi conduzido por Fornazari e Ferreira (2010), que entrevistaram 10 pacientes entre 25 e 55 anos em tratamento de câncer em uma instituição especializada. As entrevistas continham perguntas visando investigar o enfrentamento das pacientes com uso de recursos religiosos/espirituais. Todas as participantes referiram utilizar esses recursos para enfrentar o processo de adoecimento e tratamento da doença. Dentre os resultados, 80% das participantes relataram a busca de significados e 70% relataram a busca por suporte emocional na vivência da religiosidade. As autoras apontam para a necessidade de uma abordagem total do ser humano, incluindo a religiosidade/espiritualidade como participante dessa abordagem.

Isso evidencia a possibilidade de compreensão das maneiras que o ser humano encontra para manejar a própria dor diante de uma grande diversidade de eventos.

Em outro estudo de Salgado et al. (2011) a abordagem foi realizada com famílias que têm crianças com cardiopatias congênitas, e o enfrentamento diante dessa situação. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os pais de seis crianças hospitalizadas para cirurgia e 100 horas de observação. O método utilizado foi a análise de conteúdo temática, em decorrência do qual foram identificadas quatro categorias de análise: sentimentos e emoções frente ao adoecimento do filho; a doença do coração sob o olhar materno; mãe e filho na dinâmica da unidade de terapia intensiva e recursos de enfrentamento. Nessas categorias puderam ser identificados recursos relacionados à religião para manutenção de comportamentos adaptativos. O medo da morte e a culpa pela impotência diante desse fato surgiram como características evidenciadas nos relatos.

Nesse caso, não se trata especificamente da possibilidade da própria morte, mas da morte de um filho, deixando claro que o temor pela vida do outro também pode ser de extrema importância para o ser humano, especialmente quando se trata de um descendente.

Rocha, Guimarães e Cunha (2012) conduziram um estudo referente a um grupo de afiliados da Igreja Assembleia de Deus e o processo de recuperação do uso de drogas. Participaram dez sujeitos do sexo masculino de uma favela do Rio de Janeiro, que frequentavam a referida instituição religiosa e que tivessem histórico de uso de drogas lícitas: álcool e tabaco, como também ilícitas: cocaína, maconha e crack. Os resultados da análise de conteúdo mostram interesses motivacionais durante o processo de recuperação tanto da igreja em relação ao afiliado, como também deste em relação à igreja, o que indica os aspectos totalizantes de individualizantes que ocorreram durante a recuperação dos envolvidos e superação do vício dessas substâncias.

Observa-se um caso de análise de um grupo específico de participantes segundo a denominação religiosa e mais uma vez a contribuição da técnica de análise de conteúdo na compreensão dos fenômenos.

A relação do ser com a morte ou a possibilidade desta, ou seja, a dor do existir foi avaliada e mensurada em diversos estudos. A proximidade com a morte devido ao adoecimento, próprio ou de outro significativo, pode se tornar uma experiência em que se evidencia a busca pelos recursos religiosos, de diversas formas. Mas, considerando-se, como já abordado, a inevitabilidade da morte, independente de um processo de

adoecimento, surge a questão sobre a forma como o ser humano lida com essa certeza, ou como constrói significados acerca disso na sua vivência cotidiana.

3. Objetivos

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral:

Elaborar Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR)

3.2. Objetivos Específicos:

- Validar a escala nas suas formas aparente e de conteúdo.
- Coletar dados por meio de entrevista semiestruturada com base nas temáticas levantadas na literatura para ampliar a compreensão do fenômeno.
- Aplicar a escala para líderes e afiliados às três religiões.

4. Métodos e Sujeitos

4. MÉTODOS E SUJEITOS:

4.1. Participantes

As validações aparente e de conteúdo foram realizadas por cinco peritos (juízes) na área, sendo eles, um médico neurologista com experiência clínica e acadêmica no estudo da dor; três teólogos, os quais têm formação em filosofia e psicologia; uma psicóloga clínica, especialista em tanatologia, pós-graduada na linha de pesquisa intitulada terapia de luto.

Para a aplicação do Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR) foram convidados 240 sujeitos, sendo igualmente divididos em número nas três religiões definidas: 80 católicos (40 líderes e 40 afiliados), 80 evangélicos (40 líderes e 40 afiliados) e 80 espíritas (40 líderes e 40 afiliados).

4.2. Materiais

Papel, caneta e computador.

4.3. Aspectos Éticos

Em conformidade com a Resolução 196/96 para pesquisa com seres humanos, este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, sob o parecer número 236.138 (Anexo I). Utilizou-se Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I) na realização do estudo.

4.4. Procedimento

4.4.1. Elaboração do Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR)

4.4.1.1. Identificação dos atributos

Realizou-se o levantamento na literatura internacional e nacional de escalas que visem acessar conteúdos religiosos (atributos) e adicionaram-se atributos fundamentados na nossa experiência. Na sua forma inicial, foi composta por 781 atributos, sendo 616 originários da língua inglesa e 165 da língua portuguesa (Apêndice II).

4.4.1.2. Tradução e retrotradução

A tradução dos 616 atributos originários da língua inglesa foi realizada por um nativo da língua inglesa, de nacionalidade australiana. Após a realização da tradução, foi realizada a retrotradução por um brasileiro, que morou por aproximadamente dois anos na Inglaterra e realiza negociações bilíngues (português-inglês). Após estes dois procedimentos realizou-se a verificação de cada item da escala com uma terceira pessoa, que é brasileiro, poliglota e mora fora do Brasil há cinco anos. A verificação foi realizada no intuito de checar a congruência dos termos traduzidos com os retrotraduzidos.

4.4.1.3. Validação Aparente e de Conteúdo

O contato foi realizado por telefone com os cinco juízes e posteriormente agendado um encontro para realização das validações. O instrumento foi encaminhado por e-mail anterior à realização do encontro para que os juízes pudessem ter um contato prévio com os itens do instrumento. Tal procedimento foi realizado devido ao grande volume de itens do instrumento, visando facilitar o conhecimento do mesmo por parte

dos juízes. Além disso, nos cinco encontros foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III), no qual eram explanados os objetivos do estudo, bem como a tarefa a ser realizada pelos peritos. Após a assinatura do termo, realizou-se a determinação dos critérios de exclusão e/ou inclusão de itens do instrumento para cada juiz. Os critérios foram determinados de acordo com a área de atuação de cada perito, pensando-se nos objetivos propostos pelo estudo e respeitando-se a individualidade de opiniões acerca do tema.

4.4.2. Teste Piloto

Foi realizado com o propósito de verificar a compreensão do instrumento por cinco sujeitos de cada amostra de líderes e de afiliados.

4.4.3. Aplicação do instrumento

4.4.3.1. Locais

Realizou-se a identificação dos locais em que foi realizado o estudo no site Ribeirão Preto on line, onde consta a lista dos locais nos quais são realizados encontros religiosos, de acordo com as especificidades de cada religião: igrejas, templos e centros espíritas (Apêndice IV).

4.4.3.2. Procedimento

Os contatos foram realizados tanto por telefone, quanto pessoalmente e a aplicação dos instrumentos foi previamente agendada. Todos os participantes eram ingênuos quanto aos instrumentos de coleta de dados utilizados.

Anteriormente à aplicação do instrumento, foi apresentado para cada participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi lido e assinado pelo

mesmo. Após esse procedimento, realizou-se a entrevista semiestruturada para coleta de dados sociodemográficos e percepções gerais acerca das específicas religiões das quais são líderes ou afiliados, com base nas temáticas levantadas na literatura com o propósito de ampliar a compreensão do fenômeno (Apêndice V). As entrevistas foram transcritas no momento da tarefa. Em seguida, aplicou-se o instrumento elaborado com base nas escalas identificadas na literatura e na nossa experiência. As tarefas executadas pelos sujeitos encontram-se descritas na instrução do instrumento, para leitura antes de sua execução (Apêndice VI).

5. Resultados e Discussão

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Elaboração do Instrumento de Avaliação de Conteúdos Religiosos (IACOR)

5.1.1. Identificação dos atributos

Os atributos encontrados nas escalas validadas e disponíveis na literatura foram relacionados numa lista única, a qual foi posteriormente utilizada para a realização da validação aparente e de conteúdo, constituindo a determinação dos itens que compuseram a escala que resultou no instrumento de coleta de dados. A lista com os nomes destas escalas está no Apêndice VII.

5.1.2. Tradução e retrotradução

Os resultados mostraram-se congruentes, não tendo sido encontradas alterações que modificassem o significado dos itens que compõem o instrumento.

5.1.3. Validação aparente e de conteúdo

Para o primeiro juiz, médico neurologista, os critérios foram: devido ao tamanho do instrumento, os itens muito parecidos ou de descrição muito próxima foram excluídos, mantendo-se os que se encontraram redigidos de maneira mais clara; foram excluídos os itens em que não era possível oferecer uma resposta que possa ser julgada numa escala de 0 (zero) a 10 (dez); foram retirados os itens que não se relacionavam com os objetivos propostos pelo estudo; por último foram retirados os itens que não abarcavam uma representação da dor, pensando-se o conceito de dor total, relacionada com a religião.

O segundo juiz, um dos teólogos, elencou como critérios: itens que pudessem ser de difícil compreensão para os participantes e que poderiam assim causar um viés no estudo; itens descritos de maneira muito similar, causando uma repetição desnecessária no julgamento dos sujeitos; itens que dificultariam um julgamento numa escala de 0 (zero) a 10 (dez); por fim, foram retirados do estudo itens que não atendiam aos objetivos propostos.

Para o terceiro juiz, o segundo teólogo participante deste procedimento, os critérios determinados para exclusão de itens foram: os que avaliam as mesmas características, no intuito evitar a redundância do instrumento; os que não se apresentavam concernentes com os objetivos do estudo; itens em que haveria dificuldade de oferecer um julgamento em escala de 0 (zero) a 10 (dez) e os itens em que não houvesse associação entre o conceito de dor total e a religião.

Para o quarto juiz, terceiro teólogo participante do procedimento, os critérios para exclusão de itens foram: os parecidos que não viabilizavam praticidade ao instrumento, o que pode propiciar a banalização das respostas por exaustão; os que estavam relacionados a uma denominação religiosa específica; os que apresentavam alto grau de complexidade dificultando a compreensão e o julgamento dos participantes por meio da escala de 0 (zero) a 10 (dez); finalizando, foi sugerido que os itens fossem colocados no mesmo padrão: todos em formato de afirmação ou todos em formato de perguntas favorecendo a padronização do instrumento.

O quinto e último perito, psicóloga com formação em tanatologia, elencou como critérios de exclusão: itens em que havia uma diversidade de aspectos relacionados à religião, como por exemplo, práticas religiosas, expressões de fé, rituais, etc., que não estavam diretamente relacionadas ao conceito de dor total (mais especificamente a questão da morte); itens muito parecidos, que alongariam o instrumento sem apresentar utilidade; itens que não estivessem relacionados com os objetivos do estudo. A participante fez sugestão de dois novos itens que julgou ser de questionamento importante e que não constavam no instrumento. Fez ainda, sugestões de alteração na escrita de alguns itens, para melhorar a compreensão acerca dos mesmos.

Posteriormente a realização desta etapa da validação aparente e de conteúdo em que cada perito determinou seus critérios para a exclusão e julgou cada um dos itens do instrumento, foi realizada uma tabulação dos mesmos no sentido de facilitar a visualização dos itens que foram excluídos por cada perito. De posse de todos os

critérios, com os respectivos julgamentos de cada perito, seguiu-se ao veredito final de cada item, considerando-se o que já fora realizado.

Dos 781 itens que compunham o instrumento na sua forma inicial, ficaram ao final do procedimento de validação aparente e de conteúdo 74 itens, sendo originalmente de número: 3, 4, 14, 19, 21, 28, 29, 32, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 122, 135, 136, 140, 145, 149, 161, 164, 172, 191, 211, 297, 301, 303, 304, 309, 310, 321, 340, 344, 361, 371, 383, 387, 390, 401, 404, 419, 453, 464, 467, 469, 481, 490, 495, 497, 499, 535, 537, 575, 586, 605, 615, 619, 621, 624, 628, 634, 642, 651, 670, 672, 675, 707, 725, 728, 741, 766, 774, 777, adicionados a dois itens sugeridos pela quinta juíza e a outros dois elaborados durante o processo de validação aparente e de conteúdo.

Os itens sugeridos pela quinta perita foram: “Não consigo compreender o propósito da morte” e “Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa”; os incluídos no processo de finalização da validação aparente e de conteúdo foram: “Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida” e “Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer”.

Alguns itens sofreram alterações com o objetivo de melhorar a redação dos mesmos ou então de adaptarem-se melhor a temática proposta pelo estudo.

No item 122, o original era: “Questionei se até Deus tem limites”, passando a ser “Diante da dor de uma perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus”.

No item 135, o “Diante da dor de uma perda significativa” foi acrescentada ao início do restante “Temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle”, sendo que a palavra “temia” substituiu a palavra “sabia” no item.

No item 136, foi acrescentado “Diante da dor de uma perda significativa”.

No item 303, “Minha doença me incentiva a me conhecer melhor”, passou a ser “Quando se adoecer, é um incentivo a se conhecer melhor”.

No 371, em “Eu não sei como resolver meus problemas” foi acrescentado ao final “e entendo a morte como um desses problemas”.

No item 383, o termo “os problemas” foi substituído por “a perda ou a morte”, tendo resultado no item “Quando eu preciso de sugestões de como lidar com a perda ou a morte, recorro a alguém de minha comunidade religiosa ou espiritual com a qual posso contar”.

No item 387, o início “Quando me sinto só” foi substituído por “Diante da dor”, tendo o formato final “Diante da dor, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio.”

Nos item 401 e 404, o termo “através”, foi alterado por “em” e “por meio de”, respectivamente.

No item 453, foi acrescentado o termo “orando” e subtraído o termo “ou para meu amor”, tendo como resultado em “Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim”.

No 469, o termo “doença ou a do meu amor” foi substituído pelo termo “perda”, originando o item “Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda”.

A palavra “costumo” foi acrescentada no início dos itens 481, 490 e 495. Houve ainda o acréscimo de “e na possibilidade de” no item 481, resultando “Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte”; e no item 490, “com relação à morte e o morrer, tendo como resultado “Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação à morte e o morrer.

No item 497, foi acrescentado ao final “decorrentes de uma perda”, originando o item “Encontrar significado em doenças e/ou sofrimentos decorrentes de uma perda”.

No item 707, o trecho “eu me vejo mais tolerante com a crença dos outros” foi substituído, originando “Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se.”

No item 725, foram acrescentados: “provocadas” e “em decorrência das perdas”, resultando em “Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas”.

No item 741, o trecho “na vida diária”, foi substituído por “frente à realidade de uma perda”.

No 766, foi acrescentado o termo “e significado” complementando tal item: “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado.”

No 777, o trecho “pessoalmente as fases de sua vida?” foi substituído por “diferentes momentos de sua vida”.

5.2. Teste Piloto

Não houve modificações sugeridas e os participantes foram incluídos na amostra.

5.3. Aplicação do instrumento

5.4. Caracterização da amostra

Os 240 participantes do estudo foram divididos em seis grupos de análise de acordo com a denominação religiosa (católicos, evangélicos e espíritas) e quanto ao tipo de vínculo (líderes e afiliados). Assim, os grupos dos 240 participantes foram distribuídos da seguinte forma: 40 católicos-afiliados (CAT-AF), 40 católicos-líderes (CAT-LD), 40 evangélicos-afiliados (EV-AF), 40 evangélicos-líderes (EV-LD), 40 espíritas-afiliados (ES-AF) e 40 espíritas-líderes (ES-LD). As idades médias das amostras foram calculadas, assim como os percentuais com relação ao sexo, à profissão, à mudança ou não de denominação religiosa e à escolaridade.

A Tabela 2 mostra os dados referentes aos grupos investigados, tanto afiliados quanto líderes, com suas respectivas frequências.

Tabela 2 – Dados sociodemográficos referentes aos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD com respectivas frequências.

		CATÓLICOS		EVANGÉLICOS		ESPÍRITAS	
		CAT-AF	CAT-LD	EV-AF	EV-LD	ES-AF	ES-LD
IDADE	MÉDIA (ANOS)	37,64	50,30	32,50	49,15	43,05	61,40
SEXO	FEMININO	80%	42,50%	80%	45%	82,50%	52,50%
	MASCULINO	20%	57,50%	20%	55%	17,50%	47,50%
PROFISSÃO	ESTUDANTES	7,50%	-	37,50%	-	7,50%	2,50%
	PROFISSIONAIS	87,50%	100%	52,50%	100%	80%	40%
	DO LAR	2,50%	-	7,5%	-	10%	15%
	APOSENTADOS	2,50%	-	2,5%	-	2,50%	42,50%
RELIGIÃO ANTERIOR	CATÓLICA	-	-	40%	47,50%	65%	67,50%
	EVANGÉLICA	2,50%	2,50%	-	-	-	5%
	ESPÍRITA	2,50%	-	2,50%	2,5%	-	-
	BUDISTA	-	-	2,50%	-	-	-
	MAIS DE UMA	-	-	7,50%	5%	12,50%	7,50%
	NENHUMA	95%	97,50%	47,50%	45%	22,50%	20%
ESCOLARIDADE	PÓS-GRADUAÇÃO	2,5%	12,50%	7,50%	7,50%	10%	5%
	SUPERIOR COMPLETO	45%	70%	22,50%	45%	35%	40%
	SUPERIOR INCOMPLETO	10%	-	45%	7,50%	12,50%	5%
	2 GRAU COMPLETO	30%	15%	25%	30%	37,50%	37,50%
	2 GRAU INCOMPLETO	5%	-	-	-	-	-
	1 GRAU COMPLETO	2,50%	-	-	10%	-	-
	1 GRAU INCOMPLETO	5%	2,50%	-	-	5%	12,50%

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os dados mostram que a média de idade do grupo CAT-LD (50,30) é mais alta do que do grupo CAT-AF (37,64), assim como a prevalência do número de participantes do sexo masculino no grupo CAT-LD (57,50%) e do sexo feminino no grupo CAT-AF (80%). A maioria dos participantes do grupo CAT-AF (87,50%) é composta de profissionais, ou seja, de pessoas economicamente ativas, sendo que dentre as categorias profissionais relatadas encontram-se comerciante, publicitário, auxiliar de cozinha, secretário, esteticista, etc. A profissão mais referida foi professor, compreendendo 20% dos participantes. No grupo CAT-LD, 100% são atuantes, sendo 21 padres (52,50%), 17 consagradas/freiras (42,50%), 01 consagrado (2,50%) e 01 diácono (2,50%). A maioria dos participantes do grupo CAT-AF relatou que não teve outra religião anterior à católica (95%) e um líder dessa religião relatou experiências em outras crenças. Nos dois grupos o grau de escolaridade prevalente é o superior completo, sendo 45% dos participantes do grupo CAT-AF e 70% do grupo CAT-LD.

Os dados oficiais do Censo do IBGE (2010) caracterizam a amostra de católicos no Brasil perfazendo um total de 64,4% da população, com grau de escolaridade prevalente no ensino fundamental incompleto (39,8%), seguido pelo ensino médio completo ou superior incompleto. Neste estudo, no entanto, foi encontrado um alto índice de participantes no grau superior completo especialmente no grupo CAT-LD. Tal fato pode se relacionar com a exigência de estudo atrelada a figura do líder do sexo masculino dessa religião. Dados do Censo também revelam que a proporção entre católicos está mais concentrada na faixa etária de 40 anos ou mais, chegando a 75,2% no grupo de pessoas com 80 anos ou mais. Com relação à renda per capita de pessoas com mais de 10 anos, 55,8% da população católica recebe até 01 salário mínimo por mês. Esse questionamento não foi proposto pelo estudo, tendo sido questionado apenas sobre a profissão dos participantes, no intuito de identificar o número de participantes economicamente ativos.

Nos grupos de evangélicos, a idade média também é maior entre os líderes (49,15) do que entre afiliados (32,50). A prevalência de participantes do sexo feminino é maior no grupo EV-AF (80%) e masculino no grupo EV-LD (55%). No que se refere à profissão, 52,50% dos participantes do grupo EV-AF são economicamente ativos e dentre as categorias profissionais relatadas estão enfermeiro, cabeleireiro, policial, administrador, etc. A profissão mais relatada foi a de professor, com 25% dos participantes. No grupo EV-LD, 100% são profissionais, sendo que além de pastores (72,50%), 01 participante relatou ser bispo (2,50%) e 10 coordenadores de ministério

(25%). Dos participantes que relataram ter praticado outra religião anterior à evangélica, 40% do grupo EV-AF e 47,50% do grupo EV-LD relataram que foram da religião católica. No grupo EV-AF 45% referiram ter grau de escolaridade superior incompleto e outros 22,50% superior completo. No grupo EV-LD 45% dos participantes referiram ter finalizado o ensino superior.

Os dados fornecidos pelo IBGE (2010) caracterizam a amostra de evangélicos num total de 22,2% da população, com grau de escolaridade prevalente no ensino fundamental incompleto (39,2%), seguido também pelo ensino médio completo ou superior incompleto, assim como no grupo dos católicos. No grupo avaliado pelo estudo foi encontrado índice mais alto de participantes no grau superior completo do que demonstrado pelo Censo de 2010, sendo que o grupo que se encontra no grau de escolaridade superior incompleto é o maior da amostra (45%). Dados do Censo também revelam que os grupos etários com maior número de participantes foram de crianças e adolescentes entre os evangélicos, representando 25,8% e 25,4% da amostra, respectivamente. Neste estudo, devido ao foco, crianças e adolescentes não foram avaliados, tendo a amostra se concentrado especificamente acima de 18 anos. Com relação à renda per capita, num grupo específico de evangélicos, os pentecostais, se destacaram como o maior a receber até 01 salário mínimo, sendo 63,7%.

A média de idade do grupo ES-LD é superior a do grupo ES-AF (61,40 e 43,05 respectivamente). No grupo ES-AF, 82,50% dos participantes são do sexo feminino, sendo que no grupo ES-LD a amostra é de 52,50% do feminino e 47,50% do masculino. Quanto às categorias profissionais, 80% do grupo ES-AF referiram ser, entre outros, publicitário, enfermeiro, esteticista, sendo que 26,09% são funcionários públicos. No grupo ES-LD, 40% referiram ser de categorias profissionais, como cabeleireiro, comerciante, gerente de operações, entre outros. Quando questionados quanto à afiliação em outras religiões antes da atual, 65% do grupo ES-AF e 67,50% do grupo ES-LD responderam ter participado da religião católica. O grau de escolaridade mais prevalente foi segundo grau completo no grupo ES-AF (37,50%) e superior completo no grupo ES-LD (40%).

Para a amostra de espíritas, os dados do Censo do IBGE (2010) demonstram que no Brasil estes somam 2% da população, com grau de escolaridade prevalente no ensino superior completo (31,5%) e menor percentual de indivíduos sem instrução (1,8%). Neste estudo, este índice foi compatível para participantes do grupo ES-LD, no qual 40% da amostra completaram o ensino superior. Segundo o Censo (2010) a proporção

maior de espíritas se concentrou na faixa etária de 50 a 59 anos (31%). A renda per capita por pessoas com mais de 10 anos entre os espíritas, o que mais se destacou foi o grupo acima de 05 salários mínimos, que representam 19,7% da população espírita. Isso pode estar relacionado ao fato dessa população ter os maiores níveis de escolaridade.

5.3. Resultados obtidos nas entrevistas

As entrevistas foram transcritas para a realização da análise e foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática, visando a organização do material de forma que este possa ser sistematizado em categorias de análise, facilitando a compreensão do fenômeno. A técnica foi escolhida pelo fato de permitir a organização de categorias, bem como o estabelecimento de relações entre elas, o que condiz com a complexidade do fenômeno estudado, especialmente no que diz respeito à população brasileira, devido a sua pluriconfessionalidade.

As categorias de análise foram desenvolvidas de acordo com as questões propostas na entrevista e as subcategorias estruturadas em cada questão respeitaram a individualidade dos grupos, devido às diferentes visões e compreensões que apresentam cada forma de viver a religiosidade e a relação desta com a dor do existir diante da situação de morte. As elencadas foram:

1) *Tempo de afiliação*: investigou-se o tempo de afiliação na religião atual. Foi realizado o cálculo da média em anos de prática na religião atual para cada grupo.

2) *Início da prática religiosa e mudanças de afiliação*: a categoria trata da forma como se deu o início das práticas religiosas, investigando-se como e quando, de acordo com os relatos dos participantes, começaram as buscas espontâneas dessas práticas. Quando se tratava de participantes que referiam mudanças de afiliação religiosa, foram analisadas também as motivações para esse ocorrido.

3) *Responsabilidade pelos atos e relação com a morte*: aqui foram analisadas quais formas de responsabilização que cada participante identifica na própria conduta e se para os mesmos há uma relação de tal responsabilidade com a ideia de morte e de religiosidade.

4) *Descrição de Deus*: nesta categoria foram destacados os atributos utilizados pelos participantes para a descrição da imagem de Deus, formas de descrevê-lo, ideias personificadas e outras maneiras encontradas para defini-lo.

5) *Consciência da existência de experiências profundas*: determinou-se na categoria a forma como os participantes descrevem as percepções que têm de como a sociedade de maneira geral lida com experiências momentaneamente inexplicáveis e que significados são atribuídos à tais experiências.

6) *Possibilidade de recompensa*: a categoria foi desenvolvida no intuito de verificar como os participantes descrevem a relação entre as situações experienciadas e a possibilidade de reflexos que isso pode representar no pós-morte, levando-se em conta que as três religiões pontuam a crença da existência de um estado consciente no pós-morte.

7) *Aumento da fé na proximidade com a morte*: nessa categoria são descritas as percepções e as influências acerca da fé, na medida em que o ser humano se aproxima da morte.

8) *Religião como tentativa de explicar as limitações humanas*: nessa categoria foram elencadas tanto a visão dos participantes quanto as limitações humanas, como também de que maneira a religião se relaciona com essa questão. Foram observadas ainda outras funções atribuídas à religião pelos participantes.

9) *Relação entre religião e ciência*: aqui foi destacado como os participantes percebem as relações entre religião e ciência, com seus pontos de divergência e situações de contribuição mútua.

10) *A religião do passado e do presente em relação à ciência*: foram abordados temas referentes à evolução da religião e suas relações com o desenvolvimento da teologia, enquanto representação da ciência.

5.5.1 Entrevistas dos grupos católicos (CAT-AF n=40 e CAT-LD n=40)

1) *Tempo de afiliação*:

Com relação ao tempo de afiliação religiosa, o grupo CAT-AF apresentou uma variação de 03 a 65 anos, com média de 32,17 anos de participação em atividades

relacionadas à igreja católica. Já para o grupo CAT-LD, esse período varia de 20 a 92 anos, com média de 47,33 anos de participação na religião católica.

2) Início da prática religiosa e mudanças de afiliação:

No grupo CAT-AF, apenas 02 participantes (5%) relataram mudança de afiliação religiosa e 01 membro do grupo CAT-LD relatou o mesmo (2,50%). Com exceção desses 03 participantes, todos os outros relataram início da prática na infância, estimulada e acompanhada pela família. Tal dado reflete a apuração do Censo realizado pelo IBGE em 2010, que revelou aumento significativo do número de adeptos das religiões evangélica e espírita, tendo a religião católica diminuído este número. Assim, compreende-se o fato de não haver uma quantidade mais expressiva de pessoas que migraram de outras religiões para a religião católica na amostra estudada.

Quando questionados sobre o início da prática religiosa, os participantes atribuíram períodos variados com relação à busca espontânea das práticas religiosas. No grupo CAT-AF, 12 participantes (30%) referiram esse início ainda na infância. Outros 09 participantes (22,5%) atribuíram o início à adolescência e 04 (10%) referiram a vida adulta como o início dessa busca. Os 15 participantes restantes (37,5%), referiram um processo natural, no qual não houve uma determinação de início da busca espontânea.

“Comecei desde criança a ir por vontade própria, no grupo de coroinhas, por volta dos 08 anos.” (CAT-AF20)

“Comecei a ir por vontade própria na adolescência. Quando eu fiz crisma, também era clarissa e já ia por vontade própria e nunca mudei de religião.” (CAT-AF18)

“Eu comecei a sentir falta de algo espiritual na minha vida. Aí aos 22 anos comecei a frequentar. Não tive nenhuma religião antes e desde que comecei, não penso em mudar.” (CAT-AF36)

No grupo CAT-LD, 17 participantes (42,5%) referiram busca espontânea na infância; outros 15 participantes (37,5%) atribuíram essa busca ao período da adolescência, 01 (2,5%) relatou o início na idade adulta e outros 07 (17,5%) referiram não identificar especificamente um período de busca espontânea, sentindo o processo de maneira fluida.

“Quando estava na 5ª série eu já queria ir pro seminário menor, que na época tinha, mas fui aconselhado pelas irmãs a ir quando estava mais velho.” (CAT-LD10)

Com meus 12 pra 13 anos participava de grupos de jovens. Com 16 eu já era catequista e participava de encontros vocacionais para discernimento. Em uma das noites que pegava a bíblia para ler no ponto ápice do discernimento vocacional, eu pedi pra que Deus me iluminasse pra eu saber se era isso mesmo que eu queria para minha vida e encontrei um panfleto dentro da bíblia escrito “vem e segue-me”. A partir disso não tive dúvida do chamado

de Deus na minha vida. Aí decidi fazer uma experiência, vindo pra cá com 17 anos. (CAT-LD18)

“É difícil saber como começou espontaneamente, porque foi tudo tão natural que fluía, veio junto com a consciência, com o querer.” (CAT-LD35)

Percebe-se que, para os grupos de católicos, independente da faixa etária em que percebem o início da prática espontânea, esta se encontra atrelada à participação em grupos ligados aos ritos católicos como os dos coroinhas, dos catequistas, dos grupos de jovens, etc.

De acordo com Couto (2008) é importante para o pesquisador compreender o significado da prática dos ritos de devoção, pois estes expressam uma maneira do praticante da religião reatualizar o tempo mítico e ao participar destes eventos, há a possibilidade para o fiel de reviver o tempo original dos acontecimentos que caracterizam sua denominação religiosa. A autora afirma ainda, que para o cristianismo, a ritualização é desenvolvida de acordo, principalmente, com os acontecimentos que permearam a vida de Jesus Cristo.

Assim, entende-se que é imprescindível reconhecer a importância do desenvolvimento dos ritos para os praticantes da religião, tanto no que diz respeito às práticas que estão ligadas aos líderes, como também aos afiliados, para melhor compreensão dos significados advindos desse universo.

Os 02 participantes do grupo CAT-AF que referiram mudança de afiliação religiosa, atribuíram esse processo às dificuldades pessoais em um caso e à religiosidade do parceiro em outro caso.

“Eu tive uma crise depressiva e não queria mais praticar nada. Aí depois de duas tentativas de suicídio, sonhei com meu avô dizendo pra procurar uma igreja católica. Eu nunca tinha sonhado com ele depois que ele morreu. Aí fui buscar essa ajuda na igreja católica.” (CAT-AF22)

“Eu comecei a ir porque meu marido era evangélico. Frequentei por dois anos enquanto a gente morava em São Paulo, mas não consegui me adaptar. Quando a gente voltou pra cá, eu procurei um padre, me confessei e voltei a frequentar a católica de novo.” (CAT-AF15)

Já em 2005, Teixeira apontava para diminuição discreta, porém constante da população católica no Brasil. Tal dado é reforçado pelos dados do Censo de 2010 do IBGE que apontam queda de 73,8% em 2000 (IBGE, 2000) para 64,6% em 2010.

Teixeira (2005) afirma ainda que a plasticidade religiosa é um traço constitutivo no país, pois é reflexo da pluralidade e da dificuldade de manter-se a homogeneidade dentro de um constructo religioso, dada a influência de diversas culturas. Esse fato promove a flexibilidade necessária ao intercâmbio religioso praticado no país.

3) Responsabilidade pelos atos e relação com a morte:

No grupo CAT-AF, 27 participantes (67,5%) acreditam que o indivíduo tem responsabilidade total sobre seus atos e situações de vida. Doze (30%) acreditam que essa responsabilidade é parcial, devido às influências sociais, familiares ou religiosas e 01 participante (2,5%) acredita que ter ou não essa responsabilidade independe de qualquer questão relacionada à morte ou à religiosidade:

“Acho que tudo gira em torno de nós mesmos, nossos atos são de nossa responsabilidade. Influência a gente mesmo que cria no meio que a gente tá.” (CAT-AF19)

“Não concordo, nem discordo. Porque eu posso influenciar na minha situação de vida e meus atos, mas também existe algo superior que influencia minha vida. Acredito que a religiosidade influencia minhas decisões e forma de pensar.” (CAT-AF4)

Acho que a morte é algo que vai acontecer independente do que você fizer na vida. Você pode se cuidar, fazer exercícios e morrer de câncer, por exemplo. Como pode também levar uma vida louca e morrer com cem anos. Acho que como a gente vive a vida não influencia na morte. No aspecto religioso também acho que não influencia. Se fosse assim você teria que seguir a bíblia pra ter a paz eterna e acho que não é assim. Acho que a gente tem que fazer o bem, independente da religião. (CAT-AF21)

Pinheiro (2007) discute a relação estabelecida ao longo do tempo no que diz respeito à dor, à religiosidade e à morte. Em sua análise, discorre sobre o momento histórico em que o homem era politeísta, com uma visão de castigo associado à doença e à morte. Nas religiões monoteístas, incluindo-se aí o cristianismo, essa visão foi mantida, devido à herança deixada por Adão e Eva e sua desobediência a Deus ao comerem o fruto proibido. Essa questão refere-se ao processo conhecido como queda do ser humano, em que assume a condição de não estar mais sob a responsabilidade divina. Assim, a responsabilidade pela condição atual do ser humano frente aos seus atos, diz respeito nessa perspectiva, a um processo associado a todos os seres humanos após o ato cometido por Adão e Eva.

Nos relatos apresentados, fica claro que os afiliados católicos adotam posicionamentos que corroboram plenamente com essa visão, como também existem os que concordam parcialmente, pois reconhecem Deus como autor ativo nesse processo (assim fala-se de uma responsabilidade compartilhada) e também os que discordam que o ser humano possa ter influência nesse processo, assim como a religiosidade, pois as atitudes relacionadas à postura diante da morte não devem estar especificamente atreladas à religiosidade.

Com relação aos cuidados atribuídos à responsabilidade do ser humano diante da morte, 04 participantes (10%) falaram claramente sobre os cuidados com o corpo no sentido de prolongar o tempo de vida.

“Se você se cuida, evita beber, pratica exercícios, pode prolongar a vida e fazendo o contrário pode reduzir o tempo de vida.” (CAT-AF3)

Paiva (2007) aponta para estudos em que foi percebida a associação entre o enfrentamento de problemas e de doenças e a religiosidade, como fator positivo nesse processo. Contudo, o autor aponta que esse não é um processo linear, pois a religião admite um amplo leque de significações.

A associação entre saúde e espiritualidade foi discutida em uma revisão realizada por Koenig (2009), que revelou aumento da expectativa de vida em 29% dos participantes assíduos de cultos religiosos, sendo que estes apresentaram um comprometimento maior com as questões relacionadas à saúde. No relato apresentado, percebe-se exatamente essa associação, pois o cuidado do corpo é visto como possibilidade de prolongar o tempo de vida.

Apesar de apenas 10% da amostra ter referido algo sobre essa questão, há uma associação muito clara entre os cuidados dedicados ao corpo e o prolongamento do tempo de vida, representada pelo relato utilizado como exemplo.

Um participante (2,5%) falou sobre o medo da morte e 02 (5%) disseram que esse medo está associado a deixar as pessoas que ama. Outros 03 (7,5%) referiram não ter dificuldades ou medos relacionados à morte.

“Bom, a morte pra mim é um pavor!” (CAT-AF33)

“O que mais tenho medo da morte é de deixar as pessoas, principalmente meus filhos. Tenho medo de ir antes de saber que eles estão bem.” (CAT-AF15)

“Eu não tenho medo nenhum da morte” (CAT-AF17)

Brustolin e Pasa (2013) referem que o medo da morte está associado ao fato de não se ter conhecimento do pós-morte, o que causa pavor especialmente quando se considera que este pode ser um processo doloroso. Devido a isso, até mesmo os funerais admitem uma nova postura, no sentido de amenizar o impacto da morte.

Assim, percebe-se que apesar do medo fazer parte desse processo para algumas pessoas, há situações em que a religiosidade ajuda no enfrentamento da morte, como evidenciado pelos relatos dos participantes.

Ainda no grupo CAT-AF, 09 participantes (22,5%) referiram a religião como auxílio para lidar com as dificuldades relacionadas à morte.

“A gente tem que tentar se preparar pra morte. E às vezes a gente quer viver tanto que se esquece disso. A religião é o que ajuda a gente nessa preparação.” (CAT-AF20)

Em estudo conduzido por Farinasso e Labate (2012) foram avaliados modelos de enfrentamento do luto em 06 viúvas idosas, por meio de análise clínico-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e os resultados foram agrupados nas categorias: as crenças religiosas podem contribuir com e na construção de significado para o luto facilitando sua elaboração; a igreja serviu como apoio às viúvas ao proporcionar um espaço de socialização e de expressão de sentimentos; e as religiosidades intrínseca e extrínseca foram verbalizadas como protetoras da depressão e de sentimentos de solidão. O estudo concluiu que existe relação entre o enfrentamento do luto e a religião/espiritualidade.

Tal dado condiz com os relatos a respeito do auxílio da religião no enfrentamento da morte.

Na concepção do grupo CAT-LD sobre o tema, 32 participantes (80%) acreditam que se trata de uma responsabilidade total do ser humano com relação aos atos e situação de vida e os outros 08 participantes (20%) acreditam em uma responsabilidade parcial.

Você é responsável, não dá pra culpar ninguém. É uma chegada, e quando você fica mais velha você percebe com mais clareza que você tem pequenas mortes com o passar dos anos. E as pessoas vão se dando conta de que você está envelhecendo e é doloroso porque você tem que aceitar. Mas não há um julgamento após a morte, há um acerto de perspectiva. Acho que vou enxergar exatamente como sou, acredito que o próprio Cristo fará isso e acho que quando me ver exatamente como sou, vou precisar de um tempo para curar as feridas, que na igreja católica é o purgatório. Não há um julgamento porque Deus não julga, nem Cristo. (CAT-LD35)

“(...) Não tem como se agir apenas religiosamente, nem só humanamente. Isso me conduz a uma morte saudável, como reflexo desse equilíbrio, que é vontade de Deus e vontade humana(...)” (CAT-LD3)

Nesse grupo, percebe-se a ausência de relatos onde não exista a responsabilidade do ser humano no que diz respeito à própria morte. Em seu trabalho sobre a morte na perspectiva cristã Brustolin e Pasa (2013) abordam diversos pontos sobre o tema, considerando o estudo da morte enquanto possibilidade de valorização da vida. Os autores discorrem sobre o posicionamento de diversos filósofos que discutem o fato de que se pode entender o ser humano como, a cada dia, aproximando-se mais da morte e, como o único ser que entende esse processo, evita os pensamentos sobre isso.

Morrendo-se nesse processo contínuo, cada ato pode influenciar o desenrolar da vida. Por isso, comemoram-se os aniversários e não a proximidade com a morte.

No primeiro relato, percebe-se claramente a visão de morte enquanto processo contínuo, o que é visto pelo participante como um processo doloroso. Os autores citados apresentam nesse sentido a ideia da dor da morte associada à solidão, pois a morte é o único processo pelo qual se passa só na experiência humana, em que nenhum outro ser está diretamente relacionado, ao contrário, por exemplo, do nascimento, onde há a presença da mãe. Além disso, há a ideia de que não existe após a morte simplesmente a autorrealização (céu) ou a autoalienação (inferno), mas sim um processo em que se busca a paz prometida com a ideia de ressurreição. Se o sujeito perde esse horizonte, existe o envolvimento da comunidade cristã de reconduzir o sujeito na esperança da ressurreição depositada na figura de Jesus Cristo.

Sobre o termo purgatório no primeiro relato, Belini (2009) afirma que oficialmente não há uma definição específica sobre o que seria o purgatório. Mas pela experiência, pensa-se em um momento de rever e expiar culpas e pecados, embora não haja na bíblia referências diretas ao purgatório, fato que se relacionou a uma das críticas propostas por Lutero na Reforma Protestante. O que existem são indicações, como por exemplo, a oração aos mortos, que não se justificaria se não houvesse possibilidade de modificação na condição do ser humano após a morte, na perspectiva católica.

O segundo relato traz uma visão também explanada pelos autores que pontuam que após o pecado original de Adão e Eva, o ser humano passa a viver de acordo com sua vontade. O que o guiará e levará de volta a Deus, no sentido de sua busca de religião é a vontade do próprio homem.

Outros conteúdos advindos dessa discussão que se relacionam com a visão de pós-morte, como ressurreição, foram relatados por 07 participantes (17,5%); os cuidados com a saúde, sem especificações quanto ao físico ou mental, como possibilidade de prolongamento da vida, foi referido por 05 participantes (12,5%); o medo da morte foi referido por 03 participantes (7,5%) e a importância da preparação, referida também por 03 participantes (7,5%).

“(…)Morrer, todos nós sabemos que vamos, mas todos queremos adiar o quanto mais pudermos. E é tranquilo que nem todos pensem da mesma forma; a gente preza pela ideia da ressurreição, mas nem todo mundo acredita.” (CAT-LD2)

“(…)Eu posso apressar a morte ou retardá-la. É uma extensão daquilo que eu realizo. Se eu não cuido da saúde, abro brecha para os riscos, isso pode me levar à morte.” (CAT-LD20)

A morte é um processo contínuo. Todos os dias algo de nós tá morrendo e a gente tem que tomar consciência disso, porque é impossível a gente se eternizar nesse mundo. A gente não sabe como, mas a gente sabe que vai e isso é muito duro. E mesmo que a gente acredita na vida eterna, a gente não sabe como é e isso causa medo. (CAT-LD39)

Novamente são percebidos conteúdos relacionados com a morte como processo, o cuidado necessário para o prolongamento da vida e o medo da morte, como discutido anteriormente. Porém, surge o relato específico sobre a importância da preparação para a morte nesse processo contínuo, além de reconhecê-lo como tal. Brustolin e Pasa (2013) colocam que de acordo com o apóstolo Paulo, a morte é o salário do pecado, destinado aos descendentes de Adão. A preparação para a morte nesse sentido estaria ligada à abertura a Deus. Os autores colocam que houve o momento da criação do homem, da queda, representada pelo pecado e a redenção, representada pela religação do homem com Deus, por meio de Jesus Cristo, que morreu para libertar o ser humano de seus pecados. Porém, esse processo ocorre por meio de Jesus Cristo, ou seja, o ser humano é trazido de volta à vida (ressurreição) por meio dele. É por ele que se realiza a morte ao pecado, e quem se liga a ele, estará salvo no pós-morte.

Nesse sentido, percebe-se que na perspectiva católica, o pós-morte do ser humano passa por um processo com possibilidades de regeneração (purgatório), antes de um destino final (céu/salvação ou inferno). Isso depende do próprio ser humano, de sua busca por Deus na figura de Jesus Cristo nesse processo. Por isso a ênfase da análise no que diz respeito à preparação para a morte.

De acordo com Belini (2009), a ciência responsável por esse tipo de discussão é a escatologia, que significa doutrina das coisas últimas (“*eschaton*”). O autor refere que a escatologia se ocupa daquilo que se espera que aconteça com os homens e o cosmos após seu término cronológico e ontológico. Para o autor, no catolicismo até o século XIV aprendia-se que após a morte física, há a separação da alma e do corpo, momento em que ocorre um julgamento realizado por Deus, chamado de juízo particular. A alma é então direcionada diretamente ao inferno, ou passa um tempo no purgatório, antes de adentrar ao céu. Em tal caso a alma estaria destinada a aguardar, em uma situação de tormento ou felicidade, até o momento do juízo final, em que ocorrerá a ressurreição do corpo. A alma, novamente unida ao corpo, poderá em consequência do juízo final, passar a eternidade no céu (situação de felicidade) ou no inferno (situação de tormento). Em última instância esse pensamento dá ao homem uma visão de futuro com esperança

na salvação, na possibilidade de viver a eternidade no céu. Somente após o século XIV essa ideia foi reavaliada e a partir disso foi pontuado que a ressurreição acontece sem a necessidade de espera pelo juízo final. E a partir desse período em várias outras ocasiões esse novo pensamento foi revalidado. De qualquer forma é a esperança de salvação que reforça os laços da fé cristã.

4) Descrição de Deus:

Nessa categoria foram elencados os atributos referidos pelos participantes. As palavras ou termos designam-se à definição de Deus por parte de afiliados e de líderes católicos. Devido ao número de descritores e a forma como as atribuições estavam distribuídas, optou-se por unificar os dados dos grupos CAT-AF e CAT-LD e construir a Tabela 3, que evidencia os atributos utilizados pelos dois grupos católicos na descrição de Deus.

Tabela 3 – Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos católicos investigados.

DESCRIPTOR	ATRIBUIÇÕES	DESCRIPTOR	ATRIBUIÇÕES
Personificado	16	Sentido da existência	03
Tudo	16	Aquele que é	03
Criador	15	Onisciente	03
Amor	15	Onipotente	02
Pai	12	Paz	02
Superior	11	Vida	02
Misericordioso	08	Inexplicável	02
Luz	06	Mistério	02
Onipresente	06	Absoluto	01
Força	06	Complexo	01
Só imagina Jesus	06	Simples	01
Supremo	05	Modelo	01
Imagem e semelhança	05	Início	01
Amigo	05	Acolhedor	01
Espírito	05	Companheiro	01
Divino	04	Paí e mãe	01
Ajuda	04	Deus da Fé	01
Todo poderoso	04	Verdadeiro	01
Perfeito	04	Sincero	01
Natureza	04	Revelação	01
Presença	04	Equilíbrio	01
Bondade	03	Sobrenatural	01
Algo maior	03	Próximo	01
Perdão	03	Absoluto	01
Vê Deus no outro	03	Vê na arte	01

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Na descrição dos participantes dos dois grupos, ficam claras algumas diferenças na qualidade dos atributos relacionados à descrição de Deus. O descritor de maior atribuição, por exemplo, refere-se à forma personificada de imaginar ou descrever Deus, como se observa a seguir:

“A imagem é aquela mais representada pela cultura europeia: alguém mais velho, mais sábio, de um homem mais sábio, fonte de sabedoria. Um homem por quem o próprio Cristo nos ensinou a chamá-lo de pai.” (CAT-LD9)

“Se o homem é sua imagem e semelhança, nós temos que acreditar que ele seria a imagem de um pai, então a gente coloca na imagem de um homem mais velho.” (CAT-AF1)

Tais descrições estão bastante ligadas à questão da personificação, ou seja, atribuir a Deus características físicas, humanas. De acordo com Belini (2009), pensar na figura de Jesus Cristo é pensar na espinha dorsal da escatologia cristã, pois, nessa concepção, é por meio do Cristo que se atinge a salvação. O autor também discute as posições de Deus como criador, ou seja, o responsável pela Criação, pela existência de tudo o que se conhece, como também sua condição inigualável de justiça, atingida por seu amor, que é também, uma de suas definições essenciais. O autor discute, nesse sentido, o Deus da Criação como o mesmo Deus da salvação.

Almeida (2003) desenvolveu um trabalho sobre a imagem de Deus representada no cinema e neste faz uma retrospectiva dessa questão das imagens atribuídas a Deus na história do catolicismo. Refere que, desde o Antigo Testamento, encontram-se momentos de proibição de culto a qualquer tipo de imagem, existindo ao longo do tempo amplas discussões sobre o tema, até mesmo após Jesus Cristo. Contudo, após a ideia deste como filho de Deus e o próprio Deus em si, houve uma tendência no catolicismo de se associar a imagem de Jesus à de Deus, pois esta é a representação mais próxima que se tem da figura divina. Nas idas e vindas com relação ao culto das imagens, ora considerando idolatria, ora considerando uma possibilidade viável, como também a perseguição dos cristãos, não existem representações de Jesus Cristo datadas da época, o que dificulta unanimidade sobre o tema.

Encontram-se também descrições abrangentes com características que envolvem tanto aspectos físicos, quanto abstratos, como por exemplo, nos descritores “tudo” e “inexplicável”.

Eu quando digo Deus materializo não a imagem de um homem, mas como um ser divino que pode ser tanto um ser humano, como o ar que eu respiro. Acho que fato de ser onipresente e onipotente transforma ele em tudo. É complexo, não dá pra explicar, é algo muito grande. Não dá pra dizer Deus é

isso e ponto. Acho que não existe um ser humano que pode chegar perto de explicar o que ele é. (CAT-AF17)

Almeida (2003) traz à discussão passagens do Antigo Testamento que evidenciam o grande poder de Deus, a ponto de não ser possível a nenhum ser humano visualizá-lo, nem mesmo os profetas da época. Tanto que, quando alguma mensagem é transmitida por Ele aos homens nessas descrições, esses se limitam a abaixarem a cabeça e ouvi-lo. Isso fica claro no relato, em que se percebe e se reconhece a distância que se encontra o homem da compreensão do que é o divino.

O descritor “Aquele que é” foi utilizado exclusivamente por participantes do grupo CAT-LD:

Deus é aquele que é, de acordo com a bíblia. A gente não pode ficar querendo explicar quem ele é, senão, posso colocar características que não são dele. Deus não é subjetivo. Ele é e ponto. O que é subjetivo é minha abertura para com ele. Ele é. Não de uma forma panteísta: Deus não é tudo, ele está em tudo. (CAT-LD6)

Marguerat (2003) discute o papel do livro bíblico dos Atos dos Apóstolos e do evangelho de Lucas, pontuando algumas referências que o evangelista faz em relação à imagem de Deus. Segundo o autor, Lucas expõe que o Deus do Antigo e do Novo Testamento é o mesmo, esforçando-se como historiador para deixar essa questão bem delimitada. Porém, apesar de reforçar essa ideia na obra, seu relato aponta para uma imagem de Deus que muda e se transforma, e que essa transformação coloca uma imagem de Deus que a todos ama sem distinção, e que o perdão dos pecados é concedido aqueles que têm fé nele.

No que diz respeito ao relato, o participante coloca uma visão de Deus também de acordo com a bíblia, mantendo-se nessa visão, todo o mistério que envolve a ideia, figura ou representação de Deus, quando refere que “Ele é e ponto”. Contudo, chama a atenção à preocupação de não se construir essa imagem de forma panteísta, que aceita tudo como Deus: “Deus não é tudo, ele está em tudo”. Isso condiz com a imagem do Deus Criador, que justamente por ter criado tudo, está em tudo.

Uma participante (2,5%) referiu que utiliza uma obra de arte como imagem nos momentos de oração:

“A imagem que faço, que me ajuda rezar, é a de Andrei Rublev, que mostra a imagem da trindade sentada à mesa e que nessa mesa sempre sobra um lado aberto, que é o meu, que é para as pessoas se sentirem à mesa com a trindade”. (CAT-LD35)

A imagem em questão é intitulada “Trindade”, produzida pelo artista em 1410. Ferreira e Sousa (2009) pontuam que Rublev foi um dos maiores pintores de ícones da Rússia, e que esse trabalho é considerado sua obra-prima. A imagem mostra uma mesa posta, com três participantes compartilhando o momento e com um assento vago. Com esta descrição percebe-se que, a participante expressa um sentimento de proximidade com a figura divina representada na Santíssima Trindade, como auxílio em momentos de oração.

Por esses exemplos, como também pelos demais descritores percebe-se a amplitude de possibilidades de atributos nessa descrição, o que direciona para uma ideia de descrição particularizada pelos participantes do grupo.

5) Consciência da existência de experiências profundas:

No questionamento acerca deste tema, os participantes do grupo CAT-AF opinaram de três formas diferentes: 30 (75%) acreditam que sim, que as pessoas, ou pelo menos a grande maioria delas, tem consciência de que existem experiências profundas, que não são explicáveis ou dizíveis, referindo experiências ditas sobrenaturais ou experiências com Deus. Três (7,5%) acreditam que as pessoas no geral não têm essa consciência, ou que pelo menos a grande maioria delas não. Por fim, 07 (17,5%) acreditam que essa consciência, ou a ausência dela, encontra-se distribuída de maneira dividida na população em geral.

“Acho que sim. De senti-lo, por exemplo, de sentir a Deus, mas não conseguir explicar exatamente. Eu mesma já senti. Às vezes, você tá super angustiada, necessitando de algo, e de repente, você sente, eu sinto.” (CAT-AF12)

“Eu acho que não tem não. Não é todo mundo que tem essa visão. Eu acho que aquilo que as pessoas não veem, elas não acreditam. Muita coisa já aconteceu comigo e quando você conta, as pessoas não acreditam.” (CAT-AF33)

“Não são todos não. Eu acho que meio a meio. Eu já presenciei e acredito. Quem não acredita talvez não tenha tido experiências ou quem não tenha conhecido nada pessoalmente. (CAT-AF21)

No grupo CAT-LD, as respostas dos participantes foram classificadas também entre os que acreditam que sim, os que acreditam que não e os que acreditam que apenas uma parte da população tem essa consciência das experiências profundas. Dentre os participantes, 28 (70%) acreditam que sim, 02 (5%) acreditam que a maioria das pessoas não tem essa consciência e 10 (25%) acreditam que apenas uma parte.

“Sim, acho que tem. Assim como tem coisas que são só nossas. Sempre existe no ser humano coisas que são só dele, e uma dessas coisas é a experiência com Deus, e onde não se deve invadir.” (CAT-LD6)

Acho que vai da abertura de cada um. Porque senão, vou contra o que a igreja diz, por exemplo, dos santos de bilocação que é um estado de graça tão grande que Deus dá a possibilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Mas isso é pra poucos, viver isso é pra poucos. Mas consciência disso, as pessoas não tem, nem quando os santos viviam isso. E Deus sempre escolhe os mais humildes pra isso, pra justamente confundir os sábios. (CAT-LD38)

Nem sempre o homem tem essa consciência, porque ele tem necessidade de explicar aquilo que vive, suas ações. Há necessidade de explicar o transcendente, a espiritualidade, mas essa experiência tem que ser vivida, não pode ser explicada. Como na história de Tomé por exemplo. E hoje a experiência se dá na igreja, que te dá o discernimento do sagrado. (CAT-LD5)

As falas dos participantes evidenciam claramente essas duas formas de se compreender como as pessoas lidam com as experiências profundas, transcendentais.

Estudo realizado por Ribeiro (2004) objetivou avaliar o perfil da religiosidade em jovens universitários. Num primeiro momento, foi realizada entrevista com 19 jovens universitários para elaboração de um instrumento com 68 afirmativas sobre a religiosidade dos mesmos. Numa segunda etapa, o instrumento foi aplicado em 1.032 sujeitos com realização de análise quantitativa e qualitativa dos resultados. No item referente à análise das imagens sobre Deus, o autor discute que a imagem de Deus e a relação com o mistério se desenrolam na mesma direção e que a experiência religiosa é o ponto de partida para a construção de sentido na experiência do transcendente. Além disso, foi possível no estudo perceber que os jovens avaliados exprimem uma confiança fundamental no sentido da vida e na busca pela interação com a religiosidade, embora isso se expresse de diversas formas.

Apesar do presente estudo não se limitar à visão de jovens universitários com relação à experiência transcendente, percebe-se que a maioria dos participantes (30 do grupo CAT-AF e 28 do grupo CAT-LD) dos católicos acreditam que existe essa consciência de alguma forma, pelo menos na maioria das pessoas.

Leonardo Boff (2009) discute o transcendente na perspectiva de ir além de si mesmo e nessa visão o ser humano sempre busca o transcendente quando sente a necessidade de algo além de si. Percebe-se pelos relatos que em determinadas situações a busca para esse algo além de si pode encontrar sua expressão na religiosidade, o que o autor afirma ser um caminho para as respostas do ser humano.

Entre os participantes que acreditam que não há essa consciência, nota-se uma tendência de justificar tal fato pensando-se na oposição entre experiências concretas a

abstratas, colocando o ser humano basicamente como quem acredita no concreto, tendo dificuldades de acreditar no que é abstrato ou subjetivo. Belini (2009) afirma que um dos posicionamentos utópicos que existem, diz respeito justamente a essa questão entre a oposição do que é material, passível de observação, e do que é abstrato ou subjetivo. Trata-se do posicionamento utópico cientificista, que se desenvolveu ao longo da história e da consolidação das diversas ciências mantendo-se presente, o que justifica a existência de uma visão de cunho mais positivista.

6) *Possibilidade de recompensa:*

No que diz respeito à possibilidade de recompensa após a morte, houve novamente uma distinção clara entre três subcategorias, porém com aspectos mais específicos no grupo CAT-AF, sendo que alguns participantes relataram acreditar que sim, existe algum tipo de recompensa após a morte; há os que acreditam que não, como também os que acreditam que depende da forma que se compreende e o uso que se faz da palavra “recompensa”.

Dos que acreditam que sim, que foram 11 participantes (27,5%), 05 (12,5%) afirmaram que a recompensa seria estar no céu. Outros 03 (7,5%) referiram que acreditam que a recompensa é relativa ao merecimento pelas ações e obras ao longo da vida. Dois participantes (5%) referiram que acreditam em uma vida melhor após a morte, e que isso pode ser encarado como recompensa e 01 participante (2,5%) referiu como recompensa o fato de acreditar que se pode estar com Deus após a morte.

“Acredito sim. Acho que a nossa recompensa seria que após a morte viveremos no reino de Deus, junto dele e de Jesus.” (CAT-AF2)

Sim, eu acredito em recompensa. O que fazemos aqui de bom, podemos colher após a morte. Mas não acredito que Deus seja vingativo e se nós nos arrependermos seremos perdoados. Após a morte temos a recompensa pelo que fazemos de bem, é o nosso merecimento. O mal pode ser perdoado. (CAT-AF27)

“Sim, pelo que os padres falam, que ensinam, acho que a gente vai ter uma vida melhor que essa depois que morrermos.” (CAT-AF15)

Acho que a recompensa seria, se você se arrepender do que fez de errado, seria você estar em paz e com Deus. Essa seria a recompensa. Mas não com uma ideia de níveis de recompensa. Se você tem a graça de estar com Deus, arrependendo-se do que fez no passado, isso é igual pra todo mundo. (CAT-AF13)

Com relação aos que acreditam que não existe recompensa após a morte, que foram 22 participantes (55%), 07 deles (17,5%) acreditam que exista uma continuidade

do desenvolvimento; 08 (20%) acreditam que as recompensas vêm ao longo da vida e 05 (12,5%) acreditam em justiça, mas não em recompensa. Os demais participantes referiram apenas que não acreditam nessa relação.

“Não vejo como uma recompensa, um pagamento, algo como pronto, estamos quites. Acredito que é uma próxima fase, uma fase em que estamos mais maduros e que novos desafios e aprendizados virão” (CAT-AF28)

“Não. O que você tem que fazer, você faz pela vida, você faz por aqui, pra receber algo tanto de bom quanto de ruim aqui. Apesar, que tem coisas que a gente questiona entre os feitos da pessoa e a forma que ela morre. Mas recompensa não.” (CAT-AF14)

“Não, não existe isso. No pós-morte, eu acredito que pra todo ser, não existe isso de recompensa, não existe troca. Ninguém é mais que ninguém, ninguém tem mais que ninguém. Se fosse assim, a gente negociaria a morte, seria possível comprar a morte.” (CAT-AF16)

Os participantes que referiram que depende do uso e compreensão atribuídos à palavra recompensa somam 07 do total (17,5%).

Recompensa? Não sei se a palavra seria recompensa. Mas acredito em consequências que podem acontecer após a morte do que você fez em vida. Acho que a ideia de recompensa torna a vida como um jogo. Como se as pessoas fossem forçadas a fazer o bem para ter recompensa após a morte. E acho que as pessoas têm que fazer o bem de coração, não por interesse. (CAT-AF17)

No grupo CAT-LD, as respostas também se dividiram nas subcategorias dos que acreditam que sim, os que acreditam que não e os que percebem que depende da forma como se interpreta a palavra recompensa. Neste grupo, 21 (52,5%) disseram que acreditam que exista recompensa após a morte, sendo que 16 (40%) acreditam que esta seria estar na presença de Deus e 05 (12,5%) acreditam que seria o amor de Deus.

Acredito na recompensa gloriosa; estar na presença de Deus eternamente. Recompensa também da sua vida realizada, se você alcançou o reino do céu. Esse reino é pra todos, mas se todos chegam, já é outra questão, porque tem aqueles que não querem e Deus respeita essa liberdade. Isso é oferecido para todas as pessoas. Se ela aceita Jesus como salvador ela alcança; se não, não. A partir do momento que se alcança esse reino é igual para todos. (CAT-LD4)

“Acredito sim. Não somente pela fé, mas pela morte mesmo, acho que tem coisa boa depois da morte. Acho que, no nosso caso, esperamos a ressurreição, abrir mão dos sofrimentos e ter uma recompensa de amor após a morte.” (CAT-LD3)

Os líderes que referiram que não, somam 13 (32,5%) e 06 destes (15%) referem que pensar em recompensa seria estabelecer uma relação mercantilista. Dois deles (5%) acreditam que isso faz pensar em uma hierarquia, o que não existe pelos preceitos

católicos; 04 participantes (10%) acreditam que as recompensas acontecem em vida e não após a morte e 01 participante (2,5%) que existe um estado de contemplação e não de recompensas.

“Não acredito na ideia de recompensa...porque se eu falar em recompensa, eu vou acreditar que eu só posso ter a graça misericordiosa do pai se eu fizer o bem. Caso contrário, não tenho. Se formos pensar assim, fica uma relação mercantilista.” (CAT-LD1)

“Recompensa não (...) mas se Deus é realmente bom, ele não poderia fazer diferente entre um e outro, recompensar um e outro. Nós humanos sim, fazemos isso. Mas Deus não faria isso porque senão incluiria uns e excluiria outros.” (CAT-LD10)

Não, porque você leva a vida e por isso minha consciência de vida após a morte é você viver bem aqui, já começa aqui. E a forma como você vive é muito reflexo daquilo que preenche seu ser. E após a morte existe um reflexo do que você viveu aqui. A vida não acaba com a morte. Mas não como recompensa, mas como reflexo. (CAT-LD36)

Humanamente falando a morte é o fim. Divinamente falando a morte é o início de uma nova vida em Deus. E nessa nova vida, as recompensas desaparecem porque você não precisa de mais nada. Na visão católica e cristã, após a morte você vive a contemplação, o encontro real com Deus face a face, porque ele é infinito e quanto mais você o conhece, mais quer conhecê-lo e a verdadeira revelação se dá. Não haverão mais perguntas, nem porque chorar ou sofrer. (CAT-LD28)

Cinco líderes católicos participantes (12,5%) acreditam que depende do uso da palavra recompensa, sendo que 03 (7,5%) discordaram do uso da palavra e 02 (5%) referiram acreditar na ideia de justiça ao invés de recompensa.

“Eu acredito na retribuição e não em recompensa. Deus nos pede através da fê que a gente faça o bem, que nos aproximemos do amor, por mais que exija sacrifício. Então devemos fazer o bem, mas pensando no amor, tendo alegria na vida através do amor.” (CAT-LD11)

“Eu acredito na ideia de justiça, mais do que de recompensa. No sentido cristão a justiça é uma expressão de uma bondade pedagógica por parte de Deus, para que a pessoa perceba que ela tem que amadurecer, num processo que não termina com a morte, ele continua.” (CAT-LD7)

Diniz e Aquino (2009) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer as relações entre a religiosidade e as concepções acerca da morte. Participaram 190 estudantes universitários, sendo a maioria destes do sexo feminino (68,9%) e de religião católica (61,6%). Foram utilizados os instrumentos: Questionário de Atitude Religiosa, o Questionário sobre Diversas Perspectivas de Morte e um Questionário Sócio-demográfico. Os resultados demonstraram correlação positiva entre religiosidade e vida do além, coragem e fim natural, assim como correlação negativa entre religiosidade e visão de morte como fracasso. Os autores discutem que a religiosidade ajuda no agir do

ser humano para que este possa se preparar pra morte e que no cristianismo há uma relação entre o arrependimento dos pecados e a recompensa de se estar com Deus após a morte, reservada para aqueles que o amam e obedecem.

Nos relatos dos participantes percebe-se que a visão de recompensa está ligada à ideia de alcançar o paraíso e estar mais próximo de Deus, tanto no grupo CAT-AF (11, 27,5%) como do grupo CAT-LD (21, 52,5%), que apresentou um número ainda maior dos que acreditam na possibilidade de recompensa.

No que diz respeito aos que acreditam que não existe recompensa, percebe-se uma inversão de número entre os dois grupos, sendo 22 (55%) do grupo CAT-AF e 13 (32,5%) do grupo CAT-LD. Em ambos os grupos aparecem questões relacionadas à justiça divina, à continuidade; no grupo CAT-LD, surge especificamente que a recompensa dá uma ideia mercantilista e em outro caso, que a recompensa é desnecessária devido ao elevado estado de contemplação do homem após a morte. Neste último caso se nota que embora a palavra recompensa não seja atribuída, há uma visão positiva do pós-morte, onde nada mais será necessário ao ser humano.

Essa visão de pós-morte como algo positivo corrobora com o proposto por Belini (2009) quando o autor discute a questão da escatologia associada à igreja católica, com uma visão de Deus como o criador do homem, sendo que este o criou para a salvação, para viver em estado de comunhão. E o que se chama de céu, é o mundo pleno, na presença da Santíssima Trindade: Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

Os demais participantes dos dois grupos (CAT-AF=07 e CAT-LD=05) discordaram do uso da palavra, indicando que dependendo do significado atribuído pelo sujeito, isso pode mudar a concepção.

7) Aumento da fé na proximidade com a morte:

Dos participantes do grupo CAT-AF, 26 (65%) acreditam que a fé aumenta com a proximidade da morte, referindo como aspectos relacionados a isso o aumento do apego a Deus (07 participantes, 17,5%), o aumento do medo (05 participantes, 12,5%), a fé como auxílio (05 participantes, 12,5%) e o aumento da reza (03 participantes, 7,5%).

“Eu acho que a fé é uma coisa que meio que segura, então eu acho que a fé aumenta sim. A morte é uma dor que não tem cura. Então eu acho que a fé pode ajudar com isso sim. A única coisa que ajuda é a fé. Então acho que aumenta sim.” (CAT-AF7)

“Eu acredito que quando a pessoa se vê próxima da morte sua fé aumenta e aumentando a fé ela se aproxima ainda mais de Deus. A pessoa pode se arrepender dos erros, reflete mais sobre a vida e procura Deus com mais fervor para se aproximar mais e ser perdoado.” (CAT-AF26)

Foram 10 (25%) dos participantes que acreditam que a fé não aumenta, referindo que essa opinião está associada à ideia de que a fé é algo que se tem ou não; 04 participantes (10%) disseram não haver possibilidade de aumentar ou diminuir. Outros 04 (10%) acreditam que a fé aumenta diante de qualquer dor ou sofrimento não se restringindo à proximidade com a morte. Houve ainda, os que disseram que a fé aumenta com a maior proximidade com a religião e não com a morte (01 participante, 2,5%), e que existe um aumento da procura e não da fé (01 participante, 2,5%).

“Eu acho que não. Acho que ou você tem fé, ou você não tem fé. Acho que não faz diferença a proximidade com a morte.” (CAT-AF14)

Não. Acho que o que faz aumentar a fé é o sofrimento, a dor, uma doença grave. Mas às vezes a pessoa não tem tempo pra isso, pra ter a fé que ela deveria ter tido a vida inteira. E a consciência não muda da noite para o dia. Se eu souber que vou morrer amanhã, o que vai mudar hoje? Quem não tem fé vai morrer e quem tem fé, vai morrer do mesmo jeito. (CAT-AF16)

Uma última parte dos sujeitos, 04(10%) deles, acredita que em algumas situações a fé aumenta, mas em outros casos diminui.

“Não, eu acho que tem situações em que a pessoa se afasta. Eu vi isso acontecer já, com a minha avó foi assim. Tem situações que a pessoa se aproxima mais, busca mais, participa mais.” (CAT-AF8)

No grupo CAT-LD ocorre um movimento parecido com as definições de subcategorias. Uma parcela dos participantes, 22 (55%) deles, acredita que a fé aumenta. Desses 22, 03 (7,5%) acreditam que isso se deve à dor e ao sofrimento enfrentado. Os demais pontos de vista, de 19 participantes (47,5%) estão relacionados às buscas advindas com essa proximidade, como a busca por respostas, por apoio e pela paz interior.

“Sim, acredito que sim porque a dor nos faz sofrer e o sofrimento nos aproxima de Deus e das pessoas também. O sofrimento nos faz esvaziar da ideia de que a gente se basta, de sermos mesquinhos, individualistas. O que a dor causa, nos aproxima de Deus.” (CAT-LD9)

Acho que o momento da morte, é fácil falar quando a gente tá bem, mas acho um momento bonito, de batalha, que acontece em três pontos: o primeiro é “Porque eu? Porque não posso viver mais?” Um segundo ponto é uma tentativa de negociar com Deus, pra ficar mais um pouco. E o ponto final é o aceitar. Quando ela aceita, ela fecha a questão. (CAT-LD4)

Há situações em que percebemos nossa autoinsuficiência e a morte traz isso, essa clareza e percebemos que precisamos de ajuda. E essa ajuda vem por meio das pessoas, das competências técnicas e pra quem vive essa dimensão, recebe essa ajuda espiritualmente. Então, acredito que sim, que a proximidade com a morte abre essa busca maior. (CAT-LD29)

Em contrapartida, 07 participantes (17,5%) acreditam que a morte não está associada com o aumento da fé e sim com o medo (02 participantes, 5%), outros fatores associados (03 participantes, 7,5%) e ainda há os que colocam a fé como prática cotidiana (02 participantes, 5%).

“Acho que não. Acredito que aumenta o medo, pra quem tem medo da morte. Se há medo é porque não há confiança na misericórdia de Deus. Talvez na proximidade da morte, a pessoa veja a fé como única saída.” (CAT-LD1)

“A fé não pode ser aumentada só próximo da morte, porque a cada momento que a gente vive, a gente se aproxima da morte. Se eu for esperar a morte se aproximar pra aumentar minha fé, quando ela chegar mesmo, eu posso não estar preparada.” (CAT-LD19)

Outros 11 participantes (27,5%) do grupo CAT-LD acreditam que existem situações em que a fé possa aumentar, mas não em todas. Assim, creem nesse aumento em partes, de acordo com o amadurecimento da fé (08 participantes, 20%) ou de acordo com a preparação da pessoa diante do fenômeno (03 participantes, 7,5%).

“A fé cultivada torna a experiência do morrer serena. A fé não cultivada torna isso uma tragédia, um horror. Mas isso depende dos preceitos. Se foi cultivada, vai aumentar, crescer, se não foi cultivada não tem como crescer o que não existe.” (CAT-LD7)

“Depende do caso. Acho que a gente se prepara para a morte, não necessariamente a fé aumenta. A gente pode ter toda a preparação, a absolvição. Uma pessoa pode também em um momento de desespero, se apegar a isso. Mas não acho que seja fé, mas sim uma preparação.” (CAT-LD6)

Quando a gente tá doente, por exemplo, a gente fica muito sensibilizado. Não é só o corpo que padece. Vejo situações muito complicadas, de morte iminente. Já vi pessoas reclamando, revoltadas como se Deus fosse o culpado pela doença. E por outro lado, já vi pessoas que partem de uma maneira muito serena. Isso é uma questão de fé, de confiança que a gente morre pra encontrar a Deus. E na nossa visão isso acontece uma única vez. Nascemos e morremos uma única vez. (CAT-LD39)

Para Belini (2009), a fé cristã está diretamente associada com a ressurreição e a vida eterna, sendo que é justamente essa ideia que dá sentido à morte. Não fosse por uma visão de continuidade, a morte não teria significado dentro da crença, que pontua que se vivendo de acordo com o proposto por Deus, amando-o e obedecendo-o, há a vida com Ele após a morte. A fé traz a esperança na salvação.

Contudo percebe-se que tanto no grupo CAT-AF, quanto no grupo CAT-LD as opiniões ficaram divididas no que diz respeito ao fato da fé aumentar ou não com a proximidade com a morte. Vinte e seis (65%) e 22 (55%) participantes, respectivamente, acreditam que há um aumento da fé por diversas razões, como evidenciado pelos relatos.

Pereira (2013) avaliou os procedimentos católicos associados à morte bem como a forma como esses procedimentos auxiliam o praticante a lidar com tal questão. Analisou os procedimentos de: Unção dos Enfermos, as Exéquias, a Missa do Sétimo Dia e a tradição de se rezar pelos mortos. O autor afirma que esses procedimentos têm como característica estabelecer a conexão do sujeito com a morte e também oferecer o alívio necessário pelo reforço da fé, sendo que esta pode estar atrelada à ideia de salvação, mas não simplesmente no sentido de evitar a morte e sim no sentido de afastar os infortúnios que prejudicariam a entrada no reino celeste.

Para os que acreditam que não exista essa relação entre morte e aumento da fé, as justificativas estão atreladas com outros sentimentos diante da morte ou dizendo que a fé depende da vivência cotidiana e não da proximidade com a morte.

Principalmente no grupo CAT-LD houve participantes que referiram perceber que a fé pode tanto aumentar como diminuir na proximidade com a morte, pois evidenciaram isso no trabalho com famílias ou pessoas em tais momentos, afirmando que existiram situações e reações diferentes umas das outras nessas ocasiões.

8) Religião como tentativa de explicar as limitações humanas:

Dos participantes do grupo CAT-AF, 20 (50%) acreditam que sim, a religião tem como função tentar esclarecer o ser humano o porquê das limitações que este percebe em si. Destes, 13 (32,5%) acreditam que a religião explica totalmente tais limitações e 07 (17,5%) acreditam que a religião auxilia nessa compreensão.

“A religião é o que dá sentido de viver para uma pessoa. Mais do que dar explicações pras limitações da vida, ela dá um sentido pra acreditar na vida, na salvação após a morte, na missão de cada um.” (CAT-AF2)

“Eu acho que sim, que a religião ajuda, porque a pessoa, com a fé, você acredita na ajuda pra conseguir as coisas, pra evoluir, pra conseguir. Então eu acho que ajuda o homem a crescer.” (CAT-AF8)

Outros 14 afiliados católicos (35%) acreditam que não, que a religião tem outras funções que não a de explicar as limitações humanas.

Eu acho que não. Porque quando você tem religião e tem fé, você sabe que tem coisas que não têm explicação. Você sabe que tem coisas que você só vai entender depois que você morrer, que você vai saber o que foi vontade de Deus. Então pro catolicismo, não é uma questão de explicação, é de aceitação. O católico aceita a vontade de Deus, não fica procurando explicação. (CAT-AF22)

Sobre essa questão, um grupo de 05 afiliados (12,5%) acredita que não só a religião é responsável por essa função, mas que existe uma associação entre religião e razão.

O homem é limitado. A religião até tenta explicar, mas é preciso ver se a gente coloca em prática, racionalizar isso. Muitas vezes você tenta como a questão da morte por exemplo. Quando a pessoa é atuante até muitas vezes a pessoa se revolta com a morte, então isso é uma limitação que vejo bastante. E aí a gente pensa, até onde vai a fé dela? E eu admiro as pessoas que conseguem encarar assim, por exemplo a perda de um filho, entender que ele já tá junto de Deus. (CAT-AF6)

No grupo CAT-LD, os participantes que acreditam que sim, que a religião tenta explicar as limitações somam 23(57,5%), sendo que 11 (27,5%) acreditam que ela explica totalmente e 12 (30%) acreditam que ajuda.

“Se a religião não orienta, ela é vã. Então ela é sim uma tentativa de explicar, de ajudar, de orientar. Aliás, não tem que ser só uma tentativa, ela tem sim que fazer esse papel. Pelo menos se for uma religião que tem o compromisso com a palavra de Deus.” (CAT-LD19)

Há muito tempo foi entendido dessa forma, até século XVI e XVIII, com o iluminismo. Viveu período de tentar dar explicações, com o surgimento dos padres apologistas, por exemplo, Santo Agostinho, Santo Padre Aquino, Santo Antonio, que defendiam a fé retrucando com os pensadores da época. Porém hoje não se entende essa visão da igreja. Hoje as pessoas têm instrução e a religião ajuda nos pensamentos delas e propõe um caminho de vivência cristã. (CAT-LD14)

Outros 13 participantes do grupo CAT-LD (32,5%) acreditam que a religião tem outras funções que não esta.

A religião vem do latim re-ligare que significa ligar o homem a Deus. Então a religião desempenha o seu papel e o seu ponto central é mostrar acerca da luz da fé. Cada área seja ela qual for, se torna responsável por falar aquilo que está ao seu alcance. A religião é um meio para trazer a tranquilidade ao ser humano e não fazer o julgamento de seus atos e muito menos responder questões que estão fora do contexto da igreja, além da fé. (CAT-LD15)

A palavra religião significa religar, o temporal ao eterno, o terreno ao céu, o homem ao divino. A missão da religião é fazer com que as pessoas cultivem a sua fé, conservem sua fé, e esse é um dom gratuito, uma graça de Deus. Nossa fé é fazer com que ela seja um sinal de amor, da alegria e da felicidade. E muitas vezes temos vergonha da nossa própria fé, principalmente o católico, que dá desculpa que religião não se discute. Não a discute quem não a compreende. (CAT-LD37)

Os outros 04 participantes (10%) do grupo, falam da associação entre religião e razão para explicar as limitações do homem.

“Sim, por essa relação de fé e razão. Nenhum dos dois lados tem explicações totais. Há limitações de uma e de outra. Uma completa a outra. Deus é absoluto, mas a fé não, porque vem da experiência do coração.” (CAT-LD13)

Eu diria que é uma caminhada natural. A religião é uma sistematização das experiências humanas. E a partir do momento que a humanidade começa a buscar explicações, passou por vários momentos, várias buscas, no início animista, passando pra maiores elaborações, o Deus hebreu, o cristianismo, etc. Então a gente vê o crescimento da religião, conforme o desenvolvimento da própria humanidade. Então ela não é algo pronto, que tá aí pra explicar algo ao humano. Mas é algo produzido pelo próprio humano, que passou por momentos diferentes em várias situações. (CAT-LD27)

Na revisão realizada por Koenig (2009) o autor fala sobre a associação da religião como algo positivo diante de questões como o estresse, abuso de substâncias, psicose, depressão, ansiedade, suicídio, dentre outras. A religião oferece conforto, significados e esperança para sujeitos nessas situações. Os achados do estudo corroboram com o apontado pelos participantes que acreditam que a religião tenha como papel oferecer explicações ao ser humano sobre suas limitações. Percebe-se que nem todos que concordam com essa função da religião ou acreditam que ela é totalmente responsável por isso. Existem participantes que acreditam nessa ideia como um auxílio e não que a religião oferece todas as explicações necessárias sobre as limitações humanas.

Alminhana e Moreira-Almeida (2009) realizaram um estudo que objetivou relacionar religiosidade/espiritualidade e personalidade. Para isso, os autores fizeram um levantamento nas bases de dados disponíveis relacionando os temas, levando em conta os fatores da personalidade. Os resultados demonstraram que a alta religiosidade está associada a baixo Psicoticismo e a alta Amabilidade e Conscienciosidade. A dimensão de Religiosidade pode estar associada como um fator da personalidade, sendo que ela ainda não ocupa esse lugar nessas teorias. Este estudo também mostra como a religião está cada vez mais associada com a busca de recursos pelos seres humanos.

Há ainda uma parte dos participantes que pontuam que a função da religião não é dar explicações e sim tem outras funções, elencando principalmente a função de religar o homem a Deus, termo que se refere à etimologia da própria palavra religião.

9) Relação entre religião e ciência:

No que tange à relação entre religião e ciência, foram discutidos pontos de divergência, ausência de divergência e possibilidade de aumento da convergência entre as duas.

No grupo CAT-AF, a grande maioria, 34 participantes (85%) afirmaram que essas divergências existem, sendo que a mais observada é a oposição da razão e da crença ou fé, o que somou 22 participantes (55%). Os demais expressaram divergências da ciência em relação à religião (05 participantes, 12,5%), da religião com relação à ciência (04 participantes, 10%), que as duas discordam (02 participantes, 5%) e que a ciência ultrapassa limites do aceitável pela religião (01 participante, 2,5%).

“Eu acho que tudo o que você acredita na religião não é palpável, depende da sua fé, muita coisa não tem explicação. E a ciência tenta explicar tudo. A religião é algo que você acredita e a ciência é algo que você comprova. Eu acho que daí vêm as divergências entre elas.” (CAT-AF21)

“Os dogmas da igreja é o que bate de frente com a ciência. A ciência procura melhorar a vida e a religião com os dogmas é contra muita coisa. Mas os religiosos em si, não vivem as situações do dia-a-dia, pra saber como pensariam, como reagiriam. Eles ficam lá em cima e não sabem como as pessoas vivem de fato.” (CAT-AF11)

Outros 03 participantes (7,5%) do grupo CAT-AF acreditam que não existem divergências entre as duas em si e 03 participantes (7,5%) acreditam que há um aumento da convergência entre as posturas da ciência e da religião.

“Acho que elas andam juntas na realidade. Uma tenta explicar a outra. Mas a religião sobressai à ciência. Pela tradição ancestral que carrega, já tá mais consolidada que a ciência. Mas uma não anda sem a outra. E as pessoas também vão pro mesmo lugar depois da morte, tanto o religioso, quanto o cientista.” (CAT-AF16)

“Hoje em dia a ciência já acredita em Deus, até por causa dos milagres. Então eu diria que hoje há mais convergência do que divergência. Ainda existe divergência, mas a convergência está maior agora.” (CAT-AF10)

No grupo CAT-LD, 27 participantes (67,5%) identificaram que há divergências, sendo a principal delas acerca da oposição entre razão e crença (12 participantes, 30%) enquanto 05 participantes (12,5%) falaram sobre o radicalismo como responsável pelas divergências. Os demais 10 (25%) falaram sobre divergências da ciência em relação à religião, ou com relação aos métodos.

“Penso que o problema é que as ciências querem explicar tudo, e nem tudo tem explicação. Fé e razão se ajudam, se potencializam. Mas se a razão interfere na fé, ela deixa de ser fé.” (CAT-LD6)

Acho que é mais histórica essa resposta, com movimentos como o iluminismo. Quando a ciência tenta trazer o ceticismo à religião ela não é benéfica. Mas quando traz explicações, contribui. E quando a religião nega a

ciência, ela é cega. É aquilo: existe o exagero da fé e o exagero da ciência. Isso é o que prejudica. (CAT-LD3)

Três participantes (7,5%) acreditam que não existem divergências e os demais 10 participantes (25%) referiram um aumento da aproximação em alguns casos da religião e da ciência, dependendo do uso feito pelos atores desse contexto.

Nunca trabalhei em termos de divergência, mas em termos de complementaridade. São dois braços da mesma pessoa. A ciência é o caminho da descoberta, da inteligência, que é o que faz melhoras para a humanidade. A ciência busca o ‘como’ e o ‘o que’. E a religião busca o ‘quem’, quem é a presença responsável por isso. O ‘como’ é dado pela ciência e o ‘quem’ é dado pela religião. E não há um mais importante que o outro, os dois são importantes. Existe, por exemplo, um caminho que a filosofia vai, até chegar o momento que ela se junta com a teologia. Existe essa complementaridade. (CAT-LD27)

A religião trabalha com o metafísico e a ciência com o físico. Como o metafísico, o sobrenatural não pode ser provado, verificado, a ciência não acredita. E ambas tem crítica uma à outra, porque a ciência critica a religião e a religião critica a ciência quando o cientista quer ser Deus. Agora, quando a ciência é aplicada para o bem do ser humano, isso é bem visto para a religião. Quem dá a ciência ao homem foi Deus. Ele é a própria ciência do universo. (CAT-LD9)

Percebe-se que nos dois grupos, a principal divergência apontada diz respeito a oposição entre razão e crença, ou razão e fé. Um papa da igreja católica, João Paulo II, publicou uma carta encíclica, intitulada *Relações Entre Fé e Razão* (WOJTYLA, 1998). Nesta carta ele discorre sobre a importância da associação entre a fé e a razão para o desenvolvimento humano. Coloca que ambas são “duas asas” para que se possa alçar voos rumo tal objetivo. Assim, vê-se que oficialmente o posicionamento da igreja católica com relação à associação entre ciência e fé é uma posição de complementaridade e de apoio ao se pensar no desenvolvimento do ser humano.

Sanches e Danilas (2012) discutem sobre as quatro posições de acordo com o teólogo Ian Barbour (1923-2013), no que diz respeito às relações entre ciência e religião: a) Conflito: quando se trata de pessoas com pontos de vista extremados, como por exemplo, o literalista bíblico que acredita que a teoria evolucionista está em conflito com a fé; b) Independência: assumem essa posição os que acreditam que não há conflito, pelo fato de não haver nenhum tipo de relação entre ciência e religião, sendo que as duas caminham completamente separadas; c) Diálogo: posição que fica mais aparente especialmente em situações fronteiriças, como situações em que a ciência não

consegue explicar determinado fato e busca auxílio na religião e vice-versa; d) Integração: nessa posição ocorre uma verdadeira parceria entre as duas, com contribuições de ambas partes, como por exemplo, a reformulação de certas crenças à partir da ciência.

Tendo por base essa proposição, percebe-se que tanto no grupo CAT-AF quanto no grupo CAT-LD, a maioria acredita numa posição de conflito entre religião e ciência (61 participantes ao todo, 76,25%), seguida pela posição de diálogo, quando referido que as pessoas identificam uma aproximação progressiva (13 participantes ao todo, 16,25%) e, por fim, a posição de integração, em que se acredita haver contribuições de ambas partes (06 participantes ao todo, 7,5%). Fica claro que na opinião da maioria dos participantes dos grupos católicos existe conflito entre ciência e religião, apesar do posicionamento oficial da igreja ser de contribuição. Tal fato pode estar, hipoteticamente, associado às oposições, especialmente com relação à bioética na manipulação científica de recursos, que já foram motivo de intensas discussões.

10) A religião do passado e do presente em relação à ciência:

No grupo CAT-AF, 37 participantes (92,5%) responderam que há uma diferença entre a religião do passado e a do presente. Porém, 15 (37,5%) acreditam que isso se deve à ciência, com o aumento dos estudos e necessidade de revisão da religião e 22 (55%) participantes acreditam que essa diferença se deve à mudança das pessoas, da postura delas diante da religião e não à ciência.

Bom, hoje tudo se modificou e na teologia e na religião não foi diferente. Hoje em dia não dá mais pra aceitar dogmas como verdades absolutas. Com o advento das tecnologias, as pesquisas, tudo começa a ser mais questionado, tudo se torna de mais rápido desenvolvimento, onde há contribuições de todos os lados do planeta. A globalização diminuiu distâncias, aumentou as possibilidades de pesquisas no tempo real e ainda por cima dá a chance de rever os fatos já acontecidos. O homem está à procura do próprio homem, porque Deus, tenho certeza que existe. (CAT-AF9)

Acredito que é diferente, até porque as pessoas e coisas mudam ao longo do tempo, mas não acredito que a teologia esteja se baseando em algo científico, porque a religião não tenta provar nada nem experimentar as coisas. As pessoas que seguem a religião, seguem sem a necessidade de provar algo, mas sim porque acreditam naquilo. (CAT-AF4)

No grupo CAT-LD, 29 participantes (72,5%) acreditam que existem diferenças, sendo que 14 (35%) acreditam que essas se devem à ciência. Outros 08 (20%) que difere pela mudança das pessoas; 03 participantes (7,5%) acreditam que a diferença está

na abertura ao diálogo da religião de hoje e 04 participantes (10%) que a diferença vem pela associação entre as contribuições da ciência e a mudança das pessoas, da cultura e da sociedade.

A teologia hoje é mais da libertação. Os papas, por exemplo, antes não saíam do trono e hoje a gente vê o papa mais próximo, as coisas são mais claras. Essas mudanças acho que se devem à ciência, essa abertura toda que veio acontecendo. A nossa congregação por exemplo, é bem aberta. Antes ser freira ou padre, era estar lá nas alturas. Hoje não é assim, a começar pelo papa. (CAT-LD17)

“Não. Acho que os desafios são outros. Antigamente se falava e ponto. Hoje as pessoas querem mais explicações.” (CAT-LD6)

“Teve um caminhar junto, a igreja se abriu muito ao discurso de todos os religiosos e as ciências do mundo em prol do ser humano.” (CAT-LD9)

Outros 12 participantes (27,5%) acreditam que não existem diferenças entre a religião do passado e a de hoje.

Eu acredito que não difere. Acho que é a mesma religião, mas vivida de acordo com sua época. Acho que a mesma religião que eu vivo hoje é a mesma que queimou gente na fogueira. Mas acho que o que mudou foi a forma de se ver as coisas, socialmente, as leis, as explicações científicas. Não se faz as mesmas coisas, mas a religião é a mesma. Tem a mesma base, que gerou mudanças, mas é a mesma base. (CAT-LD1)

Acho que a religião é a mesma. A maneira como as pessoas encaram a religião mudou. Por exemplo, no passado não se questionava a religião, nascia-se e morria-se na mesma religião. Hoje as pessoas se veem mais preparadas e mais livres pra questionar e experimentar. Mas não que a religião mudou. Mudou a maneira das pessoas encararem. (CAT-LD 24)

A descrição das bases da criação da igreja cristã é atribuída ao livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, colocando que o evangelista Lucas foi provavelmente o responsável pela escrita deste livro. Como historiador, Lucas teve a preocupação de caracterizar o processo histórico pelo qual surgiu a igreja cristã e mesmo existindo relatos questionáveis sobre os acontecimentos descritos, este pode ser o mais próximo que se tem do que ocorreu neste período (RABUSKE, 2012).

Lima (2012) refere que o livro descreve também a harmonia dos primeiros integrantes dessa igreja que tinham os mesmos objetivos para o desenvolvimento da igreja. O que ocorria era uma entrega total, inclusive dos próprios bens materiais para aderir totalmente ao movimento que administrava igualmente as posses entre todos os participantes, numa condição comunitária igualitária. Segundo o autor há essa descrição

em três momentos: a formação da igreja num primeiro momento, a unção do Espírito Santo no segundo e o começo da atuação dos apóstolos num terceiro, sendo que estes três momentos fundaram os pilares da igreja, com base nos ensinamentos que Jesus Cristo transmitiu.

Deste momento até a atualidade, diversos momentos de mudança e adaptação foram propostos, sendo que na igreja católica, ocorreram diversos Concílios ao longo da história, que são reuniões dos líderes da igreja para discussão de questões tanto doutrinárias, como também disciplinares. Ao todo, na igreja católica, foram realizados 21 Concílios, tendo sido o último realizado entre 1962 e 1965. Nestes eventos, aspectos teológicos das novas propostas são também discutidos (LIBANIO, 2005).

Nos relatos dos participantes, há uma percepção predominante no sentido de se perceber as mudanças propostas, especialmente para o grupo CAT-AF (37 participantes, 92,5%). Mas não necessariamente as mudanças ocorridas são atribuídas à ciência. Observa-se que dos 80 participantes dos grupos católicos, 27 (33,75%) acreditam que as mudanças devem ser atribuídas à influência da ciência. Outros 37 participantes (46,25%) acreditam que as mudanças se devem a outros aspectos da sociedade e da cultura em geral. Um último grupo de 16 participantes (20%) acreditam que não houve mudanças na teologia em si, apenas as práticas foram adaptadas de acordo com a evolução histórica basicamente, sendo que destes 16, 12 participantes são líderes católicos. Assim, esse grupo é o que mais tem participantes que acreditam que a mudança está na sociedade ou na população e não na teologia ou na ciência.

5.5.2. Entrevistas dos grupos evangélicos (EV-AF n=40 e EV-LD n=40)

1) Tempo de afiliação:

Com relação ao tempo de afiliação religiosa, o grupo EV-AF apresentou uma variação de 02 a 50 anos, com média de 13,70 anos de participação em atividades relacionadas à religião evangélica. Já para o grupo EV-LD, esse período varia de 04 a 70 anos, com média de 32,87 anos de participação na igreja evangélica. Em relação aos grupos católicos, percebe-se que o grupo CAT-AF apresenta tempo superior de afiliação religiosa, sendo a média em anos de tal grupo, mais que o dobro da média do grupo EV-

AF. Já com relação aos líderes, a diferença é menor, sendo a média para o grupo CAT-LD de 47,33 anos.

2) Início da prática religiosa e mudanças de afiliação:

No grupo EV-AF, 20 participantes (50%) referiram ter iniciado as práticas religiosas espontaneamente já na vida adulta, 11 (27,5%) indicaram o início na adolescência e 06 (15%) identificaram esse início na infância. Os demais 03 (7,5%) referiram um processo contínuo, sem especificações de período de início.

“Quando tinha 14 anos nós tivemos um problema com meu irmão de más companhias. E uma amiga me chamou pra ir na igreja pra orar por ele.” (EV-AF21)

“Desde criança era católico. Aí em 2001 me converti ao cristianismo evangélico. Tinha 20 anos na época.” (EV-AF23)

Aos 9 anos eu tive um sonho em que Jesus me falava que eu ainda não era dele por não ter aceitado. Aí no próximo estudo bíblico que teve na minha casa pedi pra pastora e as outras pessoas que estavam ali fizessem uma oração de entrega à Jesus. E desde então continuo com a minha mãe. (EV-AF24)

Dez participantes (25%) expressaram a percepção de mudanças positivas associadas a sua conversão religiosa, e 08 participantes (20%) referiram que o fato ocorreu devido às dificuldades pessoais que as fizeram buscar outra afiliação religiosa.

“Foi na igreja evangélica que senti o toque de Deus. E isso mudou completamente minha vida.” (EV-AF15)

Eu tava com problemas no meu casamento e ouvia as orações numa rádio que tinha uma programação evangélica. E as palavras vinham bem naquilo que eu tava passando. Aí fui numa igreja evangélica com meu marido, a gente se sentiu bem e começamos a frequentar. (EV-AF16)

O termo conversão, do grego (metanoia ou metanoiēn), significa “arrepender-se”, “mudar de ideia”, “mudar de sentimento”, “mudar o modo de pensar e sentir” (MOULTON, 1977).

Para Gomes (2011) esse termo comporta uma ideia de transformação, tanto no nível das crenças como no nível das práticas. A dimensão de mudança de percepção do mundo representa de resto o único consenso que os investigadores em ciências sociais estabelecem em torno do conceito. A conversão evoca “mudança de coração”, “um processo de mudança do senso de realidade ou da consciência”. O autor acrescenta que na abordagem psicológica, o fenômeno da conversão no campo religioso pode lançar luz sobre a dimensão psíquica dessa experiência. Nessa dimensão, podem contribuir,

para a compreensão dos afetos, as conexões denotativas das cognições, os desejos, grande parte dos conflitos pessoais, interpessoais e sociais

Com relação ao grupo EV-LD, 20 participantes (50%) referiram busca espontânea pela religião na idade adulta, 13 (32,5%) na adolescência e 07 (17,5%) na infância.

Na verdade quando tinha 06, 07 anos minha vizinha era evangélica e meus pais eram muito católicos. Eu pedia pra minha mãe pra ir pra igreja e ela nunca deixava. Aí vim pra cá e minha irmã veio depois de cinco anos. Ela era cristã e me convidou pra ir pra igreja e eu entrei e não saí mais. E Deus me colocou pra trabalhar com criança porque a gente acredita no versículo em Provérbios 22, 6: ensine a criança no caminho que deve andar, porque ainda que for velho, não desviará. (EV-LD31)

“Eu mudei de afiliação religiosa com 14 anos e aí eu comecei a praticar realmente.” (EV-LD10)

“Meus pais são metodistas e avós também. Então desde pequeno que pratico e sempre gostei” (EV-LD7)

Os dados do Censo do IBGE (2010) trazem um aumento significativo no número de participantes das igrejas evangélicas, da ordem de 15,4% no Censo do ano 2000 para 22,2% no de 2010. Metade dos participantes dos grupos de evangélicos, 20 de cada grupo (50%), referiu busca espontânea pela afiliação religiosa atual já na idade adulta. No total, 24 participantes (30%) referiram essa busca atrelada à adolescência e 13 (16,25%) à infância.

Quanto aos motivos da mudança de afiliação religiosa, 43 participantes dos dois grupos (53,75%) referiram a adesão à outra religião estar relacionada à identificação, curiosidade, problemas pessoais, insatisfação e envolvimento com drogas.

“Eu comecei a ler a bíblia e ler alguns questionamentos que a igreja católica pregava de uma maneira. Aí comecei a descobrir dentro da bíblia essas contradições.” (EV-LD14)

(...) Cheguei a ser assediado por um bispo, mas não foi esse o motivo da minha saída. Eu via que o que eu ensinava na catequese era muito diferente do texto bíblico. E quando comecei a questionar, o padre disse que eu tava parecendo protestante. E fui procurar uma igreja protestante, e me responderam lá as minhas dúvidas. (EV-LD25)

De modo geral, quando os resultados mostram as pessoas decidindo iniciar a prática religiosa ou a mudança de afiliação de modo mais maduro, consciente e diversificado, isso permite refletir sobre uma possível transformação existente no cenário religioso atual, comparada à antiga postura das pessoas permanecerem em sua

religião de origem, especialmente influenciadas pelos valores e crenças familiares recebidos na infância.

Pires (2010) publicou um estudo realizado na Paraíba, com o objetivo de verificar a compreensão e experiência religiosa em diferentes faixas etárias, especialmente em crianças de 03 aos 13 anos de idade. Foram analisados 297 desenhos e redações produzidos pelas crianças a pedido da pesquisadora sobre o tema “A minha religião”. No estudo a pesquisadora aponta a escassez de estudos sobre o desenvolvimento religioso especialmente entre crianças e adolescentes, embora a área seja promissora, com alguns estudos em desenvolvimento no Brasil. Apesar de se concentrarem nas crianças, tais estudos consideram a presença dos adultos como agentes históricos responsáveis pela transmissão dos conhecimentos. Assim, o tornar-se adulto dentro da religião perpassa pela visão que fora anteriormente transmitida pelos agentes históricos com quem se teve o contato na infância. Foi percebido também no estudo que a maioria das crianças fazem um uso mais social do que simbólico dos aspectos religiosos, participando dos cultos ou missas de maneira mais atrelada a uma prática comum na comunidade, do que a uma vivência espiritual, não porque não entendam o significado do aspecto religioso, mas porque a prática remete mais a isso.

Campos (2013), recentemente ao estudar “as diferentes religiões no Brasil, sua relação, confrontos e aproximações”, defende que na atualidade, a realidade religiosa pluraliza-se e transforma-se; com isso, pertencer a uma determinada religião não é algo mais percebido como o era antigamente, na qual se levava para toda a vida. Com o auxílio do referencial antropológico, o autor descreve que uma tendência tem crescido, onde as pessoas em nome da avaliação individual sobre cada momento da vida podem aderir à outra religião.

No que tange à mudança de afiliação religiosa, Coelho (2009) expõe em seu trabalho que tais mudanças dizem respeito a um movimento conhecido como trânsito religioso. Tal movimento passou a ter mais atenção de pesquisadores no Brasil a partir de 1980, com a percepção do aumento do número de pessoas migrando da religião católica para as religiões protestantes, principalmente. Tal trânsito diz respeito às pessoas em si, buscando religiões que se apresentam em maior número de denominações nas áreas urbanas e também um trânsito ideológico, com relação às crenças e práticas religiosas. Refere que o catolicismo nos últimos anos tem funcionado como um doador universal de fiéis que se deslocaram para denominações evangélicas,

especialmente as pentecostais e também para o grupo denominado “sem religião”, que apesar de não se tratar de ateus, não praticam nenhuma religião.

Percebe-se assim, que a amostra estudada, de maneira semelhante ao descrito por Coelho (2009), reflete a tendência de trânsito religioso, a qual vem acontecendo há mais duas décadas na esfera nacional.

3) Responsabilidade pelos atos e relação com a morte:

Com relação a esse tema, 28 participantes (70%) do grupo EV-AF referiram acreditar que têm responsabilidade total sobre os atos e situações de vida. Os outros 12 (30%) percebem essa responsabilidade de maneira parcial.

“Eu acredito que todo ato tem sua consequência, tanto ruim, quanto boa, e vamos responder por eles. A decisão do ser humano, se vai agir bem ou mal não é tomada nem por Deus, nem por forças ruins. Pode até influenciar, mas a decisão final é do ser humano. A responsabilidade é de cada um.” (EV-AF14)

Depende. Tem ações que é responsabilidade integral da pessoa e tem ações que vai ter influência do meio em que vive. Em relação à situação de vida também é relativo. Algumas situações são devido às escolhas e decisões suas e outras sofrem influência do meio e pessoas que convivem com você. (EV-AF22)

No grupo EV-LD a questão da responsabilidade foi referida da seguinte forma: 35 participantes (87,5%) acreditam que a responsabilidade é total e 05 (12,5%) que é parcial. Nove participantes (22,5%) fizeram referência aos cuidados com o corpo para prolongar a vida e 14 (35%) falaram sobre reflexos dos atos no pós-morte. Além disso, 03 participantes (7,5%) referiram não ter medo da morte e 05 (12,5%) associaram a responsabilidade com conteúdos relacionados à semente adâmica, que segundo os participantes, trata-se dos reflexos dos atos (pecados) cometidos por Adão e Eva no Paraíso.

Quando a gente fala de valores espirituais, a gente tem um zelo pela questão da eternidade, essa é a ideia do cristão. Então ensinamos a pessoa a confessar que Jesus Cristo é o senhor, que é o dono da vida. Uma tristeza que temos é ver uma pessoa que despreza, que renega a Jesus Cristo, que não se entregaram a Deus. Mas na dimensão humanista, temos a visão de que sim, temos nossa responsabilidade quanto a tudo isso. Nos importa muito a eternidade, mas não podemos nos eximir das nossas responsabilidades. A pessoa tem que ter convicção de que ela é propriedade de Deus. O corpo volta ao pó a alma volta a Deus, que o criou. (EV-LD3)

Eu creio que Deus nos deu o livre arbítrio e eu sou responsável pelos meus atos. Porque se a gente, por exemplo, beber e dirigir a gente sabe que a chance de acontecer algo é maior. No uso de drogas também isso aumenta.

Quando há uma doença também a gente vê essa influência. Calvino e Lutero tinham essa diferença. Calvino acreditava na predestinação e Lutero acreditava na busca da graça, que está lá para todos, resta você escolher se quer a graça ou não. Nossa igreja está dentro da concepção de Lutero. (EV-LD18)

“Eu creio que a pessoa tem a responsabilidade enquanto você tem a vida e o que vem depois dela vai ser determinado por como você viveu.” (EV-LD5)

Nosso relacionamento do dia-a-dia, na hora da morte, se dá no reconhecimento. Que a gente tem da bíblia. Em João 5, 24 e João 3, 16, se explica claramente que a gente tem que crer naquilo que Deus falou e que Jesus ensinou, que não há condenação e que há vida eterna. Pra quem segue isso, pra quem obedece a palavra de Deus não há medo da morte. As pessoas tem segurança. (EV-LD16)

(...)E a partir do momento que eles comeram da árvore, deixaram claro que escolheriam fazer a vontade deles. E até hoje todo mundo nasce com essa semente do pecado, a semente adâmica, que simboliza a vontade do homem de guiar sua própria vida. Essa é a natureza caída do homem. Que acha que sabe o que é bom ou ruim pra si mesmo, é querer saber pra si o que é o bem e o mal. (EV-LD29)

Garofalo Neto (2011) desenvolveu um trabalho com o objetivo de analisar o entendimento bíblico com base na criação-queda-redenção, a forma como a humanidade busca por diversão. Nesse sentido é abordada uma série de aspectos teóricos, visando uma compreensão de como o homem processa suas criações e de que forma busca satisfazer suas necessidades de distração e diversão. O autor coloca que o ser humano é teorreferente, e por isso tende a reproduzir em suas subcriações aspectos relacionados a Deus, mesmo de forma a se rebelar contra ele. Assim, o homem imita Deus a ser um criador e isso se reflete nas artes, no lazer e também na ciência. Contudo, justamente por seu aspecto de homem caído, ou seja, como herança de Adão e Eva (ou semente adâmica), reflete a ideia do pecado negando a participação de Deus como verdadeiro criador. O ser humano com essa herança de Adão, segundo o autor, percebe-se muitas vezes não gostando quando suas regras são quebradas, mesmo infringindo com frequência as regras de Deus. Tal ponto se relaciona a vários aspectos da vida humana, como na sexualidade, na violência e no racismo, sempre adotando motivos escusos para agir de forma prejudicial a si ou ao outro. Mas apesar da queda, o autor afirma que o homem ainda tem a crença no eterno, na salvação, ou seja, na redenção. E justamente por esse aspecto pode aproximar-se mais de Deus e assim, assumindo-o como seu senhor, os pecados cometidos estarão perdoados e a salvação garantida.

Fica claro que a visão apresentada pelo estudo corrobora com o posicionamento da maioria dos participantes dos grupos evangélicos. Percebe-se que no grupo EV-LD existe maior número de participantes (87,5%) que acreditam que a responsabilidade perante os atos e situações de vida seja totalmente de cada indivíduo, embora no grupo EV-AF, a maioria também apresente essa visão (70%).

No que diz respeito à responsabilidade parcial pelos atos, ou seja, pensando-se numa responsabilidade que sofre influências, Garofalo Neto (2011) pontua que o homem foi criado para ter o relacionamento em sociedade e em família. O problema disso, isto é, o que faz com que o homem se desvie do caminho proposto por Deus, é identificar em outro que não seja o próprio Deus (seja uma situação ou pessoa), um alvo de admiração ou de glórias maiores do que as destinadas ao Criador. Isso é o que faz com que o sujeito sofra influência e cometa atos que não estão de acordo com as regras que devem ser seguidas, falando-se assim de uma responsabilidade sujeita ao que ocorre no meio de convívio em que o ser humano está inserido.

No grupo EV-AF, um participante (2,5%) expressou medo da morte e referiu também ter medo da perda das pessoas que ama. Três participantes (7,5%) relataram não ter medo da morte e 11 participantes (27,5%) referiram a religião como auxílio para lidar com a morte.

“Quando penso na morte, sinto também um grande pavor, principalmente em relação aos entes queridos.” (EV-AF3)

“Olha, eu não tenho medo da morte, já entrou até ladrão em casa, mas em nenhum momento eu tive medo de morrer.” (EV-AF7)

“Acho que meus atos podem contribuir pra que a morte chegue mais rápido. Penso que sou responsável pelos atos e situação de vida e que a religiosidade é uma boa base que vem mostrar valores, com finalidade de colaborar com meus atos.” (EV-AF10)

A expressão dos evangélicos quanto ao medo da morte e a ausência deste foi observada. Com relação a isso, Venegas, Alvarado e Barriga (2011) ao publicarem a validação da Escala de Medo da Morte de Collett-Lester numa amostra de 349 estudantes de enfermagem, verificaram a confiabilidade e validade da escala, tendo sido estas constatadas, além da consistência interna. Foram identificadas 04 subescalas: medo da própria morte, medo do próprio processo do morrer, medo da morte de outras pessoas e medo do processo do morrer de outras pessoas. Embora o estudo não tenha um cunho religioso, percebe-se que os resultados do estudo corroboram com os dados encontrados para esta amostra que dizem respeito tanto ao medo associado à própria morte, quanto o medo de se perder a quem se ama.

Outros 04 participantes (10%) expressaram abertamente acreditar na continuidade da vida após a morte e 01 participante (2,5%) referiu ainda acreditar num período de sono até o dia do juízo final.

Acredito que exista algo além da vida. Vejo a morte como uma mudança de situação. Quando estamos no útero da mãe temos vida, mas depois que saímos, mudamos de situação e não nos lembramos da vida uterina. Vivemos a vida de bebê e também não lembramos de nada...é como na morte, vamos mudar de situação. Espero que seja pra melhor! (EV-AF32)

“Acho que quando você morre, depois você fica um período em que dorme até o dia do juízo final. Quando esse dia chegar todos serão julgados e receberão a recompensa de acordo com o que viveu.” (EV-AF37)

Além destes, a efemeridade do corpo humano foi relatada por cinco líderes evangélicos (12,5%) e a importância do retorno da alma ou espírito a Deus, como sentido de vida eterna.

“A pessoa tem que ter convicção de que ela é propriedade de Deus. O corpo volta ao pó, à alma volta a Deus, que o criou.” (EV-LD3)

Isso denota a essência do homem em Deus em termos de um ser criado com dimensões materiais e espirituais, seria a percepção do corpo como a morada da alma. A perspectiva pentecostal defende que semelhantemente a Deus, o ser humano é um ser integral, e sua antropologia tricotômica é constituída por espírito, alma e corpo. Pode-se dizer que o termo “alma” é usado teologicamente para denotar o próprio “eu”, particularmente em relação à vida consciente, aqui e agora. A alma compreende o intelecto, as emoções e a vontade. Juntas, essas qualidades compõem a pessoa real.

Pearlman (2006) assevera que o espírito e a alma representam a dimensão espiritual. Embora distintos, espírito e alma estão interligados.

Um estudo realizado por Bellotti (2010) sobre o discurso de bem-estar físico, emocional e espiritual de uma conceituada pregadora norte-americana, Joyce Meyer em sua produção midiática, mostra essa interação entre corpo-alma-espírito, uma vez que, os pontos centrais encontrados na análise dizem respeito aos aspectos individuais de fortalecimento emocional e espiritual, baseados no relacionamento entre o homem e Deus.

Essa questão entra em contato, pois por meio do corpo, morada da alma, os desejos, o intelecto e as vontades são expressas, e aqui entra a responsabilidade humana. Diante disso, percebe-se o desafio que há diante da teologia pentecostal, ou seja, o reconhecimento do corpo como um fator fundamental e constitutivo do ser humano

integral. É necessária a superação do dualismo antropológico que desvaloriza o corpo. Afinal, o cristianismo tem como fundamentos básicos a fé no Deus que se tornou carne e que promete a ressurreição do corpo (ALBANO, 2011).

4) Descrição de Deus:

Nessa categoria, também para os grupos evangélicos optou-se por construir uma Tabela relacionando os atributos usados para descrever Deus com suas respectivas atribuições nos dois grupos, devido ao número de atributos utilizados.

Tabela 4 – Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos evangélicos investigados.

DESCRIPTOR	ATRIBUIÇÕES	DESCRIPTOR	ATRIBUIÇÕES
Criador	23	Generoso	02
Pai	18	Imagem Semelhança	02
Amor	14	Socorro	01
Personificado	13	Conforto	01
Superior	12	Esperança	01
Tudo	12	Alegria	01
Todo Poderoso	11	Pastor	01
Onipresente	10	Incognoscível	01
Onisciente	09	Universo	01
Onipotente	08	Presente	01
Espírito	08	Bondade	01
Supremo	08	Paz	01
Ver Deus em Cristo	08	Punitivo	01
Força	06	Puro	01
Senhor	05	Início	01
Protetor	04	Mantenedor	01
Fiel	03	Poder	01
Próximo	03	Perfeito	01
Perdão	03	Majestoso	01
Amigo	03	Trindade	01
Luz	03	Benevolente	01
Justo	03	Vida	01
Infinito	03	Liberdade	01
Confiança	02	Transformação	01
Misericordioso	02	Cura	01
Soberano	02	Revelação	01
Natureza	02	Longânimo	01
Divino	02	Sábio	01
Grandioso	02	Infalível	01
Graça	02	Celestial	01
Sobrenatural	02	Juiz	01

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

O atributo mais utilizado na descrição foi “Criador”, com 23 referências a essa palavra.

“Deus é o criador. Penso que foi ele quem criou, projetou todas as coisas, inclusive a nossa vida.” (EV-LD14)

Dezoito pessoas (22,5%) descreveram Deus como “Pai”, 14 (17,5%) como “Amor” e outros 13 participantes (16,25%) referiram uma imagem personificada de Deus; além disso, 12 sujeitos (15%) utilizaram a palavra “Superior” e outros 12 (15%) referiram como “Tudo”.

“A imagem que eu faço é de um pai amoroso, sentado numa grande trono. Até porque o ser humano precisa disso, de algo palpável.” (EV-LD13)

“Na minha vida Deus representa tudo, a imagem de tudo o que há.” (EV-LD10)

(...) Mas nem todos que dizem Deus estão se referindo ao verdadeiro Deus. Uns falam por costume, condicionamento, nem o conhecem. É como se eu perguntasse pra você: Você conhece a Dilma? Você sabe quem é, mas não a conhece, não tem intimidade. Com Deus também é assim(...). (EV-LD31)

De acordo com Leenhard (2012) a imagem do transcendente é por si só a imagem daquilo que escapa ao nosso alcance. Contudo, é possível verificar que muitos atributos são necessários para uma descrição de Deus quando são questionadas as pessoas que Nele acreditam. Ao todo 62 atributos foram utilizados pelos grupos evangélicos para descrever Deus. Para o autor citado, é inconcebível pensar-se uma sociedade sem a presença do transcendente, para que seja possível atribuir à divindade aquilo que não podemos atribuir a nós mesmos.

Mueller (1997) discute em seu trabalho os fundamentos da espiritualidade evangélica com base nas figuras que se apresentam dentro dessa concepção religiosa. Para o autor, as imagens de Deus Criador e de Deus Filho, ou seja, Jesus Cristo, são centrais na construção da espiritualidade evangélica, por representarem fundamentalmente os aspectos da Criação, da Queda e da Redenção, que são marcantes para o cristianismo. Nos relatos ficam claras essas representações por meio das descrições “Criador”, “Pai”, “Personificado” (nos quais se encontram variações da figura de Deus como uma imagem de Jesus, mas envelhecido) e “Ver Deus em Cristo”.

Renders (2006) desenvolveu um trabalho com base na teoria da imagem para investigar as imagens de Deus e a práxis eclesial num meio evangélico específico. Apesar do fato do protestantismo brasileiro não favorecer o uso de representações figurativas, existem objetos que são de importante representação, até mesmo para identificação de um grupo evangélico específico, assim como o peixe simboliza o

cristianismo e a bíblia simboliza a palavra de Deus. Além disso, existem representações sacramentais que também são investidas de simbolismos e que fazem parte da construção da representação evangélica de sua religiosidade e, conseqüentemente, de Deus.

5) *Consciência da existência de experiências profundas:*

No que se refere a essa questão, o grupo EV-AF dividiu suas percepções quanto à consciência das pessoas das experiências profundas, referindo que sim, as pessoas ou a maioria delas têm essa consciência, sendo representados por 29 participantes (72,50%). Outros 04 (10%) acreditam que não, que a maioria das pessoas não tem essa consciência e 07 (17,5%) referiram acreditar nisso em parte, que algumas pessoas têm e outras não.

“Existem coisas indizíveis. Eu acho que as pessoas têm consciência sim, de experiências que são espirituais, que são do plano espiritual e isso é muito individual, por isso é difícil colocar em palavras. E temos consciência sim.” (EV-AF14)

“Eu acho que sim, eu também acredito. Dizem que pra você ter fé, você tem que acreditar naquilo que você não vê. As pessoas que eu convivo dentro da igreja são as que mais me fazem acreditar na consciência dessas experiências, por causa dos testemunhos que tem”. (EV-AF34)

“Não acredito. Não acredito porque o homem é muito incrédulo, porque primeiro ele recorre às forças do próprio braço. Depois, só quando vê que não dá conta é que ele recorre à Deus.” (EV-AF7)

Acredito que alguns têm consciência e outros não porque não tiveram essa experiência, não creem e como vão ter essa experiência? Quando eu estava fazendo um estágio de radiologia, o médico dizia que não acreditava em nada, então como ele iria ter uma consciência dos poderes, da profundidade e extraordinária experiência com Deus. (EV-AF1)

Para Leenhard (2012) os atos fundadores das religiosidades dizem respeito às práticas que visam uma relação com a divindade, de maneira que possam construir nessa relação a possibilidade de solidificar uma determinada devoção numa comunidade e que essa seria a força que traz o poder expresso pela divindade. Para o autor, é certo que a religião tem se desenvolvido de maneira mais racional e discursiva, embora não tenha havido abandono das práticas ritualísticas. Mas é justamente essa racionalidade que busca reconhecer os aspectos mágicos e de simbolização. O autor deixa claro que por aspecto mágico, faz referência aos aspectos inexplicáveis, que segundo ele estão sempre em evidência e em revisão porque buscam explicações como o sentido da vida e o da morte.

No grupo EV-LD, 20 participantes (50%) referiram que acreditam que as pessoas tenham essa consciência, 08 (20%) que não e 12 (30%) que acreditam que parte

das pessoas tem e parte não tem. Destes 12, 06 (15%) identificam que isso depende das experiências pessoais de cada um.

As pessoas têm essa consciência porque somos dotados de uma percepção com relação aos fatos que vivenciamos. E as coisas fortes que acontecem na sua vida, você não apaga. É difícil passar por uma situação dessas e não ficar com isso registrado. A alma do homem adoece se não tiver esse contato e não voltar a isso, até como mecanismo de cura. (EV-LD14)

Eu acho que não. Acho que o homem tem medo da profundidade e é incentivado a viver cada vez mais na superficialidade. O homem tem medo do que não conhece. Até mesmo com Deus, ele tem medo de se aproximar de Deus, de conhecer a Deus. Na vivência da igreja que a gente tem, a gente percebe que muita gente só cumpre os rituais e não pensa na profundidade. (EV-LD2)

“Algumas sim, outras não. A gente já ouviu muitas histórias nesse sentido, e outras pessoas guardam essas histórias e nem procuram pensar nelas.” (EV-LD5)

“(...) Na igreja, as pessoas passam a acreditar porque elas mesmas passam a ter essas experiências extraordinárias com Deus”. (EV-LD32)

Nos grupos evangélicos, no total, 49 participantes (61,25%) acreditam que as pessoas têm consciência de que existem experiências profundas a ponto de serem indizíveis. Burmann (2009) em seu trabalho sobre o espaço comum e o espaço sagrado, discute que onde e quando o sagrado se manifesta, o espaço onde isso ocorre se torna o único real, e é nesse espaço que, para a pessoa que acredita, surge possibilidade de comunicação com a divindade. Neste local, o profano é transcendido, dando espaço às novas possibilidades. O autor afirma ainda que as pesquisas sobre este tema são escassas com relação às comunidades protestantes. Nos dois grupos, porém, percebe-se que há o reconhecimento da crença na existência do local do sagrado na vivência da religião. Percebe-se pelos relatos, especificamente dos líderes religiosos que há associação entre o adoecimento e a ausência dessas experiências, dando a entender que o sagrado ou transcendente em sua opinião é de suma importância inclusive para a manutenção da saúde dos indivíduos.

Os 12 participantes (15%) dos dois grupos evangélicos que referiram acreditar que as pessoas não têm consciência das experiências profundas inexplicáveis, assim como os demais 19 (23,75%) que afirmaram que parte das pessoas tem, parte não, justificaram esse pensamento basicamente pelo fato das pessoas terem ou não, no decorrer da vida, experimentado de uma maneira pessoal esse tipo de acontecimento. Visto que a pergunta a que os relatos se referem diz respeito à visão que o participante

tem da sociedade em geral, entende-se que os participantes que se expressaram dessa forma acreditam que pelo menos parte (pelo menos a metade) da população não tem consciência da possibilidade desse encontro com o sagrado por meio de experiências.

Rabuske et al. (2012) afirmam que uma característica advinda da reforma protestante é crer numa relação direta de cada ser humano com Deus, sem que seja necessário um intermediário, representante de nenhuma hierarquia para isso. Pensando-se nisso, pode-se levantar a hipótese de que seja por essa questão que a maioria dos participantes dos grupos evangélicos acredita que essas pessoas têm consciência das experiências profundas inexplicáveis, e ao mesmo tempo entender porque os que acreditam que isso é possível para parte da população ou que isso não é percebido na maioria, associa a ausência dessa consciência à in experiência.

6) Possibilidade de recompensa:

Com relação à possibilidade de recompensa após a morte, no grupo EV-AF, 24 participantes (60%) referiram que acreditam que sim, sendo que 10 destes (25%) referiram a ideia de galardão e outros 09 (22,5%), embora não usem especificamente esse termo, acreditam que a recompensa está associada às atitudes em vida, quando a pessoa merece. Treze participantes (32,5%) relataram não acreditar na ideia de recompensa, sendo que 06 destes (15%) relataram que apesar disso acreditam em algo bom após a morte; 03 participantes (7,5%) referiram acreditar no sono após a morte e que acordarão no juízo final; outros 02 (5%), que a salvação acontece pela graça de Deus e não por atitudes; últimos 03 participantes (7,5%) afirmaram acreditar que a recompensa depende da fé.

“A bíblia diz que vamos ter um galardão, como se fosse um presente, uma recompensa. E acredito que sim, que de acordo com nossas atitudes, vamos ter recompensa na vida eterna, não numa nova vida na Terra. Se vivermos como Jesus ensinou, nossa recompensa virá na eternidade.” (EV-AF14)

“(…) Eu acho que tem diferenças sim de acordo com as obras de cada um por causa de uma passagem bíblica em que Jesus fala que quem quiser ser melhor do que os outros na Terra, será menor no reino do céu. Isso me faz pensar que há diferença sim”. (EV-AF37)

“Não vejo como recompensa. Acredito que existe uma novidade de vida após a morte. Não vejo Deus como punidor e por isso não acredito em recompensa. Existe algo bom, mas não recompensa.” (EV-AF8)

“Não. Acreditamos que iremos dormir e só acordamos no juízo.” (EV-AF13)

No grupo EV-LD, 32 participantes (80%) referiram acreditar que existe recompensa, sendo que 18 destes (45%) atribuem a recompensa à ideia de galardão, e os demais 14 (35%) identificam como recompensa estar com Deus ou que a salvação

acontece pela graça de Deus e não pelas obras humanas. Seis participantes (15%) acreditam que não existe recompensa e 02 (5%) creem em partes nessa possibilidade.

Sim, mas eu não acredito que eu possa ganhar a recompensa simplesmente pelas minhas atitudes. O evangélico aprende que não importa o que você faça, por mais justo que você seja, você nunca vai merecer o amor de Deus. Por isso a gente acredita na graça de Deus, que vem de graça mesmo, porque ele nos ama. A bíblia fala de galardão, de acordo com as obras e esse galardão que é a recompensa, pode sim se modificar pra quem já está sob a graça divina. Mas dessa graça em si, a gente nunca vai poder fazer nada pra ser merecedor. (EV-LD26)

“Recompensa não. Acho que é consequência do que você fez em vida. A gente acredita no galardão, mas não visto como uma troca, é uma ideia de consequência dos atos”. (EV-LD27)

No total, 28 participantes (35%), dos dois grupos acreditam na ideia de galardão, como descrito na bíblia, da recompensa segundo suas obras. Pedrosa (2007) discorre em seu trabalho com base nas Teorias do Discurso e de Análise do Discurso as principais funções e características que compõem o discurso institucional religioso. Na interpretação da autora uma das características atribuídas a esse discurso é que o representante da instituição religiosa se baseia nas regras expostas pelos textos sagrados para elaborar e proferir as crenças e discursos relacionados àquele corpo religioso. Nos relatos dos participantes é possível observar que estes referiram a ideia de galardão com alusão à bíblia para embasar o pensamento e a crença nesse processo. Embora no seu entender essa questão do discurso religioso embasado nos textos sagrados seja de responsabilidade do líder, percebe-se que essa visão foi representada inclusive pelos afiliados da religião evangélica, dando ideia dos reflexos do discurso do líder para essa denominação religiosa.

Com relação à ideia da salvação designada pela graça divina, de acordo com Mueller (1997) Lutero postulava que foi Jesus quem revelou aos homens o coração de Deus, como sendo um mar de graça, onde é justamente pelo confronto com seus mandamentos que se percebe a possibilidade de atingir a graça, pois Deus oferece a salvação para todo o universo criado. É possível identificar essa visão nas descrições dos participantes que referem que a salvação é atingida pela graça, é oferecida por Deus e não conquistada pelo homem.

Tal visão corrobora com o pensamento cristão proposto na explicação dos momentos de Criação, Queda e Redenção, onde entende-se que o ser humano foi criado por Deus, assim como todas as outras coisas. No entanto, o homem foi criado com

vontade, livre arbítrio e responsabilidades. O momento do pecado porque o homem o mesmo escolhe não ter mais o relacionamento e passa a viver independente, sofrendo a consequência da quebra do relacionamento, a morte física por sua desobediência. Jesus Cristo, Deus em forma humana, vem ao mundo e por meio da própria morte na cruz faz a religação do relacionamento entre Deus e o homem, libertando os homens de seus pecados. Assim, há a possibilidade para aqueles que se orientam nos ensinamentos deixados por Jesus Cristo de receberem a graça divina da salvação (GAROFALO NETO, 2011).

7) Aumento da fé na proximidade com a morte:

Nesse tema, no grupo EV-AF 18 participantes (45%) afirmaram acreditar no aumento da fé com a proximidade da morte, sendo que 12 deles (30%) referiram que isso acontece pelo medo diante desse fenômeno. Esse aumento também foi atribuído à confiança em Deus, à mudança no ponto de vista a partir do fenômeno ou ainda que a fé aumente diante de qualquer dificuldade. Sete participantes (17,5%) afirmaram que não há relação entre a proximidade da morte e a fé, e destes, 04 (10%) disseram que a fé é algo que se tem ou não. Outros 15 participantes (37,5%) afirmaram que existem situações em que isso acontece, outras não, dependendo da fragilidade, do tipo da morte, entre outros motivos, em que as pessoas podem se aproximar ou se afastar da fé.

“Sim. A ideia de morte, se não tiver com Cristo, pode aumentar o medo. Então acho que a fé aumenta com a proximidade da morte.” (EV-AF1)

“Não (...) quem tem essa intimidade vai buscá-la de qualquer maneira. Se você não tem experiência com Deus, você não vai buscar essa intimidade.” (EV-AF21)

“Depende da pessoa. Uns sim outros não, pois tem aqueles que ficam mais revoltados e se afastam de tudo que remete à fé e à espiritualidade.” (EV-AF3)

No grupo EV-LD, 10 participantes (25%) afirmaram que acreditam que sim, há aumento na fé, especialmente na busca pela cura; 17 participantes (42,5%) creem que não, que a fé é uma prática cotidiana, e outros 13 (32,5%) referem que acreditam em parte e que isso depende em grande parte da proximidade com Deus.

Acredito que de modo geral, a proximidade leva ao desespero, por falta de preparo para lidar com a morte. Há uma preocupação maior com a chegada da morte. E muita gente se apegua a Deus para reverter o quadro. Essa inquietude que gera é pra querer uma resposta favorável à vida física e não pra dizer a Deus que se cumpra o que ele quer pra minha vida. (EV-LD2)

“Não. Acho que isso não tem nada a ver. A morte é uma consequência. Se você tiver fé, enfrenta ela bem, senão, não. Quando o ensino é passado de acordo, você não vê ninguém desesperado na hora da morte.” (EV-LD6)

“Depende da pessoa. Por exemplo, eu já sirvo a Deus há muito tempo, então acho que a minha não. Mas as pessoas que estão mais distantes, isso pode acontecer sim. Algumas pessoas podem se abrir mais pra isso. Já vi isso acontecer e pra algumas pessoas, nesse ponto, aumentaria a fé.” (EV-LD12)

No total, 28 participantes (35%) dos grupos evangélicos acreditam que há uma relação entre a proximidade com a morte e o aumento da fé. Outros 24 (30%) acreditam que não há essa relação. Pinezi (2009) realizou estudo com objetivo de compreender o sentido da morte para dois grupos evangélicos, sendo um protestante histórico e outro neopentecostal. A coleta foi realizada com participação nos cultos e reuniões das duas denominações, entrevistas abertas com os fiéis e observação participante, sendo tais dados analisados comparativamente. Para os presbiterianos (protestantes históricos), a ideia de esperança está associada ao reencontro no céu e a vitória sobre a morte na segunda vinda de Jesus Cristo, por meio da vida eterna oferecida por este. Já para os neopentecostais a morte é vivenciada pela busca de bênçãos divinas no presente, especialmente materiais e em relação à cura do corpo. De acordo com o estudo, as especificidades de cada denominação religiosa refletem na forma como a fé e a morte são entendidas e vivenciadas, o que corrobora com os resultados do presente estudo, em que há também essas distinções na maneira de se associar a fé e a proximidade com a morte. Compreende-se ainda haver uma tendência maior dos afiliados acreditarem no aumento da fé com a proximidade com a morte, como também um número maior de líderes dessa denominação religiosa que acreditam na fé enquanto prática cotidiana.

Os restantes 28 participantes (35%) acreditam que a fé pode aumentar ou diminuir, de acordo com as experiências vividas pelas pessoas. Um estudo conduzido por Birman (2012) analisou por meio de dois estudos de caso, dois processos bastante identificados nas denominações evangélicas pentecostais, que são a vida apartada do mundo e as descrições de milagres que colocam o protagonismo do divino na vida dos fiéis. A autora afirma que nessa experiência, existe um modo de viver a fé que determina ao longo da experiência a maneira como o praticante da religião lida com as esferas de dentro e fora do contexto religioso e a forma como experiencia o protagonismo divino, ou seja, de que forma acredita que será a atuação do divino em sua vida. Nota-se que o estudo dá ideia de que a forma como é vivida a fé no contexto religioso tem reflexos na relação do ser humano com a figura divina, e assim se estabelecem as relações de fé de acordo com o que foi construído nessa relação. Nos relatos expostos por esse grupo de participantes, fica claro que na visão destes ocorre

essa relação entre experiências vividas ao longo da vida e a forma como identificam o desenvolvimento da fé.

8) Religião como tentativa de explicar as limitações humanas:

No que se refere a esse tema, 17 participantes (42,5%) do grupo EV-AF afirmaram que entendem a religião como forma de explicar as limitações humanas, sendo que 12 deles (30%) acreditam que a religião responde totalmente a essas questões, e 05 (12,5%) referiram que a religião auxilia nesse processo. Dezoito (45%) afirmaram que não, que essa não é a função da religião; outros 05 (12,5%) acreditam que não só a religião tem essa condição, mas sim, que há uma associação dela com a razão para buscar explicações para as limitações.

“Penso que sim, uma vez que ela nos mostra o motivo de nossa existência, de nosso sofrimento e de nossas conquistas.” (EV-AF10)

“Não. A religião é uma aproximação com Deus. Essa eu acho que é a função dela.” (EV-AF13)

“Eu acho que o intelecto tem a função de discernir e compreender a religião. Então, acho que tem uma junção das duas coisas nesse sentido.” (EV-AF25)

No grupo EV-LD, as opiniões dividiram em sim, representados por 27 participantes (67,5%), sendo que 14 (35%) acreditam que a religião explica totalmente as limitações humanas e 13 participantes (32,5%) que ela ajuda. Além disso, 06 (15%) ressaltaram a importância do conhecimento da bíblia para se buscar as explicações. Os que acreditam que oferecer explicações não é a função da religião somam 12 participantes (30%) e 01 participante (2,5%) referiu que acredita que as explicações da religião dependem da experiência de cada um.

“Não diria que ela é uma tentativa, na visão evangélica nós não vemos como tentativa, vemos que é um caminho inteligente e até racional, porque a religião não é burra, ela se explica totalmente.” (EV-LD7)

Acredito que sim. O ensino muda a mente das pessoas. Muitas pessoas têm a visão dos seus antepassados dentro da religião e é preciso um novo pensamento, mudar a mente. É esse ensino que promove a mudança, porque muitas vezes as pessoas caminham errado porque aprenderam errado. Então você ensina e confirma porque não é você que está falando essa verdade, é a bíblia. (EV-LD15)

“Eu penso que a religião faz o contrário, no estar com Deus, dentro da igreja, Deus tira as limitações (...). O se aproximar de Deus te leva a quebrar as barreiras, as dificuldades.” (EV-LD12)

A religião não leva a nada. Não te traz nenhum benefício. O que vai mudar sua vida é você ter uma experiência com Deus. Porque a religião é simplesmente algo na sua vida, que não te traz nada. Agora, quando você tem a experiência com Deus, aí você encontra o prazer desta busca. A religião, às

vezes, não preenche nada, não é participar da religião que vai garantir isso. É a experiência com Deus que garante isso. Na minha família as pessoas tiveram desde jovens a experiência com Deus. (EV-LD23)

Dos dois grupos evangélicos 44 participantes (55%) afirmaram acreditar que a religião é responsável por oferecer explicações sobre as limitações humanas, sendo que destes, 26 (32,5%) acreditam que ela é totalmente responsável por isso.

Pfeffer (2012) desenvolveu um trabalho em que avaliou o retorno à busca do sagrado após o processo de secularização. Segundo o autor, num mundo pós-secularização tornou-se impossível dar conta das questões últimas do ser humano sem a intervenção religiosa. Esse fato foi o que impulsionou um retorno ao sagrado, ocorrendo um reencantamento, devido ao reflexo das condições sociais que criam questionamentos acerca das justificativas para as situações de vida, em busca de sentido e espiritualidade.

O autor afirma ainda ter ocorrido um processo contrário do que os pensadores do século XIX acreditavam, que seria o fim do sagrado e morte da religião. Para ele, a religião é um pré-requisito para a funcionalidade das sociedades humanas. Nos relatos dos participantes, percebe-se exatamente essa forma de pensamento, ficando mais evidenciado esse processo na forma de interpretação e justificativa dos líderes religiosos dessa denominação que expõem em suas falas, crenças relacionadas a um questionamento intelectual e também de forma a repensar as formas anteriores de se transmitir os conhecimentos religiosos, sendo necessário haver adaptação através dos tempos. É notório que os afiliados encontraram maneiras mais simplificadas de justificar sua postura, não tão ligadas à racionalidade ou às reflexões expostas pelos líderes.

Quando se compara esses dados do estudo de Pfeffer (2012) com os relatos dos participantes da presente investigação, percebe-se semelhança no que se refere ao pensamento de reencantamento com o Divino, ficando mais evidenciado esse processo no modo de interpretação e justificativa dos líderes religiosos, cujas expressões denotam crenças relacionadas a um questionamento intelectual, ao modo de repensar as formas anteriores de se transmitir os conhecimentos religiosos que culminam na percepção da necessidade de haver adaptação através dos tempos. Por outro lado, percebe-se os afiliados encontrando maneiras mais simplificadas de justificar sua postura, não tão ligadas à racionalidade ou às reflexões expostas pelos líderes.

No que diz respeito à ideia de que a religião tem outras funções que não explicar para o ser humano sobre suas limitações, o estudo de Leenhard (2012) explicita que,

etimologicamente, religião significa religar, o que nessa circunstância seria religar o homem a Deus, sendo esse o significado mais aceito e mais provável. Mas são admitidas outras definições, como reler, no sentido de retomar a leitura para melhor compreensão. Assim, para participantes que acreditam que a religião não tem como função explicar, embora seja passível de compreensão, há a ideia da possibilidade do homem se religar a Deus. Nos grupos evangélicos, 36 participantes (45%) apresentaram essa visão em relação ao papel ou função da religião.

9) Relação entre religião e ciência:

No questionamento sobre as divergências entre religião e ciência, 34 participantes (85%) do grupo EV-AF referiram observar essas divergências, sendo que desses, 25 (62,5%) acreditam que a principal divergência se deva à oposição entre razão e crença, ou entre o concreto e o espiritual. Três participantes (7,5%) acreditam que não existem divergências e 03 (7,5%) que houve uma aproximação entre elas.

“A ciência é baseada numa teoria humana, natural e precisa de fatos concretos. A religião é baseada num fator sobrenatural, espiritual, não tem como provar, é mediante a fé. Todo mundo que tenta provar algo na religião, vai se frustrar, porque não é material”. (EV-AF14)

“Acho que a principal diferença é que na ciência você precisa de experimentação e na religião não. Acredito que você se converte pelo Espírito Santo, você não precisa de provas concretas, a religião se baseia na fé”. (EV-AF28)

“As pessoas tentam criar uma guerra entre religião e ciência e cada uma existe no seu campo de atuação, se inter-relacionam e não competem.” (EV-AF23)

“Existem cientistas que são evolucionistas e tem os criacionistas. Então depende da postura científica que os cientistas adotam. E é possível num universo científico você ter um paralelo com a bíblia, você encontrar as explicações e a religião andar junto com a ciência.” (EV-AF37)

No grupo EV-LD, 32 participantes (80%) afirmaram perceber divergências entre religião e ciência, a maior parte deles (21 participantes, 52,5%) atribuem esse fenômeno também à oposição entre razão e crença. Um participante (2,5%) mencionou não existir divergências; 01 (2,5%) referiu que esses fenômenos não se relacionam e 06 (15%) percebem momentos de entendimento ou contribuição entre as duas.

“Eu diria que a base da religião é a fé. Sem fé você não crê em Deus. Já ao passo que a ciência trabalha em cima de dados, de questões exatas. Enquanto a ciência não coloca Deus, mas sim o homem em suas experiências, a religião trabalha só com a fé, com a crença no sobrenatural. E trabalha com conceitos como amor, paz, bondade. E a ciência se preocupa mais com o desenvolvimento do físico, do que é necessário para o corpo. A religião é voltada para o emocional, o espiritual.” (EV-LD6)

“As religiões quando não partem de uma visão de que Deus é o criador e o mantenedor de tudo, essas pessoas têm mesmo é que brigar com a ciência. Então assim, na minha concepção se Deus criou

tudo, tudo acontece com a criação dele. A ciência só atesta quem é meu Deus. O que a ciência comprova não desabona Deus.” (EV-LD3)

“Se pegar pontualmente algumas afirmações da ciência que chocam frontalmente com os princípios absolutos da bíblia, nós ficamos com a bíblia. Quando não, compactuamos com a ciência.” (EV-LD7)

“A religião prega uma mensagem. A ciência fala de conhecimento. Por exemplo, a religião traz uma conduta e a ciência traz os benefícios, os recursos para a sociedade, pra humanidade. Uma está num campo, outra em outro. As duas são distantes entre si”. (EV-LD23)

Se a ciência e a religião se unem a gente forma uma dupla muito legal, com muitos recursos. Se você vê um Einstein, por exemplo, que percebeu que existia Deus. Agora, as divergências, acho que existem problemas de interpretação de ambas as partes. A ciência não entende a bíblia e a religião não entende a ciência(...)É muito importante quando a ciência mostra as coisas pra gente. (EV-LD18)

É possível observar que dos 80 participantes dos dois grupos evangélicos, 66 (82,5%) acreditam que existem divergências entre religião e ciência, sendo que 41 destes (51,25%) pensam que tal fato se deva à oposição entre razão e crença ou entre o concreto e o espiritual. Pensando-se no modelo discutido por Sanches e Danilas (2012), pode-se afirmar assim que a grande maioria dos participantes evangélicos acredita que a relação entre religião e ciência assume a posição de conflito, caracterizada por pontos de vista extremados, em que as divergências não propiciam uma aproximação entre elas.

Outros 13 participantes (16,25%) assumem posições em que se percebe a possibilidade de diálogo (10 participantes, 12,5%) ou mesmo de integração (03 participantes, 3,75%). Essas posições se referem a contribuições em situações fronteiriças, em que é necessário que uma se apoie na outra para alcançar explicações ou recursos (diálogo) e em contribuições em que há possibilidade de um caminhar lado a lado em busca do desenvolvimento (integração).

Assunção (2009) conduziu um estudo no Hospital das Clínicas da USP em que participaram especialistas de saúde mental e especialistas religiosos que trabalhavam no Instituto de Psiquiatria do hospital. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, analisadas por meio da teoria de campo. Em sua análise a autora afirma que foi possível perceber que de um lado existem médicos que estão sensíveis à importância da espiritualidade, agindo como agente híbrido, fazendo uma ponte entre a medicina e a religião no hospital; de outro, é notório que ocorre uma influência do discurso da ciência no discurso religioso. Os religiosos se mostraram abertos a trabalharem com base nas normas científicas, inclusive no estabelecimento de prioridades nesse campo.

Os resultados deste estudo corroboram com a visão dos participantes que adotam as posturas de diálogo e integração.

Apenas 01 participante (1,25%) dos grupos evangélicos acredita que não existe relação entre religião e ciência, assumindo assim, a postura de independência entre ambas.

10) A religião do passado e do presente em relação à ciência:

No que diz respeito às diferenças percebidas entre a religião do passado e do presente, 31 participantes (77,5%) acreditam que existem, sendo que 09 participantes do grupo EV-AF (22,5%), acreditam que se devem à ciência. Outros 14 participantes (35%) creem que a diferença se deve à mudança das pessoas; 05 (12,5%) referem que difere por uma aproximação maior com Deus; 02 (5%) associam a diferença pelo aumento do acesso à informação; 01 (2,5%) acredita que difere pelo uso que é feito da teologia atualmente; fechando o grupo, 09 participantes (22,5%) acreditam que a religião do presente não difere da do passado.

“Acho que sim porque muita coisa mudou devido à reforma protestante e entendo que isso é por causa da ciência sim. Até porque Lutero que começou a reforma e isso foi depois de ter estudado, e isso é ciência.” (EV-AF18)

Acho que é diferente, mas não por causa da ciência, é por causa do ser humano mesmo. Antigamente era a coisa do nada faz, nada pode. Hoje é tudo muito liberal, as mulheres, por exemplo, podem fazer muitas coisas que antes não podiam. Hoje vivemos pela graça e não pela lei. Então hoje é diferente, mas pela própria mudança do homem. (EV-AF39)

“Você pega o que foi escrito há tantos anos e percebe que Deus está presente hoje. É a palavra viva e eficaz.” (EV-AF21)

“Muitas igrejas evangélicas mudaram e trabalham muito com a teologia da prosperidade, que acredita que quanto mais você der pra igreja, mais você vai prosperar. Só que é um prosperar só financeiramente nessa visão. Então é um mundo que está muito afastado de Deus”. (EV-AF36)

“Se pensarmos na religião evangélica, enquanto práticas e padrões a serem seguidos, não há como mudar porque a figura do evangelho e o que Jesus ensinou, não mudou, a questão é seguir os mandamentos. Se a pessoa sai disso, ela sai da crença.” (EV-AF14)

Para o grupo dos líderes evangélicos, 22 participantes (55%) identificam mudanças, sendo que 13 (32,5%) afirmam existir essa diferença devido à ciência, elencando temas como a evolução da ciência, a associação entre a ciência e o homem, entre outros; 05 participantes (12,5%) afirmaram que a religião é diferente devido à mudança das pessoas; 03 (7,5%) referiram que o que mudou é o uso que se faz da religião atualmente e 01 participante (2,5%) afirma que a mudança é devida ao acesso à

informação. Ainda com relação a essa questão, 18 participantes (45%) afirmaram que não percebem diferença na religião do presente com a do passado.

Eu acho que sim, que se tornou mais científica porque as descobertas arqueológicas que colaboram pra um olhar teológico. Tem que se observar que as nuances da sociedade provocaram um olhar teológico. A teologia é algo que tem que ser cíclico, revisto, reobservado. Isso promove uma nova abertura, a possibilidade de se usar novos recursos (...) (EV-LD6)

Eu acho que sim. O religioso antigo era muito mais...Os teólogos de hoje dialogam muito mais com a ciência. Por outro lado, a ciência de hoje em alguns segmentos é preconceituosa com relação á religião e partem do pressuposto do naturalismo. E existe um preconceito que pra ser culto, você tem que ser ateu. Como se ser religioso fosse ser atrasado. (EV-LD19)

É diferente, mas não acho que isso se deva à ciência. Eu acho que o ser humano se questiona mais hoje, de tudo, de si mesmo, do futuro e isso o levou mais a buscar Deus. Essa fome do ser humano o trouxe mais pra Deus. É o que o ser humano quer, mas muitas vezes ele não sabe onde buscar. (EV-LD14)

“Eu acho que não, ela não é mais científica. Ela foi mais explorada, mais lida, mais debatida do que no passado. No passado era mais restrito a uma minoria. Ninguém explorava. Hoje é diferente.” (EV-LD16)

(...) Hoje a gente vê uma banalização da bíblia muito grande, algo incoerente, que transforma a figura de Deus em algo que parece que é a gente que manipula ele, como na teologia da prosperidade. E os desejos do meu coração têm que estar de acordo com o coração de Deus. Então hoje essa relação está banalizada e conseqüentemente banalizam as escrituras. E quando você lê a bíblia fora do contexto, você absolutiza o versículo em razão do todo. (EV-LD18)

“A base da teologia genuína do presente é a mesma do passado. Mas quem produz teologia são as pessoas e hoje há mais liberdade de expressão das mudanças e descobertas. Mas mudança não.” (EV-LD3)

De acordo Sousa (2011) essa teologia foi disseminada no Brasil no final da década de 1970, com a chegada das igrejas neopentecostais. Segundo a autora, a base da teologia da prosperidade vai contra a ética protestante tradicional que prega a caridade, a salvação e a rejeição dos prazeres do mundo, pois enfatiza que na busca da prosperidade, os fiéis devem realizar doações à igreja. Além da questão financeira há ênfase também na cura e em visões sobrenaturais.

Esperandio (2006) conduziu um estudo com o objetivo de analisar uma específica denominação religiosa no Brasil como parte de um trabalho conjunto com mais 07 países. Foram identificados termos como sacrifício de dinheiro por parte dos fiéis em busca de prosperidade. Na análise da autora, tratava-se de uma forma de

narcisismo reativo, com o uso da vergonha diante da não doação como composição da subjetividade dos fiéis nesse processo.

Ao todo, 22 participantes (27,5%) dos grupos evangélicos acreditam que a teologia teve mudanças devido à ciência. Lustig (2008) discute em seu trabalho a aproximação entre a religião e a tecnologia como base para o desenvolvimento de procedimentos terapêuticos. De acordo com o autor, essa aproximação promove o reconhecimento da natureza como auxílio no discernimento moral, no entendimento sobre a responsabilidade humana com base nos propósitos de Deus e promove avaliação sobre os efeitos do pecado e da finitude da liberdade humana.

Cerveira (2008) aponta para um aspecto importante da própria constituição das denominações evangélicas: o fato dessas terem surgido com a Reforma Protestante, calcada no iluminismo e no renascimento. É possível perceber por esses dois estudos que existe a participação da ciência no desenvolvimento da teologia, o que é reconhecido por pouco mais de um quarto dos participantes dos grupos evangélicos.

Outros 19 participantes (23,75%) referiram que a mudança ocorreu devido à mudança das pessoas. Rabuske et al. (2012) realizaram um estudo visando identificar a origem e o significado do termo protestante e obter um panorama das práticas dessas denominações religiosas no Brasil. Para isso, desenvolveram um estudo de revisão de literatura disponível nas bases de dados científicas. O estudo aponta que as práticas advindas do protestantismo tradicional, ocorreram após a reforma protestante proposta por Lutero. Segundo os autores tais práticas das chamadas igrejas protestantes históricas eram identificadas por cultos, doutrina e teologia direcionadas para a ordem, formalidade e racionalidade. Com a introdução do pentecostalismo no Brasil, foram identificadas mudanças significativas dessas práticas e das bases da teologia, orientadas principalmente para manifestações do Espírito Santo durante os cultos. Essa foi uma mudança percebida que não tem essencialmente uma influência científica e sim uma mudança de prática e de interpretação dos acontecimentos com base em aspectos religiosos. Tal fato apontado pelos autores justifica o posicionamento desses participantes com relação à mudança na teologia ser oriunda da diferença de postura dos próprios praticantes da religião, não estando necessariamente atreladas à ciência.

Segundo Leenhard (2012) essa mudança foi resultante de movimentos que reivindicavam uma igreja mais efetiva, com menos individualismo e menos racionalismo, que fosse mais próxima dos rituais.

Diante do exposto, é importante ressaltar a crescente relação da religião/espiritualidade com o universo científico, realidade esta que vem ganhando espaço pelo seu papel reconhecido em estudos sobre dor e qualidade de vida das pessoas. Compreendendo esse cenário que se entrelaçam, percebe-se que o ser humano pode ficar mais próximo uns dos outros, sendo capaz de refletir acerca do Sagrado e seu religar às dimensões para mudança e transformação nas peculiaridades e pluralidades que envolvem o ser humano (CAMPOS, 2013; RIZZARDI, TEIXEIRA, SIQUEIRA, 2010).

5.5.3. Entrevistas dos grupos espíritas (ES-AF n=40 e ES-LD n=40)

1) Tempo de afiliação:

Com relação ao tempo de afiliação religiosa, o grupo ES-AF apresentou uma variação de 01 a 42 anos, com média de 18,37 anos de participação em atividades relacionadas à religião espírita. Já para o grupo ES-LD, esse período varia de 05 a 64 anos, com média de 32,87 anos de participação na doutrina espírita. Com relação aos outros dois grupos, registra-se uma semelhança entre espíritas e evangélicos em relação ao tempo de afiliação: no grupo EV-AF, o tempo médio de afiliação foi de 13,70 anos e no EV-LD foi exatamente igual ao dos líderes espíritas.

2) Início da prática religiosa e mudanças de afiliação:

No grupo ES-AF, 30 participantes (75%) afirmaram o início espontâneo da prática religiosa na idade adulta. Outros 07 (17,5%) referiram o início na adolescência e 03 (7,5%) na infância. Com relação à mudança de afiliação, 16 participantes (40%) mencionaram mudança devido às dificuldades associadas aos fenômenos espíritas e 09 (22,5%) referiram mudança por insatisfação com a religião anterior. Outros 04 participantes (10%) referiram perceber a mudança de afiliação de maneira positiva.

Uma parte da minha família se dizia católica, naquela época era muito camuflado. Mas meu avô fazia a sessão em casa. Com o desencarne do meu avô que a gente foi realmente procurar um centro e começar a frequentar. E até hoje tem pessoas que tem essa resistência, acha que se você é espírita, isso é um problema. Com o passar do tempo que as pessoas percebem que não é bem assim. (ES-AF28)

Desde os 7 anos que vejo espíritos. Minha mãe era muito católica, somos descendentes de italianos. Minha cabeça sempre foi diferente da minha mãe. Cheguei a passar até por psiquiatra porque minha mãe achava que eu tava meio doida. Aí com 14, 15 anos que eu comecei a procurar respostas que eu precisava. Fui encontrar o que eu precisava com 20, 21 anos. (ES-AF5)

Minha avó era muito religiosa e minha mãe também. Então todos os ritos católicos eu passei, até casei na católica. Aí meu filho nasceu e aconteciam muitas coisas com ele, desde um ano de idade. Ele falava de coisas que ele via, um monte de coisas. E então eu fui procurar pra saber o que era, ficava muito assustada. Aí uma amiga que falou que seria bom levá-lo num centro. Eu levei, ele começou a melhorar e até hoje não parei mais, fui fazendo os cursos e hoje sou trabalhadora da casa. (ES-AF39)

Eu fui levada pela dor, por problemas de saúde. A partir disso fui agraciada pelo chamamento. A dor me trouxe o esclarecimento necessário para eu me engajar no espiritismo. E a partir desse momento, não teve mais como ficar em cima do muro. Quando a gente é jovem é mais difícil de enxergar a espiritualidade. (ES-AF6)

No grupo ES-LD, 31 participantes (77,5%) indicaram o início da prática espontânea na fase adulta; 06 (15%) na adolescência e 03 (7,5%) na infância. Com relação à mudança na afiliação, 30 participantes (75%) referiram ter passado por esse processo, sendo os motivos: mudança associada à dificuldade de identificação com a religião anterior (11 participantes, 27,5%), problemas ligados aos fenômenos espirituais (13 participantes, 32,5%), devido à religiosidade do parceiro (04 participantes, 10%) e após a morte de ente querido (02 participantes, 5%).

“Com 20 anos começaram a acontecer os fenômenos e ninguém do catolicismo soube me responder o que queria.” (ES-LD17)

De verdade, sou espírita desde que nasci, mas tinha uma visão diferente do que se tem hoje do espiritismo. Era católica porque na minha cidade quem não era católico era perseguido, discriminado, depois fui testemunha de Jeová, mas eles são muito radicais e não gostei não. Depois, eu sempre via cartazes de curso para o espiritismo, os cursos de formação do evangelho. Aí minha filha já ia e fui pra lá pra começar. (ES-LD9)

“Comecei a ir por causa de uns fenômenos que aconteciam com a minha mulher. Fui levá-la e comecei a me interessar por entender isso, esses mecanismos, o que era espontâneo, o que era psicológico.” (ES-LD19)

“Vim para o espiritismo pela dor. Fiquei doente e vim buscar ajuda. Fui pra casa da minha irmã ruim e uma amiga me levou pra benzer, ela dizia. Aí fui e gostei.” (ES-LD35)

“Em 1960 mais ou menos, por conta da paixão por uma pessoa que tinha uma sintomatologia diferente, eu fui procurando ajuda e de uma pessoa mandavam pra outra. E foi assim até chegar na Federação Espírita, e nunca mais saí. Já tenho doze livros editados, me entreguei mesmo”. (ES-LD39)

“Agora eu, passei pro espiritismo quando meu marido morreu (...) Aí fui e aos poucos fui me interessando e encontrei o centro que estou até hoje. Me encantei com a palestra e estou lá até hoje. Achei que valia a pena, porque o que diziam lá, tinha lógica.”(ES-LD16)

O Censo do IBGE (2010) revelou aumento do número de pessoas que se declaram espíritas, tendo passado de 1,3% da população em 2000 para 2,0% em 2010. Isso significa um aumento de 2,3 para 3,8 milhões de pessoas.

Entre os participantes, tanto do grupo ES-AF como do grupo ES-LD, a maioria referiu mudança para a religião espírita ou afiliação à mesma já na vida adulta, perfazendo um total de 61 participantes (76,25%). Os que referiram a adolescência como período de transição somaram 13 (16,25%) e 06 (7,5%) disseram que iniciaram a prática ainda na infância. No grupo ES-AF o motivo mais atribuído à busca pela religião espírita foi a percepção de fenômenos espíritas que desencadearam as tentativas de compreensão e apoio diante desse fato. Já para o grupo ES-LD, o motivo mais referido está ligado à dificuldade de se identificar com a religião praticada anteriormente.

Ao se rever a história e codificação do espiritismo, percebe-se que este foi sendo construído, estudado e desenvolvido basicamente pelo interesse que havia relacionado aos fenômenos espíritas que passaram a ser registrados por diferentes pessoas, em diversos lugares, como por exemplo, o fenômeno das mesas girantes, já desde o século XIX (ARRIBAS, 2008). Assim, nota-se que nos grupos espíritas estudados, sobretudo no grupo de afiliados, esse foi um fator que levou as pessoas a procurarem explicações no espiritismo para os fenômenos percebidos.

Duijl et al. (2010) conduziram um estudo com o objetivo de explorar as relações entre possessão espiritual, os sintomas dissociativos e eventos potencialmente traumatizantes em Uganda. Participaram do estudo 119 pessoas com possessão espiritual e 71 pessoas do grupo controle que não relatavam nenhum tipo de possessão. As avaliações incluíram itens demográficos e medidas de dissociação e eventos potencialmente traumatizantes. Os resultados revelaram que o grupo que relatava possessão espiritual apresentava mais sintomas somatoformes e estavam mais envolvidos em eventos potencialmente traumatizantes. Em conclusão, os autores afirmam que o fenômeno da possessão espiritual merece mais interesse, devido aos achados. Na amostra do presente estudo, é notória a influência dos fenômenos espirituais na busca pela religiosidade espírita.

Julien (2010) afirma que as experiências religiosas são primordiais por estarem associadas imediatamente ao sagrado e que isso não se relaciona com a tentativa de descrevê-las em termos psiquiátricos. Para o autor a experiência do sagrado é universal e faz parte de um discurso que não se aporta à razão, mas faz parte do domínio da fé. Assim, compreende-se a concordância expressada pelos grupos nesse sentido, pois todos os participantes professam sua fé dentro de um constructo religioso específico.

Moreira-Almeida et al. (2010) conduziram um estudo com o objetivo de descrever o envolvimento religioso e variáveis sociodemográficas. Participaram do estudo 3.007 sujeitos oriundos de amostra probabilística, nos quais o envolvimento religioso e as variáveis sociodemográficas foram avaliados utilizando-se questionários padronizados. Os resultados demonstraram que 83% da amostra consideram a religião muito importante para sua vida e 37% frequentam um serviço religioso ao menos uma vez por semana. Dez por cento referiram frequentar mais de uma religião e que, assim como em estudos conduzidos em outros países, os praticantes com maior idade e as mulheres estão associadas a maiores níveis de religiosidade. Em conclusão, os autores apontam que em diferentes culturas há associações diferentes com diversas variáveis e que, para uma melhor compreensão da relação religiosidade e saúde, é necessário que esses estudos sejam realizados em diferentes culturas. No presente estudo, foi possível perceber diferenças e influências de variáveis distintas na constituição dos grupos, o que corrobora com o acima descrito.

3) Responsabilidade pelos atos e relação com a morte:

Quando questionados quanto às responsabilidades pelos atos e a relação com a morte, 36 participantes (90%) do grupo ES-AF acreditam na responsabilidade total nesse aspecto, e 04 (10%) acreditam que essa responsabilidade seja parcial, devido à inserção do ser humano no contexto social. Sete participantes (17,5%) referiram necessidade do autocuidado na manutenção da vida; outros 07 (17,5%) afirmaram não ter medo associado à morte e 03 (7,5%) afirmaram que têm, um deles pelo medo da morte em si, outro por deixar quem ama e o terceiro referiu medo de não ser socorrido espiritualmente após a morte.

“O espiritismo planta a ideia da lei de causa e efeito, ou ação e reação. Você é responsável por aquilo que cativa. Então colhemos os frutos do nosso plantio.” (ES-AF2)

“Somos responsáveis pelas ações. Em relação à situação de vida, acredito que indiretamente sou responsável, porque tem a situação da sociedade e isso serve de aprendizado para que eu me torne uma pessoa melhor.” (ES-AF22)

Eu acho que a gente é tudo o que a gente planta mesmo. Eu até parei de fumar pensando nisso, porque eu vejo que isso tem consequências e isso me motivou a parar, pensar lá na frente que isso me aproximou da morte. A gente sempre pensa no futuro de uma forma mais próxima, a gente não pensa nisso a longo prazo. Eu me preocupo com isso, exercito meu pensamento com relação à isso. Tomo cuidado com a minha alimentação, com o que eu faço, porque isso vai ter um reflexo na minha vida lá na frente. (ES-AF26)

Tenho mais medo da vida do que da morte. Não tenho medo do castigo, se vou pro céu ou pro inferno. Acho que toda ação tem uma reação e só. A doutrina prega que nós somos herdeiros de nós mesmos, vamos responder por nossos atos, pelo que sou, pelo que posso dar, pelo meu melhor. (ES-AF14)

“Isso com relação à morte dá um certo medo, do que vai ser merecedora ou não de ser socorrida, atendida. Eu espero após a morte ter bons pensamentos para que eu possa ser atendida.” (ES-AF11)

No grupo dos líderes espíritas, 37 acreditam (92,5%) que a responsabilidade pelos atos é total e 03 (7,5%) que é parcial, devido às influências sociais. Dezenove participantes (47,5%) descreveram sua concepção de morte como um processo, uma passagem, em que há continuidade da personalidade. Dezesesseis (40%) falaram sobre o cuidado para a manutenção da vida, sendo que 04 deles (10%) fizeram referência ao suicídio lento/indireto quando esses cuidados não são tomados. Oito participantes (20%) falaram sobre a relação entre o seguimento de leis e regras e o reflexo disso no pós-morte. Além disso, 02 participantes (5%) referiram medo de perder a quem amam e outros 02 (5%) não ter medo da morte.

Se relaciona exatamente no sentido de que temos essa responsabilidade total, na medida em que sou construtora do meu destino. É uma responsabilidade total e intransferível. É uma responsabilidade vivenciada num grande sentido de aprendizado, uma vez que cada existência te deixa algo a ser trabalhado. Uma premissa básica da doutrina espírita é a imortalidade e é justamente isso que me dá a noção de responsabilidade, de mim comigo mesma. Não tem ninguém que me cobre ou vá me pedir contas. A questão sou eu, diante de mim, que tenho essa consciência transcendente. (ES-LD39)

Eu vejo a morte como transferência de dimensão, retornamos para o plano espiritual. No momento da morte, acho que minha aceitação vai ser boa, eu me sinto assim na morte dos amigos ou parentes. A responsabilidade é vivida pra se preparar pra esse momento de morte, sempre levando em conta as ideias da doutrina. A gente aprende como cristão os valores da caridade, de trabalhar a espiritualidade e buscar o crescimento. (ES-LD8)

No espiritismo se você se prejudica muito fisicamente, você se prejudica também espiritualmente. Principalmente quando você tem consciência de que tá fazendo algo para se prejudicar. E aí a pessoa pode carregar essas questões

psicológicas para lá, pro pós-vida, e ter problemas tanto física, quanto psicologicamente. (ES-LD12)

“Eu cuidando bem do meu corpo posso viver plenamente o tempo que foi programado pra mim na minha encarnação. Caso contrário, posso abreviar isso, é um suicídio lento, ou inconsciente. Tem uma ligação direta com a morte.” (ES-LD10)

A grande maioria dos participantes dos grupos espíritas referiu acreditar em uma responsabilidade total por seus atos e situações de vida, perfazendo um total de 73 (91,25%). Os outros 07 (8,75%) acreditam em uma responsabilidade parcial. De modo geral, independente das especificidades, percebe-se que para os participantes dos grupos espíritas há uma tendência a entender as consequências como retorno pelos atos cometidos.

De acordo com Lewgoy (2008), a reencarnação é o processo pelo qual o espírito acredita que ocorre o progresso espiritual. Segundo o autor, essa visão, especialmente na forma de se interpretar tal processo no Brasil, substitui uma noção anterior de carma associado ao espiritismo, onde uma dada situação é consequência do que foi vivido em vidas anteriores e que o sujeito deve aceitar suas condições e seu destino. Com a substituição da ideia de carma por um processo de reencarnação, acredita-se que a cada nova possibilidade de vida, é possível se buscar formas de desenvolvimento sem que se fique preso à predestinação imposta pelo carma. A forma como o fato é colocado pelos participantes dá justamente a dimensão dessa ideia de responsabilidade especialmente consigo mesmo, em que a visão é de que as cobranças na verdade são autocobranças, porque o resultado do que se realizou em vida determinará o nível de evolução do espírito. Tal ideia corrobora também com o exposto por 19 participantes (47,5%) do grupo ES-LD, que afirmaram encarar a morte como um processo, como continuidade.

Fonseca (2013) afirma em seu trabalho que a noção de progresso moral é de que se utiliza o espiritismo para propor o progresso da humanidade. É a via pela qual se acredita que os espíritos possam alcançar níveis de desenvolvimento visando contribuir para o bem comum. O autor defende ainda que é importante que o espiritismo seja estudado, pois não há como se entender, se resignar e se reequilibrar diante do sofrimento, sem que se compreenda a ideia de justiça associada a ele. Sendo seres inteligentes da Criação, o livre-arbítrio e as reencarnações contribuem com o ser humano na busca pela perfeição, ou pela evolução. De acordo com o espiritismo a busca nesse sentido seria pelo cumprimento dos valores associados ao projeto de Deus para o ser humano: encontrar a felicidade de se conhecer todas as coisas, o amor, a caridade,

etc. Saber das consequências dos próprios atos faz com que a pessoa se resigne diante de diversas dores do cotidiano, como a perda de um ente querido, uma doença, que podem estar presentes na vida das pessoas em consequência de atos cometidos não apenas nessa vida, como também em vidas passadas.

Na amostra estudada, diversos relatos ilustram essas questões, tendo os participantes se expressado quanto aos cuidados com o corpo, como também suas reações diante a morte, pensando tanto na própria morte, como também em reações diante da morte de outros, como foi o caso dos 02 participantes que relataram a busca pela religião espírita após a perda de entes queridos.

4) Descrição de Deus:

Para esses grupos, os atributos utilizados na descrição de Deus também foram organizados em forma de Tabela devido ao número de palavras referidas pelos participantes dos dois grupos.

Tabela 5 – Atributos e respectivas atribuições relacionadas à descrição de Deus pelos grupos espíritas investigados.

DESCRITOR	ATRIBUIÇÕES	DESCRITOR	ATRIBUIÇÕES
Tudo	19	Caridoso	02
Luz	19	Essência de tudo	02
Criador	18	Fluído	02
Natureza	15	Incomparável	01
Inteligência Universal	13	Cósmico	01
Força	13	Sobrenatural	01
Personificado	11	Paciencioso	01
Energia	11	Imutável	01
Superior	10	Sabedoria maior	01
Amor	09	Protetor	01
Bondade	09	Conforto	01
Onipresente	08	Porto seguro	01
Causa Primária	07	Todo poderoso	01
Universo	07	Leveza	01
Pai	06	Paz	01
Justo	06	Melhor	01
Supremo	06	Pureza	01
Onipotente	06	Mais belo	01
Só imagina Jesus	05	Vida	01
Onisciente	04	Imensurável	01
Poderoso	03	Semelhança no espírito	01
Perfeito	03	Presença	01
Misericordioso	03	Vê Deus no semelhante	01

Soberano	02	Infinito	01
Único	02	Imanente	01
Absoluto	02		

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os descritores mais utilizados pelos grupos foram “Tudo” e “Luz”, com 19 relatos cada, seguidos por “Criador” (18) e “Natureza” (15). Os descritores “Inteligência universal” e “Força” foram identificados em 13 relatos cada e “Personificado” e “Energia” somaram 11 relatos cada. O descritor “Personificado” refere-se às descrições em que são atribuídas características humanas, personificadas na descrição de Deus.

“Acho que é tudo. O universo todo e não aquela visão antropomórfica do velhinho. Você traz muito Deus pro seu estado evolutivo. Eu vejo Deus como um fluído que está em tudo. Não é tudo, mas está em tudo. Cada ser, cada ente, tem uma centelha de Deus.” (ES-LD26)

Eu te pergunto: você consegue olhar o sol? Eu diria que é uma luz como essa. O Cristo pra mim se viesse hoje, seria de calça jeans e camiseta, porque quando veio, chegou de acordo com o povo da época. Agora, Deus é uma presença muito grande. Se a gente não consegue nem olhar o sol, imagina a Deus! (ES-LD34)

“Deus pra mim é o criador do universo. Eu acho que a gente não tem muita capacidade de entender por ele ser onipresente, onisciente e onipotente. Pela questão do infinito, acho que ele está muito além da nossa capacidade de entender.” (ES-AF19)

“Eu penso em um homem mais velho, mas muito iluminado que quase você não vê. Eu imagino ele assim.” (ES-AF9)

Ao todo, 51 descritores foram associados à imagem de Deus pelos grupos espíritas. No material organizado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, sob a responsabilidade de Hassesian (2011), é apresentada a concepção espírita de Deus como um ser eterno, imutável, imaterial, único, todo poderoso, justo e bom. Além disso, para essa denominação religiosa, Deus é definido como criador do universo, porém aqui com uma definição que contempla a criação de seres materiais, como também os imateriais. Tal definição abarca alguns descritores utilizados pela amostra estudada, como por exemplo, no descritor “Criador”. Contudo, veem-se também expressões particulares usadas pela amostra que evidenciam uma construção em moldes pessoais.

Interessante notar que Kardec (2009, p.35) coloca no Livro dos Espíritos como primeira das 1.008 perguntas apresentadas nessa codificação, a questão “O que é Deus?”, oferecendo como resposta: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Apesar de terem sido expressos separadamente, o que é evidenciado pelo número diferente de referências a esses atributos na Tabela para descrever Deus, esse recurso de definição foi utilizado principalmente por participantes do grupo ES-

LD. Tal definição expressa uma forma de atribuir condições para que todas as outras características referidas possam ser encontradas na figura divina por esses grupos. Em sua obra Kardec deixa claro também que as perguntas codificadas, bem como suas respectivas respostas, foram oferecidas por espíritos superiores, tendo ele apenas organizado o material para publicação. Assim, segundo ele os frutos da base da doutrina espírita foram oferecidos pelos próprios espíritos desencarnados, nas comunicações que foram codificadas.

5) *Consciência da existência de experiências profundas:*

Nesta categoria, 14 participantes (35%) do grupo ES-AF afirmaram acreditar que as pessoas têm consciência das experiências profundas, que chegam a ser indizíveis. Treze (32,5%) disseram que acreditam que não, que pelo menos a maioria das pessoas não têm essa consciência e 13 (32,5%) creem que parte das pessoas sim, parte não, de acordo com o nível de evolução espiritual.

“Claro que tem, a gente já nasce com essa centelha. E gente tem essa percepção. A vida cotidiana às vezes nos põe um véu, porque é a gente que se afasta de Deus e não ele de nós. E ele nos deixa à vontade até a gente querer voltar.” (ES-AF6)

“Acho que o homem não tem o aprendizado religioso necessário para isso. Para que se tenha essa consciência... é até difícil mensurar o que é necessário para enxergar isso.” (ES-AF10)

Eu acho que não todas as pessoas. Depende do grau evolutivo da pessoa. Principalmente quando a pessoa se aproxima mais da religião, ela consegue ter essa consciência, entra mais na questão da subjetividade do que é Deus, da fé, e passa pelas experiências que viveu e de como você entendeu isso. (ES-AF19)

No grupo ES-LD, 16 participantes (40%) acreditam que as pessoas têm essa consciência das experiências profundas; 08 (20%) que não têm e 16 (40%) acreditam que essa percepção esteja ligada ao grau evolutivo do espírito.

Todo ser humano tem porque nossa consciência é prerrogativa do criador. Todos temos esse entendimento. Agora o uso que cada um faz, vai de acordo com seu nível de consciência. E a responsabilidade acompanha o nível de consciência que as pessoas tem disso. Quanto maior a consciência, maior a nossa responsabilidade. Por isso se diz que a quem mais foi dado, mais será cobrado. Tem quem use dessa consciência pra driblar, pra enganar, mas vai ter que pagar por isso depois também. (ES-LD32)

Eu diria que a maioria não tem essa consciência. Pela falta de relatos, isso faz com que não se tenha uma consciência plena disso. Apesar, que o próprio Chico Xavier falava da falta de sensibilidade que a gente tem pra passar o

que a gente sente, com relação à essas experiências. Muitos vivem essas experiências, mas não tem consciência delas. (ES-LD13)

“Depende de uma questão de evolução, de religião e até da forma como sua religião entende e pontua algumas coisas. Depende do contato com o que ela tem.” (ES-LD4)

Para muitos sim e ao mesmo tempo, tem pessoas que não têm consciência do próprio existir. Mas isso tem momentos diferenciados e depende da busca de cada um, do momento de cada um porque chega no ponto que as pessoas vão buscar coisas mais além e percebem que não existe mistério e sim leis físicas que governam a maravilha do cosmos. Esse seria o ideal e como tal, estamos sempre muito distantes dele. O ideal é sempre algo a ser buscado e cada um tem um ritmo nessa busca, que deve ser respeitado. (ES-LD39)

Nessa discussão, os grupos ficaram bem divididos em sua forma de avaliar como as pessoas entendem ou acreditam nas experiências profundas. Do total de 80 participantes, 30 (37,5%) acreditam que as pessoas têm consciência dessas experiências; outros 21 (26,25%) que não, ou que a maioria não tem e 29 (36,25%) que parte das pessoas têm, parte não, dependendo do grau evolutivo do espírito.

Bueno (2009) traz aspectos históricos da codificação e desenvolvimento do espiritismo como doutrina, nos quais é possível se constatar que esse processo ocorreu justamente pelo fato de serem observados fenômenos que até aquele momento não eram passíveis de explicações. Segundo a autora, foi justamente a busca por explicações que fez com que o espiritismo ganhasse um tom científico, em que os participantes, especialmente Allan Kardec, buscavam bases científicas para as explicações desses fenômenos. Nessa associação, houve uma abertura para que alguns ramos da ciência, em especial a psicologia, pudessem passar a explorar aspectos transcendentais do ser humano, dedicando-se assim às questões que a princípio não encontravam explicações nas teorias vigentes. Isso remete à ideia de que há não só uma consciência da existência dessas experiências, como também uma busca no sentido de explicações para os temas colocados por elas. No relato, exemplificando a visão dos participantes do grupo ES-LD sobre o tema, percebe-se que é ressaltada não só a questão da consciência e da busca, como também o uso que é feito dessa consciência, remetendo novamente à questão do livre-arbítrio, sendo que o participante afirma que o uso por motivos escusos terá sua cobrança futura.

Percebe-se pelos relatos que os participantes que acreditam que a maioria das pessoas não tem essa consciência, tanto do grupo ES-AF quanto do grupo ES-LD, atribuem tal fato à falta de conhecimento ou de estudo religioso para que se tenha essa

consciência ou essa compreensão. Isso pode ser explicado pela ideia espírita de que as crenças devem ser pautadas no conhecimento e não em aspectos dogmáticos (FONSECA, 2013).

No caso dos participantes que afirmaram depender do grau de evolução para se ter ou não consciência das experiências profundas, tal pensamento vai ao encontro de outro conceito pertencente ao espiritismo, que é o de evolução. Nessa doutrina, o espírito está em crescente evolução, por meio da reencarnação, quando busca em cada existência ampliar seus conhecimentos e sua moralidade. Essa evolução é contínua, o que remete a uma ideia de que não se esgota o desenvolvimento do espírito. Pela crença na pluralidade dos mundos, quando um espírito se encontra em grau evolutivo condizente, ele pode deixar de reencarnar na Terra, neste mundo que conhecemos, para reencarnar num mundo mais evoluído e dar continuidade nesse novo mundo em seu processo de evolução (LARA, 2009). Assim, fica claro que a variação evolutiva na concepção espírita é infinitamente ampla, pois não se restringe à possibilidade de reencarnação nas condições atuais, podendo haver evolução dentro de um mesmo mundo. Nos relatos dos participantes fica claro de que na concepção destes, existem pessoas que atingiram grau de evolução suficiente para ter consciência da existência das experiências profundas, e ao mesmo tempo outras pessoas, ainda não atingiram esse nível evolutivo. Porém, como a evolução é constante, essas pessoas irão, em algum momento, atingir essa condição.

Nota-se ainda pelos relatos que os participantes que afirmam que as pessoas que não tem essa consciência, associam tal fato ao nível de conhecimento, de aprendizado ou a necessidade de maior investimento nas comunicações que possam levar o conhecimento a todos. Os que acreditam que apenas parte das pessoas tem essa consciência associam tal fato ao nível de evolução. Nesses dois casos, é nítido que a postura dos participantes deixa em aberto a possibilidade de quem não possui essa consciência, adquiri-la por meio de maior conhecimento ou informação, como também por meio da evolução espiritual.

6) Possibilidade de recompensa:

No que diz respeito à possibilidade de recompensa após a morte, 07 participantes (17,5%) do grupo ES-AF, acreditam que sim, porém acompanhada também de cobrança e evolução. Vinte e seis participantes (65%) afirmaram que não, colocando essa relação na ideia de ação e reação (07 participantes, 17,5%) e na ideia de merecimento (10

participantes, 25%). Outros 07 (17,5%) referem que acreditam nisso em parte, mas pensando na evolução por meio da reencarnação.

“Sim, tanto recompensa, quanto cobrança. Tudo vai ser registrado e tudo acertado. A gente espera que as recompensas sejam maiores do que as cobranças.” (ES-AF4)

“Não. Não existe recompensa, existe causa e efeito. Você tem que fazer as coisas por você mesmo. O que você faz de bem para outros, faz para você. Deus acolhe todos os seus filhos e dá oportunidade para todos de buscar seu caminho de evolução.” (ES-AF8)

Não seria bem recompensa. Você vai ter o que você merece, de acordo com seus atos em vida. Isso não é recompensa, é merecimento. Mas por outro lado, Deus é tão generoso, que não vai te deixar sofrendo se você fez algo de errado e se arrependeu. Mas isso também não é recompensa, é a misericórdia de Deus, ele aceita todos e acolhe todos. (ES-AF30)

“A gente acredita que depois que a gente morre a gente continua trabalhando, para se desenvolver e resolver nossas coisas. Relaciono muito a felicidade com estar em paz. Se fizer coisas boas você fica numa condição melhor. Mas ninguém vira anjo. Tem que evoluir muito para isso.” (ES-AF13)

No grupo ES-LD, 10 participantes (25%) referiram acreditar que sim, existe recompensa após a morte. Vinte e quatro (60%) acreditam que não, sendo que destes, 12 participantes (30%) acreditam na relação de causa e efeito. Outros 06 participantes (15%) referiram concordar em partes com essa possibilidade.

O espiritismo ensina a prática do amor, da caridade e do perdão. Mas com sinceridade e força no coração. A gente sempre fala de amparar os necessitados e oprimidos e conta uma história de uma pessoa que fez tudo com segundas intenções e por isso recebeu recompensas só aqui na Terra e depois do desencarne não consegue nada como recompensa. A recompensa acontece quando você realmente pratica o amor e a caridade, com pureza. (ES-LD24)

Acredito que a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. Pra mim não existe castigo, nem recompensa, mas resultados obtidos na vida espiritual de cada um. Não acredito em céu e inferno, acredito na condição espiritual de cada um, baseado no que Jesus ensinou: a cada um segundo suas obras. (ES-LD10)

Depende do que eu construí, do que eu vou levar na minha bagagem. Como acredito que vai ser continuação da vida aqui, então, se fiz coisas boas aqui, vou continuar tendo coisas boas do lado de lá, mas se faço coisas erradas aqui, não vou ter coisas boas nem aqui, nem lá. Assim como se fizer coisas boas, vou ter uma vida boa, tanto aqui, quanto lá. (ES-LD9)

Do total entre os dois grupos, 17 participantes (21,25%) acreditam em recompensa após a morte, associando isso à ideia de sinceridade e pureza nas obras, como também cobranças. A maior representatividade (50 participantes, 62,5%) ficou

com o grupo que acredita que não existe recompensa, mas sim reflexos, ação e reação, de acordo com o que foi vivenciado ao longo da vida. Os últimos 13 participantes (16,25%) afirmaram acreditar em parte na ideia de recompensa, como reflexo também da evolução. Porém, como a resposta desses participantes foi de concordância em parte, foram colocados em uma subcategoria à parte.

No conceito de evolução apresentado (LARA, 2009) já se tem uma ideia de como o pensamento espírita trata a questão da evolução como algo que possa permear a busca pela perfeição através das várias encarnações. Mas justamente por esse conceito entende-se que, após a morte, evolui-se em maior ou menor grau, de acordo com os atos praticados. Assim, na concepção espírita, o espírito quando criado é ignorante e evolui do mais simples ao mais complexo, construindo-se por meio da reencarnação ou paligênese. Pode-se entender, assim, a grande influência dessa perspectiva no grupo, sendo que independente de relatarem se concordam, se discordam ou se concordam em parte com a ideia de recompensa após a morte, o conceito de evolução esteve presente nas justificativas do grupo como um todo.

7) Aumento da fé na proximidade com a morte:

Quando questionados sobre o aumento da fé na proximidade com a morte, 20 participantes (50%) do grupo ES-AF, referiram que sim, sendo tal fato associado à proximidade com Deus, que isso ocorre em qualquer dificuldade, ou ainda devido ao medo. Doze participantes (30%) acreditam que não, o que ocorre na verdade é o aumento do medo ou que a fé é cotidiana. Os demais 08 participantes (20%) referiram que esse aumento da fé acontece em parte, dependendo principalmente da concepção que as pessoas têm sobre a morte.

Acho que a fé aumenta conforme a pessoa passa por dificuldades inclusive com relação à morte. Conforme ela vai vencendo as dificuldades, a fé dela vai aumentando. Porque acho que todo mundo acredita em alguma coisa, então na dificuldade, é nisso que ela se agarra. E a gente tá aqui pra evoluir, a gente vai buscando (...) (ES-AF35)

“Acho que não. A fé não, acho que o medo, aí você se apega a alguma coisa. Mas pelo medo da morte, você se apega com Deus.” (ES-AF9)

“Vai depender de como você vê a morte. Por que se você vê como uma punição aí não vai aumentar. Se você entende que veio com uma missão, cumpriu e tá na hora de se desprender aí sim, por que você vai agradecer a oportunidade que teve de vir.” (ES-AF12)

No grupo ES-LD, 14 participantes (35%) referiram que sim, a fé aumenta especialmente pela busca de proximidade com Deus; 18 (45%) acreditam que não, que a

fé deve ser praticada cotidianamente e não apenas com a proximidade com a morte; e 08 (20%) referiram que depende da preparação para a morte ao longo da vida.

A certeza de que a vida continua após a morte é inata do ser humano. A pessoa pode berrar pros quatro cantos que não acredita. Mas a gente lida com isso todo dia, da pessoa na hora da morte passar a acreditar. E a gente percebe que é como se abrisse um cadeado enferrujado. É pelo sofrimento que a pessoa entra em contato com isso. (ES-LD17)

“Todos nós quando próximos da morte, a gente começa a ter sinais da espiritualidade. Mas pra mim a fé é algo constante, que tem que ser construída ao longo da vida pra que ela tenha consistência. Isso é muito lógico, porque morremos todos os dias né?!” (ES-LD3)

(...) Não é só quando a gente já tá com o cabelo branco que isso deve acontecer. Aí já não é mais hora, apesar que o despertar da pessoa é sempre importante, mas isso próximo da morte vai causar uma angústia muito grande. É como se a gente for preparar uma mala pra uma viagem longa em cinco minutos. Causa grande desespero. (ES-LD32)

“A gente nunca sabe até acontecer com a gente mesmo, mas não me vejo desesperada com a morte. Mas acho que tenho coisas pra resolver. Então, tento resolvê-las, para quando chegar a hora estar tranquila.” (ES-LD12)

No que diz respeito ao aumento da fé com a proximidade com a morte nos dois grupos espíritas, 34 participantes (42,5%) acreditam que sim, que devido à proximidade com Deus e o medo da morte faz com que a fé aumente. Outros 30 (37,5%) referiram que não acreditam que tal fato ocorra, principalmente por acreditarem que a fé é cotidiana; e os últimos 16 participantes (20%) acreditam que isso depende de concepções e preparação para a morte. Fica claro ser próxima a proporção entre os que acreditam que sim e os que acreditam que não.

Bradbury (2012) afirma que entre os principais pressupostos do espiritismo está a crença na imortalidade do espírito e da comunicabilidade entre encarnados e desencarnados (espíritos de entes já falecidos fisicamente). Esses processos facilitam que se conheça e se compreenda o processo de morte dentro dessa orientação espírita. Segundo o autor isso traz o conhecimento necessário para que o ser humano reconheça sua evolução. Nos relatos dos participantes que concordam com que exista o aumento da fé, essa questão do conhecimento está novamente referida, pois um aborda a questão da evolução diretamente e outro traz tal conhecimento como inato.

Silva (2014), afirma que na concepção espírita não há a ideia de céu ou inferno, mas sim de várias regiões ou planos, para onde o ser após a morte física é encaminhado de acordo com o grau evolutivo que alcançou. A partir daí, começa uma nova

caminhada rumo ao aprendizado e desenvolvimento para que esse ser possa em algum momento voltar a reencarnar e continuar sua jornada. De acordo com o autor, os espíritos ficam alocados em diferentes lugares cumprindo suas funções, até que seja determinado o momento de mudança. Nos relatos oferecidos pelos participantes, é possível identificar que para os espíritas, os aspectos do ser humano se desenvolvem continuamente, estando ele encarnado, ou seja, vivo fisicamente, ou não. Assim, numa concepção de exercício contínuo de funções e aprendizado a fé torna-se algo passível de exercício cotidiano. Tal apontamento corrobora com o exposto pelo grupo de participantes que acreditam que a fé não aumenta diante da proximidade com a morte, mas sim ao longo da vida, conforme a mesma é vivenciada e exercitada por quem acredita em Deus.

Ao descrever o processo histórico de desenvolvimento do espiritismo, Bueno (2009) refere que um dos motivos que lhe deu destaque foi o fato de postular que fora da caridade não haveria salvação, ao contrário da premissa católica da época que afirmava que fora da igreja não há salvação. Dessa forma historicamente se percebe haver uma distinção na forma de enxergar o processo de morte e salvação. Essa pode ser considerada uma diferença essencial na forma de vivenciar a fé e se preparar para a morte. Fonseca (2013) defende que há uma diferença muito grande na preparação para morte entre quem é espiritualista e quem é materialista. Para o espiritista, a busca de respostas para questões filosóficas existenciais faz com que esse entendimento funcione com um caráter preventivo diante das adversidades e das questões relacionadas à morte. Pensando-se nas diferenças de construções pontuadas pelos dois autores, percebe-se que isso corrobora com o que foi colocado pelos participantes que acreditam que o aumento da fé com a proximidade com a morte, depende da preparação ou da visão de morte do sujeito.

8) Religião como tentativa de explicar as limitações humanas:

Nesse tema, 28 participantes (70%) do grupo ES-AF acreditam que sim, sendo que 20 destes (50%) creem que a religião explica totalmente as limitações humanas e 08 (20%) que ela auxilia. Sete participantes (17,5%) que não, que a religião não tem essa função e 05 participantes (12,5%) que não só a religião tem essa responsabilidade, pois isso depende do uso que é feito.

“Pra mim não é uma tentativa. Ela é isso. A minha religião pra mim é isso. Eu consigo achar na minha doutrina respostas que me satisfazem.” (ES-AF8)

“Tem sim, tanto pra abrir a mente quanto pra fechar. Tem religião que fecha, que parece que coloca uma tapa na pessoa. No espiritismo isso é bem aberto, não tem preconceito, não te exige nada.” (ES-AF33)

O espiritismo tem isso também, mas não é só isso. Isso é consequência de um estudo, mas a religião pra mim é uma forma de como você vai buscar Deus. É orar, elevar a energia e não simplesmente ficar buscando explicação. Quando você estuda, você entende mais e isso te deixa mais confortável na religião. Mas a religião em si, vai além disso. (ES-AF26)

“Depende da religião. Acho que cada uma age de acordo com o que lhe convêm(...), com as proibições que convém pra manter a pessoa ali. E cada uma tem uma explicação diferente pras coisas. Por exemplo, a bíblia diz sempre a mesma coisa, mas cada religião interpreta de uma forma.” (ES-AF25)

No grupo ES-LD, 22 participantes (55%) referiram que sim, sendo que 06 destes (15%) acreditam que a religião explica totalmente as limitações e 16 (40%) que ela ajuda a explicar. Treze participantes (32,5%) concordam que a religião tem outras funções e 05 (12,5%) que essas explicações estão ligadas a outros fatores, além da religião.

“Há quem disse aí pra trás que a religião é o ópio do povo. Eu acho que a religião é uma tentativa de ajudar as pessoas a lidar com dificuldades que elas têm na vida. E por causa das fragilidades a gente tenta se aproximar de quem é maior, de quem protege.” (ES-LD17)

“Não, acredito que o papel dela é fazer com que o ser espiritual se religue a Deus. Se fosse assim, todos seriam religiosos, inclusive os grandes intelectuais, o que não é uma verdade.” (ES-LD10)

Acho que a religião não, mas a religiosidade de cada um. A religião é um conjunto de regras e crenças. A religiosidade é o que realmente religa a Deus e te desperta. A religião muitas vezes até fanatiza. Antes disso tem a espiritualidade, que trabalha a essência do ser. E a partir disso, ele busca a religiosidade para se religar a Deus e para fazer isso a pessoa busca uma religião, que é o sistema de crença. E quando a gente trabalha com apoio espiritual, a gente tem que se abrir pra vários sistemas religiosos. Mas a base da busca é a espiritualidade e não a religião em si. A fé precisa ser despertada e trabalhada, não se constrói de uma hora pra outra. (ES-LD28)

Mais da metade dos participantes referiram que acreditam que a religião tem a função de oferecer explicações sobre as limitações do homem. Dos 50 que se posicionaram dessa forma (62,5%), no total, 26 acreditam (32,5%) que a religião faz isso totalmente e os demais 24 (30%) que ela ajuda. Outros 20 participantes (25%) apontaram que a religião tem outras funções e os demais 10 (12,5%) que essa função está ligada não só a religião.

Matos (2012) refere que as relações que o ser humano estabelece com seu corpo/rosto são fruto de um desenrolar histórico com o nascimento, crescimento,

desenvolvimento do organismo, até chegar ao envelhecimento, adoecimento e a morte. Entende-se dessa forma que o corpo humano é limitado a um espaço de tempo determinado para uma existência, que na concepção espírita é definido como encarnação. Deste ponto de vista, tem-se uma concepção clara de ser humano limitado, em processo de desenvolvimento físico e espiritual. A autora coloca que o estudo das expressões, conhecido como fisionomia, visa entender como algumas características morfológicas, psicológicas e espirituais determinam traços físicos de forma a determinar características dos indivíduos. O estudo da fisionomia serviu de inspiração para Kardec no sentido de compreender tais influências, buscando uma forma de explicação sobre como as características de cada ser humano vão sendo construídas ao longo de suas várias encarnações.

Retornando à ideia do processo evolutivo e da reencarnação, propostos pelo espiritismo e já discutido do presente estudo, entende-se que a postura dos participantes dos grupos espíritas que acreditam que a religião oferece explicações para as limitações humanas vão ao encontro desses conceitos. Fonseca (2013) afirma que a doutrina espírita não é a única que pode oferecer respostas, mas que é a que oferece respostas com bases científicas.

No que tange aos participantes que acreditam que a religião tem outras funções, os relatos estão ligados basicamente à compreensão atrelada ao estudo da doutrina espírita e também com relação à busca de se religar a Deus. A função de religar o homem a Deus faz parte da própria etimologia da palavra religião (LEENHARD, 2012). Cerqueira (2012) desenvolveu um trabalho analisando as formas possíveis de diálogo para que não haja intolerância com relação ao espiritismo, fenômeno que, segundo ao autor, ainda acontece nos dias de hoje. Refere que muito da intolerância vem do desconhecimento e ressalta a importância do estudo da doutrina para uma compreensão que possa de fato contribuir para o crescimento e desenvolvimento de uma sociedade tolerante. Daí se vê a importância de um estudo ligado à doutrina. Além disso, acredita-se que é justamente o fato de estudar que permite que o homem possa compreender e assim evoluir.

9) Relação entre religião e ciência:

Na discussão acerca dessa relação, 22 participantes (55%) do grupo ES-AF relataram acreditar que existem divergências entre religião e ciência, e destes, 14 (35%) atribuem essas divergências à oposição entre razão e crença. Sete participantes (17,5%) acreditam que não existem divergências devido ao aspecto tríplice do espiritismo, que

abarca ciência, filosofia e religião; os outros 11 (27,5%) disseram que apesar das divergências as duas caminham para um maior entendimento.

“A ciência é meio são Tomé, se não vê não crê. A religião faz justamente o homem crer naquilo que está além da sua capacidade de compreensão, de visão do que não se pode mensurar.” (ES-AF13)

“Dentro da doutrina espírita não há divergências. A ciência explica a doutrina espírita e a doutrina espírita explica a ciência. Quando Kardec escreveu o Livro dos Espíritos, fica clara a questão da ciência, da filosofia e da religião na doutrina espírita. E vários livros trazem esse aspecto.” (ES-AF34)

Historicamente o cientista se afastou da religião por causa da igreja, que era dominante e qualquer um que dissesse algo que a igreja desaprovava era considerado herege. E os cientistas foram se afastando. Tanto é que a gente viu um avanço muito maior da ciência quando a igreja começou a perder o poder. Hoje a ciência está tentando se aproximar da religião através da física quântica e já tem algumas descobertas, com relação a algumas passagens bíblicas. (ES-AF39)

No grupo dos líderes espíritas, 11 acreditam (27,5%) que existem divergências entre religião e ciência, principalmente da ciência em relação à religião (04 participantes, 10%) e devido a preconceitos (04 participantes, 10%); 24 participantes (60%) acreditam que não existem divergências, principalmente pelo aspecto tríplice da doutrina que envolve ciência, filosofia e religião. Cinco participantes (12,5%) creem que ciência e religião caminham para o entendimento.

“Acredito que é na origem de tudo, na criação das coisas, acredito que o dia que a ciência aceitar a Deus como causa primária de todas as coisas, ciência e religião andarão juntas.” (ES-LD10)

Eu acho que o problema é o preconceito de uma com a outra. As pessoas criticam sem conhecer. E tudo pra você criticar, você tem que conhecer. Se eu pedir pra alguém criticar um avião a jato, por exemplo, você tem que saber de engenharia, senão, você não conhece o suficiente pra criticar. (ES-LD26)

“No espiritismo não existe essa divergência, porque ele está baseado num tripé: filosofia, religião e ciência. Então ele também é ciência, estão interligadas, são unitárias.” (ES-LD20)

Acho que já houve muita diferença, mas agora estão se aproximando, aumentando o nível de comunicação. A doutrina espírita dá explicações científicas e filosóficas. Muitas explicações, por exemplo, doenças físicas, tem um fundo espiritual, às vezes de encarnações anteriores via periespírito. (ES-LD8)

Somando-se os dois grupos, 33 participantes (41,25%) acreditam haver divergências entre religião e ciência; 31 (38,75%) que não há divergências e 16 (20%) que ambas caminham para o entendimento.

Com base no modelo de análise de posicionamento discutido por Sanches e Danilas (2012), nota-se que os participantes que acreditam na existência de divergência,

adotam uma ideia de conflito entre ciência e religião, o que atribuem especialmente à oposição entre razão e crença, como também a preconceitos da ciência em relação à religião. Ambas justificativas remetem a pensar em posturas mais inflexíveis, atribuídas pelos participantes a essa relação.

Os participantes que afirmaram não haver divergências assumem a postura identificada pelos autores de integração, justificando que essa visão se deve ao aspecto tríplice da doutrina espírita: religião, ciência e filosofia. De acordo com Bueno (2009), Kardec codificou a doutrina espírita fundamentada na ciência, utilizando-se da teoria evolucionista e com vistas ao desenvolvimento de uma religião não dogmática.

Lara (2009) também reforça a ideia afirmando que é possível verificar muitas ideias espíritas em religiões desde a antiguidade, sendo que o próprio Kardec o afirmara. A diferença é que no processo de codificação, como após ele, o que mudou foi o fato dos fenômenos mediúnicos serem estudados com bases científicas.

Os participantes restantes adotam uma visão de diálogo entre ciência e religião, pontuando haver momentos de contribuição entre ambas. Alvarado et al. (2007) conduziram um estudo de revisão bibliográfica com o objetivo de analisar como o fenômeno mediúnico contribuiu para o desenvolvimento de conceitos da psicologia e da psiquiatria no século XIX. Foi realizada a revisão da literatura identificando trabalhos com discussões sobre a mediunidade. Os resultados mostraram que a mediunidade foi utilizada na construção de ideias sobre o subconsciente e para ilustrar e discutir formas de dissociação, tendo influenciado diversos estudos. Os autores concluem que apesar desta contribuição, a mediunidade não tem sua influência reconhecida atualmente na história da psiquiatria e da psicologia.

10) A religião do passado e do presente em relação à ciência:

Quando solicitada uma relação entre a religião do presente e do passado, os 40 participantes (100%) do grupo ES-AF identificam diferenças; 24 participantes (60%) referiram que acreditam na influência da ciência na teologia, sendo que 16 (40%) deles acreditam que isso se deve ao aumento no número de estudos científicos relacionados a isso. Doze participantes (30%) acreditam que essa diferença acontece pela postura das pessoas diante disso e não pela ciência. Outros 04 (10%) que difere pelo maior acesso à informação.

“Com certeza. O espiritismo usa a ciência, a filosofia, além da religião. Muitas pesquisas já foram feitas com a alma, com a aura e tudo o que os cientistas agem com a orientação de Deus.” (ES-AF6)

Tá diferente, mas por causa da mentalidade das pessoas. Eu acho que o ser humano evoluiu. Ele precisou buscar mais a ciência, buscar uma evolução nesse sentido e com isso se afastou da religião. E está muito atrás do ter, do sustento. Você pode ver que as pessoas mais velhas são mais religiosas. (ES-AF14)

Eu acho que a religião é diferente sim, mas acho que não é por causa da ciência. Acho que hoje tem mais veículos de comunicação, que explicam as coisas. O acesso à informação que mudou. Antigamente ninguém falava nisso na televisão, não tinha internet. Hoje é mais fácil ter acesso. (ES-AF24)

No grupo ES-LD, 34 participantes (85%) referiram perceber mudanças, sendo que 21(52,5%) relataram que acreditam que as diferenças se devem à ciência, pela evolução proporcionada por esta. Oito participantes (20%) creem que a religião difere devido às pessoas, pela evolução delas; 01 participante (2,5%) afirmou que difere pelo acesso à informação, 04 (10%) acreditam que a diferença ocorre pelo uso ou interpretação realizada atualmente e 06 (15%) acreditam que não há diferença, pelo fato do espiritismo ser uma religião moderna.

“Sem dúvida, progrediu bastante. Se não houvesse os estudos, a visão das pessoas, o entendimento delas, não teria ampliado. Quanto mais ignorante um povo, uma nação, mais difícil lidar com ela.” (ES-LD13)

“Com certeza. É mais científica e é mais apurada. Porque as verdades são dinâmicas (...). Como Leonardo Boff diz, a gente tem que ter olhos pra trás e olhos pra frente. É a visão retroculata. O passado é referência pra você entender o presente e pensar o futuro. E tudo muda.” (ES-LD27)

É que hoje as pessoas estudam mais. Então eu acho que é principalmente na religião espírita. Hoje já é tudo mais desenvolvido, mais estruturado. E as pessoas têm que buscar realmente, estudar realmente. Hoje ninguém atende mais pelo senso comum. A pessoa tem que estudar pra entender e aperfeiçoar, pra poder desenvolver a religião. (ES-LD9)

“Se tornou. O próprio acesso à informação que as pessoas têm hoje, elas estudam a teologia baseada em ciência, não só o fenômeno, não só o que era colocado pra você acreditar. Hoje é raciocinado.” (ES-LD20)

Acho que a religião foi deturpada, modificada muitas e muitas vezes. Se você pegar a caminhada de Cristo e ver a que chegou hoje...Os apóstolos foram verdadeiros cristãos. As religiões de hoje mudaram o conceito de Deus, da caridade e do amor ao próximo. E isso se deve as próprias religiões. As pessoas que fazem o uso da religião. São elas que deturpam esses valores. (ES-LD34)

“Eu acho que não tem muita diferença não. Mas a religião espírita é bem diferenciada. É uma religião moderna, não é dogmática como as outras. É uma fé raciocinada. Não que uma seja melhor que a outra, é apenas diferente. Mas a doutrina espírita é extremamente moderna.” (ES-LD15)

Todos os participantes do grupo ES-AF acreditam que a religião do passado e do presente são diferentes. No total dos grupos, 45 participantes (56,25%) acreditam que a mudança deva-se à ciência. Outros 20 (25%) dizem se consequência da mudança das próprias pessoas, da evolução sofrida por estas. Cinco participantes (6,25%) creem que o que mudou foi o acesso à informação; outros 04 (5%) que mudou o uso feito da religião; os últimos 06 (7,5%) acreditam que não houve mudança.

Com relação ao aumento de estudo referido pelos participantes que acreditam que a mudança se deve à ciência, é possível verificar no site da Federação Espírita Brasileira (FEB) que há uma sistematização e fornecimento de material didático para cursos de várias modalidades, os quais são disponibilizados para centros espíritas que queiram oferecê-los.

Analisando-se a questão dos estudos relacionados à religião do ponto de vista acadêmico, Portella (2011) conduziu um estudo com o objetivo de realizar uma reflexão sobre a identidade acadêmica da Ciência da Religião na pós-graduação. De acordo com o autor existem no Brasil oito cursos de pós-graduação nesse sentido e não há padronização estabelecida nem com relação ao objeto de estudo, nem em relação aos métodos. Há assim, dificuldades de se estabelecer consensos com relação a base para um projeto acadêmico dessa ciência. Pode-se perceber que há um caminho a ser percorrido nesse sentido no país, embora algumas tentativas já se tenham iniciado. Dessa forma, é possível perceber que para o grupo de participantes que acredita que a mudança na teologia se deve à ciência, pode se referir à esses dois aspectos: o do desenvolvimento de estudos atrelado ao próprio movimento espírita, centrados nas casas espíritas que oferecem cursos sob orientação da FEB, como também ao desenvolvimento de estudos acadêmicos, que apesar de caminharem para padronização e consenso, tem seu desenvolvimento iniciado no país.

Para entender a postura dos participantes que afirmaram que a mudança na teologia se deve à evolução das pessoas, é necessário se retornar ao conceito de evolução no espiritismo e considerar o fato de que nessa doutrina a evolução é constante, o que propicia mudanças de paradigmas na sociedade em vários aspectos, inclusive no que diz respeito ao entendimento que as pessoas têm sobre sua religião (FONSECA, 2013).

Parte dos participantes afirmou acreditar que as mudanças se devem ao aumento do acesso à informação. Leal (2007) discute em seu trabalho a evolução dos meios de comunicação e a introdução do espiritismo nesse meio. Segundo o autor os meios de

comunicação de massa foram responsáveis pela grande popularização da doutrina espírita. Em contrapartida foi nessa condição que também foram estruturadas grandes críticas com relação à doutrina. O autor analisa ainda a contribuição do médium Zé Arigó por sua participação no meio jornalístico em dois jornais cariocas. Tal médium facilitou substancialmente a compreensão da população geral acerca da doutrina espírita, e conseguiu gerar inúmeras controvérsias. Vê-se que a discussão do autor corrobora com a visão destes participantes que acreditam na influência da comunicação para mudança na religião espírita, não no sentido de propor reestruturações, mas como facilitadora do conhecimento do público geral a respeito da doutrina.

Na análise geral entre os grupos evidencia-se que apesar das especificidades de acordo com cada constructo religioso, existem opiniões convergentes sobre os temas propostos. A Tabela 6 demonstra os principais dados convergentes entre as categorias de respostas analisadas, divididas entre os grupos de afiliados (grupos CAT-AF, EV-AF e ES-AF) e de líderes (grupos CAT-LD, EV-LD e ES-LD). Devido às diferenças percentuais dos conteúdos entre os grupos de afiliados e de líderes, optou-se pela construção da Tabela 6 de acordo com a ordem em que as categorias foram analisadas. Ainda com relação à essa Tabela, devido ao fato dos atributos relacionados a Deus terem sido desde o início analisados já com o somatório do referido pelos grupos de afiliados juntamente com os grupos de líderes, tal conteúdo encontra-se descrito apenas na Tabela com os dados referentes à junção de todos os grupos em uma só descrição.

Tabela 6 – Descrição das frequências dos principais conteúdos referidos pelos participantes dos grupos de afiliados e de líderes.

	AFILIADOS (n=120)	LÍDERES (n=120)
Busca pela religião na vida adulta	45%	43,33%
Responsabilidade total sobre os atos e situação de vida	75,83%	87,67%
Religião como auxílio para lidar com a morte	16,67%	-
Cuidados com o corpo (saúde) para prolongar a vida	13,33%	25%
Existência de experiências profundas que são indizíveis	60,83%	53,33%
Crença na existência de recompensa após a morte	Não= 50,83%	Sim= 54,17%
Fé aumenta com a proximidade da morte	53,33%	38,33%

Religião como explicação para as limitações humanas	54,17%	60%
Percepção de divergências entre ciência e religião	75%	58,33%
Religião do presente difere da do passado	90%	70,83%
Religião difere pela influência da ciência	33,33%	40%
Religião difere pelo uso atual das pessoas	40%	6,67%

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

É possível notar que alguns resultados se apresentam de forma semelhante entre o obtido com as respostas dos afiliados e dos líderes. O primeiro item da Tabela é um exemplo disso, em que o percentual de afiliados e de líderes que buscaram espontaneamente a *religião na vida adulta* apresenta valores próximos (45% e 43,33% respectivamente).

Camboim e Rique (2010) realizaram um estudo acerca da religiosidade de adolescentes e jovens adultos. Os autores discutem que a religiosidade é vivenciada de maneira diferenciada ao longo do desenvolvimento do indivíduo, sendo que quanto mais as fases desse desenvolvimento vão passando, mais é observado o uso de recursos religiosos pelos praticantes das religiões.

Entende-se ainda que quanto mais as fases vão se sobrepondo, mais evidente fica para o ser humano seu amadurecimento e envelhecimento, pelas perdas observadas ao longo desse processo, as quais podem estar ligadas tanto às questões relacionais, como também às individuais. No que diz respeito às perdas relacionais, percebe-se pelo movimento de aproximação e de afastamento que o ser humano tem com seus pares ao longo da vida. Além do fato de que tais perdas podem efetivamente ocorrer pela morte desses pares. Da mesma forma, ao longo do processo perdem-se também capacidades, funcionalidades, que possibilitam aclarar a percepção da pessoa relativa ao seu desenvolvimento. E nesse sentido a religião é entendida muitas vezes como um recurso para lidar com as dificuldades (DALGALARRONDO, 2007). Acrescido a isso, é entendida, também, a capacidade de modulação destas dificuldades, dessas expressões de dor.

Santos et al (2013) desenvolveram um trabalho em que o objetivo foi investigar como a religiosidade pode funcionar como estratégia de enfrentamento para idosos com incapacidade funcional. Participaram do estudo 57 idosos, sendo que coleta de dados foi realizada com base no modelo de signos, significados e ações, assim como a análise.

Trata-se de um estudo etnográfico observacional. Os resultados demonstram que as tradições religiosas entre idosos ajudam tanto a explicar como a enfrentar os sofrimentos gerados pela incapacidade funcional, naturalizando a questão da fatalidade da velhice.

A segunda categoria da Tabela 6 revela a *responsabilidade frente aos atos e situação de vida* percebida pelos participantes, sendo que os grupos em sua maioria acreditam que tal responsabilidade é total, abrangendo 75,83% dos participantes dos grupos de afiliados e 87,67% dos grupos de líderes. Para Julien (2010), dentre as consequências do cristianismo encontra-se a mudança em relação à postura das pessoas frente à divindade. Com a morte de Jesus Cristo para o perdão dos pecados da humanidade e o advento do Espírito Santo na constituição e desenvolvimento da igreja, os seres humanos passaram a ter outra concepção em relação a Deus baseados na ideia da Trindade, em que cabe a cada ser não apenas seguir as leis da igreja ou do estado, mas também agir de acordo com a sua consciência. Essa é a ideia do livre-arbítrio, em que cada ser toma para si a responsabilidade sobre seus atos, o que diz respeito também à sua situação de vida. Dentre os grupos estudados, observa-se que tal concepção é difundida e aceita pela maioria.

A *religião como auxílio* no enfrentamento da morte foi referida nesse questionamento por 16,67% dos participantes dos grupos de afiliados. E os cuidados com o corpo ou a saúde na tentativa de prolongar o tempo de vida, consequentemente adiando a morte, foram referidos por 13,33% dos grupos de afiliados e por 25% dos grupos de líderes e nesse último quesito também está incluída a questão da responsabilidade, pois a partir do momento que se assume seu autocuidado, obtém-se como reflexo, a possibilidade de prolongar o tempo de vida.

A religião é entendida como recurso para enfrentamento da morte para diversas disciplinas integradas aos cuidados paliativos (LAWSON, 2011). Faz-se necessário aos profissionais nesse contato, reconhecerem as dificuldades para potencialização desse recurso, demarcando aqui a percepção da finitude, da desesperança.

Winter-Pfändler e Morgenthaler (2011) desenvolveram um estudo piloto com objetivo de elencar critérios baseados em evidências para avaliar pacientes com dificuldades de recursos de enfrentamento. Participaram do estudo 610 pacientes residentes da parte alemã da Suíça que foram questionados quanto à sua saúde psicossocial. Os resultados demonstraram que a falta de vitalidade associada ao estado de saúde, a falta de apoio e a referida falta de fé são critérios válidos para a orientação

de capelães quanto à necessidade de assistência por meio de visitação pastoral. Tal estudo é um exemplo da forma como a religiosidade pode contribuir para o enfrentamento de situações de aproximação com a morte, de finitude.

Machado (2011) discute os reflexos da sociedade industrial para a visão de autocuidado e de bem estar. O autor afirma que nessas sociedades, qualquer incapacidade em relação ao consumo ou ao prazer é vista como enfermidade. Nesse sentido questiona a definição de saúde proposta pela Organização Mundial de Saúde, pois essa a define como um estado de bem estar total, em todos os aspectos relacionados ao ser humano, fato na prática impossível de ser alcançado. Tal ideia remete à vida sem sofrimento, à felicidade sem dor e à convivência social sem conflito, não possibilitando ao ser humano a compreensão dos próprios processos de morte, que acontece no desenrolar do desenvolvimento. Ainda para o autor dor e morte são condições inerentes ao ser humano e perder essa dimensão faz com que este perca a própria essência. Assim, entende-se que há a necessidade de cuidados, sem perder de vista que as características inerentes ao ser humano fazem e farão parte deste em todas as suas fases de vida, se se quiser que este tenha de fato a preparação necessária para o processo da morte e toda compreensão possível para esta.

Outro dado que obteve concordância de mais da metade dos participantes diz respeito à *consciência da existência de experiências profundas que são indizíveis*. Nesse aspecto, 60,83% dos participantes dos grupos de afiliados e 53,33% dos participantes dos grupos de líderes acreditam que a população em sua maioria acredita na existência dessas experiências.

Reforçando tal dado, Peres e Newberg (2013) defendem que nenhuma psicologia pode ser considerada completa se não abrigar em sua atuação as experiências consideradas paranormais ou anômalas. Afirmam que essa concepção na população geral atinge 48% e que os que a referem, descrevem-nas como altamente significativas. No presente estudo, os dados revelam uma concordância ainda mais expressiva nesse sentido.

Em relação ao dado seguinte, a *crença na existência de recompensa após a morte*, os grupos referiram concordância que gira em torno 50% dos participantes, o que denota que dentre estes existem formas distintas de compreensão com relação a tal ponto. O grupo de afiliados atingiu índice de 50,83% dos participantes que não acreditam na ideia de recompensa após a morte, enquanto que no grupo dos líderes 54,17% acreditam que sim, existe recompensa após a morte.

Na bíblia, um dos livros que aborda com profundidade a questão da recompensa é o Livro de Jó. De acordo com Goldberg (2010) é nesse livro que é evidenciada a questão da repreensão divina ao ser humano. O autor traz ainda que essa questão é também bastante evidenciada com relação às experiências dolorosas, sendo que uma das palavras latinas para dor é *poine*, que significa castigo. Essa ideia traz em seu bojo ainda as concepções com relação à visão do pós-morte e o que acontece nele, contando com as especificidades de cada religião.

Para os católicos existe a concepção de céu, inferno e purgatório, podendo-se em algumas denominações religiosas evangélicas, além do céu e do inferno, ter-se algumas concepções também relacionadas ao purgatório, porém de maneira diferenciada do catolicismo (JUDISCH, 2009), enquanto que na concepção espírita os reflexos de uma encarnação podem ser percebidos nas próximas encarnações de um mesmo ser espiritual. As especificidades de compreensões nesse sentido são evidenciadas na forma como o dado se apresenta no somatório dos grupos.

No que tange à *fé e a sua relação com a morte*, 53,33% dos participantes dos grupos de afiliados referiram que acreditam que a fé aumenta com a proximidade da morte e 38,33% dos líderes concordam com essa concepção. A fé nesse contexto é entendida apenas no que tange ao aumento da mesma na proximidade com a morte, não evidenciando-se discordância de sua existência enquanto preparação para a morte ao longo da vida. A forma como se busca o enfrentamento para questões relacionadas à morte, depende das concepções desenvolvidas sobre ela ao longo da vida e sua relação com a religião no que diz respeito à fé.

Ao abordarem o processo de desenvolvimento da doença, Castelo-Branco, Brito e Fernandes-Sousa (2014) afirmam que a religiosidade, enquanto uma das dimensões do ser humano, manifesta-se nesse contexto e que apesar de já ter tido sua influência comprovada, existem profissionais que desconsiderem essa relação. As autoras ressaltam esse processo como parte da busca de sentido pela pessoa enferma.

Machado (2011) afirma que na tradição cristã a morte é o momento da libertação do corpo, quando haverá a continuidade, mesmo entendendo-se a doença como prenúncio da morte. O enfrentamento da morte nesse sentido é visto como possibilidade de continuidade e de construção de sentido para essa experiência humana.

A busca de sentido também é tema de discussão da próxima categoria analisada, que diz respeito à *religião enquanto explicação para as limitações humanas*. Nos

grupos de afiliados, 54,17% dos participantes referiram que entendem a religião dessa forma, assim como 60% dos participantes dos grupos de líderes.

Huxley (2008) afirma que a inteligência humana abre uma lacuna nessa relação com o incognoscível e que o reconhecimento das limitações humanas na percepção do mistério, esta na base das religiões. A tentativa de dar um corpo a essa compreensão por meio do intelecto é a origem de sofisticadas teologias.

Paine (2008) aponta em seu estudo a postura de pessoas de determinadas religiões confessam que encaram as demais como erros de interpretação e de desenvolvimento religioso. Refere ainda que é necessário nesse sentido admitir-se que se a religião é vista como o acesso ao infinito, ao misterioso, precisa-se aceitar que mesmo em uma tradição religiosa longa, na qual existem aspectos que ainda não foram ventilados, limitam as compreensões disponíveis. Assim, existem explicações e sentidos construídos pelas religiões passíveis de mudanças, com possibilidades de reelaboração.

Tal fato corrobora com os dados apontados pelo Censo do IBGE (2010) referentes ao aumento de denominações religiosas percebidas, com inserção de novos membros nessas denominações, assim também como o trânsito religioso resultante dessa busca.

Para Ribeiro (2008) é nessa busca que se situa inclusive o surgimento da fé enquanto explicação naquilo que há uma impotência humana para captar. O que não é explicável em dado momento pelo racional, é entendido pela fé. Com isso há a compreensão, há a busca, há a estruturação de sentido por meio daquilo que cada concepção da fé religiosa entende e professa aos seus seguidores.

A divergência entre questões atreladas ao racional e a fé, permeiam em última instância a *relação da religião com a ciência*. Nesse aspecto a oposição entre ambas foi referida por 75% dos participantes dos grupos de afiliados e por 58,33% dos grupos de líderes. No modelo discutido por Sanches e Danilas (2012), evidencia-se que a grande maioria dos participantes admite uma postura de conflito ao analisar essa relação, permeada por posturas extremadas no que diz respeito à possibilidade de interação ou diálogo.

Huxley (2008) apresenta em sua obra a transcrição de entrevistas proferidas por este em diversas ocasiões em que houve debates sobre a relação entre religião e ciência. O autor afirma que é possível perceber-se em diversos momentos históricos como a relação conturbada entre religião e ciência travancou o desenvolvimento científico. Há uma crença nessa oposição, mesmo que muitas vezes a ciência tenha contribuído ao

desenvolvimento de melhores condições para os seres humanos, inclusive no que diz respeito à moralidade.

Percebe-se assim que existe uma oposição embora oficialmente as religiões venham fazendo cada vez mais parte do ser humano enquanto objeto de estudo, o que é evidenciado tanto por trabalhos relacionados às ciências humanas (RIBEIRO, 2008), quanto nas ciências sociais (MATA, 2010; DISSENHA; JUNQUEIRA, 2011), como também nas ciências da saúde (PERES; NEWBERG, 2013).

Como exemplo, Unantenne et al. (2013) realizaram um estudo com o objetivo de investigar como pessoas com doenças crônicas incorporam a espiritualidade em suas rotinas para enfrentamento. Foram entrevistadas 69 pessoas com diabetes tipo 2 e/ou doença cardiovascular. Os participantes foram recrutados a partir de convites feitos aos membros de grupos de apoio e também por meio de e-mails, cartazes e outros materiais de divulgação. Todos os participantes tinham recebido previamente orientação sobre a necessidade de mudança no estilo de vida e praticavam algum tipo de medicina alternativa e complementar. Um total de 38 mulheres e 31 homens participaram de entrevista. A maioria tinha mais de 65 anos e renda familiar baixa. Dezenove (27,5%) foram diagnosticados com diabetes tipo 2, 14 (20,3%) com doenças cardiovasculares e 36 (52,1%), com ambas as condições, 24 (34,8%) tiveram depressão associada com a sua condição. Os participantes foram perguntados sobre suas experiências de conviver com as patologias e sobre o uso de medicina alternativa. A espiritualidade ligada às religiões estruturadas foi julgada como importante para 71% das mulheres e 65% dos homens. Quatro categorias de análise emergiram das entrevistas: Enfrentamento e suporte; Aceitação; Cura; Saúde e Bem-estar subjetivo.

Tais associações, ressignificações e possibilidades de diálogo, promovem reflexões acerca do papel das religiões e a forma como abordam seus constructos. Nesse entendimento levanta-se a questão das mudanças observadas na religião e como os participantes destas as entendem. Nesse questionamento, 90% dos participantes dos grupos de afiliados e 70,83% dos grupos de líderes referiram perceber *mudanças entre a religião do passado e a do presente*.

A essa questão, atrela-se a compreensão dessa diferença percebida estar relacionada, afinal, a que tipo de processo. Dos participantes dos grupos de afiliados, 33,33% afirmaram que a mudança está associada à ciência, com um total de 40% dos grupos de líderes que compartilham desse entendimento. Outros 40% dos grupos de

afiliados referem que a diferença é proveniente do uso atual das pessoas, ideia que compreende também 6,67% dos grupos de líderes.

Huxley (2008) afirma que as ciências foram responsáveis por uma revelação progressiva da realidade, estruturando métodos mais eficazes, o que é possível se vislumbrar em diversos âmbitos, mas que houve também uma diferenciação acerca da postura adotada ao longo desse processo, tendo a humanidade se adequadado às novas descobertas, reconfigurando sua relação com o aspecto religioso. A proposição do autor concorda com o observado pelos participantes que visualizam essa relação de tal forma.

No intuito de se estabelecer uma relação entre as categorias analisadas que abarcasse a visão geral dos participantes, os dados foram organizados em uma Tabela única, com a descrição dos percentuais dos principais conteúdos no somatório de todos os grupos, sem distinção entre a denominação religiosa (católicos, evangélicos e espíritas), nem quanto ao tipo de participação (afiliados e líderes).

A Tabela 7 apresenta os dados referentes à análise dos conteúdos de todos os grupos, tanto de afiliados, quanto de líderes. Para aprimorar a visualização desses principais conteúdos analisados entre todos os grupos, a Tabela foi construída da maior para a menor frequência percentual. Assim é possível evidenciar com mais clareza os conteúdos de maior concordância entre os participantes.

Tabela 7 - Descrição das frequências dos principais conteúdos referidos pelos participantes de todos os seis (06) grupos (n=240).

Responsabilidade total sobre os atos e situação de vida	81,25%
Religião do presente difere da do passado	80,42%
Percepção de divergências entre ciência e religião	66,67%
Religião como explicação para as limitações humanas	57,08%
Existência de experiências profundas que são indizíveis	57,08%
Descritores de Deus (em número de atribuições)	Criador – 56
	Tudo – 47
	Personificado – 40
	Amor – 38
	Pai – 36
Fé aumenta com a proximidade da morte	45,83%
Crença na existência de recompensa após a morte	Sim= 44,58%
	Não= 43,33%
Busca pela religião na vida adulta	44,17%

Religião difere pela influência da ciência	36,67%
Religião difere pelo uso atual das pessoas	28,75%
Cuidados com o corpo (saúde) para prolongar a vida	19,17%
Religião como auxílio para lidar com a morte	8,33%

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

O tema que denotou maior concordância entre os grupos diz respeito à noção de *responsabilidade sobre os atos e situação de vida*, perfazendo um total de 81,25% dos participantes. Essa questão está ligada à ideia do livre arbítrio defendido dentro das concepções religiosas estudadas (COSTA, 2011; BELINI, 2009; BOBSIN et al, 2012; FONSECA, 2013; LARA, 2009). Fica claro nesse sentido, o significado da atribuição elevada dos grupos para esse questionamento.

O segundo tema de maior concordância entre os grupos refere-se ao fato da *religião do presente diferir-se da do passado*. Huxley (2008) afirma que essa diferença originou-se na mudança de postura do ser humano com relação à religião, abolindo tradições que não mais se encaixavam com o desenvolvimento percebido ao redor de si.

Aletti (2004) afirma que as reconfigurações dependem da forma como se processa a própria fé, pois o verdadeiro crente não é sedentário na sua posição, mas encontra-se em movimento, na busca de seus entendimentos e compreensões. Tais reflexões corroboram com o fato dos grupos terem percebido essa diferença num total de 80,42% dos participantes.

A percepção de divergências entre religião e ciência coloca-se como categoria subsequente de atribuição, perfazendo um total de 66,67% dos participantes. Tal percepção, como discutido, dá ideia de uma postura de conflito de acordo com a discussão de Sanches e Danilas (2012) para a maioria dos participantes embora se perceba a possibilidade de aproximação entre ambas, por meio de contribuições das relações da religião com as ciências humanas, sociais e da saúde.

De acordo com Cescon (2011) houve aumento nos últimos anos do interesse das neurociências em encontrar correlatos associados à religião. Em seu trabalho o autor traça um retrato das questões relacionadas à neurociência e os estudos no campo religioso. Refere que estudos de diversos pesquisadores nos últimos anos têm procurado identificar processos neurobiológicos associados à experiência religiosa. Segundo o autor a investigação iniciou-se por meio da epilepsia do lobo temporal, tendo passado essa investigação por vários momentos, sendo que um dos estudiosos concluiu com seu trabalho que a sensação de fé ou da presença divina são apenas anomalias elétricas em

uma parte específica do lobo temporal. Contudo, o autor refere outros estudos em que estimulações cerebrais foram realizadas como, por exemplo, em relação à fome e ao apetite sexual, mas que não se pode afirmar que essas duas funções estão atreladas a distúrbios elétricos do cérebro, assim como a fé e a percepção de Deus. Para o autor é necessário reconhecer que o modo do sujeito relacionar-se com o mundo e com a religiosidade pode influenciar os correlatos neurofuncionais de seus estados mentais.

Peres e Newberg (2013) apontam em seu estudo a necessidade de maior investigação sobre os correlatos neurofuncionais durante experiências mediúnicas, sendo que nesse campo de investigação houve aumento na produção científica nos últimos 15 anos, especialmente de estudos envolvendo recursos de neuroimagem variados, empregados nas pesquisas de acordo com a proposição dos estudos. De acordo com os autores, os recentes estudos têm demonstrado que diferentes sistemas cerebrais atuam em diversos aspectos da experiência religiosa, o que descarta a possibilidade do chamado “ponto de Deus”, que era a teoria de que existe um ponto no cérebro de processamento dessa experiência. A complexidade e a multidimensionalidade da experiência religiosa, está relacionada a aspectos perceptuais, cognitivos e emotivos. Assim, os estudos envolvendo imagens neurofuncionais apontam para uma maior atividade associada ao córtex frontal e pré-frontal durante experiências religiosas.

Fingelkurts e Fingelkurts (2009) desenvolveram um estudo de revisão com o objetivo de analisar a produção científica acerca dos achados neurológicos e características associadas às experiências religiosas. Um primeiro fato curioso discutido pelos autores diz respeito aos primeiros sinais de atividades religiosas pelo ser humano, que datam de 40.000 anos atrás. Considerando-se que se estima que o ser humano tenha surgido há aproximadamente 200.000 anos atrás, percebe-se que há uma lacuna entre esses dois momentos o que pode ser explicado por fatores associados à anatomia e à morfologia cerebral. Outra constatação dos autores é de que a experiência religiosa existe em todas as religiões e culturas, como também em todos os estágios do desenvolvimento individual. Com relação à associação entre religiosidade e psicopatologia, os autores discutem que apesar de indivíduos com psicopatologia relatarem experiências religiosas, tal fato não é restrito à condição da patologia, sendo que nem todas as pessoas com psicopatologias referem experiências religiosas. Além disso, na população geral há uma associação negativa entre experiência religiosa e a psicose, a depressão ou a outras psicopatologias. Do ponto de vista teológico, os autores fazem uma conceitualização sobre o ser humano em seu aspecto triplo: corpo, espírito e

alma. O corpo é a parte física, material; o espírito é imaterial, provindo do sopro divino e a alma é o resultado da interação entre ambos. Dessa forma de compreensão do ser humano, entende-se que o cérebro é a parte material da relação envolvida na experiência religiosa e, portanto, a parte em que se pode fisicamente ter acesso a ela, lembrando-se que o objetivo e o subjetivo são entendidos como processos complementares. Assim, o fenômeno da experiência religiosa deve ser entendido levando-se em conta os aspectos tanto do que diz respeito à neurofisiologia como também o constructo religioso para que uma melhor compreensão possa ser alcançada.

As discussões apresentadas pelos estudos corroboram com a ideia da possibilidade de desenvolvimento de comunicação entre esses dois domínios, embora na concepção dos participantes, em sua maioria, tal fato ainda não ocorra.

A próxima categoria, diz respeito à *religião como explicação para as limitações humanas*. No total, 57,08% dos participantes acreditam que essa função é atribuída à religião. Camboim e Rique (2010) discutem em seu estudo que as pessoas religiosas são preocupadas com questões relacionadas ao sentido da vida, com os acontecimentos referentes ao pós-morte e que tais preocupações ocorrem, independente das religiões das quais participam. Percebe-se com isso, que tal busca é inerente aos participantes das religiões buscando nelas próprias as explicações referentes a tais temas.

Leite (2011) discute que os textos míticos religiosos caminham em direção à busca por conhecimento que cada religião tem a oferecer, contendo princípios sobre a natureza de tais conhecimentos.

Essa posição corrobora também com o entendimento de Mata (2010) sobre a questão da influência das construções dos mitos e sua influência na compreensão de processos sociais, políticos, históricos associados à religião.

Bulfinch (2006) discute a relação entre os mitos e as religiões, destacando a influência entre ambos. De acordo com o autor, questiona-se se os aspectos e narrativas da mitologia pagã tem fundamentação verídica, ou se seriam apenas imaginação. Uma das teorias que explica essa relação é a teoria bíblica, que propõe que as lendas da mitologia embora utilizadas de maneiras distintas, são baseadas nas escrituras bíblicas, sendo possível identificar-se personagens correspondentes, como por exemplo, a correspondência entre Deucalião e Noé, ou entre Hércules e Sansão.

Com base no exposto pelos autores, evidencia-se que a busca pela compreensão das limitações humanas e suas relações inclusive de cunho histórico, político e social, pode ser alcançada no desenvolvimento de estudos acerca da religião.

A *consciência da existência de experiências profundas indizíveis* alcançou a concordância de 57,08% dos participantes. A religiosidade em si pressupõe algo além do ser humano, algo maior, endereçado a uma figura divina (RIBEIRO, 2008). Dessa forma, para o autor as experiências concernentes à religião referem-se às experiências de fé, atreladas a Deus. Esse Deus não é considerado objeto de prova, algo questionável e explicável, de modo que as experiências relacionadas a Ele não são passíveis de explicação sendo este um problema humano.

Paine (2008) atribui à religião o papel de resgate do divino que é permeado pelo mistério. A visão dos autores corrobora com o referido pelos participantes do presente estudo, refletindo as concepções acerca do divino e das experiências relacionadas a este como parte do indizível, do inexplicável, pelo menos para a maioria das pessoas.

As *descrições de Deus* foram utilizadas em conjuntos entre os grupos e na representação de todos os grupos foram referidos atributos como “Criador”, “Tudo”, “Personificado” referente às imagens humanas para descrevê-lo, “Amor” e “Pai”. Julien (2010) pontua o conceito de arquétipo presente na obra de Jung. Tal conceito refere-se a uma construção passada atravessando diversas gerações a ponto de fazer parte do inconsciente coletivo da humanidade. Assim, todos os seres humanos compartilham arquétipos, sendo que Deus está entre eles. Nesse sentido, para o autor, todos compartilham do arquétipo divino enquanto parte do inconsciente coletivo.

Para Aletti (2004) a necessidade da figura divina e sua incompreensão fazem com que uma descrição do mesmo não possa ser atingida em sua plenitude. Isso explica o grande número de atributos relacionados pelos participantes quando solicitados a explicitar sua concepção acerca de Deus.

Bairrão (2001) discute em sua obra as possibilidades de associação de imagens atreladas especialmente à figura de Jesus Cristo que, de acordo com os constructos religiosos é o Deus que se fez humano. Afirma que essa construção está ligada à necessidade e à criatividade humanas. Assim, na percepção individual, Jesus Cristo pode ter a imagem divulgada pela concepção romana de homem branco dos olhos azuis, como também, ser negro para outros, como se verifica em seitas africanas. De qualquer forma, essa descrição atende às necessidades dos grupos e dos indivíduos envolvidos.

Contudo, verifica-se que para os grupos, que em última instância compartilham tempo e espaço de construção cultural das descrições, apesar de em grande número, o que revela o caráter individual de cada concepção, apresentam também repetições nas descrições o que revela o caráter coletivo.

No que tange ao *aumento da fé com a proximidade da morte*, 45,83% dos participantes responderam que acreditam nessa relação. É possível notar que embutida nessa questão, faz-se necessário que se pense em como se configura a proximidade da morte na compreensão dos participantes, entendendo-se que o atravessar do tempo, por si só, coloca o ser humano em contato com uma maior proximidade com a morte. Ribeiro (2008) sinaliza que a preocupação que se tem é com relação à vida. O ser humano ocupa-se da vida, porém é a expectativa ou a certeza da morte que oferece o sentido ao agir humano. Assim, a vida e a morte fazem parte de uma mesma realidade.

Ao se pensar na própria definição de algumas palavras que dizem respeito ao desenrolar da vida e à questão da morte, tem-se uma visão mais acurada dessa relação. Ferreira (2009) exhibe como definição de aniversário: (do latim *aniversariu*) dia em que se faz um ano, ou mais, que se deu certo acontecimento; dia em que completa um ano, ou mais de idade; relativo a esse dia, ou próprio dele, ou que nele se realiza; dia de aniversário de acontecimento; dia de aniversário de alguém; festa comemorativa de aniversário. O mesmo autor apresenta como definição de morte: (do latim *morte*) ato de morrer; o fim da vida animal ou vegetal; termo; destruição, ruína; grande dor; pesar profundo.

Analisando-se a relação entre os conceitos, percebe-se que, o termo aniversário dá a noção de temporalidade e da passagem desta, a qual desembocará num fim, ou seja, na morte que finda o processo das etapas da vida. Assim a cada momento que se passa, a cada marco referente aos aniversários atribuídos aos eventos da vida, percebe-se a proximidade com a morte, não necessariamente esse processo acontecendo apenas em se tratando do alcance da longevidade. Não fosse isso, não haveria morte em situações em que esta não é esperada.

A fé vem completar essa análise enquanto produto da religião, que é definida por Ferreira (2009) como: (do latim *religione*) crença na existência de uma força ou forças sobrenatural (ais) considerada (s) criadora (s) do Universo, e que como tal, deve (m) ser adorada (s) e obedecida (s); manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos; virtude do homem que presta a Deus o culto que lhe é devido; reverência às coisas sagradas; crença fervorosa; devoção, piedade; crença numa religião determinada; fé, culto; vida religiosa; qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica, etc; modo de pensar ou de agir; princípios. Assim, a fé está associada a

tal processo no sentido de que de por meio dos ritos e exercícios das práticas religiosas possa-se alcançar formas de enfrentamento da morte.

No que diz respeito à fé cristã, Bairrão (2001) pontua que a ideia da salvação para o cristianismo está diretamente relacionada à morte. Pois é por meio de um Deus que se fez vivo, na figura de Jesus Cristo que se tem o perdão dos pecados. Assim, a partir do momento que se aceita que este Deus vivo morreu para que a humanidade pudesse ser perdoada, alcança-se a salvação. Tal salvação vem assim, por meio da morte, da morte do próprio Deus em figura de homem. Daí a amplitude do manejo e da modulação da dor do existir por meio da religião.

Ferreira (2009) define salvação como ato ou efeito de salvar-se. Ao buscar as definições do verbo salvar, encontram-se, entre outras: livrar da morte; dar salvação a, livrar das penas do inferno; obter a salvação eterna. Dessa forma, fica claro que a salvação está diretamente relacionada com a busca pela vida eterna, após a morte.

A próxima categoria analisada relaciona-se a esta ideia, pois revela a *crença em recompensa após a morte*. Tal categoria apresentou percentuais próximos em relação à concordância dos participantes, sendo que 44,58% deles acreditam que existe recompensa e 43,33% que não existe.

De acordo com Nascimento (2013) os questionamentos sobre a questão da recompensa vieram à tona nas comunidades cristãs com o surgimento da ideia de purgatório, como um local onde as almas são encaminhadas para expiar seus débitos após a morte, sendo que essa noção causava terror às pessoas, ao mesmo tempo em que as colocavam em situação de proximidade com os mortos, pois nessa concepção, os vivos por meio das preces e de ofertas poderiam garantir a absolvição total do ser em sofrimento no purgatório.

Num dos livros mais lidos da história, A Divina Comédia, Dante Alighieri (2003) conta a “viagem” que fez ao inferno, ao purgatório e ao paraíso. A ideia central da obra é apontar para a necessidade de reflexão do ser humano acerca da própria vida, repensando suas atitudes ao longo da mesma de forma que vivendo de acordo com os preceitos cristãos seja possível que se alcance a salvação. O autor discute ainda, que para isso é necessário que as boas obras realizadas sejam feitas não somente pelas aparências ou em busca de salvação, mas com a intenção real de auxílio a quem necessite dele.

O correspondente a essa ideia no caso específico do espiritismo é o umbral (ELIAS, 2013). O julgamento dos atos praticados em vida por meio da própria

consciência ou do julgamento divino, dependendo da denominação religiosa é o que resulta no encaminhamento do ser, em consequência de sua morte física, a diferentes estados, podendo ser o céu/paraíso, o inferno, o purgatório ou o estado condizente com seu nível evolutivo. De posse de tantas possibilidades no pós-morte e levando-se em conta as especificidades das denominações religiosas, evidencia-se um percentual dividido na crença atrelada à questão das recompensas na forma de entender dos participantes.

Retomando a relação da fé e a morte, a próxima categoria pode ser um complemento na compreensão da mesma, com o dado referente à *busca pela religião na vida adulta* por 44,17% dos participantes. Levando-se em conta que o irromper das várias fases da vida pode evidenciar a proximidade com a morte, compreende-se que tal dado confirma a concepção do aumento da fé e consequentemente da busca pela religião nesse sentido.

No que diz respeito às diferenças percebidas entre a *religião do presente e do passado*, foram referidas principalmente em relação à influência da ciência e ao uso das pessoas atualmente nessas construções, perfazendo um total de 36,67% e 28,75% dos participantes respectivamente.

Na concepção de Julien (2010) a dessacralização do mundo possibilitou o progresso das ciências possibilitando um processo que com o passar do tempo também teve sua influência na religião.

Com relação à diferença pelo uso das pessoas atualmente, na descrição dos relatos é possível se observar que inclusive houve o aumento do número de denominações religiosas de maneira significativa no país, de acordo com dados do Censo (2010), o que corrobora com a visão de que de certa forma a religião e a teologia têm adotado usos diferenciados.

Os *cuidados com o corpo (saúde)* no intuito de prolongar a vida foram referidos, embora com menor expressividade, representando no total dos grupos 19,17% dos participantes. Para Nascimento (2013) a morte e o religioso fazem parte do cotidiano e intrínseco a há isso o terror frente à interrupção da vida. Nesse sentido fica claro o intuito dos esforços do ser humano em relação ao prolongamento da vida, atrelado ainda ao livre arbítrio enquanto responsabilidade pelos atos, inclusive em relação a si próprio.

Finalizando, encontra-se descrita entre os grupos a ideia da *religião como auxílio* para lidar com a morte. Tal categoria esteve presente na descrição de 8,33% dos participantes. De acordo com Ribeiro (2008) a ideia da possibilidade de salvação da

alma é entendida muitas vezes como recurso para lidar com a questão da morte, sendo esse recurso advindo da religião.

Corroborando com essa ideia Castelo-Branco, Brito e Fernandes-Sousa (2014) expressam o consenso sobre a importância da espiritualidade e religiosidade nos processos de saúde/doença enquanto enfrentamento, ressaltando a importância da avaliação das necessidades espirituais pela equipe de enfermagem, no contato com o cliente com essa necessidade.

Mahfudh (2011) também defende a importância do reconhecimento dessas necessidades, abrangendo esse papel a outros profissionais que também estão em contato com o cliente no processo de saúde/doença. Sendo assim, entende-se que a religião pode oferecer recursos em diferentes níveis no enfrentamento das situações de proximidade com a morte.

No quadro geral das categorias elencadas pelos participantes dos grupos religiosos, percebe-se que três condições importantes emergiram da análise da relação da dor do existir e as religiões: os aspectos religiosos, contribuintes para a perspectiva da relação vida e morte, a compreensão da morte em sua amplitude com a gama de sentimentos e reações que esta pode gerar e a ciência, como fator importante, associado inclusive no processo de compreensão desse fenômeno. Corroborando com esse pensamento, Paine (2008) afirma que quanto mais se sabe sobre as religiões mais se entende o fenômeno e que o fator religioso pode ser considerado como a questão do século. Em relação ao presente estudo, entende-se que a religião é recurso importante para uma compreensão científica da reação do ser humano frente à concepção da morte e do morrer, ou seja, de sua dor do existir.

5.6. Dados obtidos na aplicação da escala do IACOR

Para a análise dos dados obtidos com a aplicação do instrumento foram calculados a média aritmética (MA) e respectivos desvios padrão (DP). Realizou-se o ranking dos atributos, em ordem decrescente, estabelecendo assim, quais receberam maior ou menor atribuição na descrição da dor existencial, nas três religiões. Os grupos foram divididos de acordo com a afiliação religiosa e o tipo de participação, líderes e afiliados: CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD. Devido à proximidade

nos grupos religiosos com relação às dimensões e a maioria dos atributos julgados por líderes e por afiliados, optou-se por apresentar as Tabelas dos grupos religiosos em estudo, somando-se e analisando os dados dos grupos de afiliados e de líderes em conjunto.

A Tabela 8 mostra o ranking dos atributos dos dados relativos à aplicação do instrumento no grupo CAT-AF, assim como a Tabela 9 mostra os dados em relação ao grupo CAT-LD.

Tabela 8 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo CAT-AF.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,98	0,16
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,60	0,77
Eu respeito a diversidade de pessoas	3	9,60	0,77
Fazer a vida valer a pena	4	9,53	0,97
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para uma casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	5	9,43	1,09
Minha vida é um processo de transformação	6	9,38	1,37
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	7	9,30	1,55
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro.	8	9,28	1,12
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	9	9,23	1,68
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	10	9,13	1,44
Viver um dia de cada vez	11	9,00	1,61
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	12	8,95	1,47
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	13	8,93	1,23
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	14	8,90	1,56
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	15	8,88	1,78

Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	16	8,88	1,87
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	17	8,83	1,46
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	18	8,83	1,70
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	19	8,80	1,47
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	20	8,78	1,52
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	21	8,78	2,14
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	22	8,75	2,53
Dar algo de si mesmo	23	8,73	1,57
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	24	8,63	2,01
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	25	8,63	2,22
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	26	8,50	2,09
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	27	8,48	1,57
Eu estou convencido de que a morte não é o final	28	8,48	2,85
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	29	8,40	1,92
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	30	8,40	1,93
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	31	8,40	2,05
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	32	8,38	2,22
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	33	8,35	1,96
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	34	8,30	2,61
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	35	8,20	2,23
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	36	8,20	2,40
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	37	8,20	3,25
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	38	8,15	1,17
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	39	8,15	2,40
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	40	8,13	1,58
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	41	8,08	2,38
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	42	8,03	2,89
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com	43	8,00	2,30

um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino			
Quando se adocece, é um incentivo a se conhecer melhor	44	7,95	2,38
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	45	7,93	2,49
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	46	7,93	2,70
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	47	7,90	3,08
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	48	7,83	2,99
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	49	7,70	2,12
O que não me mata, me fortalece	50	7,65	2,17
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	51	7,63	2,23
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	52	7,60	3,17
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	53	7,58	2,76
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	54	7,53	3,27
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	55	7,50	3,10
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	56	7,23	1,42
Costumo encontrar significado decorrentes de uma perda	57	7,20	2,64
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	58	7,03	2,92
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	59	6,93	2,61
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	60	6,78	2,85
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	61	6,65	3,64
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	62	6,60	3,14
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque essa doença aconteceu comigo	63	6,38	3,36
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	64	6,35	2,77
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,88	3,44
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	66	5,40	3,30

O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	67	5,33	3,64
A morte é dolorosa demais para ser suportada	68	5,00	2,91
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	69	3,68	3,40
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	70	3,38	3,88
Não consigo compreender o propósito da morte	71	3,20	3,30
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	72	2,70	3,23
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	73	2,70	3,61
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	74	2,28	3,22
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	75	1,98	2,92
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	76	1,90	2,50
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	77	1,68	2,88
Não existe vida após a morte	78	1,33	2,51

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 9 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo CAT-LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,95	0,22
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	2	9,88	0,40
Minha vida é um processo de transformação	3	9,88	0,40
Fazer a vida valer a pena	4	9,88	0,46
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	5	9,83	0,54
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	6	9,73	0,67
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	7	9,70	0,68
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	8	9,65	1,01
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	9	9,63	0,94
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	10	9,63	1,46
Eu estou convencido de que a morte não é o final	11	9,63	1,59
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	12	9,58	1,16
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	13	9,55	1,18
Eu respeito a diversidade de pessoas	14	9,53	1,02
Olhar com uma perspectiva espiritual para os	15	9,48	1,02

momentos mais confusos agregam significado para a minha vida			
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	16	9,40	1,18
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	17	9,38	1,74
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	18	9,38	2,19
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	19	9,35	1,33
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	20	9,35	2,08
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	21	9,33	1,15
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	22	9,33	1,17
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	23	9,33	1,35
Dar algo de si mesmo	24	9,33	1,51
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	25	9,30	1,12
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	26	9,25	1,64
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	27	9,20	2,06
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	28	9,15	1,62
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	29	9,15	1,71
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	30	9,10	1,43
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	31	9,08	1,39
Viver um dia de cada vez	32	9,03	2,15
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	33	9,00	1,90
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	34	9,00	1,94
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	35	9,00	2,24
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	36	8,98	1,37
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	37	8,95	2,29
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	38	8,93	1,81

Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	39	8,90	1,96
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	40	8,88	2,01
Quando se adoece, é um incentivo a se conhecer melhor	41	8,80	1,93
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	42	8,80	2,15
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	43	8,70	1,94
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	44	8,68	1,31
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	45	8,68	2,07
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	46	8,68	2,49
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	47	8,63	2,01
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	48	8,43	2,90
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	49	8,38	2,70
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	50	8,35	2,50
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	51	8,33	2,88
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	52	8,08	2,60
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	53	8,08	2,92
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	54	7,85	2,40
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	55	7,83	2,85
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	56	7,75	1,87
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	57	7,65	2,80
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	58	7,48	2,71
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	59	7,43	2,75
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	60	7,40	3,28
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem	61	7,28	2,77

antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir			
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	62	6,13	3,80
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	63	6,08	3,73
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	64	5,98	4,02
O que não me mata, me fortalece	65	5,85	3,71
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	66	5,70	3,59
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	67	5,68	3,61
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	68	5,65	3,83
A morte é dolorosa demais para ser suportada	69	4,13	3,04
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	70	4,08	4,41
Não consigo compreender o propósito da morte	71	3,55	4,14
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	72	3,00	3,11
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	73	2,80	3,73
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	74	2,25	3,21
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	75	1,73	3,30
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	76	1,53	2,24
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	77	1,50	2,21
Não existe vida após a morte	78	1,10	2,91

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 10 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF e CAT-LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,96	0,19
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,71	0,67
Fazer a vida valer a pena	3	9,70	0,78
Minha vida é um processo de transformação	4	9,63	1,04
Eu respeito a diversidade de pessoas	5	9,56	0,91
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	6	9,48	1,32
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	7	9,43	1,38
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro.	8	9,41	1,16
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	9	9,38	1,44

Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	10	9,34	1,20
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	11	9,26	1,22
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameace sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para uma casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	12	9,26	1,28
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	13	9,25	1,60
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	14	9,23	1,64
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	15	9,11	1,19
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	16	9,10	1,83
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	17	9,06	1,34
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	18	9,06	2,38
Eu estou convencido de que a morte não é o final	19	9,05	2,38
Dar algo de si mesmo	20	9,03	1,57
Viver um dia de cada vez	21	9,01	1,90
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	22	8,98	1,41
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	23	8,96	1,58
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	24	8,90	1,67
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	25	8,84	1,75
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	26	8,83	1,94
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	27	8,81	2,00
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	28	8,78	1,92
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	29	8,78	2,79
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	30	8,76	1,80
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	31	8,73	1,52
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	32	8,73	2,32
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	33	8,70	2,16
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	34	8,60	2,12

Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	35	8,60	2,20
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	36	8,60	2,41
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	37	8,56	1,34
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	38	8,55	1,94
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	39	8,51	2,66
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	40	8,48	2,24
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	41	8,48	2,30
Quando se adocece, é um incentivo a se conhecer melhor	42	8,38	2,20
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	43	8,36	2,76
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	44	8,35	1,99
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	45	8,29	2,65
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	46	8,23	2,82
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	47	8,19	2,55
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	48	8,03	2,34
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	49	7,99	2,97
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	50	7,95	1,55
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	51	7,93	2,87
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	52	7,84	2,20
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	53	7,83	2,57
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	54	7,64	2,82
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	55	7,60	2,75
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	56	7,49	3,03
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	57	7,43	2,81

Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	58	7,18	2,69
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	59	7,15	3,23
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	60	7,10	2,70
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	61	7,04	2,97
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	62	6,80	3,58
O que não me mata, me fortalece	63	6,75	3,17
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	64	6,39	3,73
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque essa doença aconteceu comigo	65	6,01	3,62
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	66	5,93	3,74
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	67	5,51	3,62
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	68	4,68	3,65
A morte é dolorosa demais para ser suportada	69	4,56	3,01
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	70	3,39	4,09
Não consigo compreender o propósito da morte	71	3,38	3,75
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	72	3,09	3,82
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	73	2,85	3,17
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	74	2,08	2,88
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	75	1,90	2,80
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	76	1,85	3,12
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	77	1,59	2,57
Não existe vida após a morte	78	1,21	2,72

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os dez atributos de maior caracterização da dor do existir para os grupos católicos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” (9,96±0,19), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” (9,71±0,67), “Fazer a vida valer a pena” (9,70±0,78), “Minha vida é um processo de transformação” (9,63±1,04), “Eu respeito a diversidade de pessoas” (9,56±0,91), “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” (9,48±1,32), “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade” (9,43±1,38), “Quando eu estou diante de um

acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro” (9,41±1,16), “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida” (9,38±1,44) e “Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade” (9,38±1,44). Os de menor atribuição foram: “Não existe vida após a morte” (1,21±2,72), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” (1,59±2,57), “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa” (1,85±3,12), “Imaginei o que teria feito para Deus me punir” (1,90±2,80), “Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas” (2,08±2,88), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas” (2,85±3,17), “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?” (3,09±3,82), “Não consigo compreender o propósito da morte” (3,38±3,75), “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus” (3,39±4,09) e “A morte é dolorosa demais para ser suportada” (4,56±3,01).

Ao se relacionar os atributos de maior e de menor caracterização da dor do existir e as religiões dos dois grupos católicos, percebe-se que alguns itens foram comuns aos dois grupos, enquanto outras foram discriminadas pelos grupos tanto do grupo CAT-AF, quanto do grupo CAT-LD.

Os itens de maior atribuição que foram comuns aos dois grupos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada”, “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito”, “Fazer a vida valer a pena”, “Minha vida é um processo de transformação”, “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” e “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade”. As duas primeiras, se referem ao respeito atribuído à relação com o meio, como parte da criação. As três seguintes relacionam-se com ideias gerais sobre a vida, considerando sua importância, dinamismo e significado. A última é relativa à expressão da fé pelos grupos.

Klaus (2010) afirma a necessidade dos membros da igreja católica retomarem suas relações com os semelhantes e a natureza, por meio da igreja missionária. Segundo o autor, são esses laços que fortalecem a igreja, frente aos desafios da sociedade moderna. Assim, vê-se que a postura do catolicismo é da busca pela renovação desses laços, o que condiz com a atribuição desses dois itens pelos grupos católicos, pois revelam exatamente esse caráter relacional, imbuído pelo respeito condizente aos seres vivos e à natureza.

No que diz respeito aos itens que refletem ideias gerais sobre a vida, que ocuparam as posições três, quatro, seis e nove, relevam aspectos relacionados à

importância dada à vida, bem como seu dinamismo e significado. Radford (2009) discute em seu trabalho os aspectos da educação religiosa e sua associação com a inteligência humana. O autor parte do princípio de que os aspectos relacionados à vida como um todo são essenciais para o desenvolvimento de uma educação religiosa que faça sentido para os participantes desse processo. A busca de sentido da vida está no cerne dessas discussões. A proposta do autor corrobora com a percepção dos participantes dos grupos católicos acerca da importância que esses aspectos da vida assumem na compreensão da relação entre a morte, ou seja, a dor do existir e a religiosidade.

Com relação à expressão da fé como recurso, item que ocupa a sétima colocação, Brustolin e Pasa (2013) referem que a questão da fé é o que justamente dá a dimensão de continuidade da vida após a morte. Não é possível se provar nada sobre o que se imagina que aconteça após a morte. E dessa forma trata-se de uma questão da fé, em algo que religiosamente é exposto, mas que pelos métodos tradicionais de investigação científica, não é possível que se tenha como provar.

Rymarz (2011) discute também a questão da educação religiosa e da catequese católica como um compromisso de fé, em seu trabalho desenvolvido no Canadá. Entende-se dessa forma, que na percepção dos grupos católicos essa questão da fé também ocupa lugar central, o que coloca o item entre os dez de maior atribuição nos dois grupos.

Os itens de maior atribuição específicos do grupo CAT-AF foram: “Eu respeito a diversidade de pessoas”, “Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro”. O primeiro item relaciona-se ao respeito pelo meio, como parte da criação e a segunda trata da relação positiva com Deus como apoio frente às adversidades.

No caso do primeiro item, retoma-se a questão apontada por Klaus (2010) frente à busca do católico pela relação com os semelhantes em prol do fortalecimento no enfrentamento da sociedade moderna.

Já com relação ao segundo item, Almeida (2003) analisa a questão das imagens de Deus no Antigo e no Novo Testamento e como essa questão veio influenciando a própria ideia de relacionamento com este. Para o grupo CAT-AF, a percepção de um relacionamento positivo com a figura divina está entre suas principais atribuições, encontrando-se entre as dez primeiras.

Especificamente para o grupo CAT-LD, os itens de maior atribuição foram: “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida”, “Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade”. A primeira traz uma ideia geral sobre a vida e a importância da espiritualidade relacionada a isso, e retomando-se o que pontua Radford (2009), as questões relacionadas ao sentido da vida são de suma importância para a educação religiosa, compreendendo-se assim, o porquê que entre os líderes mais um item desse tipo está entre as de maior atribuição, visto que a evangelização, enquanto parte da educação religiosa, que é função dos líderes religiosos.

O segundo item trata da questão do apoio oferecido pela religião para o enfrentamento de adversidades. Faria, David e Rocha, (2011) realizaram estudo com objetivo de analisar o perfil religioso de mulheres em situações de violência e uso de drogas, provenientes do estudo multicêntrico sobre Drogas, Mulheres e Violência. Participaram do estudo 148 mulheres e realizou-se a coleta de dados por meio de um questionário fechado. Os resultados demonstraram que, para o grupo estudado a religião surge como possibilidade de enfrentamento das mulheres diante de condições de dominação de caráter histórico, tanto na família como no meio social mais amplo. Nesse estudo percebe-se claramente a relação da religiosidade como recurso para o enfrentamento de situações adversas, o que corrobora com a percepção dos líderes católicos a esse respeito.

No que diz respeito aos itens de menor atribuição, apenas o décimo foi exclusivo do grupo CAT-LD. Todos os outros foram comuns aos dois grupos. O primeiro refere-se à ideia de vida após a morte sem continuidade, o que pode ser entendido de acordo com a concepção de morte utilizada pelos participantes para atribuir as notas para o mesmo. Machado (2011) discute em seu trabalho a questão da soteriologia, que diz respeito ao estudo da salvação humana no pós-morte. Assim, entende-se que dentro das concepções religiosas, há uma preocupação endereçada ao pós-morte, à continuidade da vida após o processo da morte física, o que faz com que tal item esteja em primeiro lugar dentre as de menor atribuição.

O segundo e o nono itens dizem respeito à relação negativa com Deus, que devido ao fato de estarem entre os menos atribuídos, entende-se a rejeição de tal ideia pelos grupos católicos: “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” e “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus”. Tais itens são o contraponto do exposto por Almeida (2003) com relação à ideia de

relacionamento positivo com Deus, como mudança na configuração dessa relação entre o Antigo e o Novo Testamento.

O terceiro item trata da possibilidade de sentir-se completo sem a prática espiritual, fato também rejeitado pelos grupos católicos: “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa”. Couto (2008) realizou um estudo em que debate o papel das atividades religiosas entre os católicos: festejos, peregrinações, rituais, etc. Para a autora, é justamente nos rituais que se expressa a fé de maneira coletiva, o que gera contribuições mútuas. Dessa forma fica clara a percepção da importância da atividade religiosa para os grupos católicos, o que justifica o fato do item estar entre os de menor atribuição.

Já o quarto item, traz a ideia de Deus punitivo: “Imaginei o que teria feito para Deus me punir”. É notória a rejeição da visão de Deus mais atrelada a forma como é descrita no Antigo Testamento, sendo esta substituída pela forma como este é descrito no Novo Testamento, de maneira menos punitiva, o que condiz com o entendimento das religiões cristãs acerca da criação, da queda e da redenção humanas.

Zenger (2003) desenvolve em seu livro uma discussão a esse respeito, o que opõe alguns conceitos principalmente entre o judaísmo e o cristianismo. Segundo o autor na bíblia judaica, pela ausência do Novo Testamento, que é atribuído a Jesus Cristo, têm-se como referência a descrição de Deus como o Deus do juízo e da guerra. Sendo o catolicismo uma religião cristã, fica claro o motivo da rejeição da figura divina como punitiva.

O quinto item revela a dificuldade de lidar com perdas, ou seja, de elaboração do processo de luto: “Eu não aceito mudanças provocadas em minha vida em decorrência das perdas”. Pela baixa atribuição, entende-se que para os grupos católicos essa dificuldade é superável, havendo aceitação das mudanças advindas com as perdas. Farinasso e Labate (2012) discutem em seu trabalho a influência da religiosidade como fator de grande importância no enfrentamento dos processos de luto. Tal discussão corrobora com o fato dos grupos católicos terem atribuído notas que colocaram o item entre os de menor atribuição.

O sexto, oitavo e décimo itens denotam uma relação negativa com a morte: “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas”, “Não consigo compreender o propósito da morte” e “A morte é dolorosa demais para ser suportada”. Entende-se assim que para esses grupos, a morte não é entendida como problema, é algo que tem propósito e que é também algo passível de se

lidar, pois não é vista como insuportável. O décimo item ocupou posição entre os dez de menor atribuição apenas para o grupo CAT-LD, o que denota que para esse grupo essa ideia é mais presente, embora para o grupo CAT-AF o item tenha ficado na décima primeira posição.

Tomasi (2013) realizou um estudo com objetivo de analisar o uso de uma rede social para deixar mensagens em perfis de pessoas falecidas. Foi possível identificar formas como as pessoas tentam manter essa comunicação, utilizando-se de um recurso tecnológico para compartilhar mensagens entre os familiares, amigos e conhecidos da pessoa falecida. A autora identificou ainda que existem situações em que as mensagens são endereçadas à pessoa falecida, denotando a continuidade da ligação afetiva nesse processo. Embora não seja critério de análise da autora, é possível identificar em diversos relatos utilizados no estudo que as mensagens religiosas permeiam esse universo, evidenciando o uso da religiosidade no enfrentamento da morte.

A ideia concorda com o exposto por Pereira (2013), que discute o fato da religião como uma forma de enfrentar aspectos negativos relacionados à morte, no sentido de amenizar o sofrimento atrelado a ela. Entende-se que para os grupos católicos o uso dos recursos religiosos auxilia-os no lidar com a morte, pois entre os 10 itens de menor atribuição, 03 deles se relacionam a essa dimensão.

O sétimo item, apresenta uma visão de pós-morte negativa, com ideia relacionada às impossibilidades no pós-morte: “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?”. Há também uma rejeição dessa ideia por parte dos grupos católicos, colocando-a entre os itens de menor atribuição. Tal fato pode estar ligado à visão de vida eterna em que os católicos acreditam, sendo que nesta vida eterna existem as possibilidades de encaminhamento do ser para o paraíso, o purgatório ou o inferno na visão católica (BELINI, 2009).

Tabela 11 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo EV-AF.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,98	0,16
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,90	0,49
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	3	9,70	0,68

Minha vida é um processo de transformação	4	9,70	0,75
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	5	9,63	0,94
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	6	9,50	1,32
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	7	9,48	0,95
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	8	9,43	1,05
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	9	9,40	1,07
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	10	9,33	1,71
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	11	9,25	1,41
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	12	9,25	1,48
Eu estou convencido de que a morte não é o final	13	9,25	1,80
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	14	9,18	1,28
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	15	9,18	1,28
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	16	9,15	1,42
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	17	9,10	1,58
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	18	9,08	1,33
Fazer a vida valer a pena	19	8,98	1,44
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	20	8,95	1,77
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	21	8,93	1,46
Eu respeito a diversidade de pessoas	22	8,90	1,32
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	23	8,90	2,17
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	24	8,90	2,28
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	25	8,78	1,49
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	26	8,70	1,54
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	27	8,70	1,82
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	28	8,68	2,15
Olhar com uma perspectiva espiritual para os	29	8,65	1,42

momentos mais confusos agregam significado para a minha vida			
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	30	8,65	1,81
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	31	8,53	1,95
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	32	8,50	1,99
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	33	8,50	2,28
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	34	8,50	2,48
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	35	8,40	2,53
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	36	8,33	3,30
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	37	8,23	1,84
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	38	8,23	1,92
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	39	8,20	2,82
Viver um dia de cada vez	40	8,18	2,13
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	41	8,08	3,41
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	42	8,05	2,10
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	43	7,90	2,98
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	44	7,78	2,65
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	45	7,75	2,63
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	46	7,70	2,01
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	47	7,65	1,81
Dar algo de si mesmo	48	7,65	2,33
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	49	7,50	3,12
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	50	7,43	2,13
Quando se adoece, é um incentivo a se conhecer melhor	51	7,38	2,72
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	52	7,38	2,81
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	53	7,18	2,72
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências	54	7,15	2,93

com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte			
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	55	6,95	3,54
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	56	6,90	3,30
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	57	6,88	2,65
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	58	6,73	2,84
O que não me mata, me fortalece	59	6,58	3,01
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	60	6,35	3,86
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	61	6,25	3,77
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	62	6,05	3,55
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	63	5,95	3,91
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	64	5,80	3,07
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,78	3,49
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	66	5,43	4,00
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	67	5,38	3,30
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	68	5,33	3,75
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	69	4,08	3,68
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	70	3,58	3,35
A morte é dolorosa demais para ser suportada	71	3,53	3,15
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	72	2,88	3,12
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	73	2,78	3,45
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	74	2,40	3,06
Não consigo compreender o propósito da morte	75	2,40	3,56
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	76	1,75	2,42
Não existe vida após a morte	77	1,35	3,04
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	78	1,13	2,11

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 12 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo EV- LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	1	9,88	0,33
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	2	9,83	0,54
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	3	9,78	0,72
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	4	9,73	0,74
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	5	9,73	0,89
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	6	9,70	0,75
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	7	9,68	0,65
Eu estou convencido de que a morte não é o final	8	9,68	1,59
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	9	9,65	1,04
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	10	9,60	1,46
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	11	9,55	1,14
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	12	9,53	0,89
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	13	9,45	0,92
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	14	9,35	0,82
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	15	9,35	1,24
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	16	9,33	0,82
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	17	9,30	1,86
Viver um dia de cada vez	18	9,28	1,66
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	19	9,28	1,95
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	20	9,25	1,53
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	21	9,23	2,03
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	22	9,23	2,63
Minha vida é um processo de transformação	23	9,20	1,90
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	24	9,18	1,09
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	25	9,18	2,55
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	26	9,13	1,76
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na	27	9,13	2,48

minha vida			
Fazer a vida valer a pena	28	9,10	1,92
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	29	9,08	1,95
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	30	9,05	1,34
Eu respeito a diversidade de pessoas	31	9,00	1,55
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	32	9,00	1,99
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas.	33	8,95	2,31
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	34	8,85	1,73
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	35	8,83	2,58
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	36	8,80	2,37
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	37	8,80	2,39
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	38	8,78	1,47
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	39	8,78	1,78
Dar algo de si mesmo	40	8,68	2,07
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	41	8,63	1,35
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	42	8,63	1,71
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	43	8,55	2,09
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	44	8,50	1,88
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	45	8,43	1,87
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	46	8,33	2,02
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	47	8,00	2,61
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	48	7,90	2,37
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se	49	7,85	2,08

desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte			
Quando se adoecer, é um incentivo a se conhecer melhor	50	7,48	2,41
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	51	7,48	3,26
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	52	7,40	2,95
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	53	7,28	3,61
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	54	7,10	3,01
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	55	7,05	2,14
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	56	7,05	3,51
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	57	6,95	2,85
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	58	6,83	3,43
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	59	6,68	2,87
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	60	5,98	3,31
O que não me mata, me fortalece	61	5,90	3,79
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	62	5,78	3,38
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	63	5,58	3,29
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	64	5,48	3,59
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,45	3,38
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	66	5,00	3,86
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	67	4,28	3,46
A morte é dolorosa demais para ser suportada	68	4,00	3,05
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	69	3,88	3,41
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	70	3,15	3,96
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	71	3,00	3,42
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	72	2,73	4,00
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	73	2,65	3,24
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	74	2,05	2,85
Não consigo compreender o propósito da morte	75	1,80	3,12
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	76	1,70	2,71

Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	77	0,85	2,22
Não existe vida após a morte	78	0,73	2,55

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 13 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos EV-AF e EV- LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,90	0,41
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,78	0,82
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	3	9,71	0,79
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	4	9,69	0,98
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	5	9,55	0,88
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	6	9,55	1,33
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	7	9,54	1,23
Eu estou convencido de que a morte não é o final	8	9,46	1,71
Minha vida é um processo de transformação	9	9,45	1,47
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	10	9,44	1,17
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	11	9,43	1,60
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	12	9,36	1,23
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	13	9,33	1,41
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	14	9,28	1,68
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	15	9,26	1,92
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	16	9,21	1,69
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	17	9,19	1,60
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	18	9,14	1,20
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	19	9,11	1,31
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	20	9,09	1,78
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	21	9,09	2,13
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	22	9,05	1,49

Fazer a vida valer a pena	23	9,04	1,70
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	24	9,01	1,27
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	25	8,96	1,54
Eu respeito a diversidade de pessoas	26	8,95	1,44
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	27	8,93	1,88
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	28	8,91	1,30
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	29	8,86	1,95
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	30	8,83	2,13
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	31	8,78	3,02
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	32	8,75	2,00
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	33	8,75	2,12
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	34	8,74	2,26
Viver um dia de cada vez	35	8,73	1,99
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	36	8,63	3,06
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	37	8,51	2,72
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	38	8,50	1,69
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	39	8,48	1,91
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	40	8,43	1,83
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	41	8,34	1,79
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	42	8,25	2,56
Dar algo de si mesmo	43	8,16	2,26
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	44	8,14	2,62
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	45	8,10	2,00
Quando eu preciso de sugestões de como	46	7,85	2,49

lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar			
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	47	7,84	2,43
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	48	7,80	2,20
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	49	7,59	2,81
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	50	7,50	2,54
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	51	7,48	3,29
Quando se adoecer, é um incentivo a se conhecer melhor	52	7,43	2,57
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	53	7,43	2,85
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	54	7,19	2,53
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	55	7,11	3,58
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	56	6,89	2,52
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	57	6,78	2,76
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	58	6,71	3,68
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	59	6,54	3,62
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	60	6,24	3,36
O que não me mata, me fortalece	61	6,24	3,44
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	62	5,91	3,75
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	63	5,79	3,23
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	64	5,68	3,32
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,61	3,44
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	66	5,53	3,74
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	67	4,60	3,66
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	68	4,29	4,14
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	69	3,93	3,42

A morte é dolorosa demais para ser suportada	70	3,76	3,11
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	71	3,54	3,59
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	72	2,76	3,19
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	73	2,75	3,74
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	74	2,23	2,96
Não consigo compreender o propósito da morte	75	2,10	3,36
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	76	1,73	2,57
Não existe vida após a morte	77	1,04	2,82
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	78	0,99	2,17

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os dez atributos de maior caracterização da dor do existir para os grupos evangélicos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” ($9,90 \pm 0,41$), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” ($9,78 \pm 0,82$), “Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?” ($9,71 \pm 0,79$) “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade” ($9,69 \pm 0,98$), “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” ($9,55 \pm 0,88$), “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida” ($9,55 \pm 1,33$), “Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro” ($9,54 \pm 1,23$), “Eu estou convencido de que a morte não é o final” ($9,46 \pm 1,71$), “Minha vida é um processo de transformação” ($9,45 \pm 1,47$) e “Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado” ($9,44 \pm 1,17$). Os dez de menor atribuição foram: “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa” ($0,99 \pm 2,17$) “Não existe vida após a morte” ($1,04 \pm 2,82$), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas” ($1,73 \pm 2,57$), “Não consigo compreender o propósito da morte” ($2,10 \pm 3,36$), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” ($2,23 \pm 2,96$), “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus” ($2,75 \pm 3,74$), “Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas” ($2,75 \pm 3,19$), “Imaginei o que teria feito para Deus me punir” ($3,54 \pm 3,59$), “A morte é dolorosa demais para ser suportada” ($3,76 \pm 3,11$) e “Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer” ($3,93 \pm 3,42$).

Para os itens de maior atribuição nos grupos evangélicos EV-AF e EV-LD, os sete primeiros itens foram os mesmos para os dois grupos. Um item esteve entre os dez exclusivamente no grupo EV-AF e dois itens no grupo EV-LD.

No primeiro e no segundo dos sete itens em comum, que coincidentemente foram os sete primeiros, a temática em questão diz respeito à relação com o meio, denotando respeito aos aspectos da criação divina, o que foi possível verificar ser de grande importância para os grupos, já que suas médias alcançaram os dois primeiros lugares: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” e “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito”.

Pereira (2011) desenvolveu um estudo relacionando a religião e a proteção da natureza, com base na experiência de um delegado florestal evangélico que defendia a natureza relacionando-a à questão da criação divina. Podemos perceber com o estudo que as ideias defendiam a necessidade de preservação da natureza como forma de preservar o que foi criado por Deus com relação à natureza de forma ampla. Associado a isso, a posição adotada pelos participantes da religião evangélica corrobora com o exposto pelo estudo, no sentido de considerar o respeito pela natureza e pelos seres vivos algo de grande importância, o que justifica o fato desses serem os aspectos abordados pelos dois primeiros itens de maior atribuição para esses grupos.

O terceiro e sétimo itens, dizem respeito à relação positiva com Deus: “Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?” e “Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro”. Aqui como percebido também pela análise dentro de cada grupo, nota-se que o primeiro item faz uma referência indireta a Deus, ao passo que o segundo faz referência direta. Porém, mesmo indiretamente, acredita-se que o primeiro item relacione-se à figura de Deus pelo fato de que na religião evangélica não se postula a existência de intermediários entre o ser humano e Deus. Assim, a força de enfrentamento referida só pode estar ligada a Deus para estes participantes. Renders (2006) apresenta em seu trabalho a concepção da presença de Deus de maneira eficaz e transformadora na visão da religião evangélica. Dessa forma, entende-se a percepção da relação entre Deus e os seres humanos para os participantes desses grupos.

O item que ocupou o quarto lugar no ranking para os grupos, refere-se à utilização da fé como recurso: “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade”, deixando claro que a fé para os grupos evangélicos é

utilizada como meio de enfrentamento de dificuldades. Birman (2012) desenvolveu estudo com o objetivo de analisar a interpretação de denominações evangélicas com relação à ideia do protagonismo divino. De acordo com a autora, evidencia-se para esses grupos a questão da fé associada à atuação desse protagonismo divino, provocando efeitos diretos na vida dos praticantes dessa religião, revelando, assim, que a fé é percebida como recurso nas experiências cotidianas.

Os itens que ocuparam as posições cinco, seis e nove denotam ideias gerais sobre a vida apresentadas pelos grupos, sendo que o da nona colocação, ocupou colocação entre as dez de maior atribuição apenas no grupo EV-AF: “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado”, “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida” e “Minha vida é um processo de transformação”. De forma geral tais itens expressam maneiras de como os participantes dos grupos entendem a vida em relação ao seu significado, o papel da espiritualidade e a vida enquanto processo dinâmico. Brandão (2004) destaca os movimentos percebidos pela religião evangélica e formas distintas de cada uma desenvolver crenças específicas, assim como suas práticas. No entanto, estas estão buscando em seus aparatos as instituições de suas identidades e construções de sentido. Nessas denominações os movimentos e buscas de sentido corroboram com a percepção dos participantes dos grupos evangélicos do presente estudo, que colocam itens que denotam esses movimentos entre os de maior atribuição.

O item de número oito no ranking, que ocupou colocação entre os dez primeiros para o grupo EV-LD, relaciona-se à visão de pós-morte como continuidade: “Eu estou convencido de que a morte não é o final” e corrobora com a ideia de vida eterna presente dentre as crenças da religião evangélica (GAROFALO NETO, 2011).

Concluindo o grupo de dez itens de maior atribuição para os grupos evangélicos, encontra-se: “Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado”. A referência é à ideia de suporte religioso, sendo que nessa visão a espiritualidade é vista como produtora de sentido para o grupo. O item encontrou-se entre os dez de maior atribuição apenas para o grupo EV-LD. Devido a tal fato, infere-se que, nessa acepção a espiritualidade, atrela-se à religiosidade, por se tratarem de líderes desta religião.

Cerqueira (2007) desenvolveu um estudo com o objetivo de analisar a relação entre sofrimento psíquico e religiosidade evangélica. Participaram do estudo 05 usuários de um serviço de saúde e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevista, analisada pelo método de análise de conteúdo. O estudo concluiu que o espaço religioso

oferece compreensão diferenciada do processo de adoecimento, uma forma de morte, contribuindo para a melhora do paciente. Assim, percebe-se uma das maneiras com que a prática religiosa contribui cotidianamente com seus praticantes.

Com relação aos itens de menor atribuição, os oito primeiros ocuparam posições entre os dez de menor atribuição tanto para o grupo EV-AF como para o grupo EV-LD. Os itens que ocuparam as posições nove e dez estiveram entre as dez apenas no grupo EV-AF.

O item de primeira colocação de menor atribuição refere-se à ausência de prática espiritual: “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa”. Fica claro que ambos os grupos discordam dessa visão e que acreditam na completude do ser humano apenas na presença da prática espiritual. Tal item se opõe exatamente com o exposto para o que ocupou décimo lugar no ranking entre os de maior atribuição. O fato confirma a importância da prática religiosa para os grupos evangélicos (BURMANN, 2009).

Já o segundo item, diz respeito à visão de pós-morte sem continuidade: “Não existe vida após a morte”. Dos 80 participantes dos grupos evangélicos, 14 atribuíram notas diferentes de zero para esse item, que não condiz com a ideia de vida eterna defendida pela religião evangélica. Defende-se a possibilidade, novamente, dos participantes em questão referirem-se a outras concepções de vida para julgarem e atribuírem suas notas entendendo-se que para a religião evangélica existe a concepção de vida eterna. Uríbarri (2003) pontua em seu estudo a crença evangélica com base no Novo Testamento acerca do nascimento, da vida, da pregação, da morte e da ressurreição, como continuidade no pós-morte, enquanto proposta de vida eterna.

Os itens que ocupam as posições três, quatro e nove, expressam relação negativa com a morte: “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas”, “Não consigo compreender o propósito da morte” e “A morte é dolorosa demais para ser suportada”. O fato dos três estarem entre os dez de menor atribuição denotam que os grupos evangélicos não se identificam com essa postura diante da ideia de morte. Em continuidade ao exposto por Uríbarri (2003) a forma de lidar com a morte para esses grupos, está vinculada à confiança na salvação por meio da ressurreição, o que oferece o suporte necessário para esse processo. Isso justifica o fato dos itens estarem entre os de menor atribuição.

Já os itens de posição cinco e seis, revelam a ideia de relação negativa com a figura divina: “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” e “Diante

de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus”. Em ambos percebe-se que, a relação com Deus acontece de maneira negativa no sentido de além de não se revelar como fonte de recursos no primeiro item, ocorre o questionamento da existência de Deus frente às adversidades no segundo. Assim, entende-se que os grupos evangélicos não compreendem sua relação com Deus dessa forma (RENDERS, 2006).

No sétimo item a relação negativa estabelecida com a ideia das perdas que reflete na verdade a forma do sujeito lidar com o luto de maneira mais ampla: “Eu não aceito as mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas”. Devido à posição que ocupa, não reflete a percepção dos evangélicos da forma como resolvem suas questões com as perdas e o luto.

Mellagi (2009) desenvolveu estudo com objetivo de comparar estratégias de enfrentamento entre católicos e evangélicos portadores do vírus HIV. Participaram do estudo 50 católicos e 30 evangélicos avaliados por meio de uma escala de enfrentamento religioso/espiritual e um formulário sobre religiosidade e história clínica. Os resultados revelaram estratégias semelhantes entre os católicos e os evangélicos, especialmente no que diz respeito à busca da relação com Deus como apoio para lidar com as dificuldades decorrentes do processo. O estudo revela uma forma de enfrentamento frente às dificuldades com o auxílio da religião.

O oitavo item descreve uma relação com Deus colocando-o como punitivo: “Imaginei o que teria feito para Deus me punir”. Entende-se a diferença estabelecida pelos grupos evangélicos com relação à concepção de Deus no Antigo e no Novo Testamento da bíblia, sendo que para esses grupos, fica claro que sua crença está mais associada à forma descrita no Novo Testamento (MUELLER, 1997).

Encerrando o grupo de dez itens de menor atribuição para os participantes evangélicos, o que ocupa a décima posição refere-se ao apoio social com relação à morte: “Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação à morte e o morrer”. Tal item revela que socialmente as pessoas buscam pouco apoio ou compreensão do fenômeno, não sendo hábito haver discussões entre as pessoas no sentido de elaborar tal processo em conjunto, levando-se em conta os aspectos culturais que o envolvem, incluindo-se aí o aspecto religioso.

Silva (2013) discute em seu trabalho que estudiosos da religião expõe uma simplificação associada aos ritos evangélicos diante da morte. A autora refere que este fato está associado à concepção evangélica de separação total entre os mortos e os

vivos, não havendo rezas, velas, nem visitas aos túmulos entre os praticantes dessa religião endereçados aos entes falecidos. Assim, compreende-se a postura dos participantes dos grupos evangélicos em relação ao item que representa a busca pela discussão sobre a morte e o morrer entre as práticas dos mesmos.

Tabela 14 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo ES-AF.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,95	0,22
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,93	0,35
Fazer a vida valer a pena	3	9,80	0,40
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	4	9,73	0,87
Eu estou convencido de que a morte não é o final	5	9,70	0,90
Minha vida é um processo de transformação	6	9,68	0,61
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	7	9,65	0,94
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	8	9,50	0,89
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	9	9,45	1,69
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	10	9,40	2,39
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	11	9,33	1,31
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	12	9,30	0,84
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	13	9,30	1,81
Viver um dia de cada vez	14	9,25	1,50
Dar algo de si mesmo	15	9,13	0,98
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	16	9,13	1,83
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	17	9,10	0,97
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	18	9,10	0,99
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	19	9,08	1,49
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	20	9,03	1,15
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão	21	9,03	1,23

importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais			
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	22	9,03	1,51
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	23	9,03	1,96
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	24	9,00	1,41
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	25	8,98	1,96
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	26	8,95	1,50
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	27	8,95	1,58
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	28	8,95	1,80
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	29	8,88	1,29
Eu respeito a diversidade de pessoas	30	8,85	1,65
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	31	8,73	2,07
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	32	8,70	1,71
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	33	8,70	2,09
Quando se adocece, é um incentivo a se conhecer melhor	34	8,53	1,88
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	35	8,53	2,02
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	36	8,40	1,93
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	37	8,40	2,13
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	38	8,40	2,28
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	39	8,35	2,21
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	40	8,35	2,63
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	41	8,33	2,24
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	42	8,30	2,27
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	43	8,20	2,15
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	44	8,15	2,22
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	45	8,08	2,71
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	46	8,03	2,39
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para	47	7,98	2,04

mim			
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	48	7,83	2,13
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	49	7,78	2,98
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	50	7,75	3,30
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	51	7,58	2,62
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	52	7,55	3,33
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	53	7,45	1,58
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	54	7,40	2,51
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	55	7,33	2,56
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	56	7,28	3,02
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	57	7,28	3,15
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	58	7,28	3,16
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	59	7,20	3,26
O que não me mata, me fortalece	60	7,03	3,09
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	61	6,75	2,23
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	62	6,53	3,54
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	63	6,10	4,05
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	64	5,93	3,24
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,53	3,02
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	66	5,48	3,62
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	67	5,38	3,50
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	68	4,00	4,00
A morte é dolorosa demais para ser suportada	69	3,60	3,14
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	70	3,50	3,43
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	71	3,38	3,33

Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	72	3,18	3,71
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	73	2,73	3,18
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	74	1,78	2,59
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	75	1,48	2,25
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	76	1,40	2,58
Não consigo compreender o propósito da morte	77	1,30	2,34
Não existe vida após a morte	78	0,40	1,73

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 15 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento no grupo ES-LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	1	9,98	0,16
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	2	9,98	0,16
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	3	9,95	0,22
Eu estou convencido de que a morte não é o final	4	9,93	0,26
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	5	9,93	0,35
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	6	9,85	0,42
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	7	9,73	0,63
Minha vida é um processo de transformação	8	9,73	0,74
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	9	9,70	0,71
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	10	9,68	0,61
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	11	9,68	0,72
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	12	9,68	0,79
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	13	9,65	0,73
Eu respeito a diversidade de pessoas	14	9,65	0,76
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	15	9,63	0,62
Fazer a vida valer a pena	16	9,55	1,09
Dar algo de si mesmo	17	9,50	0,92
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	18	9,50	1,00
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	19	9,50	1,02
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	20	9,45	1,16

Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	21	9,43	0,92
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	22	9,43	1,05
Viver um dia de cada vez	23	9,40	1,20
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	24	9,33	1,25
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	25	9,30	1,19
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	26	9,28	1,07
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	27	9,20	1,31
Quando se adoecer, é um incentivo a se conhecer melhor	28	9,20	1,33
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	29	9,15	1,24
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	30	9,10	1,30
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	31	9,05	1,92
Esforo-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	32	9,05	2,04
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	33	9,00	2,24
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	34	8,90	1,80
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	35	8,88	1,87
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	36	8,85	2,07
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	37	8,83	1,66
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	38	8,78	2,06
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	39	8,70	2,09
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	40	8,70	2,11
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	41	8,70	2,18
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	42	8,70	2,63
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	43	8,68	2,32

É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	44	8,68	2,48
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	45	8,68	2,81
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	46	8,60	2,44
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	47	8,58	1,96
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	48	8,33	2,57
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	49	8,28	2,88
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	50	7,95	2,59
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	51	7,70	2,99
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	52	7,63	2,74
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	53	7,60	3,18
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	54	7,48	2,45
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	55	7,45	2,84
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	56	7,28	2,90
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	57	7,20	3,16
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	58	7,10	2,95
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	59	7,08	2,41
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	60	7,05	3,14
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	61	6,88	3,74
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	62	6,83	2,59
O que não me mata, me fortalece	63	6,18	3,58
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	64	5,93	3,66
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	65	5,73	3,80
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	66	4,95	4,01

Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	67	4,68	3,85
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	68	3,53	3,89
A morte é dolorosa demais para ser suportada	69	2,73	2,86
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	70	2,60	3,29
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	71	2,53	3,87
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	72	1,60	1,79
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	73	1,55	2,75
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	74	1,50	2,28
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	75	1,40	2,55
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	76	0,50	1,57
Não consigo compreender o propósito da morte	77	0,45	1,52
Não existe vida após a morte	78	0,03	0,16

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Tabela 16 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos ES-AF e ES-LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,96	0,19
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,94	0,29
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	3	9,85	0,63
Eu estou convencido de que a morte não é o final	4	9,81	0,67
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	5	9,79	0,72
Minha vida é um processo de transformação	6	9,70	0,68
Fazer a vida valer a pena	7	9,68	0,83
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	8	9,65	1,25
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	9	9,55	1,77
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	10	9,51	1,37
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	11	9,40	0,93
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	12	9,40	1,42
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	13	9,34	1,51
Viver um dia de cada vez	14	9,33	1,36
Dar algo de si mesmo	15	9,31	0,97
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	16	9,31	1,25

Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	17	9,29	1,39
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	18	9,26	1,31
Eu respeito a diversidade de pessoas	19	9,25	1,35
As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	20	9,23	1,16
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	21	9,21	1,63
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	22	9,20	1,60
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	23	9,18	1,21
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	24	9,16	1,37
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	25	9,16	1,84
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	26	9,10	1,16
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	27	9,09	1,26
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	28	9,08	1,33
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	29	9,08	1,52
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	30	8,98	1,64
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	31	8,96	1,81
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	32	8,93	1,69
Quando se adoece, é um incentivo a se conhecer melhor	33	8,86	1,66
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	34	8,80	1,70
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	35	8,69	2,03
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	36	8,60	2,08
Esforo-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	37	8,54	2,28
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	38	8,51	2,36
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	39	8,51	2,73

Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	40	8,50	2,24
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	41	8,50	2,36
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	42	8,49	2,05
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	43	8,46	2,16
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	44	8,45	2,13
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	45	8,43	2,17
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	46	8,39	2,69
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	47	8,15	2,75
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	48	8,13	2,85
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	49	8,04	2,97
Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	50	7,74	3,13
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	51	7,73	2,45
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	52	7,71	2,49
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	53	7,61	2,84
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	54	7,49	3,08
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	55	7,49	3,09
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	56	7,40	2,51
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	57	7,34	2,71
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	58	7,26	2,05
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	59	6,81	3,27
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	60	6,79	2,42
O que não me mata, me fortalece	61	6,60	3,37
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	62	6,50	3,58
Minha doença me trouxe um renovado	63	6,49	3,92

interesse em questões espirituais ou religiosas			
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	64	6,21	3,43
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	65	5,73	3,36
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	66	5,44	3,68
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	67	5,08	3,76
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	68	3,35	3,80
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	69	3,26	4,00
A morte é dolorosa demais para ser suportada	70	3,16	3,03
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	71	2,99	3,33
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	72	2,50	3,08
Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas	73	2,14	3,03
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	74	1,69	2,23
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	75	1,44	2,40
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	76	0,95	2,18
Não consigo compreender o propósito da morte	77	0,88	2,01
Não existe vida após a morte	78	0,21	1,24

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os dez atributos de maior caracterização da dor do existir para os grupos espíritas foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” (9,96±0,19), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” (9,94±0,29), “Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte” (9,85±0,63), “Eu estou convencido de que a morte não é o final” (9,81±0,67), “Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência” (9,79±0,72), “Minha vida é um processo de transformação” (9,70±0,68), “Fazer a vida valer a pena” (9,68±0,83), “Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida” (9,65±1,25), “Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida” (9,55±1,77) e “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” (9,51±1,37). Os dez de menor atribuição foram: “Não existe vida após a morte” (0,21±1,24), “Não consigo compreender o propósito da morte” (0,88±2,01), “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?” (0,95±2,18), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” (1,44±2,40), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte

como um desses problemas” ($1,69 \pm 2,23$), “Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas” ($2,14 \pm 3,03$), “Imaginei o que teria feito para Deus me punir” ($2,50 \pm 3,08$), “O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível” ($2,99 \pm 3,33$), “A morte é dolorosa demais para ser suportada” ($3,16 \pm 3,03$) e “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus” ($3,26 \pm 4,00$).

Analisando-se os grupos ES-AF e ES-LD, os itens que ocupam as duas primeiras posições de maior atribuição são respectivamente: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” e “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito”. Ambas expressam o respeito que os grupos endereçam à sua relação com o meio, revelando aspectos da criação divina e da conexão entre os seres. Bradbury (2012) pontua a concepção espírita acerca da ligação entre os seres de diversas formas, em diferentes planos de existência. Tal concepção corrobora com os resultados das atribuições dos grupos espíritas aos itens.

Os que ocupam as posições três, quatro e cinco no ranking, têm à visão de pós-morte como continuidade: “Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte”, “Eu estou convencido de que a morte não é o final” e “Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência”. Tais itens corroboram com conceitos centrais da religião espírita de reencarnação e de evolução (LARA, 2009; HASSESIAN, 2011).

Já os de posição seis, sete e dez, expressam ideias gerais sobre a vida: “Minha vida é um processo de transformação”, “Fazer a vida valer a pena” e “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” e representam o reconhecimento do dinamismo da vida, sua importância e significado. Na religião espírita a alma é considerada imortal, o que dá ao ser humano a oportunidade e possibilidade de estar em constante evolução, por meio das variadas reencarnações. Assim, nota-se o dinamismo da vida, em suas diversas possibilidades com objetivo maior de busca pela evolução. Esse conceito é central para esta religião, estando em total concordância com a atribuição realizada pelos participantes aos itens referentes a essa forma de perceber a vida (BIGHETTI, 2001).

O item que ocupa oitava posição, “Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida”, relaciona-se com a ideia de pós-morte como consequência do vivenciado, o que corrobora também com os conceitos de busca da evolução e o processo de reencarnação da religião espírita. É importante

ressaltar que para a religião espírita não existe a concepção de pecado, mas sim de débitos e créditos de acordo com a forma como o indivíduo direciona suas atitudes. Dessa forma, entende-se que o grau de evolução do espírito varia de acordo com o alcançado ao longo de suas reencarnações, sendo que a evolução é entendida como condição inerente ao ser humano (ALVIM, 2011).

Finalizando, o item que ocupa nona posição no ranking entre os de maior atribuição, revela a concepção de fé como recurso: “Minha fé em um poder superior/inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida”. Tal item mostra que na crença do grupo, a fé atua como suporte no enfrentamento das adversidades. Mota, Trad e Villas Boas (2012) desenvolveram um estudo para identificar o papel da religiosidade na busca de enfrentamento em situações de aflição e de adoecimento. As autoras afirmam que as famílias investigadas buscaram recursos em várias denominações religiosas para alcançar o apoio necessário para lidar com as adversidades.

Dentre os itens de menor atribuição, o primeiro deles revela a ideia de pós-morte sem continuidade: “Não existe vida após a morte”. Este recebeu notas diferentes de zero (0) de 04 participantes e pelo fato de relacionar-se de forma diametralmente oposta aos principais conceitos espíritas questiona-se a possibilidade de ter sido utilizado uma concepção diferenciada da vida por eles (BIGUETTI, 2001; HASSESIAN, 2011).

Os segundo, quinto, oitavo e nono itens demonstram uma relação negativa com a morte: “Não consigo compreender o propósito da morte”, “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas”, “O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível” e “A morte é dolorosa demais para ser suportada”. Pelo fato de 04 dos 10 itens que receberam menor atribuição referirem-se a essa temática, entende-se que, para o grupo as relações com a morte não são entendidas de maneira negativa, o que pode estar atrelado à ideia de que a evolução acontece por meio de diversos processos de reencarnação na concepção da religião espírita (LARA, 2009; ALVIM, 2011).

Na terceira posição, a temática de relação negativa com a morte ganha caráter específico, revelando a ideia de finalização das possibilidades, o que também não corrobora com as concepções espíritas de evolução e reencarnação: “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?”. Kardec em “O Céu e o Inferno” (1980) defende as inúmeras possibilidades do ser humano no pós-morte havendo muitas moradas para onde o ser desencarnado pode ser conduzido, o que evidencia a posição

oposta em relação ao item, justificando o fato do mesmo estar entre os de menor atribuição.

Os itens de quarta e décima posições no ranking referem-se à ideia de relação negativa com Deus: “Tentei lidar com situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” e “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus”, revelando que independente de se tratar da tentativa de lidar com adversidade sem buscar apoio divino ou questionar a existência do mesmo nessas situações, os grupos espíritas não caracterizam sua relação com tal figura dessa maneira, ao contrário, entendendo-o como causa primária das coisas e inteligência suprema (KARDEC, 2009).

Na sexta posição, o item “Eu não aceito as mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas”, está relacionada à forma como são entendidas as perdas e em extensão, com relação ao luto. Assim, fica claro que para os grupos há uma discordância com o proposto pelo item, entendendo-se que há a possibilidade de adaptação com relação a esse fenômeno, corroborando com o proposto conceito espírita de evolução.

Moreira e Cavalcante (2013) desenvolveram um trabalho com objetivo de investigar a reação de enlutados a partir do recebimento de cartas psicografadas em centros espíritas. O estudo foi desenvolvido em três centros espíritas diferentes, e participaram 10 médiuns espíritas e 16 pessoas que foram em busca de cartas psicografadas de entes falecidos. As entrevistas foram gravadas e analisadas de acordo com o método de análise de conteúdo. Com relação aos médiuns foram descritos sentimentos de gratificação pela contribuição oferecida aos enlutados; quanto a estes, foram identificados sentimentos de alívio do processo de luto. As autoras concluíram que a possibilidade de comunicação dos enlutados com os entes falecidos por meio dos médiuns cria um tempo e um espaço para a expressão do sofrimento, possibilitando que este seja vivido socialmente e de maneira diferenciada, facilitando o enfrentamento desse processo. O estudo é um exemplo claro da possibilidade de adaptação frente às situações de luto com base nas experiências ligadas à religião espírita.

Fechando o grupo de dez itens de menor atribuição, na sétima posição, diz respeito à concepção de Deus como punitivo: “Imaginei o que teria feito para Deus me punir”. Nesse tema, os grupos entendem que tal item não revela uma concepção adequada de Deus como punitivo. De acordo com Alvim (2011) na religião espírita as situações não estão atreladas às punições, mas sim às consequências pelas atitudes ao longo da vida, não sendo atribuído a Deus um caráter punitivo.

Tabela 17 – Média Aritmética e Desvio-Padrão dos atributos dos dados obtidos com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD.

ATRIBUTOS	ORDEM DE POSIÇÃO	MÉDIAS ARITMÉTICAS	DESVIOS-PADRÃO
Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada	1	9,94	0,28
Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito	2	9,81	0,64
Minha vida é um processo de transformação	3	9,59	1,11
Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado	4	9,51	1,21
Fazer a vida valer a pena	5	9,47	1,22
Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade	6	9,47	1,27
Eu estou convencido de que a morte não é o final	7	9,44	1,76
Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro	8	9,43	1,31
Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida	9	9,40	1,37
Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?	10	9,38	1,50
Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida	11	9,35	1,78
Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim	12	9,31	1,23
Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade	13	9,28	1,52
Eu respeito a diversidade de pessoas	14	9,25	1,28
Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte	15	9,23	2,30
Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso	16	9,18	1,85
Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?	17	9,13	1,26
O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameaça sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas	18	9,13	1,41
Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?	19	9,11	1,22
As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte	20	9,11	1,70
Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência	21	9,06	2,48
Viver um dia de cada vez	22	9,02	1,79
Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado	23	9,01	1,89

As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais	24	9,00	1,82
Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida	25	8,99	1,35
Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?	26	8,94	1,36
Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento	27	8,94	1,60
Eu encontro significados para as minhas experiências de vida	28	8,93	1,52
É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino	29	8,85	1,97
Dar algo de si mesmo	30	8,83	1,75
A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte	31	8,79	1,91
Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos	32	8,78	2,01
Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas	33	8,74	2,07
Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais	34	8,74	2,19
Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida	35	8,70	2,50
A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus	36	8,61	2,56
Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue	37	8,60	2,33
Perceber as coisas positivas que vieram com a minha perda	38	8,55	1,99
Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa	39	8,44	1,80
Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida	40	8,33	2,30
Ter consciência que os outros estão rezando/orando e pensando positivo para mim	41	8,30	2,14
Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida	42	8,25	2,73
Eu ganhei força interior por meio da minha fé religiosa ou espiritual mediante a angústia	43	8,23	2,63
Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um	44	8,23	2,65
Quando se adoece, é um incentivo a se conhecer melhor	45	8,22	2,26
Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio	46	8,09	2,49
Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente	47	7,80	2,49
Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida	48	7,77	2,67

Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida	49	7,77	2,98
Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?	50	7,67	1,98
O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte	51	7,64	2,48
Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem	52	7,60	3,24
Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se	53	7,56	3,07
Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir	54	7,44	2,92
Costumo encontrar significados decorrentes de uma perda	55	7,38	2,72
Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino	56	7,35	2,63
Costumo pensar sobre o que acontece após a morte, e na possibilidade de vida após a morte	57	7,34	3,46
Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade	58	7,27	2,43
Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar	59	7,27	3,05
Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer	60	7,15	3,34
Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle	61	7,10	3,30
O que não me mata, me fortalece	62	6,53	3,34
Diante da morte ou de uma perda significativa busco encontrar explicações úteis do porque isso aconteceu comigo	63	6,43	3,40
Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte	64	6,35	3,22
Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas	65	6,26	3,81
A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte	66	5,75	3,52
Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer	67	4,56	3,64
O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível	68	4,37	3,69
A morte é dolorosa demais para ser suportada	69	3,83	3,10
Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus	70	3,13	3,95
A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?	71	2,78	3,75
Imaginei o que teria feito para Deus me punir	72	2,65	3,25
Eu não aceito mudanças provocadas na	73	2,33	3,05

minha vida em decorrência das perdas			
Não consigo compreender o propósito da morte	74	2,12	3,29
Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas	75	2,09	2,74
Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa	76	2,06	3,25
Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus	77	1,75	2,68
Não existe vida após a morte	78	0,82	2,41

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Os dez atributos de maior caracterização da dor do existir para os grupos religiosos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” ($9,94 \pm 0,28$), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” ($9,81 \pm 0,64$), “Minha vida é um processo de transformação” ($9,59 \pm 1,11$), “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” ($9,51 \pm 1,21$), “Fazer a vida valer a pena” ($9,79 \pm 0,72$), “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade” ($9,47 \pm 1,27$); “Eu estou convencido de que a morte não é o final” ($9,44 \pm 1,76$), “Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro” ($9,43 \pm 1,31$), “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida” ($9,40 \pm 1,37$) e “Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?” ($9,38 \pm 1,50$). Os dez de menor atribuição foram: “Não existe vida após a morte” ($0,82 \pm 2,41$), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” ($1,75 \pm 2,68$), “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa” ($2,06 \pm 3,25$), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas” ($2,09 \pm 2,74$), “Não consigo compreender o propósito da morte” ($2,12 \pm 3,29$), “Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas” ($2,33 \pm 3,05$), “Imaginei o que teria feito para Deus me punir” ($2,65 \pm 3,25$), “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?” ($2,78 \pm 3,75$), “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus” ($3,13 \pm 3,95$), “A morte é dolorosa demais para ser suportada” ($3,83 \pm 3,10$).

Considerando-se as atribuições realizadas pelos seis grupos os itens contidos na escala do instrumento, o ranking dos dez de maior atribuição organiza-se da seguinte forma:

Os itens que ocupam a primeira e segunda posição se relacionam com a forma como os grupos religiosos percebem sua relação com o meio: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” e “Eu acredito que todos os seres vivos merecem

respeito”. Tais itens revelam o comprometimento com o respeito nessa relação, que exhibe características da concepção de Deus como criador, como também da conexão entre os seres existentes. Fica clara a importância dada pelos participantes aos itens que compõem essa dimensão, pois nos seis grupos estiveram entre os cinco de maior atribuição (KLAUS, 2010; PEREIRA, 2011; BRADBURY, 2012).

Os itens de posição três, quatro, cinco e nove do ranking refletem ideias gerais sobre a vida: “Minha vida é um processo de transformação”, “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado”, “Fazer a vida valer a pena” e “Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida”. É evidente que estes revelam características da vida atreladas ao seu dinamismo, à sua importância, ao seu significado, bem como à espiritualidade como seu componente. Os itens estiveram entre os dez primeiros nos seis grupos, apesar de não encontrarem-se na mesma ordem, nem a mesma quantidade para cada grupo, sendo que entre os católicos houve o maior número de itens dessa dimensão entre os de maior atribuição. O fato de ocuparem quatro das dez posições denota que no total dos seis grupos, a percepção dos aspectos relacionados à vida ocupa lugar de destaque na caracterização da dor do existir e das religiões. Além disso, os grupos concordam com o dinamismo, a importância e o significado atribuído pelos itens à vida (BIGUETTI, 2001; BRANDÃO, 2004; RADFORD, 2009).

O sexto item revela a utilização da fé como recurso: “Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade”. Na concepção dos participantes, a fé é vista como recurso no enfrentamento de adversidades presentes ao longo da vida. Essa dimensão também foi utilizada pelos seis grupos para representar essa concepção da importância da fé (BIRMAN, 2012; MOTA; TRAD; VILLAS BOAS, 2012; BRUSTOLIN; PASA, 2013).

O item que ocupa a sétima posição, diz respeito à ideia de pós-morte como continuidade: “Estou convencido de que a morte não é o final”. Dos diferentes posicionamentos com relação às crenças do que ocorre após a morte, fica notório que para os grupos, existe algo além da morte, ou seja, independentemente dessa percepção estar atrelada a ideia de céu, inferno, purgatório ou evolução e reencarnação, os grupos concordam que há a continuidade do ser (LARA, 2009; GAROFALO NETO, 2011; HASSESIAN, 2011).

Finalizando, na oitava e décima posições, os itens revelam a relação positiva com Deus percebida pelos participantes dos grupos: “Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para

o futuro” e “Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?”. Nos dois é evidente a concepção de uma relação pessoal com Deus no enfrentamento das dificuldades (ALMEIDA, 2003; RENDERS, 2006). Os grupos evangélicos foram os que mais tiveram itens dessa dimensão dentre as de maior atribuição, apesar da diferença ter sido discreta nesse sentido.

Os itens que receberam menor atribuição também foram avaliados com relação às dez primeiras do ranking. O que ocupa primeira posição refere-se ao pós-morte sem continuidade: “Não existe vida após a morte”. Apesar da média para os grupos ter sido a menor, chama atenção o fato de que entender o pós-morte dessa forma não corrobora com o conjunto de crenças de nenhuma das três religiões abordadas pelo estudo (URÍBARRI, 2003; HASSESIAN, 2011; MACHADO, 2011). Assim questiona-se qual concepção de vida foi utilizada para a compreensão do pós-morte dessa forma.

A segunda e nona posições foram ocupadas por itens que se referem à relação negativa com Deus: “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” e “Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus”. O primeiro diz respeito ao enfrentamento das situações sem o apoio de Deus e o segundo está atrelado ao questionamento da existência do mesmo diante de situações dolorosas. Tal ideia não condiz com o proposto pelas práticas religiosas abordadas, que atribuem a Deus uma condição de apoio e de ligação por meio da fé (ALMEIDA, 2003; RENDERS, 2006; KARDEC, 2009). Assim, o que resulta é o fato dos itens encontrarem-se entre os de menor atribuição.

O terceiro item faz alusão à ausência de práticas espirituais: “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa”. Entende-se que na percepção dos grupos, as práticas espirituais referem-se à possibilidade de completude do ser humano, bem como o caráter coletivo da expressão religiosa (COUTO, 2008; BURMANN, 2009). Com base nessa concepção, justifica-se o fato do item fazer parte do ranking dos de menor atribuição.

Os itens que ocuparam quarta, quinta e décima posições dizem respeito à relação negativa com a morte: “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas”, “Não consigo compreender o propósito da morte” e “A morte é dolorosa demais para ser suportada”. Fica claro que para os grupos religiosos, uma relação negativa com a morte não está entre suas principais concepções, sendo representadas por três itens no grupo de menor atribuição. Levanta-se a

possibilidade de que na compreensão dos grupos a religiosidade contribui para o entendimento da morte de outra maneira, com possibilidade de utilização dos recursos religiosos para o enfrentamento da mesma (URÍBARRI, 2003; ALVIM, 2011; PEREIRA, 2013).

O sexto item refere-se à relação negativa com as perdas: “Eu não aceito mudanças provocadas em minha vida em decorrência das perdas”. Este pode ser associado de maneira mais ampla à forma como os participantes entendem a relação das perdas consequentemente com a forma de encarar o luto. O fato de ocupar uma posição no ranking entre as de menor atribuição revela que para os participantes as perdas e o luto são vistos com possibilidade de enfrentamento e adaptação, por meio de recursos religiosos (MELLAGI, 2009; FARINASSO; LABATE, 2012; MOREIRA; CAVALCANTI, 2013).

O item “Imaginei o que teria feito para Deus me punir”, ocupa a sétima posição de menor atribuição e denota que para os grupos a concepção de Deus não o caracteriza como punitivo, levando-se em conta que a mudança percebida entre as descrições de Deus do Antigo para o Novo Testamento da bíblia (MUELLER, 1997; ZENGER, 2003).

Especificamente para os grupos espíritas considera-se ainda a crença no conceito de evolução do ser humano, no qual não existe a concepção de julgamento divino, mas sim de ajustamentos ocorridos nas diversas reencarnações (ALVIM, 2011).

De acordo com Watts (2001) a concepção de Deus como um ente que vigia e pune foi aos poucos sendo abandonada, tendo mudança mais significativa nos séculos XVIII e XIX, embora as tradições em relação à bíblia tenham sido mantidas.

Finalizando os dez itens de menor atribuição, na oitava posição, tal item revela a ideia de relação negativa com Deus, porém num caráter específico da morte como finalização das possibilidades: “A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?”. Independente das diferenças conceituais entre as religiões e o que estas entendem que ocorre após a morte evidencia-se que os participantes acreditam que de alguma forma na existência da continuidade das possibilidades (KARDEC, 1980; BELINI, 2009).

Além do ranking de maior e de menor atribuição, é possível perceber outras especificidades comparando-se as atribuições realizadas pelos grupos. Nos espíritas, três itens entre os de maior atribuição foram da dimensão pós-morte como continuidade: “Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte”, “Eu estou convencido de que a morte não é o final”, “Eu acredito que a morte é

uma passagem para outro plano de existência”, sendo que o segundo item, também esteve entre os de maior atribuição do grupo EV-LD, na oitava posição no ranking. No que diz respeito ao posicionamento dos participantes dos grupos espíritas, os itens refletem as ideias de continuidade no pós-morte, devido à imortalidade da alma e as reencarnações propostas pela religião espírita (LARA, 2009; HASSESIAN, 2011). Em relação aos grupos evangélicos, a atribuição ao item é justificada pela ideia de vida eterna dentro da concepção desse constructo religioso (GAROFALO NETO, 2011).

O item “Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida”, da dimensão pós-morte como consequência, esteve entre os dez de maior atribuição exclusivamente nos grupos espíritas, refletindo outro conceito central na religião espírita acerca da ideia de evolução, obtida por meio das diversas reencarnações possíveis ao ser humano, na busca da perfeição espiritual (ALVIM, 2011).

Uma última característica foi observada relativa ao suporte religioso. Os itens referentes a tal dimensão estiveram entre os dez de maior atribuição apenas nos grupos de líderes, das três religiões. Assim, percebe-se sua importância especialmente entre os líderes que visualizam na religião um aporte de recursos a serem utilizados pelos seus praticantes (CERQUEIRA, 2007; BRUSTOLIN; PASA, 2013).

A Tabela 18 mostra as dimensões dos dez itens de maior atribuição para os seis grupos, facilitando a visualização das semelhanças e diferenças entre tais grupos. Com esse objetivo, a Tabela foi produzida em diferentes cores.

Tabela 18 – Grupos e respectivas dimensões dos dez itens de maior atribuição obtidos com aplicação do instrumento nos grupos CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD.

CAT- AF (+)	CAT-LD (+)	CAT-AF E LD (+)
1-relação com meio -criação	1-relação com meio -criação	1-relação com meio -criação
2-relação com meio -criação	2- ideias gerais sobre a vida	2-relação com meio -criação
3-relação com meio -criação	3- ideias gerais sobre a vida	3- ideias gerais sobre a vida
4- ideias gerais sobre a vida	4- ideias gerais sobre a vida	4- ideias gerais sobre a vida
5- ideias gerais sobre a vida	5-relação com meio -criação	5-relação com meio -criação
6- ideias gerais sobre a vida	6- suporte religioso	6- ideias gerais sobre a vida
7- ideias gerais sobre a vida	7- suporte religioso	7- Fé como recurso
8- relação positiva c/ Deus	8- ideias gerais sobre a vida	8- relação positiva c/ Deus
9- Fé como recurso	9- Fé como recurso	9- ideias gerais sobre a vida
10- relação positiva c/ Deus	10- Fé como recurso	10- suporte religioso
EV-AF (+)	EV-LD (+)	EV-AF E LD (+)
1-relação com meio -criação	1- Fé como recurso	1-relação com meio -criação

2-relação com meio -criação	2-relação com meio -criação	2-relação com meio -criação
3- relação positiva c/ Deus	3- ideias gerais sobre a vida	3- relação positiva c/ Deus
4- ideias gerais sobre a vida	4- suporte religioso	4- Fé como recurso
5- relação positiva c/ Deus	5- relação positiva c/ Deus	5- ideias gerais sobre a vida
6- Fé como recurso	6- suporte religioso	6- ideias gerais sobre a vida
7- relação positiva c/ Deus	7- ideias gerais sobre a vida	7- relação positiva c/ Deus
8- ideias gerais sobre a vida	8- pós-morte- continuidade	8- pós-morte- continuidade
9- Fé como recurso	9-relação com meio -criação	9- ideias gerais sobre a vida
10-ideias gerais sobre a vida	10- relação positiva c/ Deus	10- suporte religioso
ES-AF (+)	ES-LD (+)	ES-AF E LD (+)
1-relação com meio -criação	1- pós-morte- continuidade	1-relação com meio -criação
2-relação com meio -criação	2-relação com meio -criação	2-relação com meio -criação
3- ideias gerais sobre a vida	3-relação com meio -criação	3- pós-morte- continuidade
4- pós-morte- continuidade	4- pós-morte- continuidade	4- pós-morte- continuidade
5- pós-morte- continuidade	5- pós-morte- continuidade	5- pós-morte- continuidade
6- ideias gerais sobre a vida	6- pós-morte- consequências	6- ideias gerais sobre a vida
7- pós-morte- continuidade	7- ideias gerais sobre a vida	7- ideias gerais sobre a vida
8- ideias gerais sobre a vida	8- ideias gerais sobre a vida	8- pós-morte- consequências
9-pós-morte- consequências	9- Fé como recurso	9- Fé como recurso
10- Fé como recurso	10- suporte religioso	10-ideias gerais sobre a vida

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Com base na análise realizada tanto das entrevistas quanto da escala do IACOR é nítido o quanto as religiões podem propiciar o manejo da dor do existir. A importância da religião vem sendo discutida através dos tempos desde sua origem, sendo que a base do pensamento ocidental relativa ao assunto remonta à Grécia Antiga, com extensão para a cultura greco-romana politeísta (LARA, 1992; MARASCHIN, 2002).

A mitologia romana foi extensivamente influenciada pela cultura de outras, inclusive a grega (CIRIBELLI, 2002). Nesse período histórico (século II antes de Cristo), Roma passa a adotar uma postura politeísta muito próxima da grega, tendo saído de uma ideia primitiva em que o divino é uma força misteriosa, dissipada por toda natureza.

Wilder (2001) discorre em seu trabalho sobre a influência do que chama de anúncio da nova fé, advinda com o cristianismo, que foi amplamente difundida especialmente no século I depois de Cristo. Tal nova fé institui a escatologia cristã e põe fim aos poucos na herança grego-romana.

Fróes (2002) pontua que a Boa Nova, ou nova fé cristã, espalhou-se após o nascimento e morte de Cristo primeiramente pelo oriente próximo, tendo posteriormente chegado à África, Espanha, Itália e na Gália durante a Idade Média. Expõe que a Boa Nova coloca seus seguidores numa condição de o povo de Deus, na Idade Média. Ser cristão, assim, era ao mesmo tempo fazer parte da comunidade de Deus, mas estar

distante dos demais homens que não encaram o nascimento de Jesus Cristo como a vinda do messias, do salvador. Assim, apenas os cristãos entendiam que conheciam a salvação. Nessa concepção o pacto com Deus vai além do tempo vivido fisicamente, e é com a morte que ocorre a salvação divina, sendo que esta foi alcançada a partir do nascimento de Cristo. Insere-se nesse contexto a tradição judaica e a bíblia organiza-se com textos além do Antigo Testamento, sendo esses os textos evangélicos que anunciam e remontam a passagem de Cristo entre os homens. A grande dissipação do cristianismo aconteceu num Império Romano urbanizado e altamente organizado. A autora ainda pontua que com a fundação de Constantinopla, a prática cristã deixou de ser uma seita, para chegar ao status de Igreja, como instituição.

Nesse período, com a institucionalização do cristianismo, iniciam-se as bases da religião católica, sendo que alguns historiadores pontuam que a palavra católico foi utilizada pelos próprios apóstolos para descrever aqueles que divulgavam a fé cristã (WOODHEAD, 2006).

Com relação à religião católica, o site oficial do Vaticano apresenta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* Sobre a Igreja, na qual estão descritos os objetivos centrais postulados para a mesma. Institui que a missão da igreja é levar o Evangelho a todos, como instrumento da união íntima com Deus e com todo o gênero humano. Além disso, a religião católica reconhece o caráter caído do ser humano e objetiva com isso sua redenção, por meio da vontade salvífica do Pai, concedendo ao ser humano o auxílio para a salvação, por meio de Jesus Cristo, que fundou o Reino do Céu na Terra. Assim, pela obra do Pai, o filho Jesus Cristo que é o próprio Deus em forma humana apresenta como missão chamar a todos os homens em união com Cristo, para que possam com base nos sacramentos, caminhar em destino ao Pai. Assim, o projeto de Deus desenvolve-se em torno do fato de se considerá-lo como absoluto para que as relações entre os homens possam ser fraternas, tendo Jesus Cristo, vindo até o ser humano, para realizar o projeto de Deus, seu Pai.

Nas respostas oferecidas pelos grupos católicos que participaram do estudo, percebe-se alguns aspectos relacionados com o proposto pela religião católica. Observa-se que para os grupos, a prática religiosa está atrelada aos ensinamentos de Cristo, meio pelo qual o ser humano se direciona a Deus. Há o reconhecimento da condição caída do ser humano, com o reconhecimento de que este é responsável pelos próprios atos e situação de vida. A descrição de Deus reflete os aspectos tanto da criação, quanto da redenção, com a afirmação de que há a vontade salvífica do Pai. Nesse mesmo sentido,

há a expressão do respeito pela criação divina, pelos itens de maior atribuição da escala. Isso demonstra a percepção de união íntima com Deus, assim como os itens que se referem à relação positiva com Deus.

Outro ponto é a questão do uso da religião para explicar as limitações humanas e os itens da escala que expressam ideias gerais sobre a vida e o suporte religioso percebido relacionando-se ao fato de Jesus Cristo ter instituído o Reino de Deus entre os seres humanos. Pode-se identificar dessa forma, que existem diversos aspectos expressos pelos participantes dos grupos católicos que se relacionam diretamente com o proposto pelo órgão de representação oficial da igreja católica.

No que se refere à religião evangélica, historicamente conceitua-se seu início no século XVI, quando Martinho Lutero iniciou o movimento da Reforma Protestante, que recebeu esse nome por ter sido realizada em forma de protesto contra a igreja católica. Das teses apresentadas por Lutero, originaram-se as cinco solas que são os cinco pontos principais do protestantismo, expressos na religião evangélica. A primeira delas é “*sola fides*” ou somente a fé, em que é postulado que o ensinamento provém de Deus por meio da fé, que produz as justificativas e as boas obras. Seguida desta, vem a “*sola scriptura*” ou somente a escritura, que defende que a bíblia é a única palavra a ser seguida pelo fato de ter sido inspirada por Deus e deve estar ao alcance de todos. A terceira é a “*solus Christus*” ou somente Cristo na qual é defendida a ideia de que Cristo é o único intermediário entre Deus e os homens, não havendo salvação por outro meio senão por Ele. A quarta é a “*sola gratia*” ou somente a graça, na qual se entende que a salvação ocorre por meio da graça divina como favor imerecido e não por meio das obras ou indulgências. Finalizando, a quinta é a “*solī Deo gloria*” ou glória somente a Deus, que deixa claro que a glória é devida somente a Deus, sendo o dom da fé, despertado no crente por obra do Espírito Santo e a salvação alcançada por meio da Jesus Cristo (RENDERS, 2010; LAPA, 2012).

Para os grupos evangélicos a prática religiosa foi descrita pelos mesmos em grande parte por identificação. Referiram o reconhecimento da condição da queda do ser humano e consequentemente a responsabilidade sobre seus atos. Essa condição reconhece que a redenção está ligada ao fato de Jesus Cristo ter morrido para o perdão dos pecados, o que condiz com a ideia de que somente Cristo é o meio para a salvação. A descrição de Deus realizada pelos grupos condiz com os preceitos bíblicos, em que se percebe a relação com a consideração de somente a escritura, utilizada pelos grupos. A concepção de que a religião explica as limitações humanas e os itens que estiveram

entre os de maior atribuição na escala referentes ao suporte religioso e as ideias gerais sobre a vida, referem-se à percepção de que somente pela fé os ensinamentos de Deus chegam ao ser humano, sendo esse aspecto o responsável pela produção de sentido ao ser humano. A maioria dos participantes acredita na recompensa após a morte atribuindo a mesma a ideia de galardão. Esse aspecto reflete a ideia de que somente a graça divina conduz o ser humano à salvação e não às obras que este realiza. O galardão é o reflexo das obras e não a salvação em si, pois a salvação refere-se a um favor imerecido. Dentre os itens de maior atribuição da escala estão os que refletem a ideia de interação positiva com Deus, fato que se relaciona com a glória somente a Deus, que é desperta na concepção evangélica por ação do Espírito Santo. Assim, para os grupos evangélicos também percebe-se que os principais aspectos expostos relacionam-se com a base religiosa condizente.

No que tange ao espiritismo, este foi introduzido em seu aspecto tríplice de ciência, filosofia e religião a partir das obras de Kardec, tendo sido escrito o primeiro livro de sua codificação em 1857. Após a escrita de suas obras principais, escreveu ainda uma obra que sintetizou os principais tópicos da doutrina. Neles, descreve que o objetivo do espiritismo é encontrar meios de demonstrar e estudar o mundo espiritual, por meio da manifestação dos espíritos. As demonstrações e estudos visam encontrar subsídios que possam provar a existência da alma, a continuidade da individualidade do ser após sua morte física e a vida futura dos seres humanos. Essa busca está atrelada não somente ao desenvolvimento do raciocínio a esse respeito, mas também por meio de fatos que possam ser utilizados como prova da existência do mundo espiritual. O autor pontua que o incrédulo muitas vezes quando exposto a um fenômeno espírita pode ficar ainda mais incrédulo por pensar que se trata de charlatanismo. Para o espiritismo, a lei do Antigo Testamento foi personificada por Moisés e a do Novo Testamento, por Cristo. O espiritismo é nessa concepção a terceira revelação das leis divinas, que chegam até os homens por meio dos espíritos que oferecem as comunicações, por estarem em estágios superiores de desenvolvimento e de evolução. O aprimoramento do espírito ocorre por meio da reencarnação, que permite ao espírito uma nova possibilidade de vivenciar suas responsabilidades em busca da evolução. O que direciona as atitudes humanas são os princípios básicos deixados por Cristo, que são: o amor a Deus sobre todas as coisas e o agir para com os outros, como gostaríamos que agissem conosco (KARDEC, 2008; KARDEC, 2009).

No exposto pelos grupos espíritas evidencia-se que o início da prática esteve mais concentrado na vida adulta, sendo o principal motivo a percepção de fenômenos espirituais. A grande maioria (mais de 90%) atribui ao ser humano a responsabilidade total sobre seus atos, assim como referem na pelos itens da escala a ideia de pós-morte como consequência, o que se relaciona com a condição de vivência das responsabilidades nas diversas encarnações como possibilidade de evolução do espírito. A descrição de Deus também esteve relacionada com aspectos da religião espírita, reconhecendo o mesmo como criador, o que se relaciona ainda com os itens da escala que se referem ao respeito atribuído à criação divina. A maior parte dos participantes não acredita em recompensa, mas sim na ideia de consequências o que também é observado pelos itens da escala que se referem à ideia de pós-morte como consequência. Essa percepção relaciona-se com o proposto pelos conceitos de reencarnação e de evolução espiritual, propostos pela religião espírita. No que tange à consciência de experiências profundas, a opinião dos participantes ficou dividida entre perceber se a maioria das pessoas acredita que sim ou se a maioria acredita que não. Tal fato reflete a busca pela conscientização das pessoas de que o mundo espiritual existe e se comunica com os seres humanos que estão encarnados, porém existem os incrédulos. A maioria dos participantes acredita que a religião explica as limitações humanas, o que condiz com a ideia de que o espiritismo é a terceira revelação das leis divinas. Para esses grupos entende-se, assim, que as principais ideias expostas relacionam-se com os principais conceitos da religião da qual participam.

Os objetivos propostos pelas três denominações religiosas direcionam a busca do ser humano pelas possibilidades existentes dentro de cada concepção em relação ao pós-morte. Dessa forma, fica clara a influência das religiões no manejo e na modulação da dor do existir. É necessário que o profissional de saúde reconheça a importância desses recursos para que de fato o manejo seja adequado. Para isso o profissional não pode estabelecer ranking que privilegia determinadas religiões, projetando seus próprios valores, preconceitos e crenças no outro, mas sim escuta qualitativa de interesse, de empatia e de respeito.

Um estudo conduzido por Wiech et al. (2008) teve como objetivo avaliar se existe influência de crenças religiosas na modulação da dor. Participaram do estudo 12 católicos e 12 sujeitos não religiosos (ateístas e agnósticos). Para o experimento foi usado um aparelho que oferecia um estímulo elétrico que induzia a sensação dolorosa. Os dois grupos foram expostos à visualização de duas imagens durante as estimulações:

uma da Virgem Maria (de Sassoferato) e de uma mulher sem contextualização religiosa, a Dama com Arminho (de Leonardo Da Vinci). Cada grupo foi exposto à estimulação utilizando-se em um momento a visualização da Virgem Maria e em outro momento, a visualização da imagem da Dama. Após a estimulação, os sujeitos eram questionados quanto à intensidade da dor usando uma escala de 0 a 100 pontos e o quanto se sentiram afetados emocionalmente pela imagem negativa ou positivamente, variando numa escala visual analógica de -50 até +50. Além disso, foram realizadas ressonâncias magnéticas funcionais para avaliar as áreas cerebrais envolvidas no processo. Os resultados mostraram que a amostra de católicos referiu menor intensidade de dor quando a estimulação foi associada à imagem de Virgem Maria, apresentando-se também mais afetados emocionalmente de maneira positiva por essa imagem, considerando-a como influência positiva no enfrentamento da dor. Já para amostra de não religiosos, a mesma intensidade de dor foi referida quando expostos tanto à imagem da Virgem Maria, quanto à imagem da Dama, tendo sido afetados emocionalmente de maneira mais positiva pela imagem da Dama. Com relação às imagens obtidas pela ressonância magnética funcional, a área do cérebro que apresentou alterações foi o córtex pré-frontal ventrolateral, predominantemente no hemisfério direito. Os autores discutem que os religiosos são mais hábeis para modulação da dor quando expostos a uma imagem religiosa devido à possibilidade de reavaliação que permite reinterpretar um estímulo e mudar sua resposta emocional.

Shin et al. (2013) realizaram um estudo com o objetivo de investigar como os médicos interpretam sintomas sem explicações médicas relatados por seus pacientes. A pesquisa foi desenvolvida com 1504 médicos de atenção primária e 512 psiquiatras. Os resultados revelaram que os médicos que se consideram religiosos (55%) foram mais propensos em acreditar que os sintomas sem explicações médicas, refletem um problema espiritual dos pacientes. Os psiquiatras foram os que mais relataram acreditar na melhora dos sintomas quando dada a devida atenção aos pacientes, representando 66% da amostra. De acordo com os autores, as interpretações dos médicos dependem de suas características religiosas e também da especialidade.

Um estudo conduzido por Nogueira e Teixeira (2012) teve como objetivo identificar e comparar de que forma homens e mulheres que sofreram acidente vascular cerebral (AVC) lidam com a dor por meio de estratégias de enfrentamento, como também as percepções que têm acerca da dor central. Os participantes, oriundos do Centro Multidisciplinar de Dor do Hospital das Clínicas de São Paulo, foram 25 homens

e 25 mulheres com mais de 30 anos e com dor central secundária ao AVC há pelo menos três meses. Os autores utilizaram o Mini-exame do Estado Mental; Entrevista Estruturada para Escala Psiquiátrica Breve; Inquérito de Dados Sociodemográficos e Clínicos; Escala Visual Analógica (EVA); Escala dos Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP); Questionário de Percepção da Doença Revisado (QPD-R) e Inventário de Depressão de Beck (IDB). Os resultados revelaram que, as mulheres utilizam a estratégia de enfrentamento “Realizar atividades religiosas e espirituais” com mais frequência que os homens, com diferença significativa entre eles. Além disso, as mulheres são mais propensas a perceber a influência dos aspectos emocionais na causa da dor, sendo que os homens atribuem mais a dor a eventos externos a eles. O estudo mostra assim, as diferenças entre os gêneros na percepção e enfrentamento da dor.

Os estudos mostram a possibilidade de comunicação das áreas de interesse acerca desse fenômeno, tanto no que diz respeito à ciência, quanto também à religião. Percebe-se a possibilidade de adoção de atitudes que minimizem o preconceito em relação a tais contribuições, ressaltando-se que na opinião da maioria dos participantes do estudo ciência e religião encontram-se em posição de conflito frente a estes domínios.

Wilder (2001) expõe em seu trabalho que desde o início do cristianismo houve situações em que as crenças religiosas foram confrontadas, sendo motivo de preconceito em relação aos que se declaravam cristãos. O autor refere que devido à presença na bíblia de passagens que não condizem com explicações científicas, reforçam a continuidade do preconceito.

Em contrapartida, existe a concepção de que a pessoa que não é adepta a um constructo religioso, incluindo-se nesse quadro agnósticos e ateus, não é convicta da necessidade dos valores morais, o que é uma forma preconceituosa de perceber essa condição (YALOM, 2008; FREUD, 2006).

Watts (2001) pontua que há sempre a necessidade da religião rever seus usos, assim como a ciência, pois ambas são responsáveis por processos de compreensão. Caso contrário, corre-se o risco de incorrer em violência de ambas as partes.

Entendemos que os preconceitos de maneira geral levam às desavenças que podem prejudicar as relações em vários níveis. A religião tem extensa influência sobre a cultura e o social, permanece inclusive nas diversas maneiras de um povo manejar a sua dor de existir no mundo, diversificando assim o mundo, em diferentes culturas e sociedades. Propõe-se a criar rituais ou práticas com a finalidade de estabelecer vínculo

do ser humano com sua espiritualidade. As formas possíveis desse contato podem evidenciar diversas formas de preconceito tanto do não religioso com o religioso, como também entre religiosos de diferentes denominações. Alguns humanos gritam a todos os cantos do mundo que não acreditam em Deus; outros gritam que acreditam e muitos, em nome de Deus, matam.

Alves (1986) discute a questão de símbolos que, por serem inventados culturalmente, ganham pouco a pouco o caráter de vitoriosos ou derrotados. Os vitoriosos ganham o mérito de verdade a ser seguida e os derrotados, ganham o caráter de superstição, que devem ser perseguidos ou considerados heresias.

De acordo com Carmurça (2009) os extremismos muitas vezes disfarçados em culturas em que há sincretismo, levam a uma guerra em que todos se posicionam contra todos. Segundo o autor, o fato ocorre muitas vezes na tentativa de quebra de uma mentalidade de cultura tradicional arraigada, em que se demoniza a religião do outro, o que produz um estado de intolerância.

Historicamente, diversos confrontos marcaram a história da religião. Jenkins (2013) afirma que a própria definição de Jesus Cristo, enquanto humano ou divino, foi motivo de intensas lutas entre os cristãos no século V. Tais desavenças levaram a muitas mortes, enquanto os diversos concílios realizados visavam resolver as pendências que geravam os conflitos.

Alves (1986) aponta que a ambivalência é característica da religião e que é provável que os primeiros que entenderam esse aspecto tenham sido os profetas, pois é possível perceber que os objetivos expostos por uma religião dependem de quem está significando os símbolos sagrados. Isso permite a possibilidade de iluminar ou de cegar, de enfrentar ou de aterrorizar, dependendo do uso empregado ou em nome de que Deus se falava.

Silva (2011) afirma que nesse mesmo período histórico, houve a perseguição aos cristãos pelo Império Romano, tendo sido classificados diversos motivos para tal perseguição na opinião de historiadores, que passavam tanto por questões religiosas, quanto políticas. Associado às questões religiosas estava o receio de que as divindades tradicionais se ofendessem com a nova crença e consequentemente punissem a população. Já no que diz respeito às questões políticas estava o receio de que um novo discurso abalasse o poderio do império, especialmente levando-se em conta que a proposta cristã não condizia com os valores sociais e políticos do mesmo.

Em períodos posteriores, é possível também identificar-se diversos conflitos, como por exemplo, durante a Idade Média, tendo sido travadas intensas lutas em diversos momentos, como as Cruzadas (Cristãs), a Jirad (Muçulmana), dentre outras, que tiveram motivos religiosos e que promoveram incontáveis mortes aos envolvidos nos conflitos (PEDRERO-SANCHES, 1999; LEWIS, 2002).

Alves (1986) coloca que nenhum símbolo ou gesto é essencialmente sagrado, passando a ganhar tal mérito de acordo com a significação que o ser humano lhe traz. O autor discorre que o que está no cerne das religiões é a busca de sentido que se faz por meio do sagrado. É por meio desses significados que se encontram possibilidades de destino, sentido da vida e da morte, sendo uma forma de estruturar processos de enfrentamento contra o medo e o caos. Entendemos que, além dos símbolos sagrados terem o intuito de deixar que os seres humanos dependurem-se neles, numa experiência emocional e existencial, tornando-a subjetiva, complexa e multidimensional tal como o fenômeno doloroso. Tais símbolos conferem sentidos às entidades que inicialmente são destituídas dos mesmos. Assim, conseguem saciar no ser humano uma necessidade tão básica quanto a fome e o sexo, que é a de vivenciar num mundo que faça sentido. Para o autor a dor não é a responsável pela desintegração da personalidade, mas sim pela falta de sentido. Porém houve um processo histórico de acúmulo de riquezas, desavenças entre objetividade e subjetividade, aproximações e distanciamentos entre ciência e religião que produziram uma gama de “verdades” entendidas de maneiras tão diversas quanto à diversidade dos próprios seres humanos. E é preciso levar-se em conta que é este ser humano que produz a religião, com suas necessidades, seus desejos, suas relações, suas pontecialidades, suas limitações, suas razões e suas emoções. As religiões são fortes justamente por estarem atreladas a processos que também o são.

Fechner (1905) discute a capacidade que o ser humano tem, mesmo depois de sua morte, de exercer a influência de seu pensamento. Aponta que o maior exemplo disso é o próprio Cristo, que influencia o desenvolvimento de seus valores no mundo até hoje, buscando que o ser humano seja capaz de refletir em prol da humanidade.

Fica clara a necessidade assim de aumento das possibilidades de diálogo de diversas ordens, para que a religião possa cumprir o papel a que se propõe no manejo da dor do existir relacionado à ideia de morte, de finitude e de desesperança. Para isso é necessário o aumento do diálogo e do conhecimento entre as religiões em si, como o aumento do diálogo dessas com a ciência, a qual extrapola a possibilidade de compreensão, o que as torna comum, com sua possibilidade também de explicação por

meio das relações de causalidade. Ou, nas palavras de Alves (1986, p.52) agora é necessário “Abandonar nossas certezas para ver como o mundo se configura na visão de outra pessoa”. Complementando Alves, a necessária complementaridade do objetivo e do subjetivo, considerando-se as possibilidades de erros, faz-se necessária para o melhor manejo dos fenômenos do mundo, minimizando assim os preconceitos, os complexos e as resistências internas, que impedem que a vida nos diferentes âmbitos aconteça: seres humanos e sua interação com ele mesmo, com o outro, com a dor do existir, com o manejo da dor do existir, pois ela acontece somente na perspectiva das emoções!!!!

6. Considerações Finais

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação aos dados sociodemográficos foi possível perceber as características de idade, de sexo, de profissão, de participação em religiões anteriores e de escolaridade dos participantes dos seis grupos investigados a saber: CAT-AF, CAT-LD, EV-AF, EV-LD, ES-AF e ES-LD, evidenciando tanto as especificidades de cada um dos grupos, como também as semelhanças e as diferenças entre estes. Os participantes representaram grupos profissionais, como também aposentados, estudantes e do lar, compreendendo ainda graus de escolaridade que variaram do primeiro grau incompleto até a pós-graduação. Assim, fica clara a amplitude do fenômeno religioso que abrange diversos grupos sociais.

Em relação às entrevistas do IACOR identificou-se as categorias de análise: Tempo de afiliação religiosa, Início da prática religiosa e mudanças de afiliação, Responsabilidade pelos atos e relação com a morte, Descrição de Deus, Consciência da existência de experiências profundas, Possibilidade de recompensa, Aumento da fé na proximidade com a morte, Religião como tentativa de explicar as limitações humanas, Relação entre religião e ciência e A religião do passado e do presente em relação à ciência.

O Tempo de afiliação foi identificado entre os grupos, tendo sido percebido que os grupos católicos apresentam maior tempo de afiliação na religião atual.

Em relação ao início da prática religiosa e mudanças de afiliação é observável que as práticas religiosas iniciaram-se para os participantes tanto na infância, como na adolescência e também na vida adulta, expressando o característico trânsito religioso brasileiro.

No que diz respeito à Responsabilidade pelos atos e relação com a morte, a grande maioria dos participantes reconhecem sua responsabilidade total, deixando claro que reconhecem a condição do ser humano associada ao seu livre arbítrio.

Com relação aos Descritores de Deus, todos os grupos ofereceram diversas palavras nessa descrição, como também descrições semelhantes, o que evidencia o caráter individual e o coletivo na forma de perceber a figura divina.

A Consciência das experiências profundas foi relatada pela maioria dos participantes, o que se relaciona com a percepção de como as pessoas entendem e percebem as experiências inexplicáveis, que denotam o sagrado.

No que tange à Possibilidade de recompensa após a morte, os grupos ofereceram relatos distintos, o que mostra os reflexos de cada constructo religioso na concepção de pós-morte, variando entre possibilidades associadas ao céu, ao inferno, ao purgatório, à reencarnação e à evolução.

Houve a mesma divergência de opiniões no que diz respeito ao Aumento da fé na proximidade com a morte, representando a multiplicidade de conceitos associados à fé e à forma de enfrentamento da morte, como também no que diz respeito à forma de entender o que significa a proximidade com a mesma.

No questionamento sobre a Religião como tentativa de explicar as limitações humanas, a maioria dos participantes tem uma percepção positiva a esse respeito, demonstrando que esse é um recurso para as compreensões necessárias no decorrer da vida.

No que diz respeito à Relação entre religião e ciência, a maioria dos participantes percebem uma relação de conflito entre ambas, o que evidencia a percepção de dificuldade de diálogo e de contribuição.

Na categoria A religião do passado e do presente em relação à ciência, a grande maioria dos participantes acredita que há diferença entre a religião do presente e do passado, o que evidencia o caráter dinâmico da mesma, sendo o motivo de mudança associado principalmente à influência da ciência, porém atingindo um percentual bem menor.

Em relação à escala do IACOR, os cinco itens de maior atribuição entre todos os grupos foram: “Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada” ($9,94 \pm 0,28$), “Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito” ($9,81 \pm 0,64$), “Minha vida é um processo de transformação” ($9,59 \pm 1,11$), “Fazer a vida valer a pena” ($9,51 \pm 1,21$) e “Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado” ($9,47 \pm 1,22$). Os itens se referem às dimensões: relação com o meio – criação, no primeiro e no segundo e ideias gerais sobre a vida, no terceiro, no quarto e no quinto itens. Os cinco itens de menor atribuição foram: “Não existe vida após a morte” ($0,82 \pm 2,41$), “Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus” ($1,75 \pm 2,68$), “Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa” ($2,06 \pm 3,25$), “Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas” ($2,09 \pm 2,74$) e “Não consigo compreender o propósito da morte” ($2,12 \pm 3,29$). Tais itens referem-se às dimensões respectivamente: pós-morte sem continuidade, relação negativa com Deus, ausência de prática espiritual e relação negativa com a morte nos dois últimos itens.

Na análise entre a entrevista e a escala do IACOR, foi possível perceber as associações existentes entre a opinião dos participantes e os constructos religiosos da denominação da qual fazem parte, o que demonstra que os mesmos foram capazes de expressar claramente a relação que estabelecem entre a dor do existir e as religiões das quais fazem parte, independente de participarem como líderes ou como afiliados das religiões.

O estudo evidencia a necessidade de se conhecer e abordar o fenômeno religioso como parte integrante do ser humano, bem como um potencial recurso de manejo e de modulação da dor do existir, expresso pela dor do mesmo diante das questões associadas à morte, à finitude e à desesperança.

Dada a complexidade do fenômeno, tanto no que tange a dor do existir tanto quanto a religião, estudos futuros são necessários para que se possa progressivamente aumentar o diálogo entre a religião e a ciência, visando ampliar as possibilidades de recursos e de abordagens, capacitando os profissionais responsáveis pelo manejo de dor para o reconhecimento e o respeito necessários na condução do desenvolvimento de práticas clínicas e de pesquisas.

7. Referências

7. REFERÊNCIAS

AI, A. L. et al. Prayers, Spiritual Support, and Positive Attitudes in Coping With the September 11 National Crisis. **Journal of Personality**, Malden, v. 73, n. 3, p. 763-791, 2005.

ALBANO, F. Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v.25, p. 108-117, 2011

ALETTI, M. Arte, cultura e religião na vida adulta. In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, A. (orgs.) **Temas em psicologia da religião**. São Paulo: Vetor, 2007.

_____. A Figura da Ilusão na Literatura Psicanalítica da Religião. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 163-190, 2004.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: Atena Editora, 2003. 778p.

ALMEIDA, C. A. Em busca da “dracma perdida” o cinema entre a imagem de Deus e a do ditador. **História: Questões & Debates**, Paraná, v. 38, n. 0, p. 63-100, 2003.

ALMINHANA, L. O.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Personalidade e religiosidade/espiritualidade (R/E). **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 153-161, 2009.

ALVARADO, C. S. et al. Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 42-53, 2007.

ALVES, R. **O que é religião?** 9a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 59p

ALVIM, T. B. M. A moral e o ideal de vida pós-morte no espiritismo kardecista. In: XII SIMPÓSIO DA ABHR, XII, 2011, Juiz de Fora. **Anais...** 2011. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/97/58>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. 2a. ed. São Paulo: EPU, 1977.

ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (orgs.) **Temas em Psicologia da Religião**. São Paulo: Vetor, 2007.

ARIÉS, P. **A História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARRIBAS, C. G. **Afinal, espiritismo é religião?** 2008. 226 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2008.

ASSUNÇÃO, L. M. Ciência e religião: a relação entre médicos e religiosos no instituto de psiquiatria do HCUSP. **Revista Mosaico**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 125-133, 2009.

- AQUINO, T. A. A. et al. Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: Um estudo correlacional. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 28, n. 63, p. 289-302, 2010.
- BAETZ, M.; BOWEN, R. Chronic pain and fatigue: Associations with religion and spirituality. **Pain Research & Management**, Oakville, v.13, n.5, p. 383-388, 2008.
- BAIRRÃO, J. F. M. H. A imaginação do outro: intersecções entre psicanálise e hierologia. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 20, p. 11-26, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 226 p.
- BATISTA, A. G. L.; VASCONCELOS, L. A. P. Principais queixas dolorosas em pacientes que procuram clínica de Fisioterapia. **Revista Dor**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 125-130, 2011.
- BELINI, L. A. **Temas de Escatologia**. Paraná: Humanitas Vivens, 2009. 136 p.
- BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, 2005.
- BELLOTTI, K. K. Joyce Meyer: bem-estar espiritual e emocional na mídia evangélica. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 4, n. 10, p. 117-148, 2011.
- BIGUETTI, L. M. **Alma, Princípio Vital e Fluido Vital** - definição e conceito. 2001. Disponível em: <http://www.cebatur.org.br/estudos_detalhes.asp?estudoid=202>. Acesso em: 13 abr. 2014.
- BIRMAN, P. O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 133-153, 2012.
- BLANK, R. Catolicismo: Ritos de Passagem e Visão de Pós-Morte. In: INCONTRI, D.; SANTANA, F.(orgs.) **A Arte de Morrer** – Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007.
- BOBSIN, O.; LINK, R. S.; PAZ, N. I. N.; REBLIN, I. A. (orgs.). **Uma Religião Chamada Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2012. 260 p.
- BOBSIN, O. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 21-43, 2003.
- BOFF, L. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis: Vozes; 2009. 85 p.
- BRADBURY, R. A astronomia dentro dos estudos espíritas: um estudo de caso na literatura espírita. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM ASTRONOMIA, 2., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2012. p. 10-19.
- BRADY, M. J. et al. A case for including spirituality in quality of life measurement in oncology. **Psychooncology**, Wiley, v. 8, n. 5, p. 417-428, 2002.

BRANDÃO, C. R. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990. 181 p.

BRUSTOLIN, L. A.; PASA, F. M. L. A morte na fé cristã: uma leitura interdisciplinar. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 54-72, 2013.

BUENO, C. B. A doutrina espírita e as mulheres. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 1, n. 3, p. 139-165, 2009.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 355 p.

BURMANN, C. Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 19, p. 60-68, 2009.

BÜSSING, A.; BALZAT, H. J.; HEUSSER, P. Spiritual needs of patients with chronic pain diseases and cancer—validation of the spiritual needs questionnaire. **European Journal of Medical Research**, Munich, v.15, n. 6, p. 266-273, 2010.

CAMBOIM, A.; RIQUE, J. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 7, p. 251-263, 2010.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: application and perspectives. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009.

CAMPOS, L. S. Chamados à Mansão Eterna: Morte, Ritos e Visão de Pós-Morte no Protestantismo Brasileiro. In: SANTOS, S.F. (org.) **A Arte de Morrer** – Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2009. 2 vol.

CAMPOS, W.S.F.A. O caminhar e a transformação das religiões através dos tempos. DISCERNINDO - **Revista Teológica Discente da Metodista**, v.1, n.1, p. 75-92, 2013.

CAMURÇA, M. A. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso. **Revista USP**, São Paulo, n. 81, p. 173-185, 2009.

CARQUEJA, E. A prática religiosa e a percepção do sofrimento: um estudo em doentes com cancro e em doentes com dor crônica. **Revista Cadernos de Saúde**, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 7-40, 2009.

CASTELO-BRANCO, M. Z.; BRITO, D.; FERNANDES-SOUSA, C. Necessidades espirituais da pessoa doente hospitalizada: revisão integrativa. **Aquichan**, Chía, v. 14, n. 1, p. 100-108, 2014.

CERQUEIRA, C. A. Cristianismo, espiritismo: possibilidades de diálogo contra a intolerância religiosa. **Paralellus**, Recife, v. 3, n. 6, p. 177-187, 2012.

CERQUEIRA, R. F. Religiosidade e os espaços de produção de sentido: um olhar sobre o território da saúde mental. 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/10religiosidade.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

CERVEIRA, S. A. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 27-53, 2008.

CESCON, E. Neurociência e Religião: as pesquisas neurológicas em torno da experiência religiosa. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 293-314, 2011.

CHRISTO, G.; FRANEY, C. Drug users' spiritual beliefs, locus of control and the disease concept in relation to Narcotics Anonymous attendance and six-month outcomes. **Drug Alcohol Depend**, Lausanne, v.38, n. 1, p. 51-56, 1995.

CIRIBELLI, M. C. História e Religião em Roma Antiga. In: LIMA, L. L. G. et al. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ Mauad, 2002. 284 p.

COELHO, L. D. Trânsito religioso: uma revisão exploratória do fenômeno brasileiro. **Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2009.

COLHADO, O. C. G. et al. Evaluation of Low Back Pain: Comparative Study Between Psychophysical Methods. **Pain Medicine**, Malden, v. 14, n. 9, p. 1307-1315, 2013.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM SOBRE A IGREJA [s.d.] Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 24 abr. 2014.

CORRÊA, D. A. M. Religião e saúde: Um estudo sobre as representações do fiel carismático sobre os processos de recuperação de enfermidades nos grupos de oração da RCC em Maringá, PR. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 5, suppl., p. 134-141, 2006.

COSTA, C. P. S. O livre-arbítrio agostiniano e a liberdade humana. **Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 20-26, 2011.

COUTO, E. S. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v.1, n.1, p.1-10, 2008.

DAALEMAN, T.P.; FREY, B.B.; WALLACE, D.; STUDENSKI, S. The Spirituality Index of Well-Being: Development and testing of a new measure. **Journal of Family Practice**, Parsippany v. 51, n. 11, p. 952, 2002.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 25-33, 2007.

DA SILVA, J. A.; RIBEIRO FILHO, N.P. **Avaliação e mensuração de dor: pesquisa, teoria e prática**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2006, 467 p.

_____. Avaliação psicofísica da percepção de dor. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 223-263, 2011.

DELANEY, C. The Spirituality Scale: Development and Psychometric Testing of a Holistic Instrument to Assess the Human Spiritual Dimension. **Journal of Holistic Nursing**, Telluride, v. 23, n. 7, p.145-167, 2005.

DELGADO-GUAY, M. O. et al. Spirituality, Religiosity na Spiritual Pain in Advanced Cancer Patients. **Journal of Pain and Symptom Management**, New York, v.41, n.6, p.986-994, 2011.

DEZUTTER, J. et al. God Image and Happiness in Chronic Pain Patients: The Mediating Role of Disease Interpretation. **Pain Medicine**, Malden, v. 11, n. 5, p.765–773, 2010.

Dicionário Escolar de Filosofia. Disponível em: <<http://www.defnarede.com>>. Acesso em: 26 out. 2011.

DINIZ, A. C.; AQUINO, T. A. A. A relação da religiosidade com as visões de morte. **Religare**, João Pessoa, n.6, p. 101-113, 2009.

DINIZ, D.; LIONÇO, T.; CARRIÃO, V. **Laicidade e ensino religioso no Brasil**. Brasília: UNESCO; Letras Livres; EdUnB, 2010. 107 p.

DINIZ, D.; LIONÇO, T. Educação e Laicidade. In: DINIZ, D.; LIONÇO, T.; CARRIÃO, V. **Laicidade e ensino religioso no Brasil**. Brasília: UNESCO; Letras Livres; EdUnB, 2010. 107 p.

DISSENHA, I. C. P.; JUNQUEIRA, S. Uma produção de conhecimento no período de 1995 a 2010: livros de ensino religioso. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 274-292, 2011.

DUIJL, M. V. et al. Dissociative Symptoms and Reported Trauma Among Patients with Spirit Possession and Matched Healthy Controls in Uganda. **Culture, Medicine and Psychiatry**, Boston, v. 34, n. 2, p. 380-400, 2010.

ELIAS, A. C. A. **Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade na re-significação da dor simbólica da morte de pacientes terminais**. 2001. 279 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2001.

ELIAS, A. C. A.; GIGLIO, J. S.; PIMENTA, C. A. M. Analysis of the nature of spiritual pain in terminal patients and the resignification process through the relaxation, mental images and spirituality (RIME) intervention. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 6, p. 959-965, 2008.

ELIAS, A. C. M. Experiências de Tempo no Umbral: Tempo Subjetivo e Representações do espiritismo através de análises do filme “Nosso Lar”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371348603_ARQUIVO_ANPUH.pdf>. Acesso: 23 abr. 2014.

ESPERANDIO, M. R. G. Narcisismo e Sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 11, p. 34-49, 2006.

EVANGELISTA, R. A.; FALEIROS SOUZA, F. A. E.; HORTENSE, P. Estimação de magnitude do estresse, pelos alunos de graduação, quanto ao cuidado de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 6, p. 913-917, 2005.

FALEIROS SOUSA, F. A. E. et al. Multidimensional Pain Avaliation Scale, **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 3-10, 2010.

FALEIROS SOUSA, F. A. E.; DA SILVA, J. A. Uso e aplicação da metodologia psicofísica na pesquisa em enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 147-178, 1996.

FARIA, M. G. A.; DAVID, H. M. S. L.; ROCHA, P. R. Inserção e prática religiosa entre mulheres: Aspectos protetores ao uso de álcool e violência. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 32-37, 2011.

FARINASSO, A. L. C., LABATE, R. C. Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 588-595, 2012.

FECHNER, G.T. **The little book of life after death**. Boston: Little, Brown and Company, 1905. 150 p.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/>>. Acesso: 23 abr. 2014.

FERREIRA, A. A. L. O lugar de Gustav Fechner na história da psicologia. **Memorandum**, Uberlândia, v. 5, p. 86-93, 2003.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2009. 2129 p.

FERREIRA, A. R. C.; FIGUEIREDO, D. M. P. Qualidade de vida e espiritualidade em idosos com dor crônica. 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal, 2010.

FERREIRA, J. P.; SOUSA, A. C. A. Andrei Rublióv: impressões sobre o tempo/espaço. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 61-70, 2009.

FETZER INSTITUTE NATIONAL INSTITUTE ON AGING. **Multidimensional measurement of religiousness/spirituality of use in health research**: a report of the Fetzer Institute on aging working group. Kalamazoo: John E. Fetzer Institute ed.; 1999.

FINGELKURTS, A. A.; FINGELKURTS, A. A. Is our brain hardwired to produce God, or is our brain hardwired to perceive God? A systematic review on the role of the brain in mediating religious experience. **Cognitive Processing**, Lengerich, v. 10, n. 4, p.293-326, 2009.

FONSECA, A. F. Como o Espiritismo contribui para a sociedade? **Jornal de Estudos Espíritas**, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/F autores/FONSECA Alexandre tit Como o o Espiritismo contribui para a Sociedade.pdf>>. Acesso: 23 abr. 2014.

FORNAZARI, S.A.; FERREIRA, R. E. R. Religiosidade/Espiritualidade em Pacientes Oncológicos: Qualidade de Vida e Saúde. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 265-272, 2010.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante; 1973. 219 p.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FRÓES, V. L. Era o Tempo do Rei... In: LIMA, L. L. G.; HONORATO, C. T. et al. **História & Religião**. Rio de Janeiro: FAPERJ Mauad, 2002. 284 p.

GAROFALO NETO, E. A Busca Humana da Diversão sob a Ótica Bíblica de Criação-Queda-Redenção. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 27-49, 2011.

GENIA, V. The Spiritual Experience Index: Revision and reformulation. **Review of Religious Research**, v. 38, p. 344–361, 1997.

GIOVANETTI, J. P. O Sagrado na Psicoterapia. In: ANGERAMI, V. A. (org.) **Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GOLDBERG, D. S. Job and the Stigmatization of Chronic Pain. **Perspectives in Biology and Medicine**, Baltimore, v. 53, n. 3, p. 425-438, 2010.

GOMES, A.M.A. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, v.9, n.2, p.148-174, 2011.

- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GONÇALVES, A. M. S.; PILLON, S.C. Adaptação transcultural e avaliação da consistência interna da versão em português da Spirituality Self Rating Scale (SSRS). **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 10-15, 2009.
- GOODWIN C. J. **História da psicologia moderna**. São Paulo, Cultrix, 2005. 587 p.
- GUALTIERI, M. Percepção e ação imaginadas. **Neurociências**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 13-15, 2009.
- HASTORF, A.H. **Percepção de pessoa**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1970. 113 p.
- HATCH, R. L. et al. The Spiritual Involvement and Beliefs Scale. Development and testing of a new instrument. **J Fam Pract**, New York, v. 46, n. 6, p. 476-86, 1998.
- HASSESIAN, Z. C. C. Curso Básico de Espiritismo. Federação Espírita Brasileira, ano I, 36a. ed. 2011. Disponível em: [http://bvespirita.com/Curso%20B%C3%AAsico%20de%20Espiritismo%20-%20Primeiro%20Ano%20-%2036%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20\(FEESP\).pdf](http://bvespirita.com/Curso%20B%C3%AAsico%20de%20Espiritismo%20-%20Primeiro%20Ano%20-%2036%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20(FEESP).pdf), Acesso em: 22 abr. 2014.
- HERMANN, C. Development and testing of the spiritual needs inventory for patients near the end of life. **Oncol Nurs Forum**, New York, v. 1, n. 33, p.737–744, 2006.
- HODGE, D. A new six-item instrument for assessing the salience of spirituality as a motivational construct. **Journal of Social Service Research**, v. 30, n. 1, p. 41-61, 2003.
- HOLLAND, J. C. et al. A brief spiritual beliefs inventory for use in quality of life research in life-threatening illness. **Psychooncology**, Chichester, v. 7, n. 6, p.460-469, 1998.
- HOWDEN, J. W. **Development and psychometric characteristics of the Spirituality Assessment Scale**. 1992. 392 f. Dissertation (Doctoral) - Texas Women's University, Denton, 992.
- HUNGELMANN, J. et al. Development of the JAREL spiritual well-being scale. In: CARROL-JOHNSON, R.M., editor. **Classification of Nursing Diagnosis: proceedings of the eight conference**, North American Diagnosis Association. Philadelphia: JB Lippincott, p. 393-398, 1998.
- HUXLEY, T. H. Escritos sobre ciência e religião. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 144 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2012.

_____. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao/religiao_Censo2010.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2012.

INCONTRI, D. Visão Espírita da Morte. In: INCONTRI, D.; SANTANA, F.(orgs.) **A Arte de Morrer** – Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007. 303 p.

IRONSON, G. et al. The Ironson–Woods Spirituality/Religiousness Index Is Associated With Long Survival, Health Behaviors, Less Distress, and Low Cortisol in People With HIV/AIDS. **Annals of Behavioral Medicine**, Mahwah, v. 24, n. 1, p. 34–48, 2002.

JENKINS, P. **Guerras Santas**: como 4 patriarcas, 3 rainhas e 2 imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

JONHSTONE, B. et al. Relationships Among Religiousness, Spirituality, and Health for Individuals with Stroke. **Journal of Clinical Psychology in Medical Settings**. New York, v. 15, n. 4, p.308-313, 2008.

JUDISCH, N. Sanctification, Satisfaction, and the Purpose of Purgatory. **Faith and Philosophy**, v. 26, p. 167-185, 2009.

JULIEN, P. **A psicanálise e o religioso**: Freud, Jung e Lacan. São Paulo: Zahar, 2010. 53 p.

KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. 1980. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/138.pdf>>. Acesso: 24 abr. 2014.

_____. **O que é o Espiritismo**: introdução ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos, contendo o resumo dos princípios da Doutrina Espírita e a resposta às principais objeções. Rio de Janeiro: CELD, 2008. 134 p.

_____. **O Evangelho Segundo o Espitismo**. Araras: IDE Editora, 365a. ed., 2009. 288 p.

KASS, J. D. et al. Health outcomes and a new index of spiritual experience. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 30, p. 203-211, 1991.

KEEFE, F. J. et al. Psychosocial interventions for managing pain in older adults: outcomes and clinical implications. **British Journal of Anaesthesia**, London, v. 111, n. 1, p. 89-94, 2013.

KING, M.; SPECK, P.; THOMAS, A. The Royal Free interview for religious and spiritual beliefs: development and standardization. **Psychological Medicine**, London, v. 25, n. 6, p.1125–1134, 1995.

KING, M. et al. Measuring spiritual belief: Development and standardization of a Beliefs and Values Scale. **Psychological Medicine**, London, v. 36, n. 3, p.17-425, 2006.

KLAUS, D. C. Missões a partir da Conferência de Aparecida. 2010. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/articulistas/dom-canisio-klaus/4783-missoes-a-partir-da-conferencia-de-aparecida>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

KOENIG, H. G.; KING, D. E.; CARSON, V. B. **Handbook of religion and health**. 2ª Ed. Nova Iorque, Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. 1169 p.

KOENIG, H. G. Research on Religion, Spirituality and Mental Health: A Review. **Canadian Psychiatric Association**, Ottawa, v. 54, n. 5, p. 283-291, 2009.

KOVÁCS, M. J. Notícia: Wilma da Costa Torres (1934-2004): Pioneira da Tanatologia no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 95-96, 2004.

_____. Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados. **O mundo da saúde**, v. 31, n. 2, p. 246-255, 2007.

_____. **Educação para a morte: temas e reflexões**. 2a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, 224 p.

KLÜBER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 296 p.

LAGO-RIZZARDI, C. D.; TEIXEIRA, M. J.; SIQUEIRA, S. R. D. T. Espiritualidade e religiosidade no enfrentamento da dor. **O mundo da Saúde**, v. 34, n. 4, p. 483-487, 2010.

LAPA, R. S. A transformação do teísmo protestante em deísmo na Alemanha de Heine. **Cadernos do PET Filosofia**, Teresina, v. 3, n. 6, p. 10-17, 2012.

LARA, E. Conceito Espírita de Evolução. **Pensamento Social Espírita**, 2009. Disponível em: <http://www.viasantos.com/pense/down/EUGENIO_LARA_Conceito_Espirita_de_Evoluca-o_-_PENSE_-_Pensamento_Social_Espirita.pdf>. Acesso: 23 abr. 2014.

LARA, T.A. Helenismo e Cristianismo nas bases da Cultura Medieval: Paidéia e Patrística. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 107-124, 1992.

LAWSON, M. Palliative Sedation. **Clinical Journal of Oncology Nursing**, Pittsburgh, v. 15, n. 6, p. 589-590, 2011.

LEAL, P. R. F. Imprensa e espiritismo em perspectiva histórica: os enfoques das coberturas jornalísticas de O Dia e do JB sobre o médium Zé Arigó. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0346-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

LEENHARD, J. Caminhos teóricos para o estudo das religiões. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 14, p. 3-14, 2012.

LEITE, E. O silêncio de Jó: o Livro de Jó e a crítica sapiencial à teologia sacerdotal. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 4, n. 10, p. 23-34, 2011.

LEWGOY, B. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008.

LEWIS, B. **O Que Deu Errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 207 p.

LIBANIO, J. B. **Concílio Vaticano II-** Em busca de um primeira compreensão. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 223 p.

LIMA, A. O. A morte de Ananias e Safira: uma ameaça aos inimigos do igualitarismo cristão em atos dos apóstolos 5.1-11. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 50-67, 2012.

LUCCHETTI, G. et al. Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber? **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 154-158, 2010.

LUSTIG, A. Enhancement Technologies and the Person: Christian Perspectives. **The Journal of Law, Medicine & Ethics**, Boston, v. 36, n. 1, p. 41-50, 2008.

MACHADO, R. F. Humanidade, saúde e crise de corporeidade na pós-modernidade. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 315-324, 2011.

MAHFUDH, S. S. Nurse's Role in Controlling Cancer Pain. **Journal of Pediatric Hematology/Oncology**, New York, v. 33, suppl. 2, p.146-148, 2011.

MARASCHIN, J. A Face Sagrada de Eros: Religião e Corpo. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, n.2, p. 14-25, 2002.

MARGUERAT, D. **A primeira história do cristianismo** - os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 353 p.

MATA, S. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 155 p.

MATOS, M.I.S. Espelhos da alma: fisionomia, emoções e sensibilidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 5, n. 4, p. 15-34, 2012.

MCSHERRY, W.; DRAPER, P.; KENDRICK, D. The construct validity of a rating scale designed to assess spirituality and spiritual care. **International Journal of Nursing Studies**, Oxford, v. 39, n. 7, p.723-734, 2002.

MELLAGI, A. G. **O enfrentamento religioso em pacientes portadores de HIV/AIDS:** um estudo psicossocial entre homens católicos e evangélicos. 2009. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2009.

MENZIE, W. W; HORTON, S. M. **Doutrinas bíblicas: uma perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. 310p.

MESQUITA, A. C. et al. The use of religious/spiritual coping among patients with cancer undergoing chemotherapy treatment. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 539-545, 2013.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 12-15, 2010.

MOREIRA, P. C.; CAVALCANTI, F. V. Morte e luto nas linhas do além: as cartas psicografadas em Teresina. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 14.; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 13., 2013. Disponível em:

http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/15_trabalho_000868_1373964896.pdf>. Acesso: 24 abr. 2014.

MOTA, C. S.; TRAD, L. A. B.; VILLAS BOAS, M. J. V. B. The role of religious experience in facing up to afflictions and health problems. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 665-675, 2012.

MOULTON, H. K. **The analytical Greek lexicon revised**. Grand Rapids; Michigan: Zondervan, 1977. 448p.

MUELLER, E. R. Espelho, espelho meu... **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 1, p. 5-27, 1997.

NASCIMENTO, M. R. No culto aos mortos, as memórias e as sensibilidades urbanas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 5, n.15, p. 131-144, 2013.

NOGUEIRA, M.; TEIXEIRA, M. J. Central pain due to stroke: cognitive representation and coping according to gender. **Arquivos de neuro-psiquiatria**, São Paulo, v. 70, n. 2, p. 125-128, 2012.

ORTIZ, R. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2006.

OSTERMANN, T.; BUSSING, A.; MATTHIESSEN, P. F. Pilotstudie zur Entwicklung eines Fragebogens zur Erfassung der spirituellen und religiösen Einstellung und des Umgangs mit Krankheit (SpREUK). **Forsch Komplementarmed Klass Naturheilkd**, Basel v. 11, p. 346-353, 2004.

PAINE, S.R. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 100-110, 2008.

- PAIVA, G. J. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2007.
- PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de constructo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 507-516, 2005.
- PASQUALI, L. **Psicometria**: teoria dos testes na psicologia e na educação. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 399 p.
- PEARLMAN, M. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2006. 333p.
- PEDRERO-SANCHES, M. G. **História da Idade Média**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 353 p.
- PEDROSA, C. E. F. Discurso religioso: funções e especificidade. **Soletras**, São Gonçalo, v. 13, n. 4, p. 38-45, 2007.
- PEDROSA, D. F. A. et al. Evaluation of the quality of life of clients with chronic ischemic pain. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.19, n.1, p.67-72, 2011.
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos**: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. São Paulo: EDUSP, 2004. 156 p.
- PEREIRA, L. V.; FALEIROS SOUSA, F. A. E. Avaliação psicofísica de descritores de dor no pós-operatório. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, 2007.
- PEREIRA, E. M. A religião da proteção à natureza: As ideias de Henrique Luiz Roessler. 2011. Disponível em: <[http://www.historiagora.com/dmdocuments/Artigos/Historia%20Agora%20n11/ha11dossie3 a religio da proteo natureza as ideias de henrique luiz roessler.pdf](http://www.historiagora.com/dmdocuments/Artigos/Historia%20Agora%20n11/ha11dossie3%20a%20religio%20da%20proteo%20natureza%20as%20ideias%20de%20henrique%20luiz%20roessler.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- PEREIRA, J. C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2699-2709, 2013.
- PERES, M.F.P; ARANTES, A.C.L.Q.; LESSA, P.S.; CAOUS, C.A. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 82-87, 2007.
- PERES, J. F. P.; NEWBERG, A. Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 40, n. 6, p. 225-32, 2013.
- PFEFFER, R. S. O sagrado na sociedade do saber. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 12, p. 208-236, 2012.

PIEDMONT, R. L. Does spirituality represent the sixth factor of personality? Spiritual transcendence and the Five-Factor Model. **Journal of Personality**, Durham, v. 67, p. 985-1013, 1999.

PINEZI, A. K. M. O sentido da morte para protestantes e neopetencostais. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 199-209, 2009.

PINHEIRO, R.A. Dor e Religião. **Revista Dor, Pesquisa, Clínica e Terapêutica**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 1113-1115, 2007.

PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 68-83, 2009. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf. Acesso em: 14 nov. 2013.

PIRES, F. Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. **Religião e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 143-164, 2010.

PORTAL, L. L. F. Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa da vida. In: TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. (orgs.) **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, 224 p.

PORTELLA, R. Reflexos no espelho: reflexão sobre as ciência(s) da(s) religião(ões) nos programas de pós-graduação brasileiros. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 211-227, 2011.

PROTHERO, S. **As Grandes Religiões do Mundo**. São Paulo: Editora Campus, 2010, 336 p.

RABUSKE, I. J. A igreja em suas origens: revisitando os Atos dos Apóstolos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 5-18, 2012.

RABUSKE, I. J.; SANTOS, P. L.; GONÇALVES, H.A.; TRAUB, L. Evangélicos brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam? **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 12, p. 255-267, 2012.

RADFORD, M. Experience and reality in religious education. **British Journal of Religious Education**, v. 33, n. 3, p. 327-340, 2011.

REED, P. G. Religiousness among terminally ill and healthy adults. **Research in Nursing & Health**, New York, v. 9, n. 1, p. 35-41, 1986.

RENDERS, H. Revelação de Deus e resposta humana na perspectiva da teoria da imagem. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 11, n. 18, p. 55-68, 2006.

_____. Estudos de gênero e método teológico: corporeidade e androcentrismo como temas permanentes do quadrilátero wesleyano brasileiro. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, p. 91-106, 2010.

Ribeirão Preto on line. Disponível em: <http://www.ribeiraopretoonline.com.br/lista-filtragem.php?id=32>. Acesso em: 28 nov. 2011.

- RIBEIRO, J. P. Reflexões sobre o lugar de uma Psicologia da Religião. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 197-204, 2008.
- RIBEIRO, J.C. Os Universitários e a Transcendência - Visão geral, visão local. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 79-119, 2004.
- RIZZARDI, C. D. L., TEIXEIRA, M. J., & SIQUEIRA, S. R. D. T. Espiritualidade e religiosidade no enfrentamento da dor: revisão. **Mundo Saúde**, v.34, n.4, 483-487, 2010.
- ROCHA, M. L. A.; GUIMARÃES, M. B. L.; CUNHA, M. B. The process of recovery from drug misuse in the Assembly of God Pentecostal church. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 177-190, 2012.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 489 p.
- RYMARZ, R. Catechesis and Religious Education in Canadian Catholic Schools. **Religious Education**, Philadelphia, v. 106, n. 5, p. 537-549, 2011.
- SAAD, M.; MASIEIRO, D.; BATISTELLA, L. R. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001.
- SALGADO, C. L. et al. A cirurgia cardíaca pediátrica sob o olhar dos pais: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São José do Rio Preto, v. 26, n. 1, p. 36-42, 2011.
- SALVETTI, M. G. et al. Effects of a psychoeducational program for chronic pain management. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 5, p. 896-902, 2012.
- SANCHES, M. A.; DANILAS, S. Busca de harmonia entre religião e ciência no Brasil: reflexões a partir do ano de Darwin. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 98-118, 2012.
- SANT'ANA, R. P. M. et al. Chronic pain descriptors: a psychological study. **Fechner Day 2004**, Coimbra, v. 20, p. 512-517, 2004.
- SANTANA, I. C. O homem como objeto de si mesmo no sistema filosófico vaziano. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 169-173, 2012.
- SANTOS, W. J. et al. Enfrentamento da incapacidade funcional por idosos por meio de crenças religiosas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 8, p. 2319-2328, 2013.
- SAUNDERS, C. **Hospice and palliative care**. An interdisciplinary approach. London: Edward Arnold, 1991.
- SEIDLITZ, L. et al. Development of the Spiritual Transcendence Index. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 41, p. 439-453, 2002.

SHIN, J. H. B. A. et al. A Spiritual Problem? Primary Care Physicians' and Psychiatrists' Interpretations of Medically Unexplained Symptoms. **Journal of General Internal Medicine**, Philadelphia, v. 28, n. 3, p. 392-398, 2013.

SIEBER, W. J. et al. Assessing the impact of migraine on health-related quality of life: an additional use of the quality of well-being scale-self-administered. **Headache**, St. Louis, v. 40, n. 8, p. 662-671, 2000.

SILVA, F. B. **O céu e o inferno para os espíritas** - As descrições do mundo espiritual. 2014. Disponível em: <http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_O_celu_e_o_inferno_para_os_espiritas_-_as_descricoes_do_mundo_espiritual.pdf>. Acesso: 24 abr. 2014.

SILVA, E.A. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em Belém na segunda metade do século XIX (1850/1891)**. 2005. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC. São Paulo, 2005.

SILVA, D. P. As perseguições aos cristãos no Império Romano (séc. I-IV): dois modelos de apreensão. **Revista Jesus Histórico**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 29-44, 2011.

SILVA, A. V. Corpos próximos e distantes: o rito de enterro evangélico e seu caráter de moralidade. **Revista Nures**, São Paulo, n. 21, p. 1-9, 2013.

SOUZA, P. R. **O ideal de homem e de sociedade na obra de Sófocles**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

SOUZA, K. O. J.; PEGORARO, R. F. Concepções de profissionais de saúde sobre humanização no contexto hospitalar: reflexões a partir da Psicologia Analítica. **Aletheia**, Canoas, v. 29, p. 73-87, 2009.

SOUSA, B. O. A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, n. 11, p. 221-245, 2011.

STEVENS, S. S. **Psychophysics**: introduction to its perceptual, neural and social prospects. New York: John Wiley, 1975.

STORCH, E. A.; STRAWSER, M. S.; STORCH, J. B. Two-week test-retest reliability of the Duke Religion Index. **Psychological Reports**, Louisville, v. 94, n. 3, pt. 1, p.993-994, 2004.

TAYLOR, E. J. Prevalence and associated factors of spiritual needs among patients with cancer and family caregivers. **Oncology nursing forum**, Pittsburgh, v. 33, n. 4, p. 729-735, 2006.

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, 2005.

TOMASI, J. M. Com choros, súplicas e comoções: o luto nos perfis pessoais de falecidos na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 271-303, 2013.

UNANTENNE, N. et al. The Strength to Cope: Spirituality and Faith in Chronic Disease. **Journal of Religion and Health**, New York, v. 52, n. 4, p. 1147-1161, 2013.

UNDERWOOD, L. G.; TERESI, J. A. The daily spiritual experience scale: development, theoretical description, reliability, exploratory factor analysis, and preliminary construct validity using health-related data. **Annals of Behavioral Medicine**, Knoxville v. 24, n. 1, p. 22-33, 2002.

URÍBARRI, G. A fé cristã no ocidente: entre a calidez emocional e a parresia evangélica. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, p. 55-70, 2003.

VANDERBOS, G. R. (org.) Dicionário de Psicologia da American Psychological Association. Porto Alegre: Artmed, 2010. 1040 p.

VAZ, H. C. L. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 275 p.

VEACH, T. L.; CHAPPEL, J. N. Measuring spiritual health: a preliminary study. **Substance Abuse**, v. 13, n. 3, p. 139-147, 1992.

VENEGAS, M. E.; ALVARADO, O. S.; BARRIGA, O. Validation of Collett-Lester's Fear of Death Scale in a sample of nursing students. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, p. 1171-1180, 2011.

VOLTMER, E. et al. Religiosity/Spirituality of German Doctors in Private Practice and Likelihood of Addressing R/S Issues with Patients. **Journal of Religion and Health**, New York. Disponível em: http://download.springer.com/static/pdf/948/art%253A10.1007%252Fs10943-013-9776-0.pdf?auth66=1384621875_b463df53fa6ad62b6835948aeb8bd227&ext=.pdf, Acessado em: 14 nov. 2013.

WACHHOLTZ, A. B.; PEARCE, M. J. Does spirituality as a coping mechanism help or hinder coping with chronic pain? **Current Pain and Headache Reports**, Philadelphia, v. 13, n. 2, p. 127-132, 2009.

WATTS, A. W. Mitologia ocidental: dissolução e transformação. In: CAMPBELL, J. (org.) **Mitos, Sonhos e Religião nas artes, na filosofia e na vida contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 192 p.

WILDER, A. N. Mito e sonho na Escritura Cristã. In: CAMPBELL, J. (org.) **Mitos, Sonhos e Religião nas artes, na filosofia e na vida contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 192 p.

WHOQOL SRPB Group. A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. **Social Science & Medicine**, Philadelphia, v. 62, p. 1486-1497, 2006.

WIECH, K. et al. An fMRI study measuring analgesia enhanced by religion as a belief system. **Pain**, Amsterdam, v. 139, n. 2, p. 467-476, 2008.

WINTER-PFÄNDLER, U.; MORGENTHALER, C. Who needs chaplain's visitation in general hospitals? Assessing patients with psychosocial and religious needs. **Journal of Pastoral Care & Counseling**, v. 65, n. 1-2, p. 1-9, 2011.

WOJTYLA, K. **Relações entre Fé e Razão**. 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_15101998_fides-et-ratio_po.html>. Acesso: 24 abr. 2014.

WOODHEAD, L. **An Introduction to Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 449 p.

YALOM, I. **De frente para o sol: como superar o terror da morte**. Trad. Daniel Lembo Schiller. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

YONG, J. et al. Development and validation of a scale assessing spiritual needs for Korean patients with cancer. **Journal of Palliative Care**, Montreal, v. 24, n. 4, p.240-246, 2008.

YOUTUBE [s.d.]. Disponível em: <<http://www.youtube.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

ZENGER, E. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 561 p.

Apêndices

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESCLARECIMENTO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa de doutorado chamada “Dor do existir e as Religiões”, sendo o nosso objetivo verificar como a dor do existir, ou seja, a dor diante da ideia de morte é entendida de acordo com as diferentes religiões. Sua participação é muito importante para a condução da pesquisa, para isso você deverá responder a uma entrevista semi-estruturada, em que serão perguntadas algumas ideias gerais sobre a existência humana. Após a entrevista há um instrumento contendo afirmativas sobre a morte em que você deverá assinalar a resposta que julga correta. Esse procedimento mostrará as afirmativas de maior e de menor atribuição na caracterização dessa dor e o quanto cada uma é mais ou menos adequada para descrevê-la.

Gostaríamos de esclarecer que, não há desconforto ou riscos na realização desses procedimentos, e o benefício será uma maior compreensão desse processo, para que possamos atuar adequadamente no alívio da dor humana. Não haverá gastos por parte do participante da pesquisa, assim como qualquer forma de indenização por parte dos pesquisadores, e você tem liberdade para desistir, retirando seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo. Garantimos que será mantido o respeito e o sigilo, ou seja, o seu nome ou qualquer dado que possa identificá-lo, não aparecerá no trabalho escrito ou publicado em revistas da área.

CONSENTIMENTO APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, residente em _____, por livre e espontânea vontade, aceito participar desta pesquisa e permito que, as informações que prestarei sejam utilizadas para o desenvolvimento da mesma. Declaro que, estou ciente dos objetivos e compreendi as informações dadas pelo pesquisador.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Fátima Ap. Emm Faleiros Sousa (Pesquisador responsável)

Simone Saltareli

Discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP.

Contato – (16) 9705-3768

APÊNDICE II

INSTRUMENTO COM BASE NA LITERATURA E NAS ESCALAS

Nome: _____ Idade: _____ anos

Sexo: () Masculino () Feminino

INSTRUÇÕES: Com este instrumento temos o objetivo de investigar como você acredita e entende a relação do ser humano com a ideia da morte.

A tarefa a ser realizada é fácil e não há certo ou errado nos julgamentos que você irá fazer, portanto, o que nos importa é a sua opinião seja ela qual for. Sua participação será valiosa para a realização dessa pesquisa e você estará colaborando para o avanço dos conhecimentos.

Para responder a este instrumento você deve analisar cada afirmativa de acordo com aquilo que acredita. Você deve dar uma nota que demonstre o quanto você concorda com cada afirmação. Para isso, você deverá utilizar a escala numérica abaixo de cada afirmação da seguinte forma: quanto menos você concordar, menor deve ser a nota assinalada, ou seja, mais próxima de 0 (zero). Da mesma forma, quanto mais você concorda, maior deve ser a nota assinalada, ou seja, mais próxima de 10 (dez). Todas as notas entre 0 (zero) e 10 (dez) podem ser assinaladas, mas você deve escolher apenas uma nota que mostre o quanto você concorda com cada afirmação, não deixando de utilizar, quando for o caso, as notas intermediárias, ou seja, de 1 (um) a 9 (nove).

- 1 – O medo da morte pode ser entendido como um reflexo direto ou indireto na produção de sintomas, sejam estes físicos, mentais ou espirituais.
- 2- O sofrimento do ser humano está relacionado com o medo da morte.
- 3- O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte.
- 4- Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino.
- 5- Apesar das defesas que criamos, nunca conseguimos nos desvencilhar da angústia de morte.
- 6- Apesar da concretude da morte nos destruir, e idéia de morte nos salva.
- 7- A morte pode ser considerada como a perda do futuro (o que ainda poderíamos viver) ou como a perda do passado (de tudo o que vivemos desaparecerá).
- 8- A morte faz com que as pessoas consigam descobrir a falta de sentido para o sofrimento do ser humano. Se vamos morrer, não existe sentido em sofrer.
- 9- O medo de morrer pode surgir como substituto pra outro processo psicológico. Por si só, a morte não causa angústia.

- 10- A angústia de morte é oculta. As pessoas não percebem que sentem essa angústia.
- 11- A angústia a respeito de nada, da falta de sentido na vida, é na verdade angústia de morte.
- 12- A consciência de morte pode servir como uma experiência reveladora, algo que faz com que as pessoas consigam fazer grandes mudanças na vida.
- 13- As experiências reveladoras, que produzem mudanças na vida das pessoas podem acontecer apenas diante da confrontação com a morte.
- 14- Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem.
- 15- Filosofar é se preparar para a morte.
- 16- É apenas perante a morte que o caráter de um homem nasce.
- 17- Diante da morte é possível que o ser humano perceba a diferença entre o ter e o ser.
- 18- Apenas no momento da morte é que algumas pessoas conseguem encontrar melhores formas de viver.
- 19- O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameace sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas.
- 20- A morte é assustadora.
- 21- A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?
- 22- Uma confrontação com a morte causa angústia, mas tem o potencial de enriquecer muito a vida.
- 23- A raiz do sofrimento humano pode ser considerada o medo da morte.
- 24- A religiosidade excessiva pode ser considerada angústia de morte.
- 25- Boas ações acompanham as pessoas até a morte e tem efeitos nas gerações seguintes.
- 26- Pensamentos podem ajudar a superar a angústia de morte.
- 27- Você, e apenas você é responsável pelos aspectos cruciais de sua situação de vida.
- 28 - O que não me mata, me fortalece.
- 29- É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino.
- 30- A história e a mitologia são repletas de tentativas humanas de aliviar o isolamento da morte.
- 31- Se vamos morrer, pensamos no por que ou como devemos viver.
- 32- Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte.
- 33- O desejo de submissão está no cerne das religiões.
- 34- O estado de morte pode ser comparado com a inexistência de antes do nascimento.
- 35 - É necessário que a religião proporcione uma bússola moral.
- 36- Enfrentar a morte afasta a amargura.
- 37- Nós humanos somos as únicas criaturas para as quais a existência é o problema.
- 38- Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade.
- 39- A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte.
- 40- O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível.
- 41- A morte nos liberta da estupidez do corpo.
- 42- É necessário confrontar a morte, como fazemos com os outros medos.
- 43- A morte é dolorosa demais para ser suportada.
- 44- A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte.

-
- 45- Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir.
- 46 - Encarando e aceitando a realidade de nossa própria morte, poderemos alcançar a paz, tanto a paz interior, quanto a paz entre as nações.
- 47 - Eu não encontro muita satisfação em uma oração privada com Deus.
- 48 - Eu não sei quem sou, de onde venho ou para onde vou.
- 49 - Eu acredito que Deus me ama e se importa comigo.
- 50 - Eu sinto que a vida é uma experiência positiva.
- 51 - Eu acredito que Deus é impessoal e não está interessado nas minhas situações diárias.
- 52 - Eu me sinto intranquilo sobre o meu futuro.
- 53 - Eu tenho uma relação pessoal significativa com Deus.
- 54 - Eu me sinto realizado e satisfeito com a vida.
- 55 - Eu não recebo muita força pessoal e apoio do meu Deus.
- 56 - Eu tenho um sentimento de bem-estar em relação à direção em que a minha vida está encaminhada.
- 57 - Eu acredito que Deus está preocupado com meus problemas.
- 58 - Eu não tenho muita satisfação em minha vida.
- 59 - Eu não tenho uma relação pessoal satisfatória com Deus.
- 60 - Eu me sinto bem em relação ao meu futuro.
- 61 - Meu relacionamento com Deus me ajuda a não me sentir sozinho.
- 62 - Eu sinto que a vida é cheia de conflitos e infelicidade.
- 63 - Eu me sinto mais realizado quando estou em plena comunhão com Deus.
- 64 - A vida não tem muito significado.
- 65 - A minha relação com Deus contribui para a minha sensação de bem-estar.
- 66 - Eu acredito que há um sentido real para a minha vida.
- 67 - Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso?
- 68 - Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?
- 69 - Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).
- 70 - As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.
- 71 - Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.
- 72 - Orei pelo bem-estar de outros.
- 73 - Procurei o amor e a proteção de Deus.
- 74 - Pedi a ajuda de Deus para perdoar outras pessoas.
- 75 - Revoltei-me contra Deus e seus desígnios.
- 76 - Procurei uma ligação maior com Deus.
- 77 - Questionei o amor de Deus por mim.
- 78 - Não fiz muito, apenas esperei que Deus resolvesse meus problemas por mim.
- 79 - Procurei uma casa religiosa ou de oração.
- 80 - Imaginei se o mal tinha algo a ver com essa situação.
- 81 - Procurei trabalhar pelo bem-estar social.
- 82 - Supliquei a Deus para fazer tudo dar certo.
- 83 - Busquei proteção e orientação de entidades espirituais (santos, espíritos, orixás, etc).
- 84 - Procurei em Deus força, apoio e orientação.
- 85 - Tentei me juntar com outros que tivessem a mesma fé que eu.
- 86 - Senti insatisfação com os representantes religiosos de minha instituição.

-
- 87 - Li livros de ensinamentos espirituais/religiosos para entender e lidar com a situação.
- 88 - Pedi a Deus que me ajudasse a encontrar um novo propósito na vida.
- 89 - Tive dificuldades para receber conforto de minhas crenças religiosas.
- 90 - Procurei por amor e cuidado com os membros de minha instituição religiosa.
- 91 - Tentei parar de pensar em meus problemas, pensando em Deus.
- 92 - Fui a um templo religioso.
- 93 - Fiz o melhor que pude e entreguei a situação a Deus.
- 94 - Fiquei imaginando se Deus estava me castigando pela minha falta de fé.
- 95 - Pratiquei atos de caridade moral e/ou material.
- 96 - Senti que Deus estava atuando junto comigo.
- 97 - Roguei a Deus para que as coisas ficassem bem.
- 98 - Pensei em questões espirituais para desviar minha atenção dos meus problemas.
- 99 - Através da religião entendi porque sofria e procurei modificar meus atos para melhorar a situação.
- 100 - Procurei me aconselhar com meu guia espiritual superior (anjo da guarda, mentor, etc).
- 101 - Voltei-me a Deus para encontrar uma nova direção de vida.
- 102 - Tentei proporcionar conforto espiritual a outras pessoas.
- 103 - Fiquei imaginando se Deus tinha me abandonado.
- 104 - Pedi para Deus me ajudar a ser melhor e errar menos.
- 105 - Pensei que o acontecido poderia me aproximar mais de Deus.
- 106 - Não tentei lidar com a situação, apenas esperei que Deus levasse minhas preocupações embora.
- 107 - Senti que o mal estava tentando me afastar de Deus.
- 108 - Entreguei a situação para Deus depois de fazer tudo que podia.
- 109 - Orei para descobrir o objetivo de minha vida.
- 110 - Realizei atos ou ritos espirituais (qualquer ação especificamente relacionada com sua crença: sinal da cruz, confissão, jejum, rituais de purificação, citação de provérbios, entoação de mantras, psicografia, etc.).
- 111 - Agi em colaboração com Deus para resolver meus problemas.
- 112 - Imaginei se minha instituição religiosa tinha me abandonado.
- 113 - Focalizei meu pensamento na religião para parar de me preocupar com meus problemas.
- 114 - Procurei por um total re-despertar espiritual.
- 115 - Procurei apoio espiritual com os dirigentes de minha comunidade religiosa.
- 116 - Rezei por um milagre.
- 117 - Segui conselhos espirituais com vistas a melhorar física ou psicologicamente.
- 118 - Confiei que Deus estava comigo.
- 119 - Busquei ajuda espiritual para superar meus ressentimentos e mágoas.
- 120 - Procurei a misericórdia de Deus.
- 121 - Pensei que Deus não existia.
- 122 - Questionei se até Deus tem limites.
- 123 - Assisti a programas ou filmes religiosos ou dedicados à espiritualidade.
- 124 - Convenci-me que forças do mal atuaram para tudo isso acontecer.
- 125 - Busquei ajuda ou conforto na literatura religiosa.
- 126 - Ofereci apoio espiritual a minha família, amigos...
- 127 - Pedi perdão pelos meus erros.
- 128 - Participei de sessões de cura espiritual.
- 129 - Agi em parceria com Deus, colaborando com Ele.

- 130 - Imaginei se Deus permitiu que isso me acontecesse por causa dos meus erros.
- 131 - Assisti cultos ou sessões religiosas/espirituais.
- 132 - Tentei fazer o melhor que podia e deixei Deus fazer o resto.
- 133 - Envolvi-me voluntariamente em atividades pelo bem do próximo.
- 134 - Ouvi e/ou cantei músicas religiosas.
- 135 - Sabia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle.
- 136 - Avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos.
- 137 - Recebi ajuda através de imposição das mãos (passes, rezas, bênçãos, magnetismo, reiki, etc.).
- 138 - Procurei auxílio através da meditação.
- 139 - Procurei ou realizei tratamentos espirituais.
- 140 - Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus.
- 141 - Tentei encontrar um ensinamento de Deus no que aconteceu.
- 142 - Tentei construir uma forte relação com um poder superior.
- 143 - Comprei ou assinei revistas periódicas que falavam sobre Deus e questões espirituais.
- 144 - Senti que meu grupo religioso parecia estar me rejeitando ou me ignorando.
- 145 - Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais.
- 146 - Montei um local de oração em minha casa.
- 147 - Tentei lidar com meus sentimentos sem pedir a ajuda de Deus.
- 148 - Procurei auxílio nos livros sagrados.
- 149 - Imaginei o que teria feito para Deus me punir.
- 150 - Tentei mudar meu caminho de vida e seguir um novo – o caminho de Deus.
- 152 - Procurei conversar com meu eu superior.
- 153 - Voltei-me para a espiritualidade.
- 154 - Busquei ajuda de Deus para livrar-me de meus sentimentos ruins/negativos.
- 155 - Culpei Deus pela situação, por ter deixado acontecer.
- 156 - Questionei se Deus realmente se importava.
- 157 - Orei individualmente e fiz aquilo com que mais me identificava espiritualmente.
- 158 - Refleti se não estava indo contra as leis de Deus e tentei modificar minha atitude.
- 159 - Busquei uma casa de Deus.
- 160 - In the future, science will be able to explain everything.
- 161 - I can find meaning in times of hardship.
- 162 - A person can be fulfilled without pursuing an active spiritual life.
- 163 - I am thankful for all that has happened to me.
- 164 - Spiritual activities have not helped me become closer to other people.
- 165 - Some experiences can be understood only through one's spiritual beliefs.
- 166 - A spiritual force influences the events in my life.
- 167 - My life has a purpose.
- 168 - Prayers do not really change what happens.
- 169 - Participating in spiritual activities helps me forgive other people.
- 170 - My spiritual beliefs continue to evolve.
- 171 - I believe there is a power greater than myself.
- 172 - I probably will not reexamine my spiritual beliefs.
- 173 - My spiritual life fulfills me in ways that material possessions do not.
- 174 - Spiritual activities have not helped me develop my identity.
- 175 - Meditation does not help me feel more in touch with my inner spirit.
- 176 - I have a personal relationship with a power greater than myself.

- 177 - I have felt pressured to accept spiritual beliefs that I do not agree with.
- 178 - Spiritual activities help me draw closer to a power greater than myself.
- 179 - When I wrong someone, I make an effort to apologize.
- 180 - When I am ashamed of something I have done, I tell.
- 181 - I solve my problems without using spiritual resources.
- 182 - I examine my actions to see if they reflect my values.
- 183 - During the last WEEK, I prayed.
- 184 - During the last WEEK, I meditated.
- 185 - Last MONTH, I participated in spiritual activities with at least one other person.
- 186 - Discuss spiritual matters.
- 187 - Share issues of living according to spiritual beliefs.
- 188 - Read spiritually-related material.
- 189 - Engage in prayer or meditation.
- 190 - Forgiveness is important.
- 191 - Need guidance to make spiritual decisions.
- 192 - Spirituality is a significant part of my life.
- 193 - Feel close to God or a higher power.
- 194 - Spiritual views have influence on my life.
- 195 - Spirituality answers question about meaning.
- 196 - I feel God's presence.
- 197 - I experience a connection to all of life.
- 198 - During worship, or at other times when connecting with God, I feel joy which lifts me out of my daily concerns.
- 199 - I find strength in my religion or spirituality.
- 200 - I find comfort in my religion or spirituality.
- 201 - I feel deep inner peace or harmony.
- 202 - I ask for God's help in the midst of daily activities.
- 203 - I feel guided by God in the midst of daily activities.
- 204 - I feel God's love for me directly.
- 205 - I feel God's love for me through others.
- 206 - I am spiritually touched by the beauty of creation.
- 207 - I feel thankful for my blessings.
- 208 - I feel a selfless caring for others.
- 209 - I accept others even when they do things I think are wrong.
- 210 - I desire to be closer to God or in union with the divine.
- 211 - In general, how close do you feel to God?
- 212 - How strongly religious (or spiritually-oriented) do you consider yourself to be?
- 213 - About how often do you spend time on religious or spiritual practices?
- 214 - How often have you felt as though you were very close to a powerful spiritual force?
- 215 - How close do you feel to God?
- 216 - Have you ever had an experience that has convinced you that God exists?
- 217 - Indicate whether you agree or disagree with this statement: "God dwells within you."
- 218 - The following list describes spiritual experiences that some people have had. Indicate if you have had any of these experiences and the extent to which each of them has affected your belief in God.
- 219 - I consciously try to follow Jesus.
- 220 - I repent after I sin.
- 221 - I cultivate poverty of spirit before God.

- 222 - I find ways to love God. Nota:
- 223 - I trust God.
- 224 - I thirst for God.
- 225 - I express gratitude to God.
- 226 - I've had experiences of feeling close to God.
- 227 - I do something every day to nurture my relationship with God.
- 228 - Spiritual practices are becoming increasingly important to me.
- 229 - I read the Bible and let it guide me.
- 230 - I read other literature (devotional material, novels, history, news, poetry, theology, etc.) to better understand the interaction of faith and culture.
- 231 - I pray regularly.
- 232 - I observe Sabbath rest every week (it does not have to be on Sunday).
- 233 - I have a sense of how God works in my life.
- 234 - I pay attention to my deepest longings and joys.
- 235 - I believe that my life has a purpose or a mission.
- 236 - I have a fairly good idea what this purpose or mission is.
- 237 - I let this purpose or mission guide the decisions I make.
- 238 - My daily life is a source of satisfaction to me.
- 239 - I have hope for the future.
- 240 - I forgive myself.
- 241 - Deep inside, I feel loved.
- 242 - I know that some things are mysterious, beyond my ability to understand.
- 243 - I have a spiritual "sixth sense" that I've learned to use.
- 244 - I see problems as opportunities for growth.
- 245 - I know my limitations.
- 246 - I accept my limitations.
- 247 - I have effective ways to cope with stress.
- 248 - I honor my body as a dwelling place of the Holy Spirit.
- 249 - I participate regularly in the life of a local congregation.
- 250 - I participate in at least one small group of Christians beyond my household.
- 251 - I have at least several Christian friends who hold me accountable.
- 252 - I try to forgive others when they wrong me.
- 253 - I find ways to offer mercy to other people.
- 254 - I find ways to express compassion for people who suffer.
- 255 - I tell the truth.
- 256 - I pray for other people.
- 257 - I'm aware of God's presence in my interactions with other people.
- 258 - I generously share things with other people.
- 259 - I find ways to love others, even if they hate me.
- 260 - I allow my concern for others to grow.
- 261 - I practice hospitality.
- 262 - I follow Christ in discipleship even if other people attack me.
- 263 - I share my passion for God with people who are not active Christians.
- 264 - I try to recognize what God might be doing in my household or family.
- 265 - I try to recognize what God might be doing in the life of my congregation.
- 266 - I try to recognize God's activity in the work I do during the day.
- 267 - I try to recognize what God might be doing in my local community.
- 268 - I try to recognize what God might be doing in the relationships between my ethnic group and other ethnic groups.
- 269 - I try to recognize what God might be doing in the nation I live in.

- 270 - I try to recognize what God might be doing in international politics.
- 271 - I recognize that evil is sometimes systemic.
- 272 - I find ways to offer justice to others.
- 273 - I give generously to God via charitable organizations.
- 274 - I respond to materialism with simple living.
- 275 - I invest my resources in socially responsible ways.
- 276 - I understand how my economic choices can affect others in the world.
- 277 - In conflict, I seek peaceful solutions rather than violent solutions.
- 278 - I'm in regular contact with someone who is not Christian (such as a Jew, Muslim, Buddhist, Hindu, atheist or agnostic).
- 279 - I understand that my body, mind, and spirit are part of God's good creation.
- 280 - I see God's goodness in other parts of creation.
- 281 - I appreciate the beauty of creation.
- 282 - I see God's glory reflected in creation.
- 283 - I have ways of caring for God's creation.
- 284 - I know basic scientific information about the natural world.
- 285 - I recognize that other parts of the ecosystem give glory to God.
- 286 - I take action to reduce my negative impact on our environment.
- 287 - I help to nurture the life of at least one plant or living creature.
- 288 - I know by name some of the plants and animals in my own neighborhood.
- 289 - I understand what role God has for me in the larger scheme of creation.
- 290 - I have favorite places in creation I belong to and that make me feel whole.
- 291 - I recognize signs of environmental harm when I see them.
- 292 - I expect God to achieve the final redemption of creation.
- 293 - I share my passion for creation with others.
- 294 - I am searching for an access to spirituality/religiosity.
- 295 - I am convinced that finding access to a spiritual source can have a positive influence on my illness.
- 296 - In my opinion, I am a spiritual individual.
- 297 - It urges me on to spiritual or religious insight, whether it diminishes my difficulties in life or not.
- 298 - My illness has brought me a renewed interest in spiritual or religious questions.
- 299 - Whatever happens, I trust in a higher power which carries me through.
- 300 - In my opinion, I am a religious individual.
- 301 - I have faith in the spiritual guidance in my life.
- 302 - I am convinced that death is not an end.
- 303 - In my mind I am connected with a "higher source".
- 304 - My illness encourages me to get to know myself better.
- 305 - Because of my illness, I reflect on what is essential in my life.
- 306 - Something that happens to me is a stimulus that I should change my life.
- 307 - My illness is a chance for my own development.
- 308 - I am convinced that my illness has meaning.
- 309 - É importante, para mim, passar tempo com pensamentos espirituais particulares e meditações.
- 310 - Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas.
- 311 - As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais.
- 312 - Eu gosto de ler sobre minha espiritualidade e/ou minha religião.

- 313 - A espiritualidade ajuda a manter minha vida estável e equilibrada, da mesma forma que a minha cidadania, amizades e sociedade o fazem.
- 314 - Minha vida toda é baseada em minha espiritualidade.
- 315 - My beliefs give me a sense of peace.
- 316 - My beliefs help me to know everything will be fine.
- 317 - My beliefs give meaning to my life.
- 318 - My beliefs help me to be relaxed.
- 319 - My beliefs help me feel protected.
- 320 - My beliefs help me to feel I am not alone.
- 321 - My beliefs help me feel I have a relationship or a connection with a higher form of being.
- 322 - My beliefs help me be less afraid of death.
- 323 - I believe my soul will live on in some form after my body dies.
- 324 - I believe God created all things in the universe.
- 325 - God will not turn his back on me no matter what I do.
- 326 - When I am ill, God gives me courage to cope with my illness.
- 327 - When I am ill, God will answer my prayers for a recovery.
- 328 - My beliefs are very influential in my recovery when I am ill.
- 329 - When I am ill, my faith gives me optimism that I will recover.
- 330 - I attend religious services.
- 331 - I participate in religious rituals.
- 332 - I pray or meditate to get in touch with God.
- 333 - I discuss my beliefs with others who share my belief.
- 334 - My beliefs give me a set of rules I must obey.
- 335 - My beliefs teach me to help other people who are in need.
- 336 - My beliefs help me feel compassion/love/respect for others.
- 337 - I have a responsibility to help others.
- 338 - My beliefs increase my acceptance and tolerance of others.
- 339 - I feel I am connected to all humanity.
- 340 - I am a spiritual person.
- 341 - I believe I have a spirit or soul that can survive my death.
- 342 - I believe in a personal God.
- 343 - I believe meditation has value.
- 344 - I believe God is an all pervading presence.
- 345 - I believe what happens after I die is determined by how I have lived my life.
- 346 - I believe there are forces for evil in the Universe.
- 347 - Although I cannot always understand, I believe everything happens for a reason.
- 348 - I believe human physical contact can be a spiritual experience.
- 349 - I feel most at one with the world when surrounded by nature.
- 350 - I believe in life after death.
- 351 - I am a religious person.
- 352 - Religious ceremonies are important to me.
- 353 - I believe life is planned out for me.
- 354 - I believe God is a life force.
- 355 - At least once in my life, I have had an intense spiritual experience.
- 356 - I believe that there is a heaven.
- 357 - I believe the human spirit is immortal.
- 358 - I believe prayer has value.
- 359 - I believe there is a God.
- 360 - My spirituality gives me a feeling of fulfillment.

- 361 - I maintain an inner awareness of God's presence in my life.
- 362 - Even when I experience problems, I can find a spiritual peace within.
- 363 - I try to strengthen my relationship with God.
- 364 - Maintaining my spirituality is a priority for me.
- 365 - God helps me to rise above my immediate circumstances.
- 366 - My spirituality helps me to understand my life's purpose.
- 367 - I experience a deep communication with God.
- 368 - There is not much I can do to help myself.
- 369 - Often, there is no way I can complete what I have started.
- 370 - I can't begin to understand my problems.
- 371 - I am overwhelmed when I have personal difficulties and problems.
- 372 - I don't know how to begin to solve my problems.
- 373 - There is not much I can do to make a difference in my life.
- 374 - I haven't found my life's purpose yet.
- 375 - I don't know who I am, where I came from, or where I am going.
- 376 - I have a lack of purpose in my life.
- 377 - In this world, I don't know where I fit in.
- 378 - I am far from understanding the meaning of life.
- 379 - There is a great void in my life at this time.
- 380 - Religion is important in my day-to-day life.
- 381 - Prayer or meditation has helped me cope during times of serious illness.
- 382 - I enjoy attending religious functions held by my religious or spiritual group.
- 383 - I feel certain that God in some form exists.
- 384 - When I need suggestions on how to deal with problems, I know someone in my religious or spiritual community that I can turn to.
- 385 - I believe God will not give me a burden I can not carry.
- 386 - I enjoy meeting or talking often with people who share my religious or spiritual beliefs.
- 387 - During times of illness, my religious or spiritual beliefs have been strengthened.
- 388 - When I feel lonely, I rely on people who share my spiritual or religious beliefs for support.
- 389 - I have experienced a sense of hope as a result of my religious or spiritual beliefs.
- 390 - I have experienced peace of mind through my prayers and meditation.
- 391 - One's life and death follows a plan from God.
- 392 - I seek out people in my religious or spiritual community when I need help.
- 393 - I believe God protects me from harm.
- 394 - I pray for help during bad times.
- 395 - I have an inner resource from my spiritual relationship with God that helps me face.
- 396 - I experience the love and caring of God on a regular basis.
- 397 - I often sense a secure unification with God at my heart.
- 398 - Care from God provides me with peace and contentment in uncertainty.
- 399 - I have experienced a close personal relationship with God.
- 400 - My profound love for God has encouraged me to survive difficulty and distress.
- 401 - I have received spiritual support from my religious or spiritual association.
- 402 - My religious or spiritual faith has guided me through the time of difficulty.
- 403 - I have been inspired by my religious or spiritual faith in the face of distress.
- 404 - My religious or spiritual faith has helped me cope during the time of difficulty.
- 405 - I have gained inner strength from my religious or spiritual faith in the face of distress.

-
- 406 - My religious or spiritual faith has provided me with comfort in uncertainty.
 - 407 - Keep much of my life the same even though I'm sick.
 - 408 - Have information about my care.
 - 409 - Sing/ listen to inspirational music.
 - 410 - Laugh.
 - 411 - Think back over my life.
 - 412 - Read a religious text (for example: Bible, Koran, Old Testament).
 - 413 - Be with family.
 - 414 - Be with friends.
 - 415 - Talk with someone about spiritual issues.
 - 416 - Have information about family and friends.
 - 417 - Do as much for myself as possible.
 - 418 - Read inspirational materials.
 - 419 - Use inspirational materials (for example: repeating or living by phrases or poems).
 - 420 - Take one day at a time.
 - 421 - Help care for others.
 - 422 - Finish life tasks (for example: accomplish goals set for self).
 - 423 - Be around children (own or other's children).
 - 424 - Have input into decisions about my life.
 - 425 - Be with people who share my spiritual beliefs.
 - 426 - Pray.
 - 427 - Go to religious services.
 - 428 - Resolve bitter feelings.
 - 429 - Think happy thoughts.
 - 430 - Talk about day-to-day things.
 - 431 - See smiles of others.
 - 432 - Enjoy nature (see outside, be outside, enjoy flowers, trees).
 - 433 - Use phrases from a religious text (for example: using phrases to guide you each day such as "Great is He, that is in me, than He that is in the world").
 - 434 - Keep a positive outlook.
 - 435 - Have hope that I/my loved one will get well.
 - 436 - Count my blessings.
 - 437 - Tell others about the good things in my life.
 - 438 - Have faith within myself.
 - 439 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
 - 440 - Get right with God.
 - 441 - Believe that God has healed or will heal me/my loved one.
 - 442 - Remember how God has guided or helped me/my loved one.
 - 443 - Feel that there is a God out there looking after me/my loved one.
 - 444 - Know God's will.
 - 445 - Accept that God is in control of my/my loved one's illness.
 - 446 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
 - 447 - Make the world a better place.
 - 448 - Return others' kindnesses.
 - 449 - Protect my family (including my ill loved one) from seeing me suffer.
 - 450 - Try to help others.
 - 451 - Get right with others (e.g., forgive or be forgiven).
 - 452 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
 - 453 - Become more comfortable about receiving care from other people.
 - 454 - Know that others are praying or thinking positive thoughts for me/my loved one.

- 455 - Be appreciated by others.
- 456 - Be with others I consider to be family.
- 457 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
- 458 - Review what I believe.
- 459 - Think about whether my beliefs about God are correct.
- 460 - Ask "why?" questions (e.g., Why me/us? Or why not me/us? Or why did I/we deserve this?).
- 461 - Think about what it means to live spiritually (e.g., to have faith, to forgive).
- 462 - Think about the unfairness of what has been happening.
- 463 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
- 464 - Reevaluate my life.
- 465 - Find helpful explanations for why this illness happened to me/my loved one.
- 466 - Realize that there are other people who are worse off than me/my loved one.
- 467 - Get beyond asking "why me/us?"
- 468 - Try to make life count.
- 469 - Sense that there is a reason for me/my loved one being alive now.
- 470 - Become aware of positive things that have come with my/my loved one's illness.
- 471 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
- 472 - Receive prayer or a religious ritual (e.g., communion) from a religious leader.
- 473 - Attend a spiritual meeting or religious service (e.g., at a church, mosque, or temple).
- 474 - Listen to religious programs or music on television or radio.
- 475 - Pray privately.
- 476 - Read scripture or other materials that nurture my spirit.
- 477 - Have quiet time to reflect or meditate.
- 478 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
- 479 - Make sure my/my loved one's personal business is in order.
- 480 - Balance thought about my/my loved one's dying with hoping for health.
- 481 - Know that there will be a purpose for my loved one's death, whenever it happens.
- 482 - Think about what happens after death in the afterlife.
- 483 - Have my/my loved one's nurse help me satisfy these spiritual interests.
- 484 - Pray with someone.
- 485 - Pray for yourself.
- 486 - Someone prays for you.
- 487 - Participate at a religious ceremony (i.e. service).
- 488 - Read religious / spiritual books.
- 489 - Turn to a higher presence (i.e. God. angels ...).
- 490 - Dwell at a place of quietness and peace.
- 491 - Talk with others about my fears and worries.
- 492 - Find inner peace.
- 493 - Plunge into beauty of nature.
- 494 - Higher devotion by others.
- 495 - Reflect your previous life.
- 496 - Talk with someone about the question of meaning in life.
- 497 - Dissolve open aspects of your life.
- 498 - Find meaning in illness and/or suffering.
- 499 - Talk with someone about the possibility of life after death.
- 500 - Give away something from yourself.
- 501 - Solace someone.
- 502 - Turn to someone in a loving attitude.

- 503 - Being complete and safe.
- 504 - Be forgive.
- 505 - Have Life Goals.
- 506 - Feel Good About Self.
- 507 - General Sense of Belonging.
- 508 - Life Has Meaning/Purpose.
- 509 - Rely on Inner Strength.
- 510 - Have Inner Strength.
- 511 - Enjoy Serving Others.
- 512 - Found Inner Strength in Struggle.
- 513 - Sense of Balance in Life.
- 514 - Fulfillment in Life.
- 515 - I Have Ability to Rise Above Conditions.
- 516 - Trust When Discouraged.
- 517 - Kinship To Other People.
- 518 - Innerness Helps When Uncertain.
- 519 - Life Meaning Provides Peace.
- 520 - Reconciling Relationships is Important.
- 521 - Sense of Harmony/Inner Peace.
- 522 - Inner Strength Related to High. Power/Sup. Being.
- 523 - Inner Spiritual Guidance.
- 524 - Concerned with Environment.
- 525 - Responsible to Preserve Planet.
- 526 - Connected To All of Life.
- 527 - I Am Able to Forgive.
- 528 - Feel A Part of Community.
- 529 - Ability to Self Heal.
- 530 - Ideas of Universe Extend Beyond Norm.
- 531 - Peace In Moments of Devastation.
- 532 - Rise Above Change or Loss in Body.
- 533 - My feelings of spirituality add meaning to the events in my life.
- 534 - My spirituality helps define the goals I set for myself.
- 535 - My spiritual beliefs give my life a sense of significance and purpose.
- 536 - Looking at the most troubling or confusing events from a spiritual perspective adds meaning to my life.
- 537 - When I am disconnected from the spiritual dimension in my life, I lose my sense of purpose.
- 538 - Without a sense of spirituality, my daily life would be meaningless.
- 539 - What I try to do in my day-to-day life is important to me from a spiritual point of view.
- 540 - Knowing I am part of something greater than myself adds meaning to my life.
- 541 - My spiritual beliefs give meaning to my life's joys and sorrows.
- 542 - When I lose touch with God, I have a harder time feeling there is purpose and meaning in life.
- 543 - My religious beliefs help me find a purpose in even the most painful and confusing events in my life.
- 544 - The goals of my life grow out of my understanding of God.
- 545 - God plays a role in how I choose my path in life.
- 546 - My purpose in life reflects what I believe God wants for me.
- 547 - My relationship with God helps me find meaning the ups and downs of life.

- 548 - My mission in life is guided/shaped by my faith in God.
- 549 - I am trying to fulfill my God-given purpose in life.
- 550 - My life is significant because I am part of God's plan.
- 551 - Without my religious foundation, my life would be meaningless.
- 552 - The meaning in my life comes from feeling connected to other living things.
- 553 - I feel that stressful situations are God's way of punishing me for my sins or lack of spirituality.
- 554 - I believe there are times when God punished me.
- 555 - I often feel that no matter what I do now I will never make up for the mistakes I have made in the past.
- 556 - I wonder whether God has abandoned me.
- 557 - I often feel like I have failed to lead the right kind of life.
- 558 - If I hear a sermon, I usually think about things I have done wrong.
- 559 - I feel at home in this church/synagogue.
- 560 - How well do you feel you fit in your church/synagogue?
- 561 - If I had to change churches/synagogues, I would feel a great sense of loss.
- 562 - The church/synagogue matters a great deal to me.
- 563 - How often do you attend religious services?
- 564 - Besides religious services, how often do you take part in other activities at a place of worship?
- 565 - To what extent do you consider yourself a religious person?
- 566 - How often do you read the Bible or other religious literature?
- 567 - How often do you watch or listen to religious programs on TV or radio?
- 568 - How often are prayers or grace said before or after meals in your home?
- 569 - I try hard to carry my religious beliefs over into all my other dealings in life.
- 570 - I experience a connection to all life.
- 571 - The beauty of creation spiritually touches me.
- 572 - I feel deep inner peace or harmony.
- 573 - I feel thankful for my blessings.
- 574 - I feel a selfless caring for others.
- 575 - I find comfort in my religion or spirituality.
- 576 - I find strength in my religion or spirituality.
- 577 - I feel God's presence.
- 578 - I accept others even when they do things I think are wrong.
- 579 - During worship, or at other times when connecting with God, I feel joy which lifts me out of my daily concerns.
- 580 - I ask for God's help in the midst of daily activities.
- 581 - I feel guided by God in the midst of daily activities.
- 582 - To what extent do you consider yourself a spiritual person?
- 583 - I feel God's love for me through others.
- 584 - I feel God's love for me directly.
- 585 - I question whether God really exists.
- 586 - God's goodness and love are greater than we can possibly imagine.
- 587 - When I am faced with a tragic event I try to remember that God still loves me and that there is hope for the future.
- 588 - I try to make sense of the situation and decide to do without relying on God.
- 589 - I think that everything that happens has a purpose.
- 590 - I feel that it is important for my children to believe in God.
- 591 - I believe that God has forgiven me for things I have done wrong.
- 592 - I meditate and/or pray so that I can reach a higher spiritual plane of consciousness.

- 593 - I have had at least one “peak” experience.
- 594 - I have been able to step outside of my ambitions and failures, pain and joy, to experience a larger sense of fulfillment.
- 595 - I find inner strength and/or peace from my prayers or meditations.
- 596 - Sometimes I find the details of my life to be a distraction from my prayers and/or meditations.
- 597 - When in prayer or meditation, I have become oblivious to the events of this world.
- 598 - I have experienced deep fulfillment and bliss through my prayers or meditations.
- 599 - I have had a spiritual experience where I lost track of where I was or the passage of time.
- 600 - The desires of my body do not keep me from my prayers or meditations.
- 601 - I feel that on a higher level all of us share a common bond.
- 602 - All life is interconnected.
- 603 - There is a higher plane of consciousness or spirituality that binds all people.
- 604 - Although individual people may be difficult, I feel an emotional bond with all of humanity.
- 605 - I believe that there is a larger meaning to life.
- 606 - I believe that death is a doorway to another plane of existence.
- 607 - I believe there is a larger plan to life.
- 608 - There is an order to the universe that transcends human thinking.
- 609 - I believe that on some level my life is intimately tied to all of humankind.
- 610 - Although dead, images of some of my relatives continue to influence my current life.
- 611 - It is important for me to give something back to my community.
- 612 - I am a link in the chain of my family’s heritage, a bridge between past and future.
- 613 - I am concerned about those who will come after me in life.
- 614 - I still have strong emotional ties with someone who has died.
- 615 - Although there is good and bad in people, I believe that humanity as a whole is basically good.
- 616 - I find meaning in my life experiences.
- 617 - I have a sense of purpose.
- 618 - I am happy about the person I have become.
- 619 - I see the sacredness of everyday life.
- 620 - I believe that all living creatures deserve respect.
- 621 - I value maintaining and nurturing my relationships with others.
- 622 - I believe that nature should be respected.
- 623 - I am able to receive love from others.
- 624 - I strive to correct the excesses in my own lifestyle patterns/practices.
- 625 - I respect the diversity of people.
- 626 - I meditate to gain access to my inner spirit.
- 627 - I live in harmony with nature.
- 628 - I believe there is a connection between all things that I cannot see but can sense.
- 629 - My life is a process of becoming.
- 630 - I believe in a Higher Power/Universal Intelligence.
- 631 - The earth is sacred.
- 632 - I use silence to get in touch with myself.
- 633 - I have a relationship with a Higher Power/Universal Intelligence.
- 634 - My spirituality gives me inner strength.
- 635 - My faith in a Higher Power/Universal Intelligence helps me cope with challenges in my life.

- 636 - Prayer is an integral part of my spiritual nature.
- 637 - I often take time to assess my life choices as a way of living my spirituality.
- 638 - I believe nurses can provide spiritual care by arranging a visit by the hospital Chaplain or the patient's own religious leader if requested.
- 639 - I believe nurses can provide spiritual care by showing kindness, concern and cheerfulness when giving care.
- 640 - I believe spirituality is concerned with a need to forgive and a need to be forgiven.
- 641 - I believe spirituality involves only going to Church/Place of Worship.
- 642 - I believe spirituality is not concerned with a belief and faith in a God or Supreme being.
- 643 - I believe spirituality is about finding meaning in the good and bad events of life.
- 644 - I believe nurses can provide spiritual care by spending time with a patient giving support and reassurance especially in time of need.
- 645 - I believe nurses can provide spiritual care by enabling a patient to find meaning and purpose in their illness.
- 646 - I often feel strongly related to a power greater than myself.
- 647 - My faith gives my life meaning and purpose.
- 648 - My faith is a way of life.
- 649 - I often think about issues concerning my faith.
- 650 - My faith is an important part of my individual identity.
- 651 - My relationship to God is experienced as unconditional love.
- 652 - My faith helps me to confront tragedy and suffering.
- 653 - I gain spiritual strength by trusting in a higher power.
- 654 - My faith is often a deeply emotional experience.
- 655 - I make a conscious effort to live in accordance with my spiritual values.
- 656 - My faith enables me to experience forgiveness when I act against my moral conscience.
- 657 - Sharing my faith with others is important for my spiritual growth.
- 658 - My faith guides my whole approach to life.
- 659 - I believe that there is only one true faith.
- 660 - Ideas from faiths different from my own may increase my understanding of spiritual truth.
- 661 - One should not marry someone of a different faith.
- 662 - I believe that the world is basically good.
- 663 - Learning about different faiths is an important part of my spiritual development.
- 664 - I feel a strong spiritual bond with all of humankind.
- 665 - I never challenge the teachings of my faith.
- 666 - My spiritual beliefs change as I encounter new ideas and experiences.
- 667 - Persons of different faiths share a common spiritual bond.
- 668 - I believe that the world is basically evil.
- 669 - I get strength from religious/spiritual beliefs.
- 670 - All good deeds are ultimately rewarded.
- 671 - I feel that something unseen gives me the strength to face life when I need it most.
- 672 - Praying is a waste of time for me.
- 673 - There is no life after death.
- 674 - I do not believe in psychics and spiritual healers.
- 675 - Extra sensory perception does not exist.
- 676 - In terms of the questions I have about life, my spirituality answers absolutely all my questions.
- 677 - Growing spiritually is more important than anything in my life.

- 678 - When I am faced with an important decision, my spirituality is always the overriding consideration.
- 679 - Spirituality is the master motive of my life, affecting every other aspect of my life.
- 680 - When I think of the things that help me to grow and mature as a person, my spirituality is absolutely the most important factor in my life.
- 681 - My spiritual beliefs affect absolutely every aspect of my life.
- 682 - Some one of your community cares for you.
- 683 - Pray with someone.
- 684 - Talk about the possibility of life after death.
- 685 - Read religious / spiritual books.
- 686 - Someone prays for you.
- 687 - Talk with someone about meaning in life.
- 688 - Participate at a religious ceremony.
- 689 - Forgive someone.
- 690 - Be forgiven.
- 691 - Listening to touching music.
- 692 - Find meaning in illness and/or suffering.
- 693 - Turn to a higher presence.
- 694 - Higher devotion by others.
- 695 - Dissolve open aspects of your life.
- 696 - Pray for yourself.
- 697 - Reflect your previous life.
- 698 - Give away something from yourself.
- 699 - Solace someone.
- 700 - Talk with others about my fears and worries.
- 701 - Find inner peace.
- 702 - Plunge into beauty of nature.
- 703 - Turn to someone in a loving attitude.
- 704 - Being complete and safe.
- 705 - Dwell at a place of quietness and peace.
- 706 - Prayer is an important part of my life.
- 707 - I believe I have spiritual well-being.
- 708 - As I grow older, I find myself more tolerant of others' beliefs.
- 709 - I find meaning and purpose in my life.
- 710 - I feel there is a close relationship between my spiritual beliefs and what I do.
- 711 - I believe in an afterlife.
- 712 - When I am sick I have less spiritual well-being.
- 713 - I believe in a supreme power.
- 714 - I am able to receive and give love to others.
- 715 - I am satisfied with my life.
- 716 - I set goals for myself.
- 717 - God has little meaning in my life.
- 718 - I am satisfied with the way I am using my abilities.
- 719 - Prayer does not help me in making decisions.
- 720 - I am able to appreciate differences in others.
- 721 - I am pretty well put together.
- 722 - I prefer that others make decisions for me.
- 723 - I find it hard to forgive others.
- 724 - I accept my life situations.
- 725 - Belief in a supreme being has no part in my life.

- 726 - I cannot accept change in my life.
- 727 - Do your personal beliefs give meaning to your life?
- 728 - To what extent do you feel your life to be meaningful?
- 729 - To what extent do your personal beliefs give you the strength to face difficulties?
- 730 - To what extent do your personal beliefs help you to understand difficulties in life.
- 731 - To what extent does any connection to a spiritual being help you to get through hard times?
- 732 - To what extent does any connection to a spiritual being help you to tolerate stress?
- 733 - To what extent does any connection to a spiritual being help you to understand others?
- 734 - To what extent does any connection to a spiritual being provide you with comfort / reassurance?
- 735 - To what extent do you find meaning in life?
- 736 - To what extent does taking care of other people provide meaning of life for you?
- 737 - To what extent do you feel your life has a purpose?
- 738 - To what extent do you feel you are here for a reason?
- 739 - To what extent do you feel inner spiritual strength?
- 740 - To what extent can you find spiritual strength in difficult times?
- 741 - To what extent does faith contribute to your well-being?
- 742 - To what extent does faith give you comfort in daily life?
- 743 - To what extent does faith give you strength in daily life?
- 744 - To what extent do you feel spiritually touched by beauty?
- 745 - To what extent do you have feelings of inspiration / excitement in your life?
- 746 - To what extent are you grateful for the things in nature that you can enjoy?
- 747 - How hopeful do you feel?
- 748 - To what extent are you hopeful about your life?
- 749 - To what extent are you able to experience awe from your surroundings? (e.g. nature, art, music)
- 750 - To what extent do you feel any connection between your mind, body and soul?
- 751 - To what extent do you feel the way you live is consistent with what you feel and think?
- 752 - How much do your beliefs help you to create coherence between what you do, think and feel?
- 753 - How much does spiritual strength help you to live better?
- 754 - To what extent does your spiritual strength help you to feel happy in life?
- 755 - To what extent do you feel peaceful within yourself?
- 756 - To what extent do you have inner peace?
- 757 - How much are you able to feel peaceful when you need to?
- 747 - To what extent do you feel a sense of harmony in your life?
- 758 - To what extent does being optimistic improve your quality of life?
- 759 - How able are you to remain optimistic in times of uncertainty?
- 760 - To what extent does faith help you to enjoy life?
- 761 - How satisfied are you that you have a balance between mind, body and soul?
- 762 - I feel peaceful.
- 763 - I have a reason for living.
- 764 - My life has been productive.
- 765 - I have trouble feeling peace of mind.
- 766 - I feel a sense of purpose in my life.
- 767 - I am able to reach down deep into myself for comfort.
- 768 - I feel a sense of harmony within myself.

- 769 - My life lacks meaning and purpose.
- 770 - I find comfort in my faith or spiritual beliefs.
- 771 - I find strength in my faith or spiritual beliefs.
- 772 - My illness has strengthened my faith or spiritual beliefs.
- 773 - I know that whatever happens with my illness, things will be okay.
- 774 - Some people hold strongly to their views and others do not. How strongly do you hold to your religious/spiritual view of life?
- 775 - How important to you is the practice of your belief (e.g. private meditation, religious services) in your day-to-day life?
- 776 - Do you believe in a spiritual power or force other than yourself that can influence what happens to you in our day-to-day life?
- 777 - Do you believe in a spiritual power or force other than yourself that enables you to cope personally with events in your life?
- 778 - Do you believe in a spiritual power or force other than yourself that influences world affairs, e.g. wars ?
- 779 - Do you believe in a spiritual power or force other than yourself that influences natural disasters, like earthquakes, floods ?
- 780 - Do you communicate in any way with a spiritual power, for example by prayer or contact via a medium?
- 781 - Do you think that we exist in some form after our death?

APÊNDICE III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESCLARECIMENTO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa de doutorado chamada “Dor Existencial e as Religiões”, sendo o nosso objetivo verificar como a dor do existir, ou seja, a dor diante da ideia de morte é entendida de acordo com as diferentes religiões.

Você deverá assinalar uma resposta que pode variar numa escala de 0 (zero) a 10 (dez). Quanto menos você concordar com a afirmativa, mais próximo de 0 (zero) deve ser sua nota e da mesma forma, quanto mais você concordar com a afirmativa, mais próximo de 10 (dez) deve ser sua nota, não deixando de utilizar, quando for o caso, as notas intermediárias, ou seja, de 1 (um) a 9 (nove). Esse procedimento mostrará as afirmativas de maior e de menor atribuição na caracterização dessa dor e o quanto cada uma é mais ou menos adequada para descrevê-la. O que nos interessa é sua opinião e não existem respostas certas ou erradas.

Gostaríamos que você manifestasse, segundo sua avaliação, a necessidade de quaisquer alterações necessárias que pôde ou puderam ser identificadas (s) no instrumento, de tal forma que ele meça o que nós pretendemos medir, que seja compreendido pelo participante, segundo sugestões de modificação de itens, acréscimo de itens e/ou retirada de itens, dadas por você juiz.

Gostaríamos de esclarecer que, não há desconforto ou riscos na realização desses procedimentos, e o benefício será uma maior compreensão desse processo, para que possamos atuar adequadamente no alívio da dor humana. Não haverá gastos por parte do participante da pesquisa, assim como qualquer forma de indenização por parte dos pesquisadores, e você tem liberdade para desistir, retirando seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo. Garantimos que será mantido o respeito e o sigilo, ou seja, o seu nome ou qualquer dado que possa identificá-lo, não aparecerá no trabalho escrito ou publicado em revistas da área.

CONSENTIMENTO APÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____,
residente em _____, por livre e espontânea vontade, aceito participar desta pesquisa e permito que, as informações que prestarei sejam utilizadas para o desenvolvimento da mesma. Declaro que, estou ciente dos objetivos e compreendi as informações dadas pelo pesquisador.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Fátima Ap. Emm Faleiros Sousa (Pesquisador responsável)

Simone Saltareli

Discente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP.

Contato – (16) 9705-3768

APÊNDICE IV

Lista com locais para realização da coleta, das três religiões

Igrejas católicas:

BOM JESUS DA LAPA – 1964

CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO - 1870

CRISTO OPERÁRIO E SÃO JUDAS TADEU – 1968

CRISTO REI - 1982

CRISTO RESSUSCITADO – 2002

ESPÍRITO SANTO – 1988

JESUS CRUCIFICADO – 1986

JESUS DE BELÉM – 1982

JESUS MISERICORDIOSO E SANTA EDWIGES - 2006

MARIA MÃE DO POVO E SÃO LÁZARO – 2005

NOSSA SENHORA APARECIDA (Santuário Arquid.) – 1966

NOSSA SENHORA DA PENHA - 1983

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – 2000

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA - 1964

NOSSA SENHORA DE LOURDES – 1986

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ - 1983

NOSSA SENHORA DO JUBILEU: MÃE DA DIVINA GRAÇA – 2005

NOSSA SENHORA DOS ANJOS E SANTA EDWIGES – 2005

NOSSA SENHORA DOS CANAVIAIS – 2003

SAGRADA FAMÍLIA – 2000

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – 1983

SANTA ÂNGELA - 2004

SANTA LUZIA – 1986]

SANTA MARIA GORETTI – 1958

SANTA RITA DE CÁSSIA – 1982

SANTA RITA DE CÁSSIA DAS PALMEIRAS – 2000

SANTA TEREZA D'ÁVILA – 1986

SANTA TEREZINHA – 1975

SANTA TERESINHA, DOUTORA - 2001

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA - 1947

SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET – 1967

SANTO ESTEVÃO DIÁCONO –1976

SÃO BENEDITO – 2000

SÃO CAMILO DE LÉLLIS – 2010

SÃO FRANCISCO DE ASSIS - 1983

SÃO JOÃO BOSCO – 2005

SÃO JOSÉ - 1964

SÃO JOÃO BATISTA – 1983

SÃO JUDAS TADEU – 2002

QUASE-PARÓQUIA SANTA RITA DE CÁSSIA – 2011

SÃO MIGUEL ARCANJO – 2000

SÃO PAULO APÓSTOLO – 1965

SÃO PEDRO APÓSTOLO – 1962

SANTUÁRIO ARQUID. NOSSA SRA. DO ROSÁRIO – 1914

SENHOR BOM JESUS DO BONFIM – 1898

Igrejas Evangélicas:

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Campos Elíseos

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Jardim Aeroporto

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Jardim Jandaia

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Jardim Maria Casa Grande

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Parque dos Servidores

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Parque Ribeirão Preto

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Recreio das Acácias

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA - Jardim Maria Goretti

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS - Vila Tibério

IGREJA EVANGELISTA ASSEMBLÉIA DE DEUS

IGREJA BATISTA DO JARDIM IRAJÁ

IGREJA BATISTA INDEPENDENTE NOVA RIBEIRÃO - Vila Abranches

IGREJA BATISTA KOININIA RIBEIRÃO - Jardim Paulista

IGREJA BATISTA LIVRE RIBEIRÃO PRETO - Jardim Paulista

IGREJA BATISTA MONTE SIÃO - Campos Elíseos

IGREJA BATISTA PRIMEIRA RIBEIRÃO PRETO - Centro

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR - Centro

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL - Campos Elíseos

IGREJA METODISTA CENTRAL - Centro

IGREJA METODISTA WESLEYANA - Vila Mariana

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR - Centro

IGREJA PRESBITERIANA DO IPIRANGA

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE RIBEIRÃO PRETO - Ipiranga

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS - Centro

Centros espíritas:

ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE NOSSO LAR

ASSOCIAÇÃO DE COSTURA MEIMEI - Jardim Paulista

ASSOCIAÇÃO DISTRIBUIDORA DE PÃO AOS POBRES - Campos Elíseos

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA CASAS DE BETÂNIA - Ipiranga

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA DISCÍPULOS EMMANUEL - Vila Abranches

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA E BENEFICIENTE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER -

CASA DE EMMANUEL BÊNÇÃO DE PAZ - Jd Marquechi

CENTRO ESPÍRITA AMOR E CARIDADE - Vila Tibério

CENTRO ESPÍRITA APÓSTOLO PEDRO - Vila Tibério

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO - Vila Tibério

CENTRO ESPÍRITA BATUÍRA - Vila Tibério

CENTRO ESPÍRITA CAMINHO DA LUZ - Vila Pompéia

CENTRO ESPÍRITA CAMINHOS DO AMOR - Quintino Facci II

CENTRO ESPÍRITA CASA DO CAMINHO LUZ E ESPERANÇA - Jardim Paiva

CENTRO ESPÍRITA DONZELA DE ORLEANS - Ipiranga

CENTRO ESPÍRITA MARIA ELIDIA - Aliança Espírita Evangélica

CENTRO ESPÍRITA PAI JACOB DOS SANTOS - Vila Virgínia

SOCIEDADE BENEFICIENTE MILTON MATTOS - Ipiranga

SOCIEDADE BENEFICIENTE VINTE E CINCO DE DEZEMBRO - Vila Albertina

SOCIEDADE ESPÍRITA ALLAN KARDEC - Vila Tibério

SOCIEDADE ESPÍRITA CINCO DE SETEMBRO - Ipiranga

SOCIEDADE ESPÍRITA IRMÃO DE BOA VONTADE - Campos Elíseos

SOCIEDADE ESPÍRITA JOANNA DE ÂNGELIS - Jardim Mosteiro

SOCIEDADE ESPÍRITA OBREIROS DO BEM (núcleo assistencial) - Parque Ribeirão Preto

APÊNDICE V

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS:

NOME:

SEXO:

IDADE:

PROFISSÃO:

RELIGIÃO:

() LÍDER RELIGIOSO

() AFILIADO

RELIGIÕES ANTERIORES:

- 1) Há quanto tempo pratica a religião em que está engajado atualmente?
- 2) Como iniciou sua prática religiosa. Houve mudanças de afiliação religiosa?
- 3) Na afirmação: Você, e apenas você é responsável pelos seus atos e sua situação de vida. Como isso se relaciona com a ideia de morte e até de religiosidade?
- 4) Quando o homem diz Deus, o que ele está dizendo verdadeiramente? Que imagem ele faz?
- 5) Você acredita que “o homem sempre teve consciência da indizibilidade de algumas experiências pessoais profundas”
Indizível: 1. Que não se pode dizer; inefável; Extraordinário, raro, incomum.
- 6) Você acredita na ideia de recompensa após a morte?
- 7) A fé aumenta conforme a pessoa se aproxima da morte?
- 8) A religião é uma tentativa de dar explicações aceitáveis ao intelecto sobre as limitações do homem?
- 9) Quais são, na sua opinião, as principais divergências entre religião e ciência?
Ciência: 1. Conhecimento; 2. Saber que se adquire pela leitura e meditação; instrução, erudição, sabedoria. 3. Conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e orientar a natureza e as atividades humanas.
- 10) Se a religião do presente difere da religião do passado, isso se deve ao fato de que a teologia do presente tornou-se mais científica do que a do passado?
Teologia: 1. Estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens, e à verdade religiosa. 2. O estudo racional dos textos sagrados, dos dogmas e das tradições do cristianismo.

APÊNDICE VI**INSTRUMENTO COM BASE NA LITERATURA E NAS ESCALAS**

Nome: _____ Idade: _____ anos

Sexo: () Masculino () Feminino

INSTRUÇÕES: Com este instrumento temos o objetivo de investigar como você acredita e entende a relação do ser humano com a ideia da morte.

A tarefa a ser realizada é fácil e não há certo ou errado nos julgamentos que você irá fazer, portanto, o que nos importa é a sua opinião seja ela qual for. Sua participação será valiosa para a realização dessa pesquisa e você estará colaborando para o avanço dos conhecimentos.

Para responder a este instrumento você deve analisar cada afirmativa de acordo com aquilo que acredita. Você deve dar uma nota que demonstre o quanto você concorda com cada afirmação. Para isso, você deverá utilizar a escala numérica abaixo de cada afirmação da seguinte forma: quanto menos você concordar, menor deve ser a nota assinalada, ou seja, mais próxima de 0 (zero). Da mesma forma, quanto mais você concorda, maior deve ser a nota assinalada, ou seja, mais próxima de 10 (dez). Todas as notas entre 0 (zero) e 10 (dez) podem ser assinaladas, mas você deve escolher apenas uma nota que mostre o quanto você concorda com cada afirmação, não deixando de utilizar, quando for o caso, as notas intermediárias, ou seja, de 1 (um) a 9 (nove).

1- O medo da morte pode ser encarado como um ciclo; surge em diferentes etapas da vida: na infância com as primeiras experiências com a morte; na adolescência, onde se desafia a morte e na vida adulta, quando se percebe a aproximação com a morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

2- Algumas pessoas reagem como se não pudessem ser atingidas pela morte; outras tentam evitar sua angústia fundindo-se com um ser amado, uma causa, uma comunidade ou um ser divino.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

3- Aprender a viver bem, significa aprender a morrer bem.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

4- O luto pela morte de alguém que você se importa; uma doença que ameace sua vida; o fim de um relacionamento íntimo; um marco importante na vida, como um grande aniversário (50, 60, 70, ...); um trauma catastrófico, como um incêndio, um estupro ou um assalto; filhos saindo de casa (ninho vazio); perda de emprego ou mudança de carreira; aposentadoria; mudança para um casa de repouso: todas essas experiências geram grandes mudanças na vida das pessoas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

5- A morte é a impossibilidade de novas possibilidades?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

6 - O que não me mata, me fortalece.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

7- É possível superar o terror da morte por meio da ligação com o divino.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

8- Não viver nossas possibilidades na vida, ajuda a aumentar o temor da morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

9- Podem ser consideradas preocupações centrais humanas: morte, isolamento, sentido de vida e liberdade.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

10- A força da ligação com o divino pode se relacionar com a superação da angústia de morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

11- O mistério é muito assustador: a morte é tão desconhecida, uma escuridão inapreensível.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

12- A morte é dolorosa demais para ser suportada.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

13- A sociedade tem contribuído para que rejeitemos a morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

14- Parece ter chegado o momento de as pessoas de todas as profissões e religiões se unirem antes que a nossa sociedade se torne insensível, a ponto de se autodestruir.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

15- Diante de uma dor ou perda significativa, cheguei a questionar a existência de Deus.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

16 - Diante de uma dor ou perda significativa, temia que não poderia dar conta da situação, então apenas esperei que Deus assumisse o controle.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

17 - Diante de uma dor ou perda significativa, avaliei meus atos, pensamentos e sentimentos tentando melhorá-los segundo os ensinamentos religiosos.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

18 - Tentei lidar com a situação do meu jeito, sem a ajuda de Deus.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

19 - Participei de práticas, atividades ou festividades religiosas ou espirituais.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

20 - Imaginei o que teria feito para Deus me punir.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

21 – Uma pessoa pode ser completa sem buscar uma vida espiritual ativa.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

22 – Algumas experiências só podem ser entendidas através das crenças espirituais de cada um.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

23 – Minha vida espiritual me completa de maneira que a vida material não consegue.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

24 – Espiritualidade é uma parte significativa da minha vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

25 – Quanto religioso (ou orientado espiritualmente) você se considera ser?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

26 - Minha doença me trouxe um renovado interesse em questões espirituais ou religiosas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

27 – Eu estou convencido de que a morte não é o final.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

28 – Quando se adoecer, é um incentivo a se conhecer melhor.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

29 - Por causa da minha doença, eu reflito sobre o que é essencial na minha vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

30 - Esforço-me muito para viver minha vida de acordo com minhas crenças religiosas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

31 - As orações ou pensamentos espirituais que tenho quando estou sozinho são tão importantes pra mim quanto os que teria durante cerimônias religiosas ou reuniões espirituais.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

32 –As minhas crenças me ajudam a ser menos medroso da morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

33 – Eu acredito que eu tenho um espírito ou uma alma que pode sobreviver após minha morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

34 – Eu acredito que o que acontece depois que eu morrer é determinado por como eu vivi a minha vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

35 - Mesmo quando eu tiver problemas, eu posso encontrar uma paz espiritual dentro de mim.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

36 – Eu não sei como começar a resolver meus problemas e entendo a morte como um desses problemas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

37 – Quando eu preciso de sugestões de como lidar com os problemas (a perda ou a morte), eu recorro alguém em minha comunidade religiosa ou espiritual na qual eu posso contar.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

38 - Diante de uma dor ou perda significativa, eu confio em pessoas que compartilham minhas crenças espirituais ou religiosas de apoio.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

39 – A vida e a morte seguem de acordo com os planos de Deus.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

40 – Minha fé religiosa ou espiritual tem me guiado em momentos de dificuldade.

Nota:

Nota:

Nota:

Nota:

Nota:

Nota:

Nota: _____

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

48 – Costumo conversar com alguém sobre medos e preocupações com relação a morte e o morrer.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

49 – Costumo conversar com alguém a respeito do significado da vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

50 – Costumo encontrar significado decorrentes de uma perda.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

51 – Dar algo de si mesmo.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

52 – Olhar com uma perspectiva espiritual para os momentos mais confusos agregam significado para a minha vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

53 – Sem um senso de espiritualidade, minha vida diária não teria significado.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

54 – Eu encontro força na minha religião ou espiritualidade.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

55 - Quando eu estou diante de um acontecimento trágico eu tento lembrar que Deus ainda me ama e que há esperança para o futuro.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

56 – Eu acredito que a morte é uma passagem para um outro plano de existência.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

57 – Eu encontro significados para as minhas experiências de vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

58 - Eu acredito que todos os seres vivos merecem respeito.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

59 – Eu acredito que a natureza deveria ser respeitada.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

60 – Eu respeito a diversidade de pessoas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

61 – Minha vida é um processo de transformação.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

62 – Minha fé em um poder superior/ inteligência universal me ajuda a enfrentar os desafios na minha vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

63 – Eu acredito que espiritualidade é encontrar o significado para os bons e maus momentos da vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

64 – Minha fé me ajuda a combater tragédias e sofrimento.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

65 - Eu sinto que algo invisível me dá forças para enfrentar a vida quando eu mais preciso.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

66 – Não existe vida após a morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

67 – Em termos de questões que eu tenho sobre a vida, minha espiritualidade responde a todas elas absolutamente.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

68 –Conforme eu amadureço, minhas crenças sobre a morte evoluem e modificam-se.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

69 – Eu não aceito mudanças provocadas na minha vida em decorrência das perdas.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

70 – Até que ponto as suas crenças pessoais te dão forças para enfrentar as dificuldades?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

71 – Até que ponto a fé te conforta na vida diária frente à realidade de uma perda?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

72 – Eu sinto que a minha vida tem propósito e significado.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

73 - Algumas pessoas têm fortes pontos de vista e outras não. Quão forte é a sua visão religiosa / ponto de vista espiritual?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

74 - Você acredita em algum poder espiritual ou força que não seja você mesmo e que permita a você enfrentar pessoalmente diferentes momentos da vida?

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

75 - Somos seres de ambivalência, inclusive a da morte e da vida.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

76 - Não consigo compreender o propósito da morte.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

77 - Penso ser possível ter capacidade de adaptação para superar as perdas ou mudanças decorrentes de uma perda significativa.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

78 - Você não vive antes de viver, talvez morra antes de morrer.

Nota:

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

APÊNDICE VII

LISTA DAS ESCALAS PARA IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS:

- Spiritual Involvement and Beliefs Scale (HATCH et al., 1998);
- Spiritual Well-Being Scale (SIEBER et al., 2000);
- Duke University religion index (DUREL) (STORCH et al., 2004);
- Escala CRE– Escala de Coping Religioso-Espiritual (PANZINI; BANDEIRA, 2005);
- The Spiritual Perspective Scale (REED, 1986);
- The Daily Spiritual Experience Scale (DSES) (UNDERWOOD; TERESI, 2002);
- The Index of Core Spiritual experience INSPIRIT (KASS et al., 1991);
- The Spiritual Health Inventory (SHI) (VEACH; CHAPPEL, 1992);
- SpREUK-P (OSTERMANN; BUSSING; MATTHIESSEN, 2004);
- Spirituality Self-rating Scale (GONÇALVEZ; PILLON, 2009)
- The Ironson-Woods Spirituality/Religiousness Index (IRONSON et al., 2002);
- The Beliefs and Values Scale (KING; JONES; BARNES, 2006);
- The Spiritual Transcendence Index (SEIDLITZ et al., 2002);
- The Spirituality Index of Well-Being (SIWB) (DAALEMAN et al., 2002);
- The System of Beliefs Inventory (SBI-15) (HOLLAND et al., 1998);
- The Spiritual Support Scale (AI et al., 2005);
- Spiritual Needs Inventory (HERMANN, 2006);
- The spiritual interests related to illness tool (spIRIT) (TAYLOR, 2006);
- The Spiritual Needs Questionnaire (BÜSSING; BALZAT; HEUSSER, 2010);

- Spirituality Assessment Scale (HOWDEN, 1992);
- The Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality (MMRS) (FETZER INSTITUTE NATIONAL INSTITUTE ON AGING, 1999)
- The Spiritual Transcendence Scale (PIEDMONT, 1999);
- The Spirituality Scale (DELANEY, 2005);
- Spirituality and Spiritual Care Rating Scale (MCSHERRY; DRAPER; KENDRICK, 2002);
- The Spiritual Experience Index (GENIA, 1997);
- The Spiritual Beliefs Questionnaire (CHRISTO; FRANEY, 1995);
- The Intrinsic Spirituality Scale (HODGE, 2003);
- The Spiritual Needs scale (YONG et al., 2008);
- JAREL spiritual well-being scale (HUNGELMANN et al., 1998);
- WHOQOL SRPB (spirituality, religion and personal beliefs) (WHOQOL SRPB GROUP, 2006);
- The Functional Assessment of Chronic Illness Therapy - Spiritual Well-Being Scale (FACIT-Sp) (BRADY et al., 2002);
- The Royal Free Interview for Religious and Spiritual Beliefs Interview (KING; SPECK; THOMAS, 1995);

Anexos

ANEXO I **PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A dor do existir e as religiões.

Pesquisador: Simone Saltarelli

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 02624212.0.0000.5393

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 236.138

Data da Relatoria: 06/02/2013

Apresentação do Projeto:

Análise de pendências elencadas em parecer anterior, referentes à adequação do TCLE e de aspectos metodológicos.

Objetivo da Pesquisa:

Sem alterações.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sem alterações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Submissão de projeto reformulado, atendendo às pendências descritas em parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentado TCLE para os juízes. Os TCLEs atendem à Resolução 196/96 do CNS.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências atendidas, de modo que o projeto atende aos preceitos éticos estabelecidos na Resolução CNS 196/96.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: BANDEIRANTES 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3602-3386

CEP: 14.040-902

E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO - USP
---	---	---

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

RIBEIRÃO PRETO, 03 de Abril de 2013

Lucila Castanheira Nascimento

Assinado por:

Lucila Castanheira Nascimento
(Coordenador)

Endereço: BANDEIRANTES 3900	CEP: 14.040-902
Bairro: VILA MONTE ALEGRE	
UF: SP	Município: RIBEIRÃO PRETO
Telefone: (16)3602-3386	E-mail: cep@eerp.usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902 - Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518

www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 085/2013

Ribeirão Preto, 03 de abril de 2013

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 03 de abril de 2013.

Protocolo CAAE: 02624212.0.0000.5393

Projeto: A dor do existir e as religiões.

Pesquisadores: Fátima Aparecida Emm Faleiros Sousa
Simone Saltarelli

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof.ª. Dr.ª. Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Prof.ª. Dr.ª. Fátima Aparecida Emm Faleiros Sousa
Departamento de Enfermagem Geral e Especializada
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP